



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

BENVINDO FILHO PINTO DE QUEIROZ

**AS IMPLICAÇÕES SOCIOECONÔMICAS DA USINA HIDRELÉTRICA PEIXE
ANGICAL EM PEIXE - TOCANTINS**

PALMAS – TO

2019

BENVINDO FILHO PINTO DE QUEIROZ

**AS IMPLICAÇÕES SOCIOECONÔMICAS DA USINA HIDRELÉTRICA PEIXE
ANGICAL EM PEIXE - TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Prof. Orientador: Dr. Nilton Marques Oliveira

Palmas – TO

2019

BENVINDO FILHO PINTO DE QUEIROZ

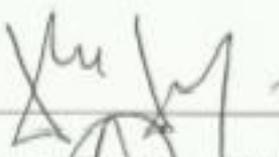
**"AS IMPLICAÇÕES SOCIOECONÔMICAS DA USINA HIDRELÉTRICA
PEIXE ANGICAL EM PEIXE - TOCANTINS"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Marques de Oliveira

Aprovada em 28/10/2019

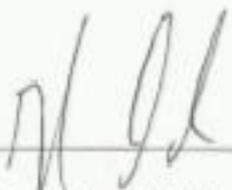
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Nilton Marques de Oliveira - UFT (Orientador)



Prof. Dr. Alex Pizzio da Silva - UFT



Prof. Dr. Miguel Pacifico Filho - UFT

Dedico este Trabalho à minha cidade natal, Peixe – TO, objeto do estudo da pesquisa, onde eu nasci e fui criado. O carinho pela cidade compõe a motivação para a empreitada aqui concluída.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me abençoar abundantemente com saúde, paz e sabedoria.

À minha família, especialmente minha esposa Lissandra Luzia Dutra Camilo, pelo irrestrito suporte, aconselhamento, companheirismo e dedicação, e também meus filhos Frederico e Benício, tendo este último nascido do decorrer da elaboração desta dissertação, o que tornou o desafio ainda mais difícil que só foi superado pela compreensão e apoio de minha esposa.

À minha sogra, Maria Anália Pereira Dutra Camilo, pelo providencial apoio.

Ao meu professor, Dr Nilton Marques Oliveira, pela compreensão, disponibilidade e pela maneira como me conduziu nesse caminho árduo, possibilitando o êxito alcançado.

Aos meus colegas de serviço, em especial o Major Erisvaldo de Oliveira Alves, o qual também é colega no curso de mestrado, e o Tenente Edivaldo Gomes Araújo pela compreensão, permitindo a execução concomitante das atividades profissionais e acadêmicas.

Aos participantes da pesquisa que nos recebeu com muita atenção, facilitando o extenso trabalho de campo.

A todos os professores do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional pelos ensinamentos.

Aos colegas de curso pela enriquecedora companhia e colaboração nas atividades acadêmicas.

A meus pais, Benvindo Pinto de Queiroz e Eduvirgem Ferreira de Queiroz, e demais parentes que residem em Peixe – TO pelo auxílio na condução da pesquisa de campo.

A todos os colaboradores da pesquisa.

*O rio Tocantins que
Vem lá dos confins
Tem praia, peixe, pescaria,
Sol brilhante de alegria*

Trecho do Hino de Peixe – TO
Autor: Padre Juraci Cavalcante Barbosa

QUEIROZ, Benvindo Filho Pinto de. **As implicações socioeconômicas da usina hidrelétrica Peixe Angical em Peixe – Tocantins**. 2019. 122 fl. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) Universidade Federal do Tocantins – Palmas, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa analisou as implicações socioeconômicas da construção da Usina Hidrelétrica Peixe Angical para o município de Peixe – Tocantins. Partiu-se da teoria institucionalista para compreender o processo de desenvolvimento regional de Peixe enquanto receptor de um empreendimento hidrelétrico. Inicialmente foi apresentada a teoria institucional de Douglass North, seus preceitos e terminologias para compreender como as instituições são importantes no desempenho econômico. E foi feita uma abordagem histórica do processo de implantação das usinas hidrelétricas no Brasil, que se iniciou no sul e sudeste até alcançar todo o território nacional, tendo a região norte como sua última fronteira. Os empreendimentos são considerados indutores de desenvolvimento para regiões deslocadas do processo de industrialização, no entanto, carregam consigo uma série de transtornos de ordem social e ambiental, fazendo com que haja resistência por parte dos atingidos bem como com a evolução da política ambiental. A pesquisa é descritiva e explicativa. A metodologia adotada foi a análise de dados secundários do Ipeadata, RAIS, IBGE e PNUD, numa abordagem quantitativa dos indicadores sociais, econômicos e institucionais dos anos 2000 e 2010 e, por meio de entrevistas semiestruturadas, foi captada a percepção dos atores locais, dentre agentes políticos, econômicos e sociais. As entrevistas foram processadas pela metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo através do software *DSCsoft2.0*, permitindo um tratamento quantitativo e qualitativo da fala daqueles que vivenciaram todas as fases de integração da UHE ao contexto regional de Peixe – TO. Foi constatada uma evolução dos indicadores socioeconômicos, no entanto, seguindo a dinâmica estadual. O quantitativo de emprego foi significativo, mas se limitou ao tempo de construção e ficou evidente o expressivo aumento das receitas municipais, especialmente, pelo ICMS advindo da produção de energia elétrica pela UHE. Porém, não houve diversificação das atividades econômicas e a dependência econômica da administração pública, como maior empregador, se acentuou no período analisado. Os DSCs expressaram a alteração das relações sociais pré-existentes com o crescimento da população urbana e o estabelecimento na região dos migrantes que chegaram com o empreendimento. Ao tratar do período de construção da usina, as percepções se dividem entre a sensação de surpresa e apreensão com a concentração de pessoas, a falta de estrutura e insegurança durante as obras e o fluxo de renda, criando oportunidades de ganhos financeiros. Em se tratando do legado da UHE, os participantes apresentaram opiniões distintas, em que pese compreendem a importância do empreendimento como fonte de arrecadação e as benfeitorias deixadas pelo grupo empreendedor, à custa das externalidades negativas ao meio ambiente. Os participantes apresentaram considerável desconfiança na gestão pública municipal na fiscalização das contrapartidas, articulação com empreendedor e na gestão dos recursos. A carência de instituições que proporcionasse um melhor desempenho foi constatada, caracterizada pela histórica deficiência no sistema educacional, na distribuição de renda e na dependência econômica da administração pública, bem como, ficou comprovado que o aporte de recursos não proporcionou evolução institucional, embora seja inegável a importância do empreendimento para as finanças municipal.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional; Usina Hidrelétrica; Institucionalismo, Peixe - TO

QUEIROZ, Benvindo Filho Pinto de. **The socioeconomic implications of the Peixe Angical hydroelectric power plant in Peixe - Tocantins**. 2019. 122 fl. Dissertacion (Masters in Regional Development) Universidade Federal do Tocantins – Palmas, 2019, Brazil.

ABSTRACT

This research analyzed the socioeconomic implications of the construction of the Peixe Angical Hydroelectric Power Plant (HPP) for the municipality of Peixe - Tocantins. It started from the institutionalist theory to understand the process of regional development of Peixe city as receiver of a hydroelectric project. Initially, we approached Douglass North's institutional theory, its precepts and terminologies to understand how institutions are important for economic performance. A historical approach was taken to the implementation process of hydroelectric plants in Brazil, which began in the south and southeast until reaching the entire national territory, with the northern region with its last frontier. Entrepreneurship is considered to be an inducer of development for the displaced regions of the industrialization process, however, they carry with them a series of social and environmental disturbances, causing resistance among the affected as well as with the evolution of environmental policy. The research is descriptive and explanatory. The methodology adopted was the analysis of secondary data from Ipeadata, RAIS, IBGE and UNDP, in a quantitative approach of the social, economic and institutional indicators of the years 2000 and 2010, and through semi-structured interviews, the perception of the local actors was captured, among political, economic and social agents. The interviews were processed by the Discourse of the Collective Subject (DCS) methodology using the software *DSCsoft2.0*, allowing a quantitative and qualitative treatment of the speech of those who experienced all stages of integration of the HPP to the regional context of Peixe city. An evolution of socioeconomic indicators was observed, however, following the state dynamics. The quantity of employment was significant, but limited to the construction time and it was evident the significant increase in municipal revenues, especially the ICMS coming from the production of electric energy by the HPP. However, there was no diversification of economic activities and the economic dependence of the public administration, as the largest employer, increased during the analyzed period. DCSs expressed a change in preexisting social relationships with the growth of the urban population and the establishment in the region of the migrants who arrived with the enterprise. In dealing with the construction period of the plant, perceptions are divided between the sense of surprise and apprehension with the concentration of people, the lack of structure and insecurity during the works and the flow of income, creating opportunities for financial gain. Regarding the legacy of the HPP, the participants presented different opinions, in spite of which they understand the importance of the enterprise as source of collection and the improvements left by the entrepreneurial group, at the cost of social and environmental disturbances. The participants presented a considerable distrust in the municipal public management in the control of the counterparts, articulation with the entrepreneur and in the management of the resources. The lack of institutions that provided a better performance was evidenced, characterized by the historical deficiency in the educational system, income distribution and economic dependence of the public administration, as well as, it was proved that the contribution of resources did not provide institutional evolution, although it is undeniable the importance of the enterprise for the municipal finances.

Keywords: Regional Development; Hydroelectric Plant; Institutionalism; Peixe - TO.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Localização do município de Peixe.....	32
Figura 02 – Quantidades de empreendimentos hidrelétricos por período.....	48
Figura 03 – Tendências e soluções históricas para o planejamento espacial de usinas hidrelétricas brasileiras.....	48
Figura 04 – Taxa de mortalidade infantil do município de Peixe, do Estado do Tocantins e do Brasil nos anos 2000 e 2010.....	70
Figura 05 – Empregos em Peixe por setor da economia no ano 2000.....	73
Figura 06 – Número de empregos por ano em Peixe.....	75
Figura 07 – Números de empregos por ano em Peixe nos setores construção civil, serviços e administração pública.....	76
Figura 08 – Números de empregos por ano em Peixe nos setores serviços industriais de utilidade pública, comércio e agropecuário, extração vegetal, caça e pesca.....	77
Figura 09 - Empregos em Peixe por setor da economia no ano 2010.....	78
Figura 10 – Evolução do PIB de Peixe em termos de sua participação no PIB do Estado.....	80
Figura 11 – Evolução das receitas municipais e dos repasses do ICMS entre os anos 2000 a 2010.....	81
Figura 12 - Percentuais da receita municipal total referente ao ICMS, FPM e ISS.....	82
Figura 13 – Receitas municipais referentes a IPVA, IPTU e Taxas por ano.....	83
Figura 14 – Somatórias das receitas e despesas municipais para os anos de 2000 a 2010	84
Figura 15 – Taxa de comparecimento eleitoral por ano em Peixe.....	87
Figura 16 – Categorias de respostas para a pergunta: Como era viver aqui antes da construção da usina?.....	93
Figura 17 – Categorias de respostas para a pergunta: Agora me fale o que mudou?.....	95
Figura 18 - Categorias de respostas para a pergunta: Como era viver aqui durante a construção da usina?.....	98
Figura 19 – Categorias de respostas por grupos de atores entrevistados para a pergunta: como era viver aqui durante a construção da usina?.....	100
Figura 20 – Categorias de respostas para a pergunta: como é viver aqui hoje?.....	101

Figura 21 – Categorias de respostas para a pergunta: Em sua opinião, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?.....	104
Figura 22 – Categorias de respostas para as perguntas: Em sua opinião, qual a importância da usina para a cidade de Peixe nos dias de hoje? Ou o(a) senhor(a) entende que a usina não tem muita importância para a cidade? Em sua opinião, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Usinas hidrelétricas instaladas no Brasil na primeira metade do século XX.	45
Tabela 02 – Potencial hidrelétrico estimado por região hidrográfica brasileira.....	46
Tabela 03 – Usinas Hidrelétricas situadas no Estado do Tocantins.....	49
Tabela 04- Participação da população por situação de domicílios, anos 2000 e 2010.....	60
Tabela 05 – Forma de abastecimento de água nos domicílios em Peixe-TO nos anos 2000 e 2010.....	61
Tabela 06 – Relação de domicílios permanentes que possuíam banheiro de uso exclusivo em Peixe-TO nos anos 2000 e 2010.....	62
Tabela 07 – Tipo de esgotamento sanitário dos domicílios nos anos 2000 e 2010.....	62
Tabela 08 – Percentual de pessoas pobres nos anos 2000 e 2010.....	63
Tabela 09 – Porcentagens da renda apropriada por estratos da população para os anos 2000 e 2010.....	64
Tabela 10 – Porcentagem de pessoas de 10 anos ou mais de idade alfabetizadas nos anos de 2000 e 2010.....	66
Tabela 11 – Pessoas de 15 anos ou mais de idades por grupos de anos de estudo em números absolutos e percentuais.....	67
Tabela 12 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade por nível de instrução no ano 2010.....	67
Tabela 13 – Indicadores relacionados à educação do município de Peixe, do Estado do Tocantins e do Brasil nos anos 2000 e 2010.....	68
Tabela 14 – Esperança de vida ao nascer para os anos 2000 e 2010.....	70
Tabela 15 – Estabelecimentos agropecuários relacionados à atividade econômica e à condição legal da terra no ano de 1995.....	72
Tabela 16 – Número de estabelecimentos por setor no município de Peixe e no Estado do Tocantins no ano 2000.....	72
Tabela 17 – PIB de Peixe e sua participação percentual no PIB do Estado do Tocantins nos anos de 2000 a 2010.....	79
Tabela 18 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e seus componentes – Peixe – TO – 2000 e 2010.....	85
Tabela 19 – Despesas municipais de Peixe nos anos 2000 e 2010.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Análise da evolução da obra de Douglass North.....	26
Quadro 02 – Descrição dos atores locais políticos, econômicos e sociais das organizações e instituições a serem entrevistadas.....	34
Quadro 03 – Descrição das variáveis sociais, econômicas e institucionais.....	35
Quadro 04 – A evolução do MAB e seus slogans como bandeira de reivindicação.....	55
Quadro 05 – Cronograma de execução da UHE Peixe Angical.....	74
Quadro 06 – Relação de dispositivos legais existentes em Peixe nos anos 2001 e 2012.....	91

LISTA DE SIGLA E ABREVIATURAS

ANA – Agência Nacional de Águas

ANEEL - Agência Nacional de Energia Elétrica

AC - Ancoragem

BIG – Banco de Informações de Geração

CAHTU - Comissão dos Atingidos pela Hidrelétrica de Tucuruí

CFURH - Compensação Financeira pela Utilização de Recursos Hídricos

CGH – Centrais Geradoras Hidrelétricas

CMB - Comissão Mundial de Barragens

CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente

CRAB - Comissão Regional dos Atingidos por Barragens

CRABI - Comissão Regional dos Atingidos do Rio Iguaçu

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

E-ch – Expressão Chave

EIA – Estudo de Impacto Ambiental

FJP - Fundação João Pinheiro

FPM – Fundo de Participação dos Municípios

GPI - Grandes Projetos de Investimentos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC – Ideia Central

ICMS - Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IPEA – Fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados

IPM – Índice de Participação Municipal

IR – Imposto de Renda

ISS – Imposto Sobre Serviços

ISSQN – Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

IPVA - Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

TEM – Ministério do Trabalho e Emprego

MW – Megawatt

NEI – Nova Economia Institucional

OIE - *Original Institutional Economics*

ONG – Organização Não Governamental

PCH – Pequenas Centrais Hidrelétricas

PEA – População Economicamente Ativa

PGC - Projeto Grande Carajás

PIB – Produto Interno Bruto

PIN - Plano de Integração Nacional

PND - Plano Nacional de Desenvolvimento

PNMA - Política Nacional de Meio Ambiente

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PROTERRA - Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agropecuária do Norte-Nordeste

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

RIMA – Relatório de Impacto Ambiental

SEPLAN – Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins

SPE – Sociedade de Propósito Específico

SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUDECO - Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste

SUDESUL - Superintendência de Desenvolvimento do Sul

SUFRAMA - Superintendência de Desenvolvimento da Zona Franca de Manaus

UG – Unidade Geradora

UHE – Usinas Hidrelétricas de Energia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
1.1 Problema de pesquisa..	19
1.2 Objetivos.....	20
1.2.1 Objetivo Geral.....	20
1.2.2 Objetivo Específico.....	20
1.3 Justificativa.....	20
2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O INSTITUCIONALISMO.....	23
2.1 O antigo institucionalismo.....	23
2.2 A Nova Economia Institucional.....	25
3.2.1 O institucionalismo de Douglass North.....	26
3 METODOLOGIA.....	32
3.1 Detalhamento da coleta e garantias éticas.....	37
3.2 Técnica de processamento de dados.....	38
3.3 Etapas para realização do DSC.....	41
3.4 Processamentos de dados.....	42
3.4.1 Procedimentos realizados.....	42
3.5 Limitações da pesquisa.....	43
4 OS GRANDES EMPREENDIMENTOS HIDRELÉTRICOS NO BRASIL.....	44
4.1 Usinas Hidrelétricas no Estado do Tocantins.....	49
4.2 Os discursos que sustentam os Empreendimentos Hidrelétricos.....	50
4.3 A voz da resistência aos Projetos Hidrelétricos.....	52
4.4 As controvérsias em torno dos Empreendimentos Hidrelétricos.....	56
5 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE PEIXE-TO: ANÁLISE DOS INDICADORES SOCIAIS, ECONOMICOS E INSTITUCIONAIS.....	59
5.1 Aspectos Sociais.....	60
5.1.1 Dinâmica demográfica.....	60
5.1.2 Saneamento básico.....	61
5.1.3 Pessoas pobres.....	63
5.1.4 Despesas com Assistência Social e Previdência.....	65
5.1.5 Educação.....	65

5.1.6 Saúde.....	69
5.2 Aspectos Econômicos.....	71
5.2.1 Emprego.....	74
5.2.2 PIB Municipal.....	78
5.2.3 Finanças públicas.....	80
5.2.4 IDHM.....	85
5.3 Aspectos Institucionais.....	86
5.3.1 Conselhos municipais.....	86
5.3.2 Comparecimento eleitoral.....	87
5.3.3 Meios de comunicação.....	88
5.3.4 Despesas municipais.....	88
5.3.5 Instrumentos normativos.....	89
6 AS VOZES DOS ATORES LOCAIS: AS PERCEPÇÕES EXPRESSAS PELO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	92
6.1 Análise do discurso do sujeito coletivo – Parte I: sobre o entrevistado.....	92
6.2 Análise do discurso do sujeito coletivo – Parte II: sobre a época da construção da usina.....	97
6.3 Análise do discurso do sujeito coletivo – Parte III: o legado da usina para a cidade de Peixe.....	100
6.4 As percepções dos atores locais e o institucionalismo.....	109
7 CONCLUSÃO.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
APÊNDICE A.....	124
APÊNDICE B.....	126
APÊNDICE C.....	128

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira, em sua história recente, foi submetida a um intenso processo de transformação influenciado pelo aspecto desenvolvimentista transformando a população, em sua maioria, de uma predominância rural para o inchaço das zonas urbanas e uma industrialização em franca expansão. Essa realidade exigiu da gestão pública o atendimento de demandas que perpassam necessariamente pela matriz energética, sistema vital para o crescimento econômico em qualquer lugar do mundo.

Essa matriz sofreu então uma significativa diversificação nas últimas décadas do século XX. Enquanto nos anos 70, no Brasil, apenas duas fontes de energia, petróleo e lenha, respondia por 78% do consumo, no ano 2000 três fontes correspondia a 74% do consumo, somando se às fontes supramencionadas a energia hidráulica (TOLMASQUIM, GUERREIRO e GORINI, 2007).

Optou-se por explorar o potencial hidrelétrico por meio da construção de usina nos rios em todas as regiões brasileiras. Dessa forma, grandes empreendimentos foram feitos mudando não só o curso de rios como também a vida de comunidades ribeirinhas. Cidades pacatas receberam então obras grandiosas gerando, por um tempo limitado, um expressivo número de empregos diretos e indiretos e provocando impactos no cotidiano das pessoas e na situação econômica dessas localidades.

O Estado do Tocantins, que é hidricamente privilegiado por ser banhados por grandes rios, também foi inserido nesse contexto ao receber, em suas pequenas cidades do interior, empreendimentos de grande dimensão como as Usinas Hidrelétricas de São Salvador e Peixe Angical, situadas na região sul do Estado, a Usina Luiz Eduardo Magalhães na região central e a Usina de Estreito, no norte.

Dentre esses empreendimentos, a segunda a entrar em operação foi a Peixe Angical, situada entre as cidades de Peixe, São Salvador do Tocantins e Paranã, fruto de um investimento da ordem de R\$ 1,6 bilhão, construída entre os anos de 2002 e 2006 gerou milhares de empregos e atraiu investimentos para a região, em especial, a cidade de Peixe, sede administrativa do consórcio construtor. Chegando a contar com 5.000 operários no auge dos trabalhos segundo Furnas (2007).

Esse volume enorme de pessoas na cidade traz consigo crescimento econômico devido às demandas básicas ampliadas como moradia, alimentação, vestuário e lazer, elevando a circulação de dinheiro na região. Mas também traz um enorme desafio para o município no

fornecimento de saúde, educação, segurança pública, dentro outros fatores que influenciam diretamente na qualidade de vida da população.

Por força de lei, grandes empreendimentos como a usina hidrelétrica Peixe Angical precisam entregar à comunidade local projetos para minimizar os impactos causados pela obra, tanto os impactos ambientais quanto os sociais como compensação pelo uso dos recursos hídricos. E o alto investimento é defendido com a promessa de melhorias para economia local, como indutor de desenvolvimento para a região antes deslocada do processo de industrialização.

Dessa forma, a pesquisa se propôs a analisar as implicações socioeconômicas da construção da Usina Hidrelétrica Peixe Angical em Peixe – TO, por meio do estudo dos indicadores sociais, econômicos e institucionais e da percepção dos atores locais, permitindo verificar qual o legado socioeconômico e se os recursos que acompanham o empreendimento contribuem para a melhoria da qualidade de vida da população local.

Isto posto, esta dissertação apresenta a seguinte estrutura: Neste capítulo 1 foi feita a introdução com o tema da pesquisa, a definição do problema, a justificativa do estudo e os objetivos; No capítulo 2 é apresentado o aporte teórico do institucionalismo de Douglass North; No capítulo 3 é apresentada a metodologia da pesquisa; No capítulo 4 é apresentado um levantamento bibliográfico sobre o contexto histórico de instalação dos empreendimentos hidrelétricos no Brasil e no Estado do Tocantins; No capítulo 5 é apresentado os indicadores sociais, econômicos e institucionais para os anos 2000 e 2010, relacionando os com o período da construção da UHE Peixe Angical; No capítulo 6 é apresentado os Discursos do Sujeito Coletivos extraídos das declarações atores locais e por fim; no capítulo 7 são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

1.1 Problema de Pesquisa

A pesquisa refere-se à construção da usina hidrelétrica Peixe Angical e suas implicações socioeconômicas para o município de Peixe, assim como o legado deixado pelo empreendimento. Então, a pesquisa concentra-se na comunidade local, enquanto receptora do empreendimento, e os fatores que representam a qualidade de vida como saúde, educação, segurança pública e economia, permitindo a mensuração do desenvolvimento social e econômico advindo da referida usina. A construção foi entre os anos de 2002 e 2006, no entanto, para fins de estudo busca se os indicadores sociais, econômicos e institucionais nos

anos que precedem o início das obras, durante a construção e após o seu término, para fins de investigar o legado deixado ou não. Dessa forma, a presente pesquisa é guiada pelo seguinte questionamento: Quais foram as implicações sociais e econômicas causados à Cidade de Peixe com a construção da Usina hidrelétrica Peixe Angical e qual o legado deixado pelo empreendimento para a comunidade?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral.

Analisar as implicações da construção da Usina Hidrelétrica Peixe Angical no processo de desenvolvimento regional em Peixe - Tocantins.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar o desempenho dos indicadores sociais, econômicos e institucionais entre 2000 e 2010;
- b) Analisar a percepção dos atores locais quanto às implicações da construção da Usina Hidrelétrica na cidade de Peixe;
- c) Avaliar o legado da Usina Hidrelétrica no processo de desenvolvimento regional do município de Peixe.

1.3 Justificativa

A construção de uma usina hidrelétrica é considerada um grande projeto de infraestrutura e considerado importante para nação, visando o crescimento econômico ligado à integração internacional ao mercado globalizado, ficando em segundo plano os eventuais impactos sociais (SOARES, 2009). E ainda, os gestores locais e às vezes a população desses municípios recebem com muita euforia esses grandes projetos vislumbrando o elevado volume de recursos que os acompanham.

Sob o discurso de desenvolvimento local pavimentado à custa de um alto investimento num reduzido período de tempo, especialmente durante a construção, com geração de um número elevado de empregos diretos e indiretos, esses grandes projetos afetam o cotidiano da

população outrora pacata provocando alteração no modo de vida da comunidade e causando impactos ambientais.

Como citado por Magalhães (2006), segundo Fenilli, os principais impactos socioeconômicos pela implantação de Barragens Hidrelétricas são a criação de expectativas, alteração do cotidiano da população, alteração demográfica, intensificação do tráfego, alteração no quadro de saúde, perda de terras e benfeitorias, desestruturação da unidade de produção familiar e interferência no fluxo turístico da região.

Vainer e Araújo (1992, p. 33) afirmam que “às regiões de implantação, de modo geral, tem restado a desestruturação das atividades preexistentes, o crescimento desordenado da população, desemprego, favelização, marginalização social, e, quase sempre, degradação ambiental”. Ou seja, junto com os investimentos, os empreendimentos também atraem indesejados impactos sociais e ambientais.

E, em se tratando, do esperado desenvolvimento econômico que domina o discurso daqueles que defendem o empreendimento, seria ele um fator compensatório reparador dos impactos negativos? Tal questionamento ecoa em torno do legado do projeto. Naturalmente, a resposta não é simples e direta. Afinal, ela deve ser precedida do próprio conceito de desenvolvimento econômico, o qual não pode ser confundido com crescimento econômico.

Para Scatolin (1989), esses dois conceitos são objetos de diversas controvérsias nas ciências sociais, inclusive termos correlatos como progresso, crescimento, industrialização, transformação e modernização, são geralmente usados como sinônimos de desenvolvimento. Contudo, eles carregam uma compreensão específica dos fenômenos e constituem diagnósticos da realidade sugerindo em que se deverá dedicar para alcançar o desenvolvimento.

De acordo com Souza (1993), existem duas correntes de pensamento econômico que versam sobre essa distinção. Uma encara o crescimento como sinônimo de desenvolvimento, enquanto a outra defende que o crescimento é uma condição indispensável para o desenvolvimento, mas não o suficiente. Ou seja, o desenvolvimento por si pressupõe a existência do crescimento, mas o contrário não é verdade. Enquanto crescimento econômico é uma simples variação quantitativa do produto, o desenvolvimento exige mudança qualitativa do modo de vida das pessoas, nas estruturas produtivas e nas instituições.

Para Sandroni (1994), o desenvolvimento econômico é caracterizado pelo crescimento econômico (incrementos positivos no produto) acompanhado por melhorias no nível de vida dos cidadãos e modificações estruturais na economia, dependendo das características de cada

região, como passado histórico, posição e extensão geográfica, condições demográficas e dos recursos naturais.

Sen (2010) analisa o desenvolvimento econômico sob a ótica da ampliação das liberdades, defendendo que o crescimento econômico é uma condição necessária para o desenvolvimento, porém, não suficiente. O desenvolvimento seria, então, um processo de alargamento das liberdades reais que uma pessoa usufrui, como a liberdade política expressa por meio da participação ou liberdade social como o direito à educação básica, por exemplo (SILVA, 2010). O autor define desenvolvimento como a apropriação de liberdades e a abolição de clausuras como pobreza, fome e falta de direitos políticos (TERJESEN, 2004).

Em qualquer concepção, o desenvolvimento deve ser fruto do crescimento econômico acompanhado, necessariamente, por melhoria na qualidade de vida, incluindo “as alterações da composição do produto e a alocação de recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social” (VASCONCELOS e GARCIA, 1998, p. 205).

Dessa forma, a presente pesquisa debruça sobre o objeto de estudo para elucidar essas e outras indagações, por meio da ótica de agentes envolvidos, da análise dos indicadores sociais, econômicos e institucionais. Para analisar as implicações socioeconômicas e sua repercussão na qualidade de vida da comunidade local na fase de construção, bem como, a percepção dos atores locais sobre o legado deixado pela construção da usina.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O INSTITUCIONALISMO

Diante do propósito de analisar o desenvolvimento social, econômico e institucional da cidade de Peixe perante a construção da usina hidrelétrica Peixe Angical, a pesquisa busca na economia institucional os preceitos teóricos para compreender o objeto estudado em relação ao desempenho econômico no município de Peixe – TO e seu entorno com o advento do grande empreendimento.

A teoria institucionalista agrega um robusto corpo teórico compreendendo várias vertentes para explicar o campo de estudo institucionalista que, no campo das ciências sociais e econômicas, têm crescido sua importância na compreensão de como a mudança institucional impacta o modo de vida das pessoas e a organização da produção nas diferentes nações (LOPES, 2013). De acordo com Quintero (2007), o ponto de convergência principal entre os institucionalistas está relacionado ao fato de, mesmo tratando de estudos de fenômenos particulares, considerar todo o sistema social. Essa abordagem é justificável em virtude da relevância dos fatores sociais para explicar qualquer fenômeno da vida em sociedade encontrar-se além do meramente econômico.

Os autores divergem no esforço de subdividir o institucionalismo. Segundo Conceição (2007), no geral, o pensamento institucionalista é subdividido em três correntes: o Antigo Institucionalismo, a Nova Economia Institucional e a Neo-institucionalista. A presente pesquisa centra-se no institucionalismo proposto por Douglass C. North. Porém, preliminarmente será feita uma breve abordagem do antigo institucionalismo com o mero propósito de compreender a teoria que influencia o pensamento do referido autor, facilitando a compreensão, a contextualização e a classificação de sua corrente teórica.

2.1 O antigo institucionalismo

O institucionalismo é uma área do conhecimento da economia desenvolvida nos Estados Unidos da América, iniciada entre o fim do século XIX e começo do século XX, a partir dos trabalhos dos pesquisadores Thorstein Veblen, John R. Commons e Wesley C. Mitchell, os quais centram suas análises na importância das instituições (CONCEIÇÃO, 2007; LOPES, 2013). Segundo Mourão (2007), essa corrente de pensamento destaca-se pela postura contra o determinismo do mercado, diferenciando-se da teoria clássica, ao considerar que os fatores sociológicos são determinantes dos fenômenos econômicos.

O antigo institucionalismo também pode ser denominado de *Original Institutional Economics* (OIE), conforme proposto por Stanfield (1999). O principal precursor dessa corrente é Thorstein Veblen, o qual defende que a sociedade é mais do que uma mera agregação de indivíduos autônomos, ela compreende valores, crenças, costumes e normas, que têm fundamentos culturais e não podem ser totalmente explicado em termos puramente individuais (ARVANITIDIS, 2006).

Thorstein Veblen tentou propor uma consistente explicação da conduta do homem, enquanto ser social, partindo dos conceitos de instinto, hábito e instituições. Os instintos foram concebidos como padrões de comportamento inatos para o indivíduo, transmitidos hereditariamente. A busca constante por meios eficientes de satisfazê-los resultou na constituição dos hábitos. Esses hábitos, uma vez formados e acumulados, adquirirão relevância social através de um processo de socialização e validação formal ou informal, até obter o caráter de instituições (ASSO e FIORITO, 2004).

Para Veblen (1919), as instituições são definidas como hábitos estabelecidos pelo pensamento comum, de forma generalizada, pelos homens. São os hábitos de pensamento, ao tornarem-se coletivos, generalizados e enraizados no ambiente, que formam as instituições políticas, econômicas e sociais. Os hábitos são desenvolvidos quando os agentes procuram atingir determinados fins e estão relacionados a comportamentos repetidos, que reforçam a existência das instituições.

Nessa mesma linha teórica, Mitchell defende que a estrutura política e social influencia os processos econômicos. Na teoria desenvolvida pelo autor sobre os ciclos econômicos, ele descreve o processo de mudanças acumulativas, em que a reativação das atividades faz com que haja uma intensa prosperidade, a qual engendra uma crise e acarreta a depressão mais forte por algum tempo, conduzindo para a reativação das atividades, perfazendo o ciclo da economia (OLIVEIRA, 2008).

Dentre outros pensadores que seguem essa linha teórica destaca-se Galbraith, o qual procura explicar os fenômenos sociais através das relações de poder. Segundo Amaral (2006), para Galbraith, as organizações detêm o poder na sociedade através do que ele denominou tecnoestrutura, isto é, a ação coletiva de pessoas especializadas na tomada de decisão. Outro expoente simpatizante dessa corrente é Myrdal, o qual critica a ciência econômica do *establishment*, sugerindo um enfoque no institucional, que deve abordar a questão da igualdade e levar em consideração a estratificação social e econômica, as forças políticas enraizadas nessas instituições e nas atitudes das pessoas e suas consequências sobre a economia (MYRDAL, 1977).

De modo geral, a corrente do institucional liderada por Veblen centra-se em três aspectos: a incapacidade da teoria neoclássica em tratar as inovações, desconsiderando as condições de sua implantação; na preocupação em como se dá a mudança e não com o “equilíbrio estável”; e na ênfase ao processo de evolução econômica e transformação tecnológica (CONCEIÇÃO, 2007).

E constitui a base teórica influenciadora da Nova Economia Institucional (NEI), que a partir da década de 1960, reacende a teoria institucional com uma nova abordagem, tratado a seguir.

2.2 A Nova Economia Institucional

A Nova Economia Institucional (NEI) se preocupa, fundamentalmente, com aspectos microeconômicos, através da teoria da firma proposta por Ronald Coase, principal pensador dessa corrente e considerado o precursor, em uma abordagem não convencional, aliada à história econômica, economia dos direitos de propriedade, sistemas comparativos, economia do trabalho e organização industrial (CONCEIÇÃO, 2007).

Além de Ronald Coase, destacam nessa corrente teórica os pesquisadores Oliver Williamson e Douglass North, sendo que o texto considerado marco de referência para a NEI é o trabalho intitulado *The nature of the firm*, publicado por Coase no ano de 1937. O qual desenvolveu o conceito de custos de transação nas análises econômicas, que foi usado pelos outros autores mencionados de maneira distinta. Para Coase (1998), as instituições governam o desempenho de uma economia e é isso que dá importância ao conceito da NEI dentro das ciências econômicas.

Segundo Williamson (1971, p. 17), os pontos comuns que vinculam os estudos da NEI são:

- (i) um consenso evolutivo, uma vez que a microteoria convencional, tão útil e poderosa para muitos propósitos, opera em um nível de abstração demasiadamente alto, impedindo que muitos fenômenos microeconômicos importantes sejam abordados de maneira adequada;
- (ii) a percepção de que o estudo das ‘transações’, que ocupou os institucionalistas de profissão até os anos 40, é, em realidade, um ponto fundamental e merece atenção renovada.

Inserido nessa corrente teórica, Douglass North relaciona instituição com desempenho econômico, sendo sua teoria pertinente a pesquisa considerando as relações sociais e econômicas que compreendem um grande projeto de investimento como o caso da usina hidrelétrica Peixe Angical.

2.2.1 O institucionalismo de Douglass North

Douglass C. North foi um professor de economia que buscou explicar como o crescimento econômico de longo prazo, ou a evolução histórica, de uma sociedade é dependente da formação e evolução de suas instituições. O autor inicialmente estava ligado à cliometria, ficou conhecido por seus estudos de histórias econômicas, e, mais tarde, transita da análise histórica para a evolução dos arranjos institucionais até concentrar seus esforços no papel das instituições na evolução das sociedades (GALA, 2003).

Dessa forma, de acordo com Gala (2003), North, ao passar do tempo, migra da análise histórica para a teórica, e isso é facilmente notado em seus trabalhos a partir dos anos 70, conforme discriminado no Quadro 01.

Quadro 01 – Análise da evolução da obra de Douglass North

Obra	Análise teórica	Análise histórica
<i>The Rise of the Western World (North, 1973)</i>	Páginas 1 a 19 de um total de 158 – 12%	Páginas 19 a 157 de um total de 158 – 87%
<i>Structure and Change in Economic History (North, 1981)</i>	Páginas 1 a 71 e 201 a 209 de um total de 209 – 37%	Páginas 71 a 201 de um total de 209 – 62%
<i>Institutions, Institutional Change and Economic Performance</i>	Páginas 1 a 140 de um total de 140 – 100%	Exemplos em 140 páginas sem espaço formalmente separado – 0 %

Fonte: Gala (2003).

Segundo Lopes (2013), os trabalhos de Douglass North começam por demonstrar as falhas na teoria neoclássica em tratar os determinantes do desempenho econômico ao longo da história. Mesmo sua análise partindo dos conceitos tradicionais de desenvolvimento, em que a produção depende do estoque de capital, é relevante sua crítica à teoria tradicional por desconsiderar os problemas de alocação de recursos que impedem o funcionamento dos mercados e a existência de custos de informação e da incerteza, e seus custos de transação decorrentes.

Para North (1999), a teoria neoclássica não foi e não tem sido eficiente em demonstrar as razões que levam às diferentes performances das economias ao longo do tempo, ou seja, porque o desempenho econômico das nações é tão diferente. Isso configura o ponto central da

teoria de North, que centra nas instituições, no desempenho econômico e nas mudanças institucionais. Os termos da teoria institucional de North são:

a) Incertezas

Para Gala (2003), o conceito basilar do institucionalismo de North é a incerteza. Como a corrente institucional na qual está inserida, a teoria analisa as transações econômicas. E a incerteza é o empecilho que dificulta ou impossibilita essas transações entre as pessoas, fruto das fricções nas relações humanas.

Como a teoria institucionalista objetiva responder como o processo de decisão racional dos agentes, como os agentes formam suas expectativas para poupar ou investir, por que eles retêm ou não moeda e como o ambiente institucional pode influenciar nas decisões. O problema da incerteza perpassa pela racionalidade limitada das pessoas (FILHO e CONCEIÇÃO, 2001). Ou seja, as transações se consolidam num contexto em que os agentes não possuem um conhecimento pleno de todas as possibilidades. E são as incertezas existentes responsáveis pelos custos de transação.

b) Custos de Transação

O conceito de custo de transação introduzido por Ronald Coase é aprofundado por Douglass North. Esses custos são consequências das incertezas das transações. North (1990) os classifica em custos de *measurement* e *enforcement*. Enquanto o primeiro está relacionado com a dificuldade dos agentes em conhecer de fato o objeto da transação, o seguinte refere-se à incerteza sobre a propriedade do bem envolvido.

Esses custos podem ser compreendidos pelos exemplos apresentados pelo próprio North em sua obra. Como na compra de um automóvel usado, o comprador não possui todas as informações sobre o veículo. North (1990) defende que essa transação se dá num contexto de assimetria de informações, o vendedor do carro usado sabe muito mais sobre os atributos do veículo do que o comprador.

Os custos de *measurement* são aqueles destinados à proporcionar as informações para as partes em uma transação quando o objeto ou serviço envolvido, como o automóvel no caso do nosso exemplo. Enquanto os custos de *enforcement* são referentes aos direitos de propriedade, podendo resultar de códigos de conduta internamente aplicado, de sanções da sociedade ou da força coercitiva do Estado (North, 1990).

A existência dos custos de transação justifica a necessidade das instituições. De acordo com Hodgson (2006), onde emergem coalisões comerciais, elas tomam qualidade de Estado para impor acordos e proteger propriedades. Num mundo de informações incompletas, altos custos de transação, relações assimétricas e agentes com visão limitada, são imprescindíveis as instituições para que os direitos sejam cumpridos.

c) Instituições

Havendo incertezas nas transações e consequentes custos, surgem as instituições para minimizá-los, configurando as regras da interação humana. North (1990, p. 3, tradução nossa) assim define instituições:

Instituições são as regras do jogo numa sociedade ou, mais formalmente, são as restrições humanamente criadas que formam a interação humana. Consequentemente, elas estruturam os incentivos nas trocas humanas seja no aspecto político, social ou econômico. A mudança institucional forma a maneira como a sociedade evolui com o tempo e por consequência é a chave para compreender as mudanças históricas.

As instituições definem a estrutura de incentivo das sociedades e da economia. Elas são restrições concebidas que estruturam as interações humanas, sendo constituídas por restrições formais (regras, leis, constituições) e informais (normas de comportamentos, convenções e códigos de conduta auto impostos) e de suas características impositivas (NORTH, 1993).

Para Hodgson (2006), as instituições tanto limita quanto possibilita comportamentos. A existência de regras implica restrições, No entanto, como as limitações podem abrir possibilidades: permitindo escolhas e ações que de outra forma não existiria. Por exemplo, as regras de linguagem nos permite comunicar, as regras de trânsito nos permite trafegar com mais facilidade e segurança e as leis podem aumentar nossa segurança.

As instituições reduzem as incertezas proporcionando uma estrutura para a vida cotidiana. Elas são um guia para a interação humana e nos permite o desenvolvimento de tarefas simples “como cumprimentar um amigo na rua, dirigir um automóvel, comprar laranjas, emprestar dinheiro, formar negócios, enterrar nossos mortos ou algo mais” (NORTH, 1990, p. 4).

O autor faz uso desse conceito para explicar a diferença da performance econômica, em sua abordagem as instituições são fundamentais ao desempenho porque amenizam os

problemas de utilização do mercado, agindo diretamente sobre os custos de transação (LOPES, 2013).

North (1990) ainda afirma que os modelos institucionais tendem a auto reforçar-se, mesmo quando possuem deficiências. Os indivíduos de uma determinada sociedade tem mais facilidade de se adaptar às regras existentes do que tentar modifica-las. Quando o desenvolvimento toma certo rumo, a cultura organizacional, os costumes e os modelos mentais reforçam essa trajetória.

Para compreender melhor a abordagem de North é preciso diferenciar instituições de organizações, das quais trata se a seguir.

d) Organizações

Se as instituições são as regras do jogo, as organizações são os jogadores. *“They are groups of individuals bound by some common purpose to achieve objectives”* (NORTH, 1990. p. 5).

As organizações são, portanto, os principais agentes de uma sociedade criados com o propósito em consequência das oportunidades resultantes das restrições criadas (instituições e tradições na teoria econômica) e ao tentar alcançar seus objetivos são os principais responsáveis pelas mudanças institucionais.

Dentre as organizações, North (1990) destaca três tipos: políticos (partidos, o congresso e as agências reguladoras); sociais (igrejas, clubes, associações atléticas); e educacionais (escolas, universidades, centros de treinamentos profissionais).

A existência das organizações são reflexos das oportunidades geradas pela matriz institucional, que configura um quadro institucional num dado momento da qual falaremos em seguida.

e) Matriz Institucional

O conceito de matriz institucional é tratado nessa teoria como o conjunto de instituições existentes numa sociedade num dado momento. Gala (2003. p. 102) salienta a importância desse conceito para o institucionalismo de North:

Ao abrigar as instituições — formais e informais — de uma sociedade num momento específico do tempo, a matriz institucional será responsável por definir o vetor de estímulos para os diversos agentes sociais, especialmente os envolvidos em atividades econômicas. Em grande parte, a história das sociedades se resume, para

North, na evolução de suas matrizes institucionais e suas decorrentes consequências econômicas, políticas e sociais.

Para North (1991), a matriz institucional consiste numa rede interdependente de instituições e, conseqüentemente, organizações políticas e econômicas que são caracterizadas pelos seus ganhos crescentes, justificando a existência das próprias organizações, as quais são concebidas pelas oportunidades propiciadas pela estrutura institucional.

f) *Path dependence*

Outro conceito importante para compreender a teoria de Douglass North é o *path dependence*. Esse é um daqueles termos que é melhor não tentar traduzir, pois corre-se o risco de uma expressão em outra língua não conter toda a carga semântica do termo na língua original.

O *path dependence*, assim como o conceito de matriz institucional mencionado acima, está ligado à dinâmica institucional de North. Esse conceito foi desenvolvido através dos trabalhos de Paul David e Brian Arthur, a ideia relacionada ao termo procura explicar como soluções ineficientes podem persistir, mesmo escolhidas por agentes racionais. Em virtude dos retornos crescentes, uma escolha equivocada pode ser tornar ótima quando o sistema é dinamizado, ou seja, a história do processo adquire relevância (GALA, 2003).

De acordo com North (1990), o *path dependence* é a dinâmica social impulsionada pela existência de incentivos e constrangimentos que reforçam uma determinada direção para as ações dos indivíduos e organismos sociais uma vez que ela tenha sido adotada. Isto é, a evolução histórica de sociedade está vinculada às estruturas institucionais pré-existentes.

North (1991) afirma que o *path dependence* é mais do que um processo incremental de evolução institucional em que a estrutura institucional do passado provém às oportunidades para as organizações e empreendedores do presente, seja no aspecto político ou econômico.

g) Mudança Institucional

As mudanças institucionais definem o modo como as sociedades evoluem, sendo a chave para compreender historicamente a mudança. Para North (1990), a mudança institucional é um processo lento, contínuo e acumulativo originado pela interação entre instituições e organizações.

A mudança institucional, também ligada à dinâmica institucional, representa a evolução da matriz institucional que evolui obedecendo aos preceitos do *path dependence*. O domínio desses conceitos é fundamental para compreendermos o desempenho econômico.

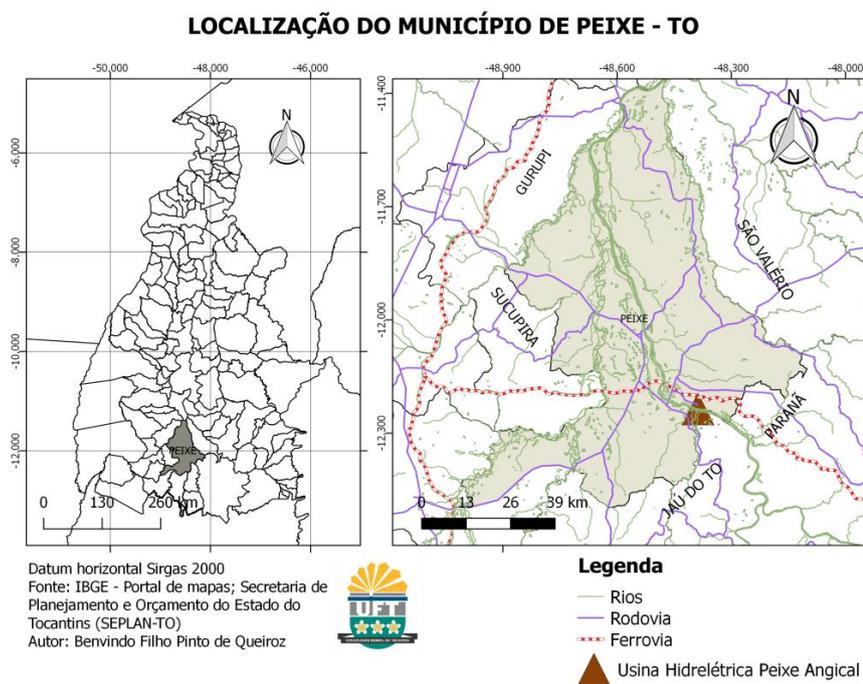
Afinal, o institucionalismo de North foi concebido como crítica à teoria neoclássica, a qual não é eficiente em demonstrar os motivos das diferentes performances econômicas por desconsiderar as instituições e a história (LOPES, 2013). Por isso, a teoria institucional aqui apresentada se mostra pertinente e adequada para compreendermos o desempenho econômico da cidade de Peixe durante e após a consolidação da usina hidrelétrica.

3 METODOLOGIA

A perspectiva institucionalista é norteadora da presente pesquisa levando em consideração que as regras formais e informais que constituem a matriz institucional num dado momento conduzirão o desenvolvimento de uma sociedade seja no aspecto econômico ou social. Ou seja, os indivíduos e seus hábitos controlados por regras de conduta advindos dos costumes influenciam diretamente os avanços históricos de um povo.

Assim como ocorreu em outras cidades receptoras de tais empreendimentos, a população sofreu fortes alterações em seu modo de vida durante a construção com um inchaço populacional e, posteriormente, o esvaziamento provocado pelo fim das obras. Passado algum tempo após o término da construção, qual seria a influencia do empreendimento para a cidade considerando os aspectos sociais e econômicos. A partir dessa indagação, a presente pesquisa buscou a análise da percepção da comunidade referente à Usina Hidrelétrica na cidade de Peixe. A Figura 01 apresenta a localização da cidade de Peixe.

Figura 01 – Localização do município de Peixe



Fonte: Elaborado a partir de dados do IBGE e SEPLAN.

A pesquisa está pautada no método dialético por apresentar características peculiares e favoráveis à discussão do assunto, uma vez que permite compreender o homem enquanto ser

histórico na produção material, a qual estabelece relações de negação e contradições pessoais e sociais e assim geram conflitos nas relações e vida em sociedade (DINIZ e SILVA, 2008).

Segundo a sua natureza, a pesquisa pode ser definida como aplicada. Assim enquadrada quando “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigido à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (SILVA e MENEZES, 2001, p. 20). Pois, ao abordar a realidade da comunidade objeto de estudo frente ao empreendimento visa produzir conhecimentos que subsidiem o processo decisório de gestores, empreendedores e comunidade que possam vivenciar situações similares.

Em relação ao tipo de pesquisa, ou sua classificação quanto aos objetivos, a pesquisa é essencialmente descritiva e explicativa. Ao retratar a realidade da população envolvida no estudo e o fenômeno do desenvolvimento do empreendimento. A pesquisa é denominada descritiva quando obtêm uma descrição das características de determinada população ou fenômeno. Através de técnicas sistemáticas de coletas de dados sobre o objeto de estudo é possível apresentar um retrato da realidade da cidade de Peixe, enquanto receptora do empreendimento.

A pesquisa explicativa é caracterizada dessa maneira quando seu objetivo central visa identificar os fatores que contribuem para os acontecimentos dos fenômenos. É o tipo que mais se aprofunda no conhecimento de certa realidade buscando a razão dos fatos. Dada a característica do fato estudado e suas múltiplas variáveis que influenciam a realidade da comunidade pesquisada, esse tipo de abordagem, mesmo sendo um tanto quanto desafiadora, permite ao pesquisador o aprofundamento no conhecimento do tema e o esclarecimento da situação da população em relação ao empreendimento.

Esta pesquisa é definida como de natureza qualitativa e quantitativa. Para Triviños (1987), para que seja caracterizada como qualitativa uma pesquisa possui algumas características básicas: o pesquisador é uma variável de relevância no estudo; os pesquisadores precisam focar não só no resultado, mas também no processo; a pesquisa é descritiva; e os dados devem ser analisados de modo indutivo. Ou seja, essa classificação como qualitativa pode ser justificada por conter interpretações e atribuição de significados perpassando por análises indutivas dos dados (SILVA e MENEZES, 2001). A abordagem quantitativa compreende a análise de indicadores sociais, institucionais e econômicos dando fundamento ao discurso dos atores locais.

A análise do discurso desses atores é a opção selecionada para compreender a influencia da Usina Hidrelétrica Peixe Angical e seu legado para a estrutura socioeconômica da cidade Peixe, enquanto receptora do empreendimento. Dessa forma, os atores locais foram

divididos por organizações: sociais, políticas e econômicas. Em conformidade com a abordagem institucional assim como feito por Oliveira (2015), descrito no Quadro 02. Os entrevistados foram selecionados na cidade de Peixe a partir da sua relação social e econômica estabelecida na comunidade. As entrevistas foram desenvolvidas no segundo semestre de 2018.

Quadro 02 – Descrição dos atores locais políticos, econômicos e sociais das organizações e instituições a serem entrevistadas.

Organizações	Atores locais como representantes das Organizações e Instituições da Cidade de Peixe
Políticos	Prefeito e ex-prefeitos
	Vereadores e ex-vereadores
	Secretários municipais
	Membros do poder judiciário
Econômicos	Empresários
	Comerciantes
	Agropecuáristas
	Associação de lojistas
	Associação de barqueiros
Sociais	Religiosos
	Moradores antigos
	Associação de moradores
	Diretores de escolas
	Clubes

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram adotados os parâmetros de uma metodologia institucional como indicada por Moraes e Azevedo (2005), para que o pensamento institucional seja as premissas da pesquisa, a investigação deve começar com uma questão e não com um axioma, o comportamento deve ser compreendido e analisado como intencional, todas as situações correntes são resultantes do processo histórico e da mudança cumulativa, a estrutura institucional particular deve ser conhecida para uma perfeita compreensão dos comportamentos resultantes de tal estrutura, história e análise devem ser combinadas numa abordagem holística, a evolução é um processo

no qual a seleção artificial intencional de fatores críticos tende a modificar os hábitos e a negociação tem um papel decisivo.

Seguindo esse viés, os atores locais entrevistados foram identificados conforme sua relação com a cidade antes, durante e após a construção da usina hidrelétrica para que seja dada ênfase na evolução histórica conforme o pensamento institucional. Bem como, será consultado em fontes secundárias dos indicadores sociais, econômicos e institucionais que permitam fazer um diagnóstico da evolução econômica da cidade de Peixe. As variáveis a serem utilizadas estão descritas no Quadro 03, foram coletadas para os anos de 2000 e 2010.

Quadro 03 – Descrição das variáveis sociais, econômicas e institucionais.

Variáveis sociais	Variáveis econômicas	Variáveis institucionais
População urbana	Produto Interno Bruto (PIB) municipal	Número de Conselhos Municipais
População rural	Arrecadação de ICMS	Taxa de Comparecimento Eleitoral eleições
Consumo de energia elétrica residencial (Mwh)	Fundo de participação municipal (FPM)	Número de eleitores
Média de anos de estudos	Arrecadação de IPVA	Número de Emissoras de rádio e televisão
Número de médicos	Consumo de energia setorial (Mwh)	Quantidade de linhas telefônicas
Residências com água encanada	Emprego Formal	Número de pequenas e microempresas
Coleta de lixo	Arrecadação com IPI	Investimentos em Urbanismo, Habitação, Transporte e Infraestrutura
Número de Leitos hospitalares	Arrecadação com o IPTU	Investimentos em ciência e Tecnologia
Despesas municipais com saneamento e saúde	Arrecadação com Taxas	Percentual de área de conservação
Pessoas pobres no município	Arrecadação com Contribuições	Investimentos em Gestão ambiental
Despesas com assistência social e previdência	Arrecadação com ISSQN	Investimentos em educação e cultura
Taxa de mortalidade infantil	Arrecadação com ITR	Investimentos em esporte e lazer
Número de unidades de saúde	V.A produtos de origem Animal	Representação Parlamentar
Residências com coleta de esgoto	V.A produtos da extração vegetal	
	V.A lavoura temporária	
	V.A lavoura permanente	

Fonte: Ibge, Ipeadata, Pnud, Seplan-TO, Ministério do Trabalho (RAIS).

A pesquisa buscou a percepção dos atores locais frente à contribuição e o legado da usina para as áreas sociais e econômicas da cidade. Então, foi identificada estrutura socioeconômica do município, como o empreendimento influenciou essa estrutura e, de acordo com a ótica do entrevistado, qual o legado da usina para a comunidade no contexto pós-canteiro de obras. Dessa forma, o roteiro das entrevistas foi elaborado contemplando três partes. A primeira refere-se à identificação do entrevistado e sua relação pessoal com a época da construção e os anos subsequentes, essa parte tem o intuito de qualificar o agente para saber de qual grupo ele faz parte e se exerceu algum cargo de gestão ou político. A segunda parte foi concebida com o intuito de fazer o entrevistado reconstruir a cidade durante as obras, ou seja, qual a realidade vivida pela comunidade com o grande fluxo de pessoas e investimentos que caracterizam o período de execução da obra. Na última parte, o entrevistado é convidado a analisar a influencia da usina para a cidade no período depois da construção, a partir de sua concepção pessoal construída e sua avaliação do empreendimento para a estrutura socioeconômica da cidade de Peixe.

A entrevista foi executada com horário previamente marcado com o entrevistado e as conversas foram registradas em áudio e posteriormente transcritas para permitir o cadastramento no software. As questões constam no Apêndice A – Roteiro de entrevista. E o Apêndice B apresenta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado pelo pesquisador e pelo entrevistado, autorizando sua participação.

Foram realizadas, efetivamente 23 entrevistas, dentre os quais, 9 entrevistados no grupo de atores políticos, 7 atores econômicos e 7 classificados como atores sociais. No entanto, alguns entrevistados ficaram silentes diante de alguns questionamentos. O processamento das respostas foi feito conforme a pertinência da consideração do participante com os propósitos de cada questão.

Foi adotada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e a coleta através de entrevistas semiestruturadas, desenvolvidas pelo próprio pesquisador, constituídas por questões gerais. Esse processo de coleta de dados, aqui selecionado para uma pesquisa qualitativa, não se edifica por meras visões singulares ou estáticas. É desenvolvido por uma interação dinâmica que se constrói e reconstrói por meio de feedbacks, onde as ideias expressas por um sujeito numa entrevista, quando analisadas e interpretadas, podem exigir novos encontros com outra pessoa ou com a mesma a fim de aprofundar o assunto ou outros tópicos imprescindíveis à plena compreensão do problema que é o ponto de partida da

pesquisa (TRIVIÑOS, 1987). A entrevista é uma técnica utilizada na coleta de dados primários e necessita, para o seu êxito, de um plano para o alcance das informações necessárias, aqui se optou pela entrevista direta, aquela desenvolvida presencialmente com o entrevistador frente a frente com o entrevistado (KAUARK, MANHÃES e MEDEIROS, 2010).

3.1 Detalhamento da coleta e garantias éticas

Antes da entrevista o pesquisador forneceu ao participante todas as informações necessárias para a plena compreensão do objeto de estudo e os termos de sua participação, ficando o participante livre para aceitar ou não participar da pesquisa. A entrevista ocorreu em data e horário combinado entre o pesquisador e o participante e foi garantido total privacidade, como na residência ou no ambiente de trabalho, conforme a conveniência para o entrevistado.

A entrevista foi conduzida através de um roteiro pré-estabelecido, mas o entrevistado ficou livre para responder ou não aos questionamentos, bem como acrescentar quaisquer considerações em suas declarações. Foi feito um registro de áudio de toda a entrevista mediante autorização do entrevistado.

Os riscos decorrentes de participação na pesquisa foram possíveis constrangimentos ao relembrar situações passadas ou emitir declarações que possa gerar algum comprometimento. No entanto, a entrevista foi concedida num ambiente que permitiu a privacidade e a identidade do participante está mantida em sigilo.

Os critérios de inclusão foram conforme a descrição dos atores locais devidamente selecionados pelo pesquisador dentre os participantes com potencial de colaboração de acordo com os propósitos da pesquisa. E foram excluídos da pesquisa os menores de idade e pessoas com algum tipo de deficiência mental.

Foi garantido aos participantes a liberdade de participação e sua total integridade através da preservação dos dados que possam identifica-lo, assegurado o sigilo, a privacidade, a confidencialidade e o pleno acesso aos resultados da pesquisa.

3.2 Técnica de processamento de dados

A coleta de dados primários através de entrevistas é um desafio em virtude da demanda de tempo. Mas se a operacionalização das entrevistas exige do investigador, o processamento dos dados não é diferente. Como agrupar as ideias de vários atores locais e expressar a opinião da coletividade envolvida sem limitar-se a uma mera abordagem estatística é o grande compromisso da presente pesquisa para fazer valer seu viés qualitativo. Diante dessa condição, o presente estudo adotou a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para o processamento dos dados.

O DSC é uma técnica de processamento de dados qualitativos para a obtenção e descrição de opiniões ou representações coletivas colhidas pelo depoimento dos indivíduos de um grupo (LEFREVE e LEFREVE, 2006). O DSC é um processo sistemático, desenvolvido em etapas, que envolve o tratamento por uma série de operações sobre o material verbal coletado nas pesquisas com o intuito de apresentar um discurso ou conjunto de discursos coletivos advindo de declarações individuais. Permitindo assim expressar de forma qualitativa e quantitativa as opiniões de uma coletividade.

Essa metodologia tem como fundamento a Teoria da Representação Social. Tal representação é fruto das variadas transformações que geram novos conteúdos. Os indivíduos são transformados por manifestações antes desconhecidas. Todas as coisas que nos tocam no mundo ao nosso redor são tanto o efeito como as causas das nossas representações (MOSCOVICI, 2009). O discurso individual mostra não simplesmente uma concepção ou percepção singular do mundo, mas uma percepção compartilhada que constitui um discurso compartilhado e coletivo (GONDIM e FISCHER, 2009).

A metodologia do DSC preocupa-se com a criação de uma conexão existente entre o senso comum e o conhecimento científico advindo da reconstituição de um pensamento coletivo, com base na Teoria das Representações Sociais, mediando também as perspectivas metodológicas qualitativa e quantitativa. Isso possibilita acessar o conhecimento e o saber rotineiros, tratando os indivíduos como possuidores de um caráter racional e cognitivo compartilhado (OLIVEIRA JÚNIOR, PACAGNAN e MARCHIORI, 2013).

De acordo com Lefevre e Lefevre (2005), os desenvolvedores da metodologia, o pensamento coletivo está mais validamente presente no indivíduo do que no grupo, afinal, o pensamento coletivo é a presença internalizada no pensamento de cada membro do grupo de esquemas sociocognitivos ou de pensamento socialmente compartilhado. Para chegar ao pensamento coletivo, é preciso convocar os indivíduos um a um, podendo ser todo o universo

ou uma parcela representativa como amostra, de como que cada um possa expor seu pensamento social internalizado, sem as pressões que poderia ocorrer em atividades coletivas, dessa maneira o conjunto dessas individualidades opinantes pode representar, sociologicamente e estatisticamente, uma coletividade.

Segundo Lefevre, Lefevre e Marques (2007), o DSC pode ser considerado como uma técnica de processamento de depoimentos, que se concentra no agrupamento de pesquisas sociais empíricas, apresentados como discursos únicos redigidos na primeira pessoa do singular, constituídos por conteúdos de declarações com sentidos semelhantes.

Mesmo tratando de quantidade e frequência de sentidos e significados, a metodologia do DSC “não precisa estabelecer como principal critério a quantidade, visto que a expressão individual é sempre compartilhada, em alguma medida.” (Gondim e Fischer, 2009, p. 16) Para elaborar os discursos-sínteses faz-se necessário se alicerçar na semelhança de sentidos, independentemente do nível de compartilhamento de determinado sentido. “De fato, nas pesquisas com o DSC, o pensamento é coletado por entrevistas individuais com questões abertas, o que faz com que o pensamento, como comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar.” (Lefèvre e Lefèvre, 2005, p. 21)

Para Lefevre et al. (2002), os DSCs podem ser tanto de ideias centrais quanto de ancoragens. Através da composição de um ou mais depoimentos é que se edifica o sentido singular do discurso. Por meio de uma forma discursiva, refletem os pensamentos e valores associados a uma área de pesquisa proposta pelo pesquisador, presentes numa determinada estrutura sociocultural e num dado momento histórico.

Segundo Almeida (2005), que utilizou o DSC com intuito de conhecer as representações do campo da ciência da informação expressas pelos pesquisadores no Brasil, o método simplifica a tubulação dos dados, a sistematização e a análise das respostas, pois propões uma estratégia diferente do convencional. Ao invés de separar o discurso individual do coletivo, o DSC agrega os discursos para construir o discurso coletivo.

Com o propósito de analisar o crescimento da economia dos municípios Lindeiros do Lago de Itaipu Binacional, no oeste do Paraná, e o impacto de uma possível mudança na distribuição do *royalties*, Oliveira (2008) adotou o DSC como método de pesquisa e concluiu que a utilização dos discursos possibilita ao pesquisador ir mais a fundo na compreensão da realidade, apresentando opiniões coletivas por meio de um conjunto de discursos ou depoimentos coletivos.

Oliveira (2015) utilizou o DSC para analisar o desenvolvimento regional do Estado do Tocantins no contexto de transição do antigo norte de Goiás para uma Unidade Federativa

autônoma. O autor afirma que no DSC o sujeito coletivo é uma tentativa de reconstituir um sujeito de discurso que dialoga como se fosse um indivíduo, mesmo estando na qualidade de pessoa coletiva, e reitera uma representação com conteúdo ampliado. E ainda conclui que o método possibilitou o aprofundamento e a compreensão da realidade.

Strassburg (2016. p. 184) afirma que o DSC “possibilitou o conhecimento, a verificação e a compreensão do contexto vivido, as expectativas e as ações que estão sendo realizadas para a concretização do Sistema Agroindustrial do Biogás do Oeste do Paraná”, tomando como base os pontos de vistas dos sujeitos participantes.

Para Cruz e Almeida (2017), que utilizaram o DSC para avaliar o impacto das tecnologias digitais nas políticas públicas educacionais no município de Valença-BA, essa metodologia permite a formação de painéis que evidenciam as representações sociais.

No DSC, o pensamento é coletado em entrevistas individuais com questões abertas, possibilitando ao pensamento, enquanto comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar (LEFEVRE e LEFEVRE, 2005).

Pautado na consideração de que o pensamento individual se expressa conforme um processo de internalização anteriormente ocorrido e socialmente construído, Lefèvre e Lefèvre (2005) sugere quatro operações para produzir DSCs: (1) Expressões-Chave, (2) Ideias Centrais, (3) Ancoragens, e (4) Discursos do Sujeito Coletivo propriamente ditos, explicados a seguir:

- Expressões-Chave (E-Ch)- Trechos selecionados do material verbal de cada depoimento, que melhor descrevem seu conteúdo;
- Ideias Centrais (IC) - Fórmulas artificiais que descrevem os sentidos presentes nos depoimentos de cada resposta e nos conjuntos de respostas de diferentes indivíduos, que apresentam sentido semelhante ou complementar;
- Ancoragens (AC) - Fórmulas sintéticas que descrevem as ideologias explícitas no material verbal das respostas individuais ou das agrupadas;
- Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) - Reunião das E-Ch presentes nos depoimentos, que têm IC e/ou AC de sentido semelhante ou complementar, escrito na primeira pessoa do singular para representar o pensamento de uma coletividade.

Segundo Lefevre et. al (2002), o DSC viabiliza aprofundar nas representações. Um conjunto dos DSC das ideias centrais nos possibilita conhecer o que pensa e como age uma dada coletividade. Enquanto um conjunto dos DSC das ancoragens nos permite conhecer as

bases, as teorias, as motivações, as crenças, os valores, enfim, os princípios que embasam as representações de uma determinada comunidade em análise.

O DSC apresenta-se como sujeito de discurso aparentemente paradoxal por ser apresentado na primeira pessoa do singular, mas para expressar a um pensamento coletivo, o qual é sociologicamente possível. A coletividade falando na primeira pessoa do singular além de ilustrar o regime regular de funcionamento das representações sociais, permite que essas representações sejam viáveis como fatos coletivos atinentes a coletividades qualitativas (em relação aos discursos) e quantitativas (referindo-se aos indivíduos). É razoável que indivíduos compartilhem as mesmas ideias, contudo, quando esses indivíduos opinam, individualmente, veiculam uma parte do conteúdo da ideia compartilhada (LEFEVRE e LEFEVRE, 2006).

O referido autor acredita que um sujeito coletivo no DSC vem se constituindo numa tentativa de reconstruir um sujeito de discurso que, enquanto pessoa coletiva, fale como se fosse indivíduo, mas ao mesmo tempo, veiculando uma representação com conteúdo ampliado.

3.3 Etapas para realização do DSC

Para empreender uma pesquisa com o DSC é preciso seguir as seguintes operações:

Inicialmente processam-se as respostas de cada questão que, geralmente, se apresentam como depoimentos individuais gravados em áudios e posteriormente transcritos. Cada questão é processada e pré-analisada em separado. Procura-se em cada questão individualmente, selecionar as Expressões Chave. Feito isto, identifica-se e nomeia-se uma ou mais Ideias Centrais e/ou Ancoragens contidas nessas Expressões selecionadas. O passo seguinte é efetuar a análise dessas Ideias Centrais/ Ancoragens tendo por objetivo identificar semelhanças e discrepâncias entre elas. As Ideias Centrais/Ancoragens similares devem ser agrupadas numa categoria única cuja denominação reflete uma Ideia Central/ Ancoragem síntese. A última operação ou operação final tem a incumbência de agrupar todas as Expressões Chave das Ideias Centrais/ Ancoragens de todas as respostas reunidas numa categoria. Assim é possível editar esses conteúdos, todavia, respeitando estritamente o sentido contido em cada um deles. Para cada questão devem ser repetidas essas operações (LEFEVRE e LEFEVRE, 2006).

Para Lefevre e Lefevre (2006), os DSCs diferem tanto no aspecto qualitativo, ao veicularem opiniões e posicionamentos distintos, quanto no quantitativo. Afinal, os dados

qualitativos são o resultado da contribuição de um determinado número de entrevistas ou depoimentos de indivíduos, que, por sua vez, são portadores de certos atributos demográficos.

3.4 Processamentos de dados

Para construir o Discurso do Sujeito Coletivo de cada grupo entrevistado, foi utilizado o *software DSCsoft2.0* disponível para download na página www.tolteca.com.br. Esse software foi desenvolvido como conjunto harmônico de procedimentos, descrevendo a opinião de uma coletividade de interesse na condição de um produto qualiquantitativo, compondo um painel de discursos, como resultado final da análise. O *DSCsoft2.0*, assim como sua primeira versão, o software *QualiQuantSoft*, possibilita trabalhar com amostras bem selecionadas e relativamente grande de indivíduos (CARVALHO, 2007). Na presente pesquisa foi utilizado o *DSCsoft2.0* na versão de demonstração disponível na *software house* Tolteca.

3.4.1 Procedimentos realizados

Após a realização das entrevistas com registros de áudio, foi feita a transcrição para ser lançado no software *DSCsoft2.0*. Inicialmente foi feito o cadastro da pesquisa, dos entrevistados e das perguntas. Em seguida foi feito o lançamento das respostas e ainda foi realizado o agrupamento dos entrevistados em três grupos: atores políticos, atores econômicos e atores sociais. Posteriormente, as respostas foram compiladas e selecionadas as expressões chaves de cada contribuição e, em seguida, as ideias centrais. A categorização neste estudo foi feita pelas ideias centrais e não por ancoragens, em virtude da natureza das respostas a abordagem por ideia central foi suficiente para o alcance dos objetivos propostos. Afinal, a consideração por ancoragens carece da identificação de ideologias e sentimentos na fala dos participantes.

A partir das ideias centrais definidas em cada resposta, foi realizado o agrupamento por categorias devidamente denominadas. A quantidade de categorias depende das respostas de cada questão. A partir do próprio software *DSCsoft2.0* foi elaborado gráficos com as respostas por categorias e, a partir das expressões chaves, foi elaborado do DSC para cada categoria.

As categorias de DSCs são inicialmente nominadas pelas letras iniciais do alfabeto e, em seguida, foram denominadas por um termo coerente com as ideias centrais. Na parte I,

houve 21 respostas para pergunta 2 e 17 respostas para pergunta 4, sendo que foi extraído de cada questão quatro DSCs. Na parte II – as respostas foram agregadas com 23 respostas e foi extraído três DSCs. Na parte III, houve 21 respostas para a pergunta 1 e foi extraído quatro DSCs; houve 21 respostas para pergunta 3 e foi extraído três DSCs; e houve 23 respostas para as perguntas 2 e 4, processada agregadas, e foi extraído cinco DSCs.

3.5 Limitações da pesquisa

O presente estudo foi concebido com o propósito de contribuir para a compreensão do processo de desenvolvimento do município de Peixe através de indicadores disponíveis em fontes de dados secundários e, através do pensamento institucionalista, fazer uma análise que transcenda os aspectos puramente econômicos, assimilando a percepção dos atores envolvidos. No entanto, em razão da complexidade do objeto de estudo por agregar variáveis distintas e algumas até imensuráveis, a pesquisa possui limitações.

As disponibilidades de dados é a primeira delas. As fontes consultadas proporcionaram os dados necessários para o estudo, no entanto, alguns indicadores não estão disponíveis a nível municipal mesmo com a seleção dos anos 2000 e 2010, coincidentes com o censo do IBGE. Outro fator a ser considerado é o lapso temporal existente entre a conclusão das obras da UHE Peixe Angical até a realização da presente pesquisa em três aspectos. Primeiro, em relação aos dados secundários em virtude do encerramento de algumas séries de pesquisas entre o período inicial e final da análise. Segundo, a coleta dos dados por meio de entrevistas desafia a memória dos participantes da pesquisa, mesmo com a criteriosa seleção dos entrevistados. E por último, como a instalação do empreendimento hidrelétrico envolve interesses políticos e econômicos, algumas contribuições dos participantes possuem certa cautela nas declarações dada a formalidade em torno da pesquisa.

Outro fator que influencia diretamente na percepção dos entrevistados é a realidade atual do município que passa por uma profunda crise econômica. Além da crise de ordem nacional, o município passa por um período de redução das receitas em virtude da baixa produção da UHE nos anos anteriores para composição do IPM e a falta de agência bancária com dinheiro afeta o mercado local, pois, obrigam as pessoas a se deslocarem até a cidade de Gurupi para receber proventos e por lá fazem compras configurando uma fuga de renda do município. O Banco do Brasil que possui agência em Peixe está operando sem dinheiro vivo em virtude de recorrentes assaltos sofridos.

4 OS GRANDES EMPREENDIMENTOS HIDRELÉTRICOS NO BRASIL E NO TOCANTINS

O Brasil passou por profundas transformações econômicas e sociais no último século, especialmente na segunda metade. A industrialização e um crescimento exponencial das áreas urbanas elevaram a demanda por energia elétrica. Essa situação aliada ao alto potencial hídrico do país são alguns dos fatores que propiciaram a adoção de políticas de investimentos na hidroeletricidade. Sob a égide de políticas setoriais ou planos de investimentos para implantação da infraestrutura necessária à industrialização foram levados a cabo grandes projetos como as usinas hidrelétricas de grande porte (BORTOLETO, 2001).

Esses empreendimentos passaram a serem priorizados pelo governo federal a partir os Planos Nacionais de Desenvolvimento – PND I (1972-1974) e PND II (1975-1979) - criados no regime militar, tendo como suporte o planejamento estratégico, os PNDs ampliaram as bases de desenvolvimento nacional com investimentos na agricultura, pesquisa e na área monetária, além de obras de infraestrutura física como no setor de transporte, corredores de exportação, obras portuárias, estrutura de telecomunicações, polos petroquímicos, usinas nucleares e usinas hidrelétricas (VIEIRA, 2012).

Baseada no represamento das águas e construção de barragens para obter uma altura considerável de modo a transformar a energia potencial da queda d'água em energia elétrica em suas turbinas, a usina hidrelétrica representa um alto custo ambiental e social ao impactar de forma irreversível o espaço natural onde é instalada e o povo que nele habita. Sob o discurso desenvolvimentista, o governo brasileiro e os consórcios construtores enfrentaram a resistência de populações locais e ambientalistas para implantar os grandes projetos que se intensificam a partir de meados da década de 1950. Antes de avaliar a evolução das hidrelétricas no Brasil é preciso compreender quais os tipos e como distingui-las.

As usinas hidrelétricas podem ser diferenciadas por vários critérios como altura da queda d'água, vazão, capacidade ou potência instalada, tipo de turbina empregada, localização, tipo de barragem e reservatório. Este último pode ser de acumulação, que adota o represamento da água, e fio d'água, que geram energia a partir do fluxo de água do rio. Em se tratando da potência instalada, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) adota três classificações: denomina Centrais Geradoras Hidrelétricas (CGH) aquelas com até 1MW (Megawatt) de potência instalada, Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH) com potência entre

1,1 MW e 30 MW e Usina Hidrelétricas de Energias (UHE) as que excedem os 30 MW de potência instalada (ANEEL, 2008).

E dentre as UHEs ainda há outra subdivisão como apresentado por Moretto et al (2012) em suas análises, chamado de UHE de pequeno, médio e grande porte, as com potência instaladas nas respectivas faixas de valores, de 30MW a 100 MW, de 100 MW a 1000 MW e acima de 1000 MW, respectivamente.

A partir do início do século XX, o governo brasileiro passa a experimentar a criação de algumas usinas hidrelétricas de médio e pequeno porte, aproveitando cerca de 1% do potencial hidrelétrico brasileiro na primeira metade do século (SOUZA, 2000). A Tabela 01 apresenta algumas usinas instaladas no período, o ano de instalação e sua potencia.

Tabela 01 – Usinas hidrelétricas instaladas no Brasil na primeira metade do século XX.

Usina	Rio	Estado	Potência Instalada (MW)	Ano
Fontes	Lages	Rio de Janeiro	130	1908
Itapuranga	Sorocaba	São Paulo	56	1912
Ilha dos Pombos	Paraíba do Sul	Divisa RJ-MG	187	1924
Henry Borden	Rio das Pedras	São Paulo	889	1926
Americana	Atibaia	São Paulo	30	1949

Fonte: Informações extraídas de Moretto et al. (2012).

Todas essas usinas foram instaladas na região sudeste, conforme a ordem de industrialização e desenvolvimento do país. Esse potencial é muito pequeno quando analisamos todo o potencial hidrelétrico brasileiro, conforme estimado pela Eletrobrás (1994) em 260 mil MW e o aproveitamento, nas condições atuais, teria chegado a 28,6%, conforme a Empresa de Pesquisa Energética (2011), o que sugere ainda uma capacidade de expansão do número de hidrelétricas pelo território nacional.

A distribuição desse potencial nas bacias hidrográficas brasileiras é distribuída conforme apresentado na Tabela 02. A região amazônica, que compreende as bacias Amazonas e Tocantins, representa a maior parte desse potencial e é a área mais explorada nos projetos recentes.

Tabela 02 – Potencial hidrelétrico estimado por região hidrográfica brasileira.

Região hidrográfica	Potencial hidrelétrico estimado	
	Total por região (MW)	Percentual (%)
Amazonas	105.410	40,5
Paraná	60.378	23,2
Tocantins	27.540	10,6
São Francisco	26.319	10,1
Atlântico Leste	14.092	5,4
Uruguai	13.337	5,1
Atlântico Sudeste	9.617	3,7
Atlântico Nordeste	3.402	1,3
Total	260.095	100

Fonte: Eletrobrás (1994).

A evolução histórica da implantação das usinas hidrelétricas no Brasil pode ser compreendida pelo potencial hidrelétrico disponível que conduz ao benefício do aproveitamento e pelo grau de disciplina e rigor do uso e ocupação do espaço que exige maior complexidade de planejamento. Essa análise feita por Moretto et al. (2012) divide o histórico brasileiro de planejamento espacial de usinas hidrelétricas em quatro grandes períodos:

- de 1950 a 1979: administração dos recursos naturais por meio de códigos que disciplinavam os usos das águas, florestas, minas, pesca etc., dos primeiros planos de uso do solo e de legislações de controle da poluição industrial;
- de 1980 a 1999: criação e regulamentação de instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente, como o licenciamento ambiental, avaliação de impacto ambiental, áreas especialmente protegidas, zoneamentos, planos de gerenciamento costeiro e marinho etc.;
- de 2000 a 2010: fortalecimento do zoneamento ecológico-econômico, criação e regulamentação do Estatuto das Cidades e do Sistema Nacional de Unidades de Conservação;
- de 2011 a 2020: período recém iniciado que acumula o histórico anterior de disciplinamento do uso e ocupação do espaço.

No primeiro período (de 1950 a 1979) com um alto potencial disponível, tem-se a instalação das primeiras grandes usinas localizadas em sua maioria na região sudeste, especialmente as bacias do rio Paraíba do Sul, rio Grande, rio Pardo e rio Paranapanema. Com o destaque para a primeira usina que foi a de Paulo Afonso no rio São Francisco, com 4.113 MW, no ano de 1955. No total, foram instalados cinquenta e sete empreendimentos hidrelétricos no período, somando um total de 26 mil MW, das quais apenas duas usinas foram instaladas na região Amazônica.

O segundo período (de 1980 a 1999) é marcado por incertezas com a evolução da legislação ambiental e houve uma redução no número de hidrelétricas. Com apenas 28 usinas instaladas que somadas possui uma potencia de 14,6 mil MW, sendo apenas três na região

Amazônica. No período priorizou-se a criação de UHE de pequeno e médio porte em virtude dos avanços na política ambiental.

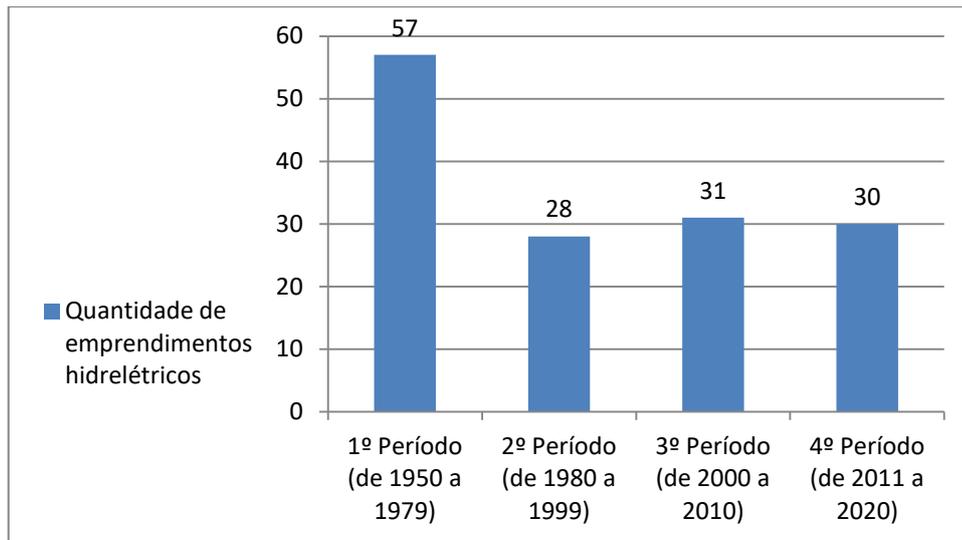
Esse segundo período compreende duas décadas de situação econômica distinta. Enquanto nos anos 80 a economia brasileira pouco avançou, a estabilidade advinda do plano Real, a partir de 1994, conduziu a crescimento econômico considerável e um consequente aumento da demanda energética na década seguinte. E como a oferta de energia elétrica cresceu pouco no período, foi desencadeada a crise do setor energético no fim dos anos 1990. Essa realidade fez com que no terceiro período (de 2000 a 2010) o governo avançasse na capacidade de planejamento hidrelétrico e, mesmo sendo um período de apenas uma década, foram instalados 31 empreendimentos hidrelétricos, com 11,9 mil MW de potência instalada. Dentre os projetos, dez foram na região Amazônica. Em que vale destacar, como contribuição a essa dinâmica, o Projeto Grande Carajás (PGC), que compreende o segundo e o terceiro período.

Por meio da disponibilidade de um elevado volume de recursos, oriundo de empréstimos em instituições financeiras nacionais e internacionais, o PGC foi um mega empreendimento econômico, político e social iniciado na década de 1980. Inicialmente direcionado a infraestrutura básica com a construção rodovias e ferrovias, reforma de portos e aeroportos, o objetivo foi a extração do minério, que seria transportado do sudeste do Pará até o litoral e de lá seguir para outros países. Outra parte do projeto consistia em trabalhar o ferro gusas em empresas no próprio país, por isso foi necessária a construção da UHE de Tucuruí, no Pará, inaugurada em 1984, com o propósito de fornecer energia elétrica a essas siderúrgicas nacionais (SANTOS, 2009).

No último período (de 2011 a 2020) é planejada a intensificação da exploração do potencial disponível na região Amazônica. Dos trinta novos projetos planejados para serem inaugurados no período, dezoito hidrelétricas estão localizadas na região Amazônica.

A Figura 02 apresenta a quantidade de empreendimentos hidrelétricos instalados no Brasil em cada um dos períodos mencionados.

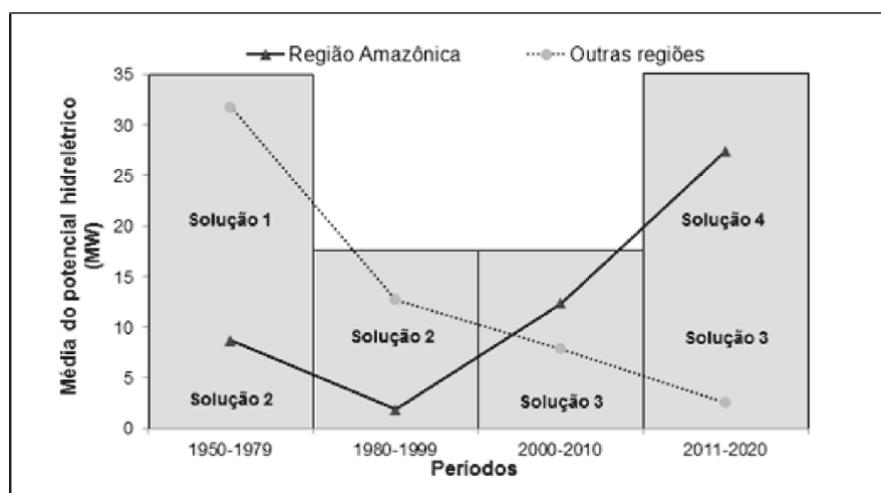
Figura 02 – Quantidades de empreendimentos hidrelétricos por período.



Fonte: Elaborado a partir dos dados de Bortoleto (2001).

Guardada as devidas proporções entre cada período por compreender lapsos temporais diferentes e considerando que o último período envolve as usinas instaladas e planejadas é possível verificar um número expressivo no primeiro período e uma redução significativa no segundo. E quando avaliamos o local desses empreendimentos fica evidente o sentido do sudeste, no primeiro momento, para a região Amazônica em virtude da alta disponibilidade de potencial hidrelétrico, como mostra a Figura 03.

Figura 03 – Tendências e soluções históricas para o planejamento espacial de usinas hidrelétricas brasileiras.



Fonte: Moretto et al. (2012).

Esse avanço histórico da hidroeletricidade no Brasil levou o setor a ser a principal fonte de obtenção de energia elétrica no país. Conforme dados do Banco de Informações de Geração (BIG) da Aneel, existem, em maio de 2018, em operação, 673 CGHs com potência total de 641,527 MW; 427 PCHs com 5039,283 MW de potência instalada; e 220 UHE com uma capacidade total instalada de 95794,468 mil MW. As usinas hidrelétricas, independentemente de seu porte, respondem por 60,27% da potência total instalada no país em relação a todos os meios de geração de energia elétrica.

4.1 Usinas Hidrelétricas no Estado do Tocantins

O Estado do Tocantins está inserido na região hidrográfica Tocantins-Araguaia, a qual, segundo a Agência Nacional de Águas (ANA), corresponde a 10,8% do território brasileiro e, segundo a ANEEL (2008), possuía 44% do potencial hidrelétrico aproveitado, 40% inventariado e 16% estimado, quando foi publicado pela agência o último atlas da energia elétrica do Brasil.

De acordo com os dados da Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins combinado com os dados do BIG existem 7 CGHs, 13 PCHs e 4 UHEs em operação, com potencial hidrelétrico total de 2832,59 MW. Ainda conforme a SEPLAN (2015) existem três unidades em construção e 12 usinas projetadas, somando com as existentes chegará a um potencial hidrelétrico de 9162,79 MW. A Tabela 03 apresenta a relação das Usinas Hidrelétricas em operação no Estado do Tocantins.

Tabela 03 – Usinas Hidrelétricas situadas no Estado do Tocantins

Nome	Tipo	Data Operação	Município	Potência Hidrelétrica (MW)
Estreito	UHE	29/04/2011	Aguiarnópolis	1087
Luís Eduardo Magalhães (Lajeado)	UHE	01/12/2001	Miracema do Tocantins	902,5
Peixe Angical	UHE	27/06/2006	Peixe	498,75
São Salvador	UHE	09/08/2009	Paraná	243,2

Fonte: Elaborado a partir dos dados do Banco de Informações de Geração da ANEEL(2018).

O avanço da hidroeletricidade ocorreu provocando inegáveis impactos socioambientais em virtude do mecanismo adotado de grandes represamentos das águas dos rios e o deslocamento compulsório de comunidades. Esses impactos são vistos e abordados de

maneira antagônica pelos defensores dos empreendimentos e os resistentes a eles. No tópico seguinte, analisam-se os discursos que envolvem o processo de crescimento da hidroeletricidade no Brasil.

4.2 Os discursos que sustentam os Empreendimentos Hidrelétricos

A rápida expansão da energia hidrelétrica no Brasil foi alicerçada por decisões políticas, investimentos externos e empresas construtoras baseadas numa abordagem desenvolvimentista. O discurso que dá sustentação a essa ordem de investimentos, que se intensifica do meio do século passado até os dias atuais, perpassa por vários fatores e evoca um “interesse nacional” em detrimento de particularidades e demandas regionais.

O país experimentou uma rápida industrialização nas últimas décadas, processo esse que exige uma estruturação do setor energético para atender uma demanda crescente e dar condições para a instalação de indústrias e os avanços tecnológicos propostos por mecanismos internacionais. Os debates sobre desenvolvimento que dominavam o mundo nos anos de 1960 e 1970 versavam sobre uma possível difusão do padrão de consumo de uma minoria que vivia em países altamente industrializados às massas de população em expansão dos países subdesenvolvidos mediante o progresso tecnológico defendido pelos economistas de países ricos, essa concepção constitui um esquema sofisticado de acumulação de capital com pouca atenção às questões culturais ou ambientais (FURTADO, 1974).

Colocar o país no radar do desenvolvimento seria então uma exigência ao Estado. Entretanto, a carência por infraestrutura básica exige a inserção de investimentos relevantes. Como é de praxe em países retardatários na corrida para a industrialização, o Brasil fundamenta sua política de crescimento econômico em grandes projetos de infraestrutura, como é o caso das usinas hidrelétricas (MORETTO et al., 2012). Que devido suas dimensões e os montantes de recursos envolvidos são exemplos do denominado Grandes Projetos de Investimentos (GPI) por alguns autores (VAINER e ARAUJO, 1992; BORTOLETO, 2001).

Os GPIs surgem num segundo momento no plano de desenvolvimento regional do Brasil após a etapa inicial focada nas superintendências regionais. Os planos de desenvolvimento nacional como Plano de Metas, Plano Trienal e os Planos de Desenvolvimentos Nacionais não apresentaram uma preocupação com as desigualdades regionais no processo de desenvolvimento do País. A questão regional é inserida nesse contexto efetivamente apenas com a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), fundada em 1959 com o propósito de promover e coordenar o

desenvolvimento da região nordeste, e estendida às outras regiões pelas suas respectivas superintendências como a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), Superintendência de Desenvolvimento da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO) e Superintendência de Desenvolvimento do Sul (SUDESUL). Contudo, não houve um enfoque nas diferenças regionais e sim na totalidade nacional, o que seria um desenvolvimento regional global. Esse modelo seria absorvido mais tarde pelo conceito de pólos de desenvolvimento regional, que pretendia atingir todo o território através de uma política centralizada e implantação dos programas especiais de inserção regional, surge então na década de 1970, após as superintendências regionais terem perdido poder, os programas como o Plano de Integração Nacional (PIN) e o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agropecuária do Norte-Nordeste (PROTERRA). É nesse período que os GPIs se espalham também sem levar em conta as peculiaridades regionais e sem que as sociedades locais conhecessem seus efeitos (VAINER e ARAUJO, 1992).

Enquanto a imensidão do território nacional com um considerável potencial hidrelétrico é uma terra fértil para a instalação de grandes projetos hidroelétricos, o contexto favorável de cooperação internacional é um regador importante para essa sementeira. Os GPIs encontram suporte num cenário de grande disponibilidade e facilidade de acesso a empréstimo e financiamentos de agências internacionais multilaterais aos países subdesenvolvidos (MORETTO et al., 2012). Ou seja, o grande capital entra no jogo e de certa forma há uma ordem econômica dominante que subsidia e impõe a instalação dos grandes projetos. Essa ordem se manifesta concreta e diretamente nos locais de instalação dos GPIs através parcerias entre entidades governamentais, empresas privadas e consórcios construtores. Constituindo o que a Lei nº 11.079/2004 chama de Sociedade de Propósito Específico (SPE) ao regulamentar as parcerias público-privada no âmbito da administração pública e se consolidam com um organismo plural e sinérgico na implantação das usinas (BRASIL, 2004).

As SPEs são frutos de um projeto político neoliberal que age pautada no discurso desenvolvimentista. Essa abordagem iria enfrentar certa resistência com a redemocratização do país e os movimentos sociais que surgem a partir de então. O que provocaria um conflito ideológico de duas perspectivas políticas, o projeto neoliberal e o democrático-participativo (PASE et al., 2016).

Enquanto na perspectiva do projeto neoliberal, “o primado do mercado, enquanto eixo reorganizador da economia é visto como devendo se estender ao conjunto da sociedade”

(DAGNINO; OLVERA; PANFICHI, 2006, p. 55), orientada por preceitos puramente mercadológicos, podendo ser representado aqui pelas SPEs. Na abordagem do projeto democrático-participativo, “a participação da sociedade nos processos de decisão assume um papel central”, sendo vista como “instrumento da construção de uma maior igualdade” e “cidadania”, em que se articulariam demandas específicas de cada grupo social e da sociedade em seu conjunto (DAGNINO; OLVERA; PANFICHI, 2006, pp. 48-52). Na questão das hidrelétricas, este projeto é representado, principalmente, pelo MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), e outras instituições que contestam o projeto de construção de barragens.

Essa resistência vai ganhando terreno a cada projeto instalado e experiências negativas agregadas. Seja por questões ambientais, sociais, indenizatórias ou compensações pelos impactos causados, num contexto democrático e uma crescente preocupação mundial com a preservação do meio ambiente, o discurso desenvolvimentista é confrontado por uma força contrária que exige do governo e empreendedores um jogo de cintura para avançar com seus projetos.

4.3 A voz da resistência aos Projetos Hidrelétricos

Os avanços dos empreendimentos hidrelétricos com seus impactos geraram situações de conflitos de opiniões entre os defensores e contrários. Se de um lado os empreendedores tentam minimizar ou subestimar os impactos provocados pelos empreendimentos baseando se em critérios econômicos, surge de outro lado um clamor por direitos através das populações atingidas, religiosos e ambientalistas que se baseiam em critérios ambientais, sociais e humanitários (REZENDE, 2003).

A preocupação ambiental não foi algo relevante nos primeiros empreendimentos até que na década de 1970 começa a surgir mundialmente uma atenção ao meio ambiente e sua preservação. Apesar do Brasil já possuir normativos sobre a utilização de recursos ambientais como o Código de Águas e Códigos Florestais a partir dos primeiros empreendimentos, o modelo primava pelo controle de poluição industrial e as primeiras usinas hidrelétricas foram instaladas num cenário de pouca disciplina ou rigor na ocupação do espaço (MORETTO et al., 2012). Após um avanço de movimentos sociais e um levante internacional com preocupações com as causas ambientais, os organismos internacionais de cooperação, como o Banco Mundial, passaram a condicionar a concessão e a manutenção de financiamentos para

infraestrutura em países em desenvolvimento à adoção de instrumentos de planejamento e gestão ambiental (SÁNCHEZ, 2006).

Foi então, após pressões internas e externas, que foi criada a Política Nacional de Meio Ambiente em 1981 como o principal marco regulatório que passou a amparar o planejamento e a gestão ambiental brasileira a partir de importantes instrumentos de política ambiental no plano nacional, tais como o zoneamento ambiental, o licenciamento ambiental, a avaliação de impacto ambiental, as áreas especialmente protegidas, os padrões etc. (SOUZA, 2000; SANTOS, 2004; SÁNCHEZ, 2006).

Na ocasião, foi criado o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), instituído pela Lei 6938/1981, que é a Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA). Contudo, a década de 1980 é marcada por incertezas em relação às competências na área ambiental que teria mais esclarecimentos com a promulgação da Constituição Federal em 1988, como a competência municipal em planejamento e gestão ambiental, e a Resolução CONAMA nº 237/1997 que trouxe mais clareza sobre critérios para definição de competência para o exercício da gestão ambiental entre União, Estados e Municípios (MORETTO et al, 2012).

Com o advento da PNMA o licenciamento ambiental passa a fazer parte do ordenamento político administrativo brasileiro para todas as atividades que utilizam recursos ambientais e são potenciais causadores de degradação ambiental. E com a Resolução CONAMA nº 01/1986 é determinado a necessidade de Estudo de Impacto Ambiental (EIA) com a elaboração do respectivo Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) para empreendimentos hidrelétricos com potencial instalado superior acima de 10 MW. A mesma resolução também insere a participação social ao versar sobre a disponibilidade do RIMA à sociedade e previsão de audiências públicas para informação e discussão sobre o projeto e seus impactos ambientais.

Esse avanço normativo e preocupação com a causa ambiental tem se mostrado, no curso da história, uma premissa imprescindível aos empreendimentos hidrelétricos. Afinal, a obtenção da energia hidráulica através de barragens tem se apresentado insustentável a partir de critérios físico-químico-biológicos decorrentes de sua implantação e operação, como abordado por Bermann (2007), que destaca os principais problemas ambientais relacionados às usinas hidrelétricas:

- alteração do regime hidrológico, comprometendo as atividades a jusante do reservatório;
- comprometimento da qualidade das águas, em razão do caráter lântico do reservatório, dificultando a decomposição dos rejeitos e efluentes;

- assoreamento dos reservatórios, em virtude do descontrole no padrão de ocupação territorial nas cabeceiras dos reservatórios, submetidos a processos de desmatamento e retirada da mata ciliar;
- emissão de gases de efeito estufa, particularmente o metano, decorrente da decomposição da cobertura vegetal submersa definitivamente nos reservatórios;
- aumento do volume de água no reservatório formado, com conseqüente pressão sobre o solo e subsolo pelo peso da massa de água represada, em áreas com condições geológicas desfavoráveis (por exemplo, terrenos cársticos), provocando sismos induzidos;
- problemas de saúde pública, pela formação dos remansos nos reservatórios e a decorrente proliferação de vetores transmissores de doenças endêmicas;
- dificuldades para assegurar o uso múltiplo das águas, em razão do caráter histórico de priorização da geração elétrica em detrimento dos outros possíveis usos como irrigação, lazer, piscicultura, entre outros. (BERMANN, 2007, p. 141)

Além da questão ambiental, a questão social também se alavanca com o surgimento de vários movimentos sociais. A partir dos anos 70 surgem novos atores sociais que criaram novos espaços e novas formas de participação e relação com o poder público à revelia do Estado. Não só o movimento popular, mas ainda, instituições da sociedade civil articuladas com a resistência populares e esperançosas por transformações e conquistas em relação à ampliação dos direitos civis e sociais acabaram por influenciar, também, a arena política formal (JACOBI, 2000).

Os movimentos sociais são ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Cabe a esses movimentos a elaboração de diagnósticos sobre a realidade social e a construção de propostas. Por meio da atuação em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social, constituindo e desenvolvendo o chamado *empowerment* de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede (GOHN, 2011). Esses movimentos se fortaleceram ainda mais com a redemocratização do país.

Dentre essas ações coletivas surge o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) em torno dos conflitos que rodeavam os empreendimentos hidrelétricos, inicialmente a partir clamor das populações deslocadas que exigiam indenizações mais justas. Os movimentos começaram a se organizarem em comissões regionais nos locais dos empreendimentos. Os principais locais de luta foram: Tucuruí (PA) no norte, Itaipu (binacional com Paraguai) no sul, Sobradinho e Itaparica no nordeste. E mais adiante, Itá e Machadinho também na região sul. Nessas regiões os atingidos iniciaram com revoltas, lutas por indenização e logo formaram organizações locais e regionais de resistência. Eram as chamadas Comissões de Atingidos, CRAB (Comissão Regional dos Atingidos por Barragens) na região Sul, CAHTU

(Comissão dos Atingidos pela Hidrelétrica de Tucuruí), CRABI (Comissão Regional dos Atingidos do Rio Iguaçu) (MAB, 2017).

A partir das comissões organizadas nas regiões surge um processo de articulação nacional e depois da promoção de encontros nacionais entre os atingidos de várias partes do país foi criado o Movimento dos Atingidos por Barragens como um movimento nacional, popular e autônomo com o propósito de organizar e articular as ações contra as barragens a partir das realidades locais (MAB, 2017).

O MAB passa então a ser um movimento para agregar todos os atingidos defendendo os seus interesses constituindo se como um formador de opiniões na contra argumentação do discurso desenvolvimentista. Em especial no campo ideológico a evolução do pensamento pregado pelo MAB pode ser visto no Quadro 04.

Quadro 04 – A evolução do MAB e seus slogans como bandeira de reivindicação

Situação dos Movimentos	Bandeira de reivindicação.
Fase inicial com as comissões regionais que passou a defender o direito de permanecer na terra.	TERRA POR TERRA
Após a criação do MAB, passou a combater o modelo energético do governo brasileiro.	TERRA SIM, BARRAGEM NÃO.
Após as privatizações do setor energético anos 90, a luta passa a ser contra as grandes empresas e o enriquecimento de alguns poucos em detrimento do meio ambiente.	ÁGUAS PARA A VIDA, NÃO PARA A MORTE.
Com o avanço do capital privado, o MAB reforça seu posicionamento contra o modelo energético brasileiro reivindicando contra a entrega da energia para multinacionais.	ÁGUA E ENERGIA NÃO SÃO MERCADORIAS.

Fonte: Elaborado a partir de informações do MAB

Os slogans são definidos como palavra de ordem do movimento e exprimem a natureza ideológica das reivindicações apontando a direção do discurso a cada momento de

organização do setor energético. Os movimentos que iniciaram com lutas regionais e ganhou uma dimensão nacional com o MAB não foi uma exclusividade brasileira. Em várias partes do mundo surgiram movimentos contrários à construções de barragens. Tanto que essas pressões e as articulações fez com que fosse criada na Suíça, no ano de 1997, a Comissão Mundial de Barragens (CMB), ligada ao Banco Mundial e com a participação de representantes de ONGs, Movimentos de Atingidos, empresas construtoras de barragens, entidades de financiamento e governos.

Em seu relatório final denominado “Barragens e Desenvolvimento – uma nova estrutura para a tomada de decisão”. A CMB (2000) declara que em todo o mundo entre 40 e 80 milhões de pessoas foram deslocados para dar lugar às barragens e que não há nos projetos de construção de usinas hidrelétricas compromisso com os atingidos que são compulsoriamente deslocados.

Enfim, a voz que se levanta contra os empreendimentos hidrelétricos protagonizou um debate de dois polos em que ambas as partes possuem propósitos e argumentos distintos. Apesar da evolução do discurso de oposição às barragens, os movimentos não conseguem reunir força contra os empreendedores, os quais detém o poder político e econômico. Dessa forma, o plano de implantação das usinas hidrelétricas vai se consolidando no território brasileiro carregando consigo várias controvérsias, das quais aborda se a seguir.

4.4 As controvérsias em torno dos Empreendimentos Hidrelétricos

A natureza antagônica dos discursos que envolvem as tratativas a cerca dos empreendimentos hidrelétricos por si só já se configura muito contraditória. No entanto, as maiores contradições relacionadas às usinas hidrelétricas vão além de argumentos e ideologias, elas perpassam por questões técnicas, legais e socioeconômicas.

A questão inicial seria com relação ao próprio argumento usado pelos defensores dos empreendimentos, os quais alegam que o principal motivo de investir na hidroeletricidade é devido ser ela uma fonte energética “limpa, renovável e barata”. É claro que quando comparamos com as usinas que obtém energia a partir de combustíveis fósseis ou outras formas mais poluentes, as usinas hidrelétricas de longe, referindo se ao funcionamento, são menos nocivas ao meio ambiente. Todavia, esse argumento é tendencioso ao desconsiderar os graves danos ambientais com a construção dos reservatórios com o alagamento de terras produtivas. Segundo Bermann (2007), as usinas hidrelétricas construídas até então no Brasil resultaram em mais de 34.000 km² de terras inundadas para a formação dos reservatórios com

a expulsão de cerca de 200.000 famílias ribeirinhas, vítimas do deslocamento compulsório. Essa área de inundação equivale a uma vez e meia o território do Estado de Sergipe. Em se tratando de danos ambientais esse fator é o principal fardo das hidrelétricas devido a deterioração da qualidade da água e a perda dos ecossistemas terrestres e aquáticos, incluindo a biodiversidade e a alteração dos processos (TUNDISI et al., 2006).

Outras argumentações de caráter técnico possuem ainda fundamentos legais. A Lei nº 9.074/1995 define no Artigo 5º, § 2º, que “nenhum aproveitamento hidrelétrico poderá ser licitado sem a definição do ‘aproveitamento ótimo’ pelo poder concedente”. Conceito este definido pela própria lei no § 3º ao considerar o “aproveitamento ótimo, todo potencial definido em sua concepção global pelo melhor eixo do barramento, arranjo físico geral, níveis d’água operativos, reservatório e potência, integrante da alternativa escolhida para divisão de quedas de uma bacia hidrográfica” (BRASIL, 1995). Ou seja, o “aproveitamento ótimo” é o melhor ponto de um rio, do ponto de vista técnico, para a exploração hidrelétrica.

Entretanto, os projetos instalados e planejados são alvo de questionamentos técnicos. Um caso emblemático e que ganhou um destaque negativo foi a usina hidrelétrica de Balbina, instalado no rio Uatumã a cerca de 100 km da cidade de Manaus motivada pela criação da Zona Franca de Manaus, com início das obras no ano de 1973 e conclusão em 1989. Sua implantação é marcada por problemas de ordem técnica. Devido questões geomorfológicas da região, foi necessário o alagamento de aproximadamente 2500 km² de área de floresta para a formação do reservatório, área da mesma ordem de grandeza das hidrelétricas de Itaipú e de Tucuruí. Porém com uma geração de energia elétrica em torno de apenas 1% do gerado em Itaipú, resultando na pior relação entre potência instalada (ou geração efetiva) e área do reservatório existente no Brasil (MORETTO et al., 2012).

Além das contradições técnicas, as maiores controvérsias que rondam os empreendimentos hidrelétricos é a sistemática de deslocamento das populações preexistentes e o regime de indenizações. Principal causa dos conflitos sociais que se instalam junto com os projetos barrageiros. Enquanto os atingidos buscam maximizar o valor das indenizações, o consórcio construtor, por sua vez, procura controlar o processo de negociação, o valor das indenizações e o seu modelo. Os movimentos sociais, especialmente a partir da UHE de Itá, quando os atingidos conseguiram o reassentamento ao invés do valor em dinheiro, passaram a defender essa modalidade com o intuito de manutenção da identidade cultural do povo. Contudo, os empreendedores a passaram a defender o modelo de carta de crédito, opção menos onerosa (ROCHA, 2014).

Não menos relevante também são as contradições a cerca dos empreendimentos instalados e a gênese dos Grandes Projetos de Investimentos, enquanto instrumentos promotores de desenvolvimento para as regiões receptoras. Ao invés de desenvolvimento, os empreendimentos são responsáveis por impactos, como o aumento desordenado da população, desemprego, favelização, marginalização social e degradação ambiental (VAINER e ARAÚJO, 1992).

Dessa forma, a análise do processo de desenvolvimento de uma localidade receptora de um grande empreendimento hidrelétrico, depois de concluída as obras e iniciada a operação, permite compreender se no caso do nosso objeto de estudo a UHE foi fator determinante ou não para o desenvolvimento.

5 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE PEIXE-TO: ANÁLISE DOS INDICADORES SOCIAIS, ECONÔMICOS E INSTITUCIONAIS

O estudo dos indicadores permite avaliar vários aspectos relacionados à comunidade estudada, seja em números absolutos ou proporcionais, permitindo inclusive a abordagem através das comparações. Como proposto pela pesquisa, apresenta-se aqui a evolução dos indicadores relacionados ao município de Peixe por meio das variáveis sociais, econômicas e institucionais. As análises estão voltadas para a primeira década do século XX, compreendendo o período precedente, durante e após a conclusão das obras da UHE Peixe Angical. De acordo com a disponibilidade de dados, em alguns aspectos, extrapolamos esse período para melhor compreender a dinâmica socioeconômica analisada, sendo necessária uma abordagem histórica inicial.

A origem da ocupação da região onde hoje é a cidade de Peixe remonta ao século XVIII, quando o rio Tocantins era o único meio de ligação com outras regiões através da navegação. A primeira atividade a atrair pessoas para a região foi a mineração, tendo a cidade de Peixe como um porto e ponto de apoio aos navegantes que seguiam para outras cidades como Natividade e Porto Nacional. Após o declínio da mineração, a região passa a ter a criação de gado como a atividade produtiva principal, porém sem muito destaque em virtude da dificuldade de acesso. Na metade do século XX, com a política de interiorização do país, a nova capital federal sendo instalada no planalto central e a construção da Rodovia Belém-Brasília, houve um rápido processo de urbanização ao longo do eixo rodoviário com o crescimento ou aparecimento de novos núcleos urbanos às margens da rodovia (BECKER, 1977). As cidades que margeavam o rio Tocantins perdem sua importância. Afinal, o transporte rodoviário passou a ser o principal meio de fluxo de pessoas e riquezas em detrimento da navegação. A cidade de Gurupi, distante 70 km, assume então a função de polo regional.

A região, então, em virtude do baixo custo da terra, foi submetida à expansão da pecuária de corte. Atividade essa compatível com os recursos naturais disponíveis, envolvendo baixo risco, pouca mão de obra e ainda contava com incentivos fiscais e uma relativa facilidade de escoar a produção através da BR-153. Esse foi o panorama até o final do século XX com o crescimento das áreas urbanas após a criação do Estado do Tocantins no ano de 1989. Nesse contexto, passaremos a analisar os indicadores sociais, econômicos e institucionais do município de Peixe entre os anos 2000 e 2010. Desse modo será possível

verificar quais as implicações da construção da Usina Hidrelétrica Peixe Angical, ocorrida entre 2002 e 2006.

5.1 Aspectos Sociais

5.1.1 Dinâmica demográfica

A dinâmica demográfica verificada no período que compreende a construção da UHE indica um crescimento da população urbana. Entre os anos 2000 e 2010, a população urbana cresceu 42,57%, taxa superior à estadual que registrou um crescimento de sua população urbana de 26,92% no mesmo período. Em se tratando da população rural, enquanto o município de Peixe não apresentou mudança significativa com um crescimento de 1,14%, o Estado do Tocantins registrou uma retração de 1,23% no mesmo período. No total da população, Peixe apresentou um crescimento de 18,50%, taxa semelhante à estadual, de 19,68%. A Tabela 04 apresenta o quantitativo da população do município de Peixe e do Estado do Tocantins por situação de domicílio, urbano ou rural, para os anos de 2000 e 2010.

Tabela 04- Participação da população por situação de domicílios, anos 2000 e 2010.

Município/Estado	Participação da população, por situação de domicílio.					
	2000			2010		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
Peixe	8.763	3.672	5.091	10.384	5.235	5.149
Tocantins	1.155.913	858.915	296.998	1.383.445	1.090.106	293.339

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000, 2010).

O crescimento da população urbana verificada no período demonstra que a grande migração ocorrida durante a construção da UHE, pelas pessoas em busca das oportunidades de emprego, provocou um acréscimo populacional mesmo após a conclusão das obras. Isso indica que muitos migrantes que chegaram devido à construção do empreendimento permaneceram na cidade, provocando um aumento populacional desordenado como um dos efeitos desses empreendimentos elencado por Vainer e Araújo (1992).

5.1.2 Saneamento básico

O sistema de fornecimento de água aumentou seu percentual de domicílios atendidos. No ano de 2000, 51,55% dos domicílios eram atendidos com água encanada e passou a ser 59,14% no ano de 2010. Contudo, ainda é significativo o número de domicílios que utilizam poços ou cisternas em sua propriedade como alternativa para evitar o pagamento mensal pelo abastecimento de água (Tabela 05).

Tabela 05 – Forma de abastecimento de água nos domicílios em Peixe-TO nos anos 2000 e 2010

Domicílios particulares permanentes, por forma de abastecimento de água – 2000 e 2010				
Formas de abastecimento de água	2000		2010	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Rede geral de distribuição	1.215	51,55%	1.945	59,14%
Poço ou nascente na propriedade	1.094	46,41%	1.204	36,61%
Outro	48	2,04%	140	4,26%
Total	2.357	100%	3.289	100%

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000, 2010).

Em relação à existência de banheiro de uso exclusivo do domicílio, foi verificado um aumento expressivo do percentual de domicílios com banheiro, passando de 45,06% no ano 2000 para 81,76% dos domicílios no ano de 2010 (Tabela 06). Isso indica uma evolução no padrão das moradias e melhoria na condição sanitária. Embora esteja, nesse quesito, aquém da média estadual, o município se aproximou dos números registrados na Unidade Federativa onde no ano 2001, 74,27% dos domicílios possuíam banheiros e passou para 89,35% no ano de 2011.

Tabela 06 – Relação de domicílios permanentes que possuíam banheiro de uso exclusivo em Peixe-TO nos anos 2000 e 2010.

Domicílios particulares permanentes, por existência e número de banheiros de uso exclusivo do domicílio – 2000 e 2010.

Existência de banheiro de uso exclusivo do domicílio	2000		2010	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Tinham	1.062	45,06%	2.689	81,76%
1	883	37,42%	2.227	67,71%
2	142	6,02%	368	11,19%
3	26	1,10%	75	2,28%
4 ou mais	11	0,47%	19	0,58%
Não tinham	1.295	54,94%	600	18,24%
Total	2.357	100%	3.289	100%

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000, 2010).

Foi constatada uma evolução no esgotamento sanitário, porém, com números inferiores à média estadual no período. Enquanto o Estado do Tocantins contava com 2,39% dos domicílios com rede coletora no ano de 2001 e passou para 15,83% em 2011. Peixe saiu de 0,04% em 2000 para 9,33% no ano de 2010. A maioria dos domicílios ainda possui esgotamento sanitário por outros meios como as fossas rudimentares e verifica-se uma redução daqueles que não possuíam nenhum tipo de esgotamento no período analisado. A Tabela 07 apresenta os quantitativos absolutos e percentuais dos tipos de esgotamento sanitário.

Tabela 07 – Tipo de esgotamento sanitário dos domicílios nos anos 2000 e 2010.

Domicílios particulares permanentes, por Tipo de Esgotamento Sanitário – 2000 e 2010.				
Tipo de Esgotamento Sanitário	2000		2010	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Tinham	1.155	49,00%	2.813	85,53%
Rede geral de esgoto ou pluvial	1	0,04%	307	9,33%
Fossa séptica	150	6,36%	391	11,89%
Outro	1.004	42,57%	2.115	64,31%
Não tinham	1.202	50,10%	476	14,47%
Total	2.357	100%	3.289	100%

Fonte: IBGE - Censo Demográfico(2000, 2010).

E com relação ao destino do lixo houve um expressivo aumento do número de domicílios com coleta de lixo. Enquanto no ano 2000, 428 domicílios tinham o lixo coletado representando um percentual de 18,16% do total, no ano 2010 passou a 1.668 domicílios, o que significa em termos percentuais, 50,71% do total de domicílios existentes, demonstrando que os serviços públicos aumentaram sua cobertura no período.

5.1.3 Pessoas pobres

A avaliação do processo de desenvolvimento regional não pode prescindir do indicador referente ao percentual de pessoas pobres no município. Afinal, a concepção de desenvolvimento econômico como o crescimento do Produto Interno Bruto aliado à melhoria da qualidade de vida perpassa necessariamente pela redução da pobreza e da desigualdade social e da melhor distribuição da renda.

A pobreza está relacionada diretamente com a privação de necessidades básicas como alimentação, moradia, acesso à água potável, saneamento básico, saúde, educação e cultura. Para Crespo e Gurovitz (2002) a concepção de pobreza evoluiu desde a ideia de simples sobrevivência até a noção de obtenção de um regime alimentar adequado, certo nível de conforto e o desenvolvimento de papéis e de comportamentos socialmente adequados.

Amartya Sen descreve pobreza como privação de capacidades que limita o reino de um indivíduo de funções e combinações alcançáveis. Pobreza econômica e pobreza de

capacidades são distintas, mas relacionadas, como visto no sul da Ásia e na África Subsaariana onde as pessoas sofrem de extrema pobreza econômica na forma de rendimentos abaixo da subsistência e pobreza de capacidades na forma de altas taxas de mortalidade infantil (TERJESEN, 2004).

A definição de pobreza adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) está relacionada à renda familiar per capita, assim como o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil que, para o período analisado, define como pobres aquelas pessoas com renda familiar per capita igual ou inferior a 140,00 reais mensais em valores referentes a agosto de 2010. A Tabela 08 apresenta o percentual de pobres para o Brasil, o Estado do Tocantins e o município de Peixe nos anos 2000 e 2010.

Tabela 08 – Percentual de pessoas pobres nos anos 2000 e 2010.

Espacialidade	% pobres no ano 2000	% pobres no ano 2010
Brasil	27,90	15,20
Tocantins	45,18	22,15
Peixe	48,89	25,15

Fonte: PNUD (2013).

A redução da pobreza verificada no período no município de Peixe, embora seja expressiva passando de 48,89% de pobres no ano 2000 para 25,15% no ano 2010, não coloca o município em situação de destaque quando o comparamos com o Estado e com o País, pois, a município apresenta no início e no fim uma diferença semelhante e possui um percentual maior de pobres em relação ao Estado do Tocantins e muito mais ao indicador nacional.

Essa redução da pobreza não pode ser creditada unicamente à existência do empreendimento hidrelétrico. Oliveira e Piffer (2016), ao analisar a conjuntura e o perfil do desenvolvimento social e econômico regional dos municípios do Estado do Tocantins, destacam a importância dos programas de transferência direta de renda do governo federal como o Bolsa Família na redução da pobreza.

E em se tratando da distribuição da renda no período analisado, verifica-se que a desigualdade se acentuou entre os anos 2000 e 2010. Apenas os grupos dos 20% mais ricos aumentaram o percentual da renda enquanto os mais pobres reduziram o percentual da renda apropriada. Ou seja, o grupo daqueles que ganhavam menos passaram a ganhar menos ainda em termos percentuais ao montante dos valores recebido por todos. A Tabela 09 mostra os percentuais da renda recebidos por estratos da população para os anos 2000 e 2010.

Tabela 09 – Porcentagens da renda apropriada por estratos da população para os anos 2000 e 2010.

Porcentagem da Renda Apropriada por Estratos da População – 2000 e 2010		
Estratos da População	2000	2010
20% mais pobres	3,76	1,77
40% mais pobres	11,14	8,04
60% mais pobres	22,67	18,34
80% mais pobres	40,96	34,97
20% mais ricos	59,04	65,03

Fonte: PNUD (2013).

O percentual de pobres e a distribuição da renda por estratos da população demonstram que no período compreendido da construção da UHE Peixe Angical o município de Peixe, apesar da destinação de recursos com o empreendimento, não apresentou uma redução significativa da pobreza que pudesse ser creditada aos investimentos da usina e a desigualdade ainda se acentuou no período.

5.1.4 Despesas com Assistência Social e Previdência

Embora não seja possível analisar a evolução da qualidade dos serviços públicos e bem estar social através apenas do valor das despesas realizadas. Ao verificarmos os valores registrados para a área da Assistência e Previdência, constata-se que não há destaque para o município de Peixe em termos comparativos com valores do Estado do Tocantins. No ano 2000, Peixe apresentou o valor de R\$ 620.357,00 para essa finalidade, o equivalente a 1,39% do Estado do Tocantins, o qual registrou R\$ 44.485.356,00. Já no ano 2010, Peixe gastou R\$ 994.818,00 e o Estado do Tocantins gastou R\$ 192.558.710,00, correspondendo a 0,52% da despesa estadual. Ou seja, a evolução numérica verificada no município foi inferior à estadual, em termos percentuais.

5.1.5 Educação

A taxa de alfabetização no município de Peixe no período analisado, apesar da redução verificada, não apresentou uma oscilação superior a do Estado do Tocantins. No ano de 2000,

dentre os moradores de 10 anos ou mais de idade, 79,29% eram alfabetizados. Enquanto que no Estado esse percentual era 82,81%. Já no ano 2010, o percentual de alfabetizados em Peixe passou para 85,32% e na referência estadual alcançou 88,11%, conforme dados apresentados na Tabela 10. Ou seja, a evolução acompanhou a dinâmica registrada no Estado e o município apresenta uma condição inferior à média estadual nos dois períodos.

Tabela 10 – Porcentagem de pessoas de 10 anos ou mais de idade alfabetizadas nos anos de 2000 e 2010.

Pessoas de 10 anos ou mais de idade alfabetizadas – percentual do total geral, 2000 -2010.		
Município/Estado	2000	2010
Peixe	79,29%	85,32%
Tocantins	82,81%	88,11%

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000, 2010).

O nível de escolaridade da população foi verificado de acordo com a disponibilidade de dados no IBGE. No ano 2000, foi observado o quantitativo de pessoas de 15 anos ou mais de idade por grupos de anos de estudo. Para o estudante que ingressou no ensino básico aos seis anos de idade, aos 15 anos de idade, ele teria pelo menos nove anos de estudo e aqueles com mais idade teria mais anos. Então, esse indicador é um bom parâmetro para verificarmos o número de pessoas que possuem um somatório de anos de estudo compatível com sua faixa etária e, conseqüentemente, apresentarmos como uma determinada região está em relação à educação e à evasão escolar.

O município de Peixe, no ano 2000, apresentou números relativos inferiores à média estadual assim como na taxa de alfabetização. Enquanto o município possuía 22,05% das pessoas sem instrução e menos de um ano de estudo, no Estado do Tocantins esse percentual era de 15,56%. No segundo grupo de um a três anos de estudo o percentual de Peixe (25,56%) também era superior ao do Estado (21,09%). A partir do grupo 4 a 7 anos de estudo, o percentual do Estado superava o do município, demonstrando que os números locais foram inferiores ao do Estado, como apresentado na Tabela 11.

Tabela 11 – Pessoas de 15 anos ou mais de idades por grupos de anos de estudo em números absolutos e percentuais.

Pessoas de 15 anos ou mais de idade por grupos de anos de estudo – 2000				
Grupos de anos de estudo	Peixe		Tocantins	
	Nº Absoluto	Percentual	Nº Absoluto	Percentual
Total	5.762	100%	749.916	100%
Sem instrução e menos de 1 ano	1.270	22,05%	124.198	15,56%
1 a 3 anos	1.473	25,56%	158.191	21,09%
4 a 7 anos	1.731	30,05%	231.155	30,82%
8 a 10 anos	698	12,12%	113.256	15,10%
11 a 14 anos	494	8,57%	102.144	13,62%
15 anos ou mais	36	0,62%	15.717	2,10%
Não determinado	59	1,03%	5.256	0,70%

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000, 2010).

Para o ano de 2010 foi verificado o nível de instrução das pessoas de 10 anos ou mais de idade. Agora agrupados por grau de instrução, novamente os números do município de Peixe apresentam um desempenho aquém do registrado no Estado. Dentre aqueles considerados sem instrução e fundamental incompleto, Peixe apresentou um percentual de 63,36% e no Estado foi de 53,27%. E para os níveis seguintes com pessoas mais instruídas, os percentuais apresentados no município foram todos inferiores ao do Estado, como mostra a Tabela 12.

Tabela 12 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade por nível de instrução no ano 2010.

Pessoas de 10 anos ou mais de idade por nível de instrução – 2010				
Nível de instrução	Peixe		Tocantins	
	Nº Absoluto	Percentual	Nº Absoluto	Percentual
Total	8.575	100%	1.129.714	100%
Sem instrução e fundamental incompleto	5.433	63,36%	601.762	53,27%
Fundamental completo e médio incompleto	1.332	15,53%	183.773	16,27%
Médio completo e superior incompleto	1.192	13,90%	258.079	22,84%
Superior completo	356	4,16%	79.952	7,08%
Não determinado	261	3,05%	6.149	0,54%

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000, 2010).

Outro indicador disponível para o ano de 2010 que coloca a condição do município de Peixe abaixo da média estadual na educação é em relação às pessoas de 10 a 14 anos de idade que frequentavam a escola. Em Peixe o quantitativo total de pessoas nessa faixa etária era de 1.103 pessoas, sendo que 1.041 frequentavam a escola, representando 94,38%. No Estado do Tocantins o total de pessoas de 10 a 14 anos de idade era 144.244 em 2010 e 140.285 pessoas frequentavam a escola, o que corresponde a 97,26% do total (IBGE).

E conforme os dados disponíveis no Portal IBGE Cidades, Peixe apresentava uma taxa de escolarização das pessoas de 6 a 14 anos de idade no ano 2010 de 96,1%, isso colocava o município na posição 101º de 139 municípios do Estado do Tocantins. E com relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que indica a qualidade da educação ao agregar num único índice os resultados de dois conceitos: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações, Peixe obteve, no ano de 2015, nota média de 4.4 para os anos iniciais do ensino fundamental, ficando na posição 80º no estado, e nota 4,2 para os anos finais, colocando o na posição 21º dentre os 139 municípios do Estado do Tocantins.

Os dados disponíveis no Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil apresentados na Tabela 13 reforçam o desempenho do município aquém do parâmetro estadual e nacional, seja em relação á taxa de analfabetismo, o percentual de pessoas de 18 anos ou mais com fundamental completo, o percentual de pessoas de 6 a 17 anos na escola e o percentual de pessoas de 6 a 17 anos no básico com 2 anos ou mais de atraso.

Tabela 13 – Indicadores relacionados à educação do município de Peixe, do Estado do Tocantins e do Brasil nos anos 2000 e 2010.

Indicador	Espacialidade	Ano 2000	Ano 2010
Taxa de analfabetismo – 15 anos ou mais	Peixe	23,31%	16,51%
	Tocantins	18,78%	13,09%
	Brasil	13,63%	9,61%
% de 18 anos ou mais com fundamental completo	Peixe	20,79%	40,07%
	Tocantins	31,35%	52,55%
	Brasil	39,76%	54,92%
% de 6 a 17 anos na escola	Peixe	86,76%	93,44%
	Tocantins	87,6%	93,86%
	Brasil	89,03%	93,19%
% de 6 a 17 anos no básico com 2 anos ou	Peixe	49,29%	23,47%
	Tocantins	39,48%	18,8%

mais de atraso	Brasil	28,28%	19,59%
----------------	--------	--------	--------

Fonte: PNUD (2013).

Esse panorama da educação no município de Peixe demonstra que o sistema educacional local não conseguiu resultados exitosos a ponto de coloca-lo em situação de destaque seja regional ou nacional. Fica evidente que o município seguiu a dinâmica dos entes federal e estadual, apresentando melhorias na educação, porém, permanecendo em patamares inferiores. Dessa forma, os recursos advindos da construção da UHE que representaram aumento da receita municipal não se traduziram em melhorias significativas na educação seja por falta de prioridade na alocação dos recursos ou deficiência na gestão.

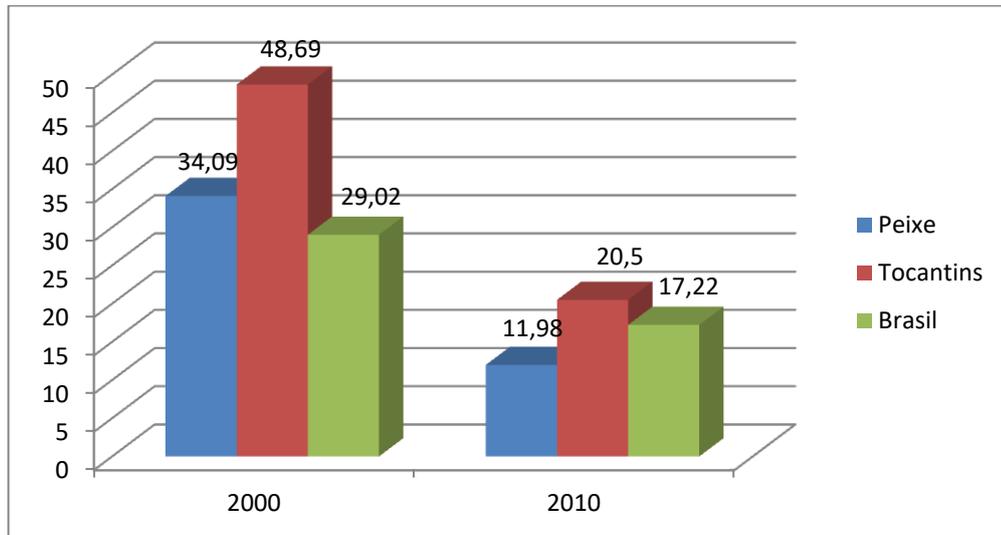
5.1.6 Saúde

A taxa de mortalidade infantil é um importante indicador para avaliar o sistema de saúde por envolver as condições socioeconômicas e ambientais do meio no qual a criança nasce. A redução dessa taxa está relacionada às melhores condições sanitárias, distribuição de renda, melhoria na alimentação, na moradia, nos processos de poluição hídrica ou atmosférica e no nível instrução e informação em relação aos cuidados com saúde e higiene.

As taxas de mortalidade infantil são classificadas geralmente em altas (50 ou mais), médias (20-49) e baixas (menos de 20), em função da proximidade ou distância de valores já alcançados em sociedades mais desenvolvidas. Esses parâmetros devem ser periodicamente ajustados às mudanças verificadas no perfil epidemiológico (DATASUS, 2018).

No ano 2000, o município de Peixe apresentou uma taxa de 34,09 mortes de crianças com menos de um ano para cada mil nascidas vivas e, no mesmo ano, a taxa estadual foi de 48,69 e a taxa nacional foi de 29,02. Foi verificada uma redução significativa no período avaliado, inclusive para o ano de 2010, Peixe apresentou uma taxa menor que a do Estado e do país. Enquanto o município de Peixe registrou uma taxa de 11,98, a taxa de mortalidade infantil no Estado foi 20,5 e a referencia nacional ficou em 17,22. A Figura 04 apresenta as taxas de mortalidade infantil nos anos verificados.

Figura 04 – Taxa de mortalidade infantil do município de Peixe, do Estado do Tocantins e do Brasil nos anos 2000 e 2010.



Fonte: IBGE; SEPLAN (2000, 2010).

A taxa de mortalidade infantil influencia diretamente a expectativa de vida ao nascer, indicador que o município também apresentou números melhores que referência estadual para o período inicial e final da análise. Em Peixe, no ano 2000, a expectativa de vida era de 67,87 anos, enquanto a média estadual era de 66,28 anos e no Brasil era de 68,61. Em dez anos a esperança de vida ao nascer em Peixe aumentou 5,82 anos, alcançando 73,69 anos e no Estado do Tocantins houve aumento de 6,28 anos, chegando a 72,56 anos. Ou seja, o município já apresentava números melhores que o Estado e permaneceu a frente, contudo, a unidade federativa apresentou uma evolução mais expressiva. A Tabela 14 apresenta as esperanças de vida ao nascer para o município, o estado e país.

Tabela 14 – Esperança de vida ao nascer para os anos 2000 e 2010.

Espacialidade	Esperança de vida ao nascer	
	Ano 2000	Ano 2010
Peixe	67,87	73,69
Tocantins	66,28	72,56
Brasil	68,61	73,94

Fonte: PNUD, IPEADATA (2000, 2010)

Esses indicadores são consequências de uma estrutura razoável de saúde no município que conta com um sistema preparado para o atendimento de casos de baixa complexidade

com um hospital e quatro unidades básicas e contava com 68 profissionais da saúde, dentre eles 7 médicos, segundo dados da Secretaria Estadual de Saúde do Tocantins.

5.2 Aspectos Econômicos

A avaliação da dinâmica econômica do município de Peixe no período que compreende a construção da UHE Peixe Angical merece uma atenção especial. Afinal, o empreendimento levou para a região, mesmo que limitado ao período das obras, um fluxo de renda e pessoas como nunca havia acontecido. Os milhares de empregos diretos e indiretos e a migração de pessoas em buscas destas oportunidades alteraram a dinâmica econômica da cidade e por consequência a vida dos moradores. Dentro da nossa análise verifica-se como era a economia antes da UHE e o que mudou após a conclusão da construção, analisando alguns números do período como os empregos, os setores econômicos e as finanças públicas.

O município de Peixe, como já foi mencionado, tinham como atividade econômica mais expressiva a agropecuária. Em especial a pecuária de corte, seguido por lavouras. Conforme dados do Censo Agropecuário para o ano de 1995, Em Peixe a grande maioria dos estabelecimentos agropecuários se dedicavam à pecuária exclusivamente (653) ou à produção mista lavoura e pecuária (121), correspondendo a 87,16% dos estabelecimentos. Em menor número estavam aqueles voltados para lavouras temporárias, seguido pela silvicultura e lavouras permanentes, conforme dados apresentados na Tabela 15. Em relação à condição legal das terras, verifica-se quase uma plenitude de terras próprias e a inexistência de terras ocupadas, indicando que a região, antes considerada área de fronteira, já havia a consolidação da regularização fundiária dos estabelecimentos agropecuários.

Tabela 15 – Estabelecimentos agropecuários relacionados à atividade econômica e à condição legal da terra no ano de 1995.

Número de estabelecimentos agropecuários por grupo de atividade econômica e condição legal das terras - 1995.

Condição legal das terras	Grupo de atividade econômica					
	Lavoura temporária	Horticultura e produtos de viveiro	Lavoura permanente	Pecuária	Produção mista (lavoura e pecuária)	Silvicultura e exploração florestal
Terras próprias	83	1	9	653	121	21
Terras arrendadas	-	-	-	-	-	-
Terras em parcerias	-	-	-	1	1	-
Terras ocupadas	-	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE – Censo agropecuário (1995).

Essa aptidão dos estabelecimentos agropecuários repercute nos efetivos dos rebanhos. Peixe, no ano 2000, contava com um rebanho bovino de 135.300 cabeças, o que correspondia na época a 2,20% do rebanho do Estado do Tocantins, conforme dados do IBGE.

E ao considerarmos os estabelecimentos, conforme a classificação em grandes setores da economia do IBGE, para o ano de 2010, de acordo com a natureza jurídica, Peixe possuía um total de 77 registros, sendo que 58 eram agropecuários, 9 do setor de comércio, 8 no setor de serviços e apenas 2 da indústria. A Tabela 16 apresenta os estabelecimentos para o ano de 2000 para o município de Peixe e para o Estado do Tocantins, demonstrando que no Estado os setores são mais diversificados.

Tabela 16 – Número de estabelecimentos por setor no município de Peixe e no Estado do Tocantins no ano 2000.

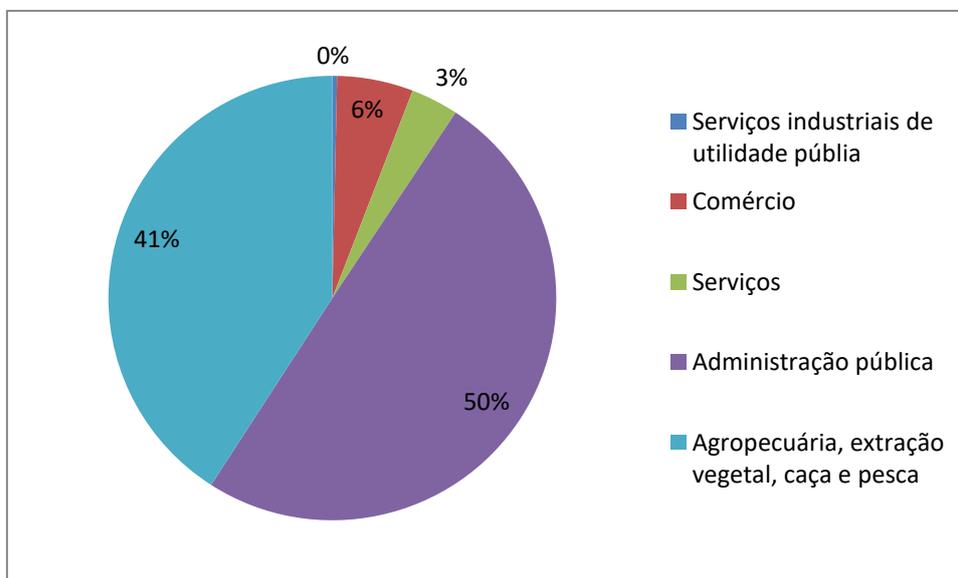
Estabelecimentos por grandes setores – 2000							
Município/ Estado	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Não Classificado	Total
Peixe	2	0	9	8	58	0	77
Tocantins	783	559	3.674	2.464	2.116	1	9.597

Fonte: MTE – Rais estabelecimento (2018).

Os únicos registros do setor industrial referem-se à produção de cerâmica e beneficiamento de arroz, atividades com baixa capitalização e qualificação de mão-de-obra. No comércio, predominam os estabelecimentos varejistas, dedicados à vendas de bens de consumo imediatos, como gênero alimentícios, produtos de higiene e limpeza, produtos farmacêuticos e outros de uso doméstico. E nos serviços destacam-se os estabelecimentos de reparação de veículos e os de cuidados pessoais, como cabelereiros, conforme o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) da UHE Peixe Angical (ENERPEIXE, 2018).

Essa realidade dos setores econômicos é responsável pelos empregos do município. Em que pese a característica dos produtores rurais de contar principalmente com mão de obra familiar, o setor que envolve agropecuária, extração vegetal, caça e pesca contava com 119 empregos do total 291, o que equivale a 41%. O comércio tinha 16 empregados (6%), o setor de serviços 10 (3%) e o setor de serviços industriais de utilidade pública contava com apenas 1 emprego (menos de 1%). O setor que mais empregava era a Administração Pública com 145 pessoas no ano de 2010, correspondendo a 50% do total (Figura 05). O setor agropecuário, segundo maior empregador, possui clara relação com a realidade demográfica do município, que no ano 2000, 58% da população residia na zona rural (Tabela 04).

Figura 05 – Empregos em Peixe por setor da economia no ano 2000.



Fonte: Elaborado a partir de dados do MTE.

Esse destaque para a Administração Pública, como maior empregador, demonstra a dependência em relação ao setor público, conforme conclusões, apresentadas por Oliveira (2015) ao analisar o desenvolvimento regional do território do Estado do Tocantins. Por não

contar com atividades econômicas expressivas, a Prefeitura Municipal geralmente é o maior empregador, realidade que se repete em várias cidades do Estado.

Dessa forma passaremos a analisar como a construção da UHE Peixe Angical alterou a dinâmica da economia no município de Peixe, partindo dos empregos gerados, fator gerador da aglomeração de pessoas e aumento na renda das pessoas.

5.2.1 Emprego

Os empregos gerados pelo empreendimento foram, sem dúvida, o principal fator de alteração da dinâmica da região durante o período de construção da UHE. A geração de emprego é argumento constante nas palavras dos defensores do empreendimento e o responsável pela migração de pessoas a procura de trabalho. A análise da evolução do emprego seguirá os anos de 2000 e 2010 como referências antes e depois das obras. E para a compreensão do lapso temporal que compreende a construção da UHE, o Quadro 05 apresenta o cronograma de execução da UHE Peixe Angical.

Quadro 05 – Cronograma de execução da UHE Peixe Angical

Evento	Data
Mobilização do Empreiteiro	15/04/2002
Suspensão das obras	27/11/2002
Retomada das obras	15/10/2003
Início do concreto da casa de força	09/01/2004
Início da 2ª fase do desvio do rio	28/04/2005
Licença de operação	13/01/2006
Entrada em operação comercial UG1	27/06/2006
Entrada em operação comercial UG1	29/07/2006
Entrada em operação comercial UG1	16/09/2006

Fonte: Enerpeixe (2018).

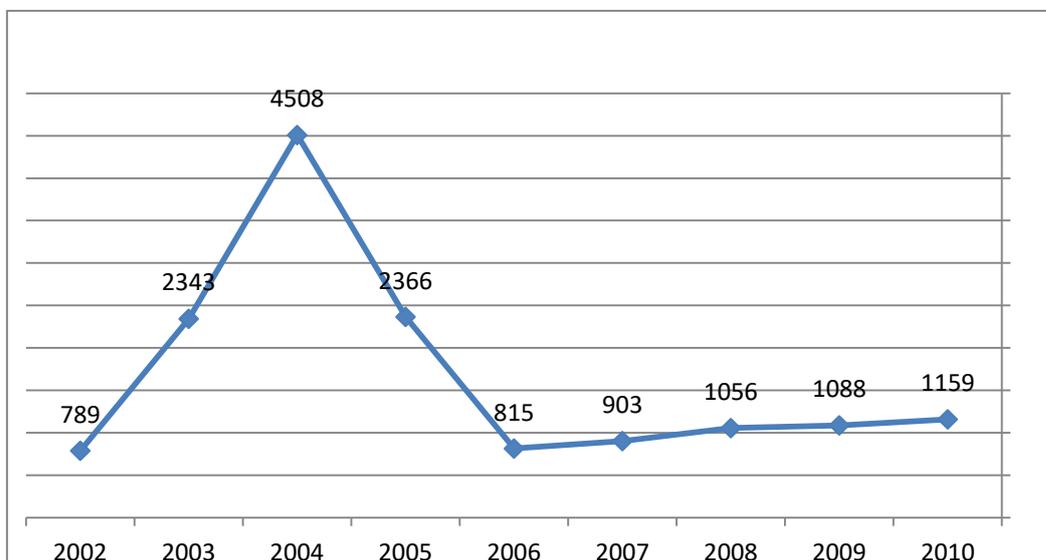
A construção de uma UHE é uma obra de grande complexidade que envolve profissionais de vários níveis técnicos. Desde o setor de serviços gerais, operadores de máquinas, eletricitas, técnicos de diversas áreas, componentes da gestão, engenheiros, dentre outros. A região não dispunha de mão-de-obra especializada e, em muitos casos, as

empreiteiras precisam recrutar e capacitar seus profissionais para desempenhar as funções necessárias.

Essa demanda era uma evidente oportunidade não só para conseguir o emprego, mas também para a profissionalização de moradores da região. O município de Peixe contava com 3.411 pessoas compondo a População Economicamente Ativa (PEA) no ano de 2010, segundo dados do Ipea. E como o número de empregos gerados foi bem superior à oferta de mão-de-obra local, a cidade se tornou um destino de milhares de migrantes, os chamados “barrageiros”, em busca das oportunidades.

Essas oportunidades foram geradas em diversas áreas. Afinal, além dos empregos diretos com o empreendimento também surgiram centenas de empregos indiretos em virtude da demanda elevada pelo acréscimo populacional. Dessa forma, ainda é possível afirmar que os números oficiais dos empregos formais durante a construção da UHE estão aquém do número real em virtude do trabalho informal o que produz um quadro de subnotificação. No entanto, os empregos formais nos permite compreender os setores mais demandados. A Figura 06 apresenta o número total de empregos por ano no período entre os anos de 2002 a 2010.

Figura 06 – Número de empregos por ano em Peixe.



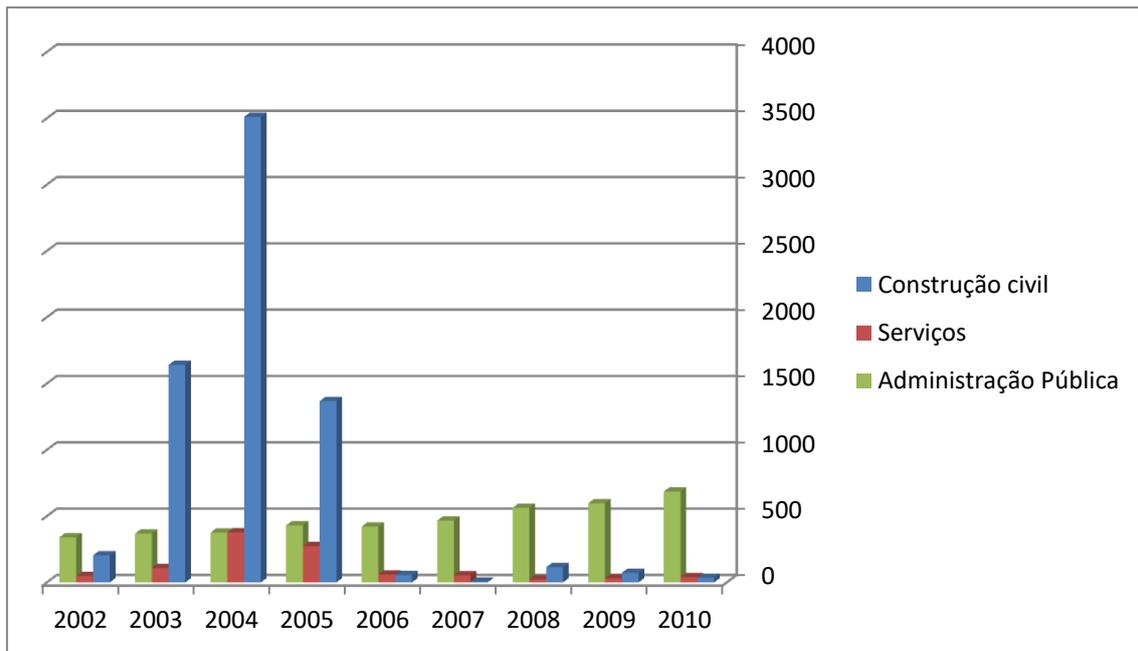
Fonte: Elaborado a partir dos dados do MTE.(2018)

A evolução do emprego na década analisada junto com o calendário de execução das obras da UHE Peixe Angical comprova o pico de empregos gerados pelo empreendimento no período da construção. Seguindo a classificação do IBGE por setores, a construção civil foi o setor que assimilou o maior número de empregados. Nos anos de 2000 e 2001 não havia

vagas no setor em Peixe, em 2002 foi registrado 204, passou para 1.640 em 2003 e alcançou 3.511 em 2004, quando Peixe foi o maior empregador da construção civil no estado, concentrando 41,75% do total de empregos nesse setor em todo o Estado do Tocantins naquele ano. Em 2005 foi registrado 1.367 vagas e a partir de 2006 os números de empregos na construção civil passam a ser inexpressivos.

Outro setor que sofreu uma significativa elevação numérica no período foi o de serviços. Nesse grupo pode-se citar as áreas como transporte, alimentação, cuidados pessoais e empregos domésticos. Ou seja, relacionados às demandas devido o acréscimo populacional. Esse setor chegou, no ano de 2004, a superar administração pública com 377 empregos. A Figura 07 apresenta uma comparação do número de empregos nos setores da construção civil, serviços e administração pública para os anos de 2002 a 2010.

Figura 07 – Números de empregos por ano em Peixe nos setores construção civil, serviços e administração pública.



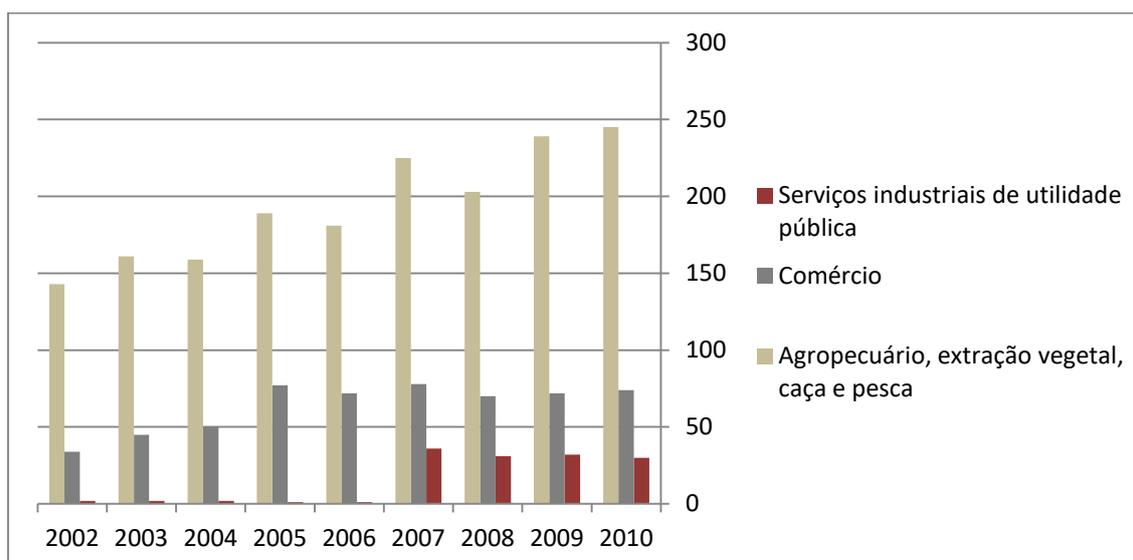
Fonte: Elaborada com base nos dados do MTE.(2018)

No período analisado a administração pública registrou aumento do número de empregos todos os anos. Como o Poder Executivo Municipal é o principal empregador, esse acréscimo está relacionado com o aumento das receitas municipais que possibilitou uma ampliação da máquina administrativa e reforça a relação de dependência da economia com a administração pública. Dependência essa que inclusive se acentuou no período analisado, pois Peixe possuía, em 2010, 685 empregos na administração pública de um total de 1.159,

equivalendo 59,10% do total, enquanto no Estado do Tocantins esse percentual era 47,14%. Ou seja, em Peixe no ano de 2010, a cada 10 empregados, seis estavam na administração pública. Esse percentual no ano de 2000 para o município de Peixe e o Estado era de 49,83% e 50,53%, respectivamente.

O setor que envolve a agropecuária, extração vegetal, caça e pesca não apresentou picos de empregos no período da construção da UHE e, embora apresente um crescimento em termos absolutos no período analisado, reduziu seu percentual em relação ao total de empregos no município, em virtude da particularidade do setor agropecuário de aumentar sua capacidade produtiva sem agregar muita mão de obra devido à mecanização e os avanços tecnológicos. Em 2010 representava 21,14% dos empregos do município, menor que os 41% do ano 2000 (Figura 05). Essa redução é devido ao crescimento significativo do número de empregos na administração pública. O setor do comércio, embora tenha se beneficiado com o fluxo de renda durante as obras, não registrou um crescimento relevante dos empregos no período. Isso ocorre porque a maioria dos comércios locais são empresas de famílias que opera com mão-de-obra familiar. A Figura 08 apresenta um comparativo do número de empregos na agropecuária, extração vegetal, caça e pesca; comércio; e serviços industriais de utilidade pública. Setor este que passou a ter empregos, mesmo que poucos, após a conclusão das obras referentes a vagas criadas para a operação da UHE.

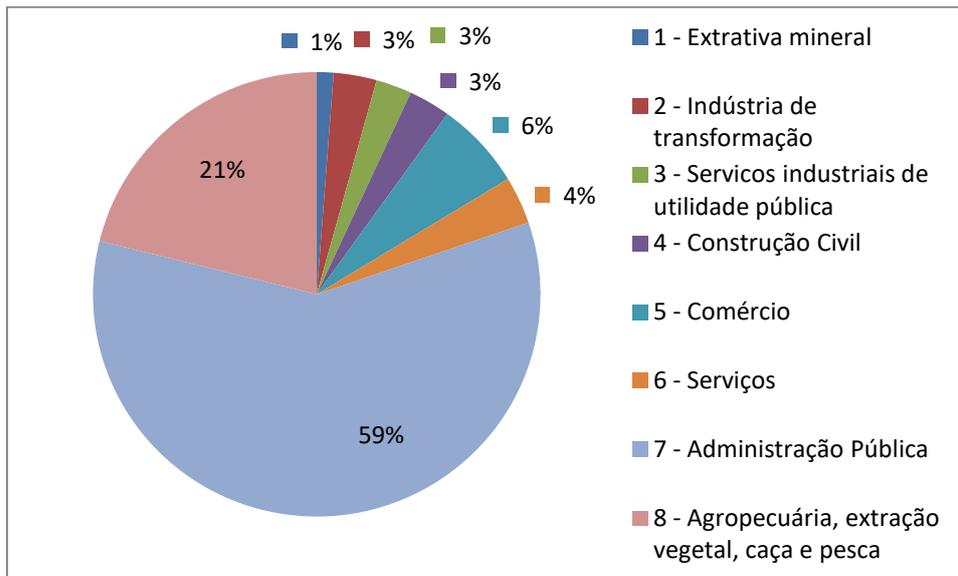
Figura 08 – Números de empregos por ano em Peixe nos setores serviços industriais de utilidade pública, comércio e agropecuário, extração vegetal, caça e pesca.



Fonte: Elabora com base nos dados do MTE (2018)

O setor extrativa mineral não apresentou alteração significativa no período analisado e não chegou a alcançar 5% do total de emprego e o setor indústria de transformação também não apresentou evolução relacionada à construção da UHE. Enfim, no ano de 2010, verifica-se que houve uma diversificação do emprego, porém, sem apresentar crescimento expressivo dos setores e aumentando a dependência da administração pública como apresentado na Figura 09.

Figura 09 - Empregos em Peixe por setor da economia no ano 2010.



Fonte: Elaborado a partir de dados do MTE.(2018)

A evolução do emprego no período, mesmo diante de uma tímida diversificação dos setores, demonstra um agravamento da dependência da administração pública na geração de emprego e renda..Essa realidade ao mesmo tempo em que expressa o enfoque da gestão municipal na elevação de despesas com pessoal como mecanismo político de ampliar a base de apoio e lograr êxito nas eleições, também mostra a limitação do empreendimento hidrelétrico como propulsor para outros setores da economia.

5.2.2 PIB Municipal

O crescimento da economia local em virtude da construção da UHE repercute diretamente no Produto Interno Bruto (PIB) do município, que é a soma dos valores adicionados pelas diversas atividades econômicas acrescida dos impostos líquidos e subsídios. Foi verificado um crescimento do PIB significativo em termos absolutos e relativos ao estado.

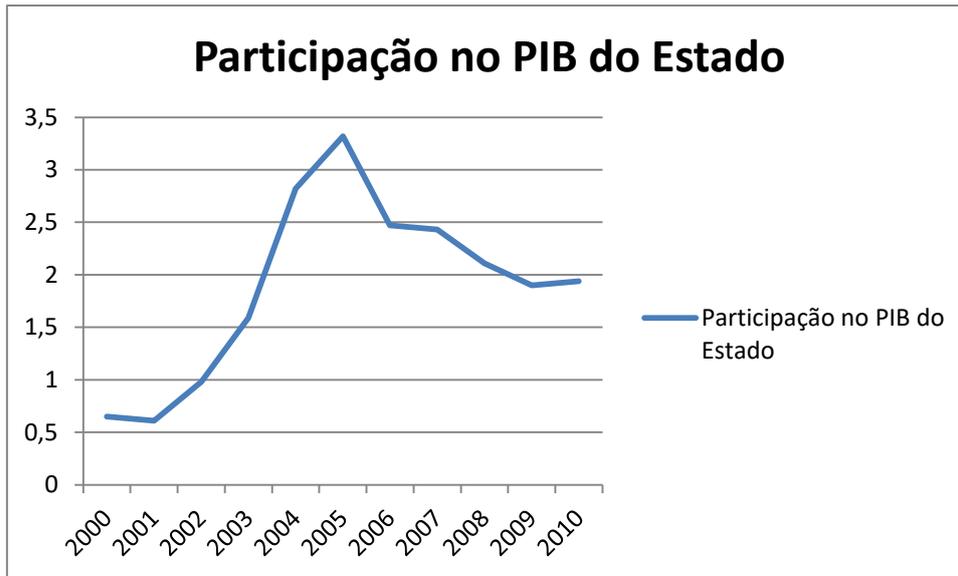
A Tabela 17 apresenta os valores do PIB de Peixe de 2000 a 2010 e sua participação no PIB do Estado do Tocantins. Como era de se esperar, o PIB registra um crescimento acentuado com o início das obras com o destaque para os anos de 2002 a 2004, quando mais que dobrou por dois anos consecutivos, alcançando em 2005 seu ápice. O comportamento é ainda mais expressivo nos números percentuais o que representa a participação do município na Unidade Federativa. Peixe partiu de uma condição em que sua participação no PIB do Estado era inferior a 1% até ultrapassar a casa de 3%, aumentando sua relevância a nível estadual. A Figura 10 apresenta a evolução na participação do PIB do Estado pelo município de Peixe.

Tabela 17 – PIB de Peixe e sua participação percentual no PIB do Estado do Tocantins nos anos de 2000 a 2010.

Produto Interno Bruto a preços correntes de Peixe e sua participação no Estado		
Ano	PIB de Peixe (mil reais)	Participação no PIB do TO (%)
2000	23.845	0,65
2001	29.762	0,61
2002	55.063	0,98
2003	115.074	1,59
2004	233.416	2,82
2005	301.003	3,32
2006	236.791	2,47
2007	269.280	2,43
2008	276.094	2,11
2009	277.202	1,90
2010	333.991	1,94

Fonte: Elaborado com base nos dados do IBGE (2000, 2010)

Figura 10 – Evolução do PIB de Peixe em termos de sua participação no PIB do Estado



Fonte: Elaborado com base nos dados do IBGE (2018).

Esse crescimento em termos relativos é evidenciado no posicionamento do município no ranking do Estado. Peixe era, no ano 2000, o 24º PIB do Estado e ficou no ano de 2010 na 6ª Colocação, perdendo somente para as cinco cidades mais populosas, Palmas, Araguaína, Gurupi, Paraíso do Tocantins e Porto Nacional. E como possui uma população relativamente pequena, o município também se destaca quando falamos e PIB per capita, que é a soma das riquezas dividido pelo número de habitantes. Segundo o IBGE Cidades, no ano de 2016, Peixe apresentou um PIB per capita de R\$ 44.217,32, que era o quarto maior do estado.

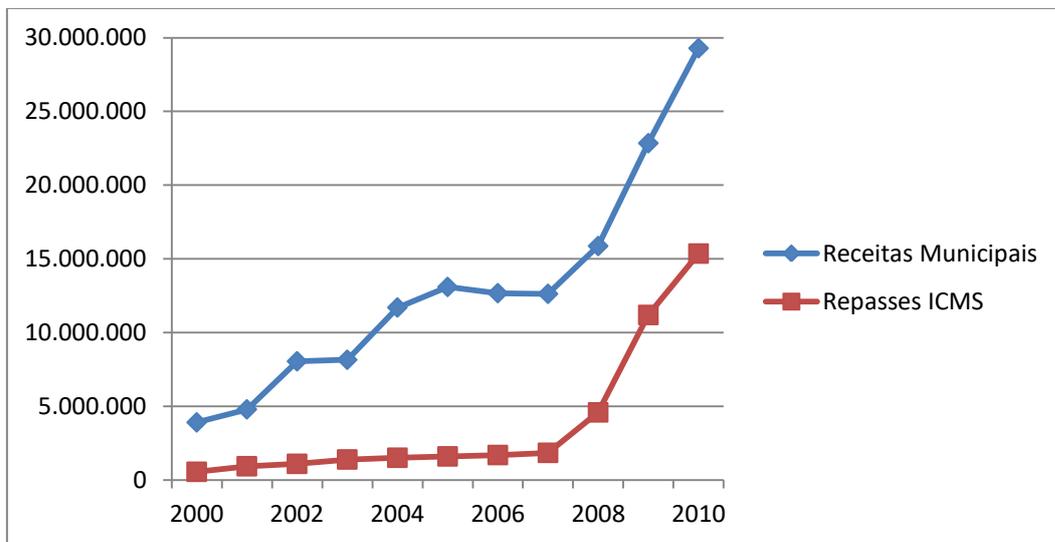
5.2.3 Finanças públicas

A construção da UHE foi significativa para as finanças públicas, pois gerou um incremento de receitas. Assim como o destaque no PIB em nível estadual, o empreendimento hidrelétrico construído em Peixe fez com que o município alavancasse suas receitas, destacando se dentre os outros municípios da Unidade Federativa, os quais em sua grande maioria são custeados pelos repasses da União e do Estado.

Ao se tornar sede da UHE Peixe Angical, empresa geradora de energia elétrica, o município de Peixe percebeu um aumento significativo na parte que lhe cabe do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS). Sendo verificado um aumento no período de 2000 a 2010 de 27,5 vezes o valor do repasse destinado ao município.

E esse repasse passou a ser a parte principal das receitas. No ano 2000, o ICMS representava 14,29% do total das receitas municipais, passando a 52,45% no ano de 2010. A Figura 11 apresenta a evolução do total das receitas municipais e dos repasses do ICMS no período analisado, onde se verifica o aumento do repasse no ICMS coincidindo com o fim da construção e o início da operação da UHE, ou seja, advindo da sua produtividade de energia elétrica.

Figura 11 – Evolução das receitas municipais e dos repasses do ICMS entre os anos 2000 a 2010.



Fonte: Elaborado com base nos dados do IPEADATA.(2018)

O repasse do ICMS trata se de uma determinação constitucional, conforme disposto no artigo 158, inciso IV, da Constituição Federal de 1998, em que destina 25% da arrecadação dessa natureza ao município. A Lei Complementar nº 63/1990 determina que dos 25%, 3/4 deve ser distribuído para o município de origem do recurso e 1/4 cabe ao Estado regular a distribuição aos municípios. Seguindo esses dispositivos, a Lei Estadual nº 2.959/2015 define a distribuição do ICMS e a composição do Índice de Participação dos Municípios (IPM). Esse índice é composto pelo valor adicionado das atividades econômicas, uma quota igual a todos e uma parte referente a população, território e meio ambiente.

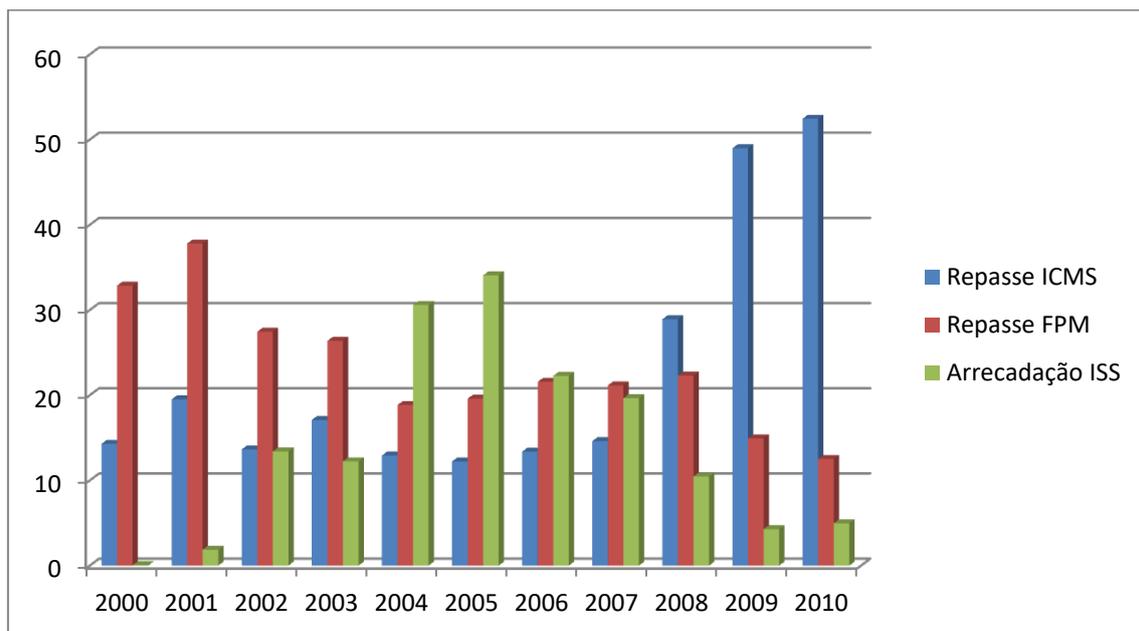
Segundo dados da SEPLAN-TO, para o ano de 2015, a produção da UHE Peixe Angical representava 83,74% do valor adicionado para a composição do IPM de Peixe, enquanto a Pecuária, segunda principal atividade econômica do município, representava apenas 9,89%. Ou seja, a UHE era a principal responsável pelos repasses do ICMS, inclusive

no ano de 2017 o município de Peixe era o 6º colocado em volumes de recursos recebidos dessa fonte.

Outro fator de relevância na composição das receitas municipais é o repasse advindo do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), composto por 22,5% do produto da arrecadação do Imposto de Renda (IR) e Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para fins redistributivo em todos os municípios do País. E como o principal fator para definir a parcela de cada município é o número de habitantes, Peixe não percebeu um acréscimo relevante dessa fonte de receita, reduzindo o percentual das receitas referente ao FPM no período. Enquanto no ano 2000 esse repasse correspondia a 32,86% de todas as receitas municipais, no ano 2010, representou apenas 12,51%. Essa redução percentual se deve ao acréscimo do repasse do ICMS, passando a ser o principal componente dentre as fontes de receitas do município.

E o Imposto Sobre Serviços (ISS), tributo cujo fato gerador é a prestação de serviços, o qual é integralmente destinado ao município recolhedor, representou uma parcela importante das receitas no período analisado, seguindo o comportamento do pico das atividades no período de construção. Isto é, foi verificado que a arrecadação com ISS aumentou significativamente durante a construção da UHE, chegando inclusive, no ano de 2005, a representar 34,07% do total das receitas municipais. A Figura 12 mostra a evolução dos percentuais do ICMS, FPM e ISS nas receitas municipais.

Figura 12 - Percentuais da receita municipal total referente ao ICMS, FPM e ISS.

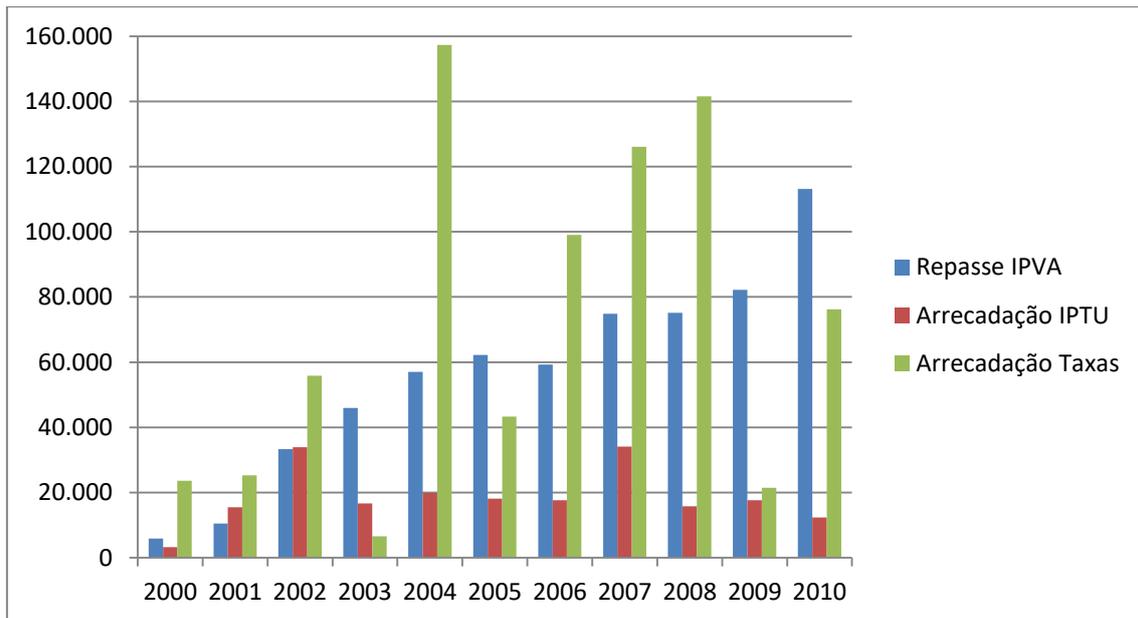


Fonte: Elaborado com base nos dados do IPEADATA.(2018)

Os repasses referentes ao Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) apresentou um expressivo crescimento no período. No entanto, a elevação seguiu a dinâmica estadual, o crescimento da economia do país e não está associada somente com a construção da UHE, embora esteja diretamente relacionada à renda das famílias. E com relação a arrecadação com taxas, as variações estão relacionadas com o desenvolvimento das atividades econômicas no município, apresentando um ápice no ano de 2004, quando houve a maior oferta de empregos na construção da UHE. Já o IPTU não apresentou variação relacionada à UHE e junto com as taxas, estão relacionados à capacidade da gestão municipal no exercício tributário, geralmente pouco eficiente nos municípios do interior do estado e sensível às mudanças de gestão.

Os repasses com IPVA e a arrecadação com taxas e IPTU somados não chegam a representar 2% das receitas municipais. A Figura 13 apresenta valores referentes a essas fontes de receitas para os anos de 2000 a 2010.

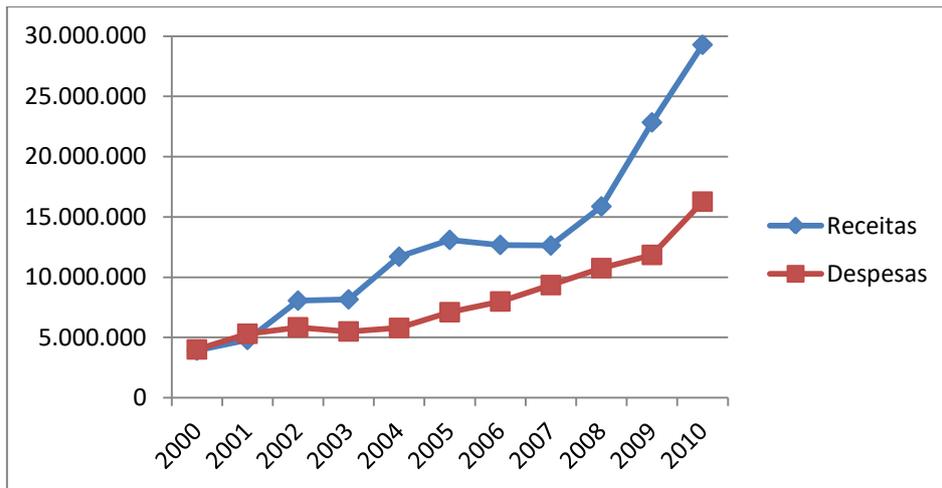
Figura 13 – Receitas municipais referentes a IPVA, IPTU e Taxas por ano.



Fonte: Elaborado com base nos dados do IPEADATA.(2018)

E quando somadas todas as receitas do município no período, compreendendo as receitas correntes e de capitais, comparando as com as despesas, foi verificado que a partir do início da construção da UHE, o município passa a apresentar um saldo positivo, gastando menos do que arrecada. A Figura 14 apresenta o comparativo entre receitas e despesas entre os anos 2000 e 2010.

Figura 14 – Somatórias das receitas e despesas municipais para os anos de 2000 a 2010.



Fonte: Elaborado com base nos dados do IPEADATA.(2018)

Outra fonte de receita percebida pelo município em razão da UHE Peixe Angical advém da Compensação Financeira pela Utilização de Recursos Hídricos (CFURH), conforme disposto na Lei nº 9.648/1998 que garante o recolhimento de 6,75% do valor da energia elétrica produzida a título de compensação financeira por utilização dos recursos hídricos a ser destinado o percentual de 10% para a União, 25% aos Estados e 65% aos Municípios que possuem reservatórios de hidrelétricas. Vale ressaltar que até maio de 2018, os percentuais que cabiam aos estados e municípios era 45% cada, sendo essa alteração vigente a partir da sanção da Lei nº 13.661/2018 pelo Presidente Michel Temer, alterando a Lei nº 8.001/1990.

Essa importância é recolhida pela própria ANEEL e repassada diretamente ao estado e município destinatário do recurso. A compensação começou no ano 2006, quando iniciou a operação da UHE, e não representa um percentual significativo das receitas municipais. Entre os anos de 2007 e 2010, a CFURH destinada ao município de Peixe foi em torno de 225 mil reais em média por ano.

O município de Peixe, dessa forma, percebe um ganho real de receitas no período analisado com boa parte relacionada ao incremento do ICMS referente a produção de energia elétrica pela UHE. Isso faz com que o município diminua sua dependência do FPM como ocorre na maioria dos municípios tocantinoses, permitindo à administração municipal o aperfeiçoamento dos serviços prestados subsidiado pela maior dotação orçamentária, repercutindo positivamente no IDHM.

5.2.4 IDHM

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), adaptado pelo PNUD Brasil, Ipea e a Fundação João Pinheiro, considera as mesmas dimensões do IDH Global – longevidade, educação e renda – adequando a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais. Assim, o IDHM inclui os três componentes: IDHM Longevidade, IDHM Educação e IDHM Renda.

O IDHM varia de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano do município. As faixas de desenvolvimento são definidas conforme a seguinte classificação: muito baixo – de 0 a 0,499; baixo – de 0,500 a 0,599; médio – de 0,600 a 0,699; alto – de 0,700 a 0,799; e muito alto – de 0,800 a 1.

O município de Peixe apresentou uma evolução em seu IDHM do ano 2000 para o ano 2010. Enquanto no ano 2000 o IDHM de Peixe era 0,482, considerado no nível muito baixo de desenvolvimento, no ano 2010 passou a ser 0,674, alcançando o nível médio de desenvolvimento. Embora esteja inferior ao IDH do Estado do Tocantins que registrou 0,525 e 0,699 para os anos 2000 e 2010, respectivamente, o município subiu no ranking estadual saindo da posição 45º no ano 2000 para figurar em 27º em 2010. A Tabela 18 apresenta os valores do IDHM e seus componentes para o município de Peixe e do Estado do Tocantins para os anos 2000 e 2010.

Tabela 18 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e seus componentes – Peixe – TO – 2000 e 2010.

IDHM e componentes	Ano 2000		Ano 2010	
	Peixe	Tocantins	Peixe	Tocantins
IDHM Educação	0,285	0,348	0,555	0,624
IDHM Logenvidade	0,715	0,688	0,812	0,793
IDHM Renda	0,549	0,605	0,679	0,690
IDHM	0,482	0,525	0,674	0,699

Fonte: PNUD, Ipea e FJP.(2000, 2010).

O componente referente à Longevidade é aquele que mais contribui para o IDHM, sempre figurando superior à referência estadual, seguido da Renda e por último a Educação. Esta última foi a dimensão que apresentou o maior crescimento no período com uma elevação

de 0,270, demonstrando uma deficiência histórica na Educação conforme registrado nos indicadores apresentados, em que o município possui desempenho inferior ao parâmetro estadual.

5.3 Aspectos Institucionais

Os aspectos institucionais estão relacionados com fundamento teórico que norteia esta pesquisa, pois, permitiu compreender a matriz institucional num dado momento e sua contribuição para o desempenho econômico. A presente análise verifica dados como comparecimento eleitoral, a existência de conselhos municipais, meios de comunicação, as despesas municipais em educação e cultura, habitação e urbanismo e transporte e infraestrutura e os instrumentos normativos de planejamento urbano.

Com já vimos, as instituições são as regras do jogo e seus empresários são os jogadores (NORTH,1993). As organizações são constituídas por um grupo de indivíduos aglutinados com o propósito de alcançar certos objetivos. Dessa forma as organizações incluem agentes políticos, econômicos e educativos.

5.3.1 Conselhos Municipais

A existência de conselhos municipais “demonstra uma afinidade com o aspecto político-institucional de grande relevância” (CAVALCANTE, 2011). Afinal, as administrações que conta com conselhos permanentes possuem uma base consolidada para o processo de tomada de decisão e as políticas de longo prazo são continuadas mesmo com a alternância da gestão.

Através das informações no portal IBGE Cidades, no perfil dos municípios brasileiros, foi verificado a existência de 7 conselhos municipais no ano 2001 e esse número se repetiu no ano 2011. Contudo, houve alterações nos conselhos com o surgimento de alguns e a extinção de outros. Os conselhos da saúde, educação, direitos da criança e adolescente e meio foram os verificados nos dois períodos analisados. No ano de 2001 foi constatado a existência dos conselhos de assistência social, desenvolvimento econômico e turismo, os quais não existiam no ano 2011. Enquanto os conselhos de habitação, dos direitos do idoso e dos direitos da pessoa com deficiência não existiam em 2001 e passaram a existir em 2011.

Essa descontinuidade dos conselhos municipais demonstra uma instabilidade na política-institucional e indica que o município, na condição de sede de um grande projeto de

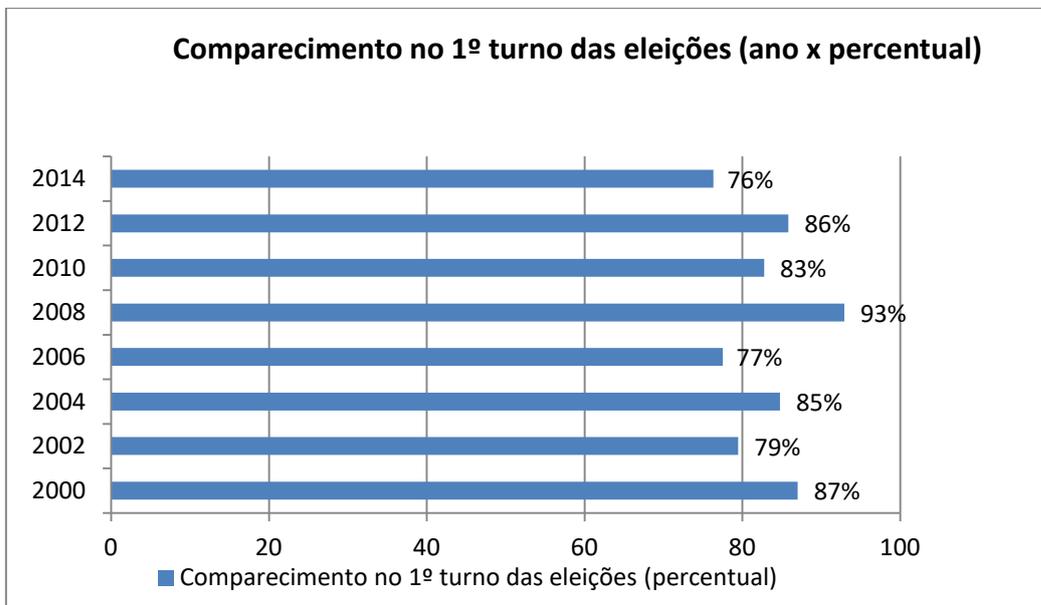
infraestrutura como a UHE, não percebeu no período uma consolidação de sua estrutura de gestão para dar continuidade às políticas públicas.

5.3.2 Comparecimento Eleitoral

A taxa de comparecimento eleitoral verificada nas eleições de 2000 a 2014 indica que não houve um crescimento relevante da participação da população no exercício da cidadania através do voto. Foi verificado que as eleições municipais, ocorridas nos anos 2000, 2004, 2008 e 2012, possuem um maior comparecimento às urnas quando comparada com os pleitos à presidente de república, governador, senador, deputado federal e estadual. A Figura 15 apresenta a taxa de comparecimento eleitoral para todos os pleitos ocorridos do ano 2000 ao ano 2014, ficando evidente o maior comparecimento nas eleições para Prefeito e Vereadores.

Isso ocorre devido a campanha local possuir o componente do contato candidato-eleitor ser mais próximo, desencadeando num envolvimento maior da população, diferentemente da eleição para governador, no pleito para prefeito os candidatos possuem relações mais próximas dos eleitores e há um esforço por parte dos postulantes aos cargos no sentido de conduzir os eleitores às urnas.

Figura 15 – Taxa de comparecimento eleitoral por ano em Peixe.



Fonte: Elaborado a partir dos dados do IPEADATA.(2018)

5.3.3 Meios de Comunicação

De acordo com o Portal IBGE Cidades, o município de Peixe não possuía emissora de rádio e TV, provedor de internet ou rádio comunitário nos anos de 2001 e 2009, conforme os dados disponíveis, demonstrando que o município não conta com meios de comunicação mais sofisticados e não houve evolução nesse sentido com a instalação da UHE.

5.3.4 Despesas municipais

As despesas municipais indicam os setores que agregaram mais investimentos. Em que pese a maioria dos investimentos são determinações legais, a avaliação por rubrica nos permite constatar qual o direcionamento dos recursos municipais e analisar se processo de tomada de decisão está alinhado com o fomento de instituições eficientes para promover o desenvolvimento municipal.

Na área de Habitação e Urbanismo, o município de que apresentou despesa de R\$ 187.596,00 no ano 2000 chegou ao valor de R\$ 1.821.879,00 no ano 2010, o que significa um crescimento em quase 10 vezes. Ao compararmos com as despesas estaduais em Habitação e Urbanismo que registrou R\$ 7,1 milhões em 2000 e R\$ 28,4 milhões em 2010, , ou seja, com acréscimo quatro vezes maior, constata-se que no município essa área recebeu um acréscimo de investimentos em termos relativos ao estado. (IPEADATA, 2018).

Esse acréscimo também foi constatado nas despesas com transporte. Peixe registrou o valor de R\$ 160.250,00 no ano 2000 e chegou a R\$ 1.444.466,00 no ano 2010, representando um aumento em nove vezes nas despesas com transporte, enquanto as despesas estaduais para a mesma rubrica cresceu menos de duas vezes passando de 369 milhões para 685 milhões (IPEADATA, 2018).

Para a rubrica Educação e Cultura, o acréscimo das despesas municipais também foram expressivos no período analisado. Enquanto no ano 2000, Peixe registrou despesa de 1,2 milhão de reais, no ano 2010 chegou a 7,8 milhões de reais, correspondendo a um crescimento de 6,3 vezes no período, constituindo um incremento de despesas maior que o verificado no Estado que registrou um crescimento menor que 3 vezes, sendo 235 milhões de reais em 2000 e 697 milhões de reais no ano 2010. A Tabela 19 apresenta as despesas municipais nos anos 2000 e 2010.

Tabela 19 – Despesas municipais de Peixe nos anos 2000 e 2010.

Tipo de despesa	Valor da despesa em R\$	
	Ano 2000	Ano 2010
Habitação e urbanismo	187.596	1.821.879
Transporte	160.250	1.444.466
Educação e cultura	1.235.581	7.889.240

Fonte: IPEADATA (2018).

O volume de investimentos sob uma gestão de qualidade dos recursos será traduzida em melhoria na qualidade de vida da população e na redução das desigualdades. Costa e Gardner (2017), ao avaliar o efeito da função orçamentária alocativa na redução da desigualdade de renda no Brasil, constatou que os estados e municípios que investiram mais em saúde conseguiram reduzir as desigualdades com maior intensidade, bem como os gastos com educação infantil auxiliaram na redução das desigualdades de renda, justamente a fase da educação que compete aos municípios.

A realização da despesa em si não necessariamente significa aperfeiçoamento na prestação do serviço público ou garantia de resultados compatíveis com os investimentos. O acréscimo na despesa com educação e cultura, proporcionalmente superior aos gastos estaduais, vão de encontro aos indicadores educacionais apresentados os quais coloca o município abaixo das referências estaduais. No entanto, o alcance de melhores resultados depende da eficiência da gestão. E o município de Peixe apresentou um índice mediano de eficiência no estudo feito por Santos, Paixão e Oliveira (2018) ao analisar a eficiência dos gastos públicos com educação básica municipal no estado do Tocantins.

5.3.5 Instrumentos normativos

A teoria institucionalista defende que o desempenho econômico depende de boas instituições, que definem a estrutura de incentivo das sociedades e da economia. Elas são restrições concebidas que estruturam as interações humanas, sendo constituídas por restrições formais (regras, leis, constituições) e informais (normas de comportamentos, convenções e códigos de conduta auto impostos) e de suas características impositivas (NORTH, 1993).

Os aspectos informais das instituições estão ligados aos costumes e as práticas socialmente aceitas e os aspectos formais são as leis e normas propriamente. Então, o ordenamento jurídico, ao incentivar e restringir condutas, constitui uma parcela significativa da matriz institucional e norteará as ações das organizações. A gestão municipal está submetida à uma complexa estrutura legal que restringe e guia as ações dos prefeitos. Instrumentos como Plano Plurianual, Lei de Diretrizes Orçamentárias, Lei Orçamentária Anual e Lei de Responsabilidade Fiscal constituem os aspectos formais das instituições, colocando a gestão local sob um regramento definido na gestão fiscal. E ainda há dispositivos legais que exigem à gestão municipal a execução de algumas políticas públicas ou a alocação dos recursos em determinadas áreas.

A determinação legal pode compor a estrutura de incentivo e guiar as ações. Um exemplo estadual de regulamentação legal compondo as instituições que incentivam as ações da gestão municipal é o ICMS ecológico, conforme citado, estabelecendo critérios relacionados à política ambiental do município para compor a parcela a ser recebida.

Dessa forma, a avaliação institucional precisa compreender a estrutura normativa do município, através da legislação municipal e dos instrumentos de planejamento. A existência dos dispositivos demonstra a capacidade dos políticos locais no exercício legislativo, geralmente muito precário nas cidades pequenas do interior. Vieira, Silva e Duarte (2010), ao analisar a eficiência das câmaras legislativas municipais de todo o país, constatou que a eficiência aumenta à medida que aumenta a escolaridade média dos vereadores e que o acréscimo no PIB per capita, controversamente, reduz a eficiência.

Essas conclusões estão coerentes com a realidade do município de Peixe que houve um aumento significativo no PIB per capita e possui um déficit do nível educacional da população, repercutindo também na escolaridade dos vereadores. O Quadro 06 apresenta a existência dos dispositivos normativos, ficando evidente a carência de normas e dispositivos legais e que não houve evolução após a conclusão da UHE Peixe Angical.

A temática orçamentária é a que possui seus dispositivos legais verificados nos dois períodos, no entanto, isso é fruto de exigências legais externas ao município e não configura iniciativa local. No geral, há uma lacuna de leis municipais, demonstrando a fragilidade das instituições locais por meio de mecanismos legais para incentivar, regular ou orientar as organizações.

Quadro 06 – Relação de dispositivos legais existentes em Peixe nos anos 2001 e 2012.

Legislação e Instrumento de Planejamento no município	Existência	
	Ano 2001	Ano 2012
Lei Orgânica Municipal	Sim	Sim
Plano de Governo	Não	Não
Plano Plurianual	Sim	Sim
Lei de Diretrizes Orçamentárias	Sim	Sim
Lei de Orçamento Anual	Sim	Sim
Plano diretor	Não	Não
Lei de perímetro urbano	Sim	Sim
Lei de parcelamento do solo	Não	Não
Lei de zoneamento ou equivalente	Não	Não
Legislação sobre áreas de interesse especial	Não	Não
Código de obras	Sim	Não
Código de posturas	Sim	Sim
Código de Vigilância Sanitária	Não	Não
Lei de solo criado	Não	Não
IPTU progressivo	Não	Não
Transferência de potencial construtivo	Não	Não

Fonte: IBGE Cidades.(2019).

A análise dos indicadores na década que compreende a construção da UHE Peixe Angical permitiu avaliar, em termos estatísticos, o processo de desenvolvimento do município de Peixe nas fases anterior e posterior à construção do empreendimento nos aspectos sociais, econômicos e institucionais. No entanto, a abordagem meramente quantitativa não consegue traduzir a complexidade relacionada à vida da comunidade local. As percepções daqueles que vivenciaram as transformações provocadas pelo empreendimento eleva a compreensão do processo de chegada e estabelecimento da usina, bem como suas implicações. A seguir serão analisados os discursos dos atores locais, na perspectiva da representação social de Moscovici (2009).

6 AS VOZES DOS ATORES LOCAIS: AS PERCEPÇÕES EXPRESSAS PELO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Este capítulo apresenta, por meio das falas dos atores envolvidos, os Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) sobre como a UHE alterou o modo de vida da população peixense em seu período de construção e o legado deixado pelo empreendimento, após mais de uma década da conclusão das obras e início da operação. Esse Sujeito Coletivo, composto por atores políticos, econômicos e sociais, vivenciou desde a expectativa da chegada do empreendimento, passando pelo fervor da dinâmica em torno do canteiro de obras até entrada em operação da UHE.

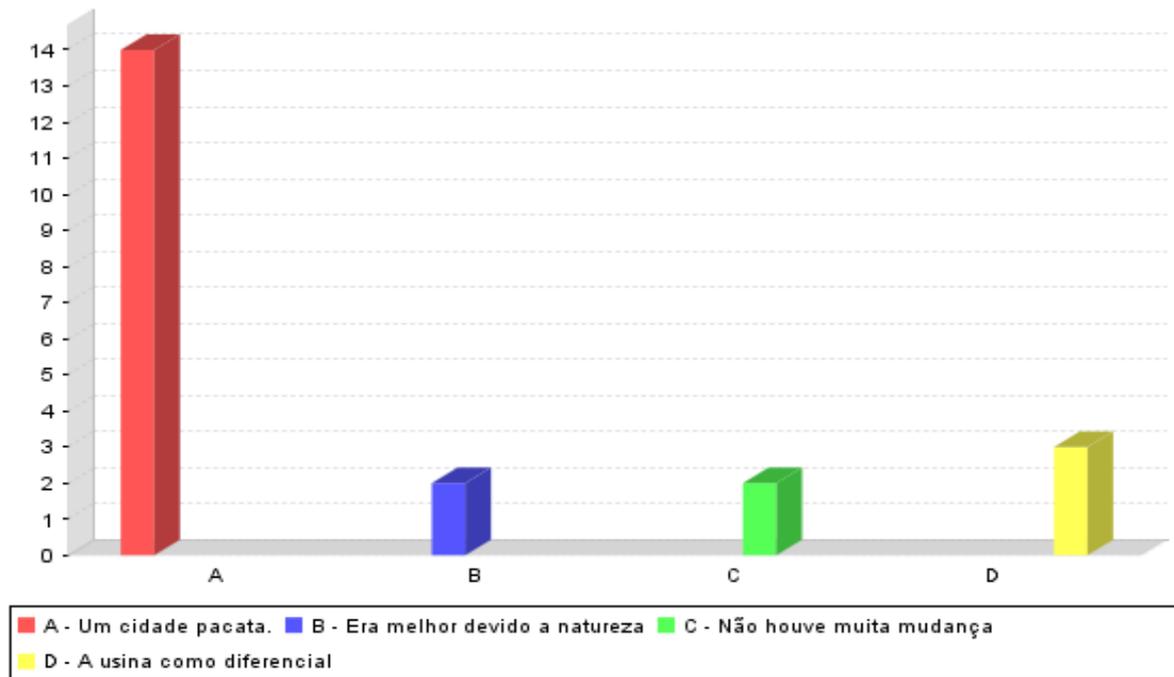
6.1 Análise do discurso do sujeito coletivo – Parte I: sobre o entrevistado

O objetivo da Parte I da entrevista foi conhecer o entrevistado, sua relação com a cidade de Peixe, as funções que desempenhou e sua percepção de como era a vida antes e depois da construção da UHE Peixe Angical. A pergunta nº 1 - Me fale de sua vida, o (a) senhor(a) sempre morou em Peixe? – foi feita com intuito de conhecer a relação do entrevistado com a região desde o período prévio à construção da UHE e a pergunta nº 4 – O (a) senhor(a) exerceu algum cargo político, de liderança social ou foi dono ou gerenciou alguma empresa ou comércio? – foi útil para identificar a vivência funcional do entrevistado de modo a agrupá-los dentre os atores políticos, econômicos ou sociais.

Das demais perguntas que compõem a primeira parte da entrevista extraíram-se os DSCs que dizem como era a vida antes da construção da usina e o que mudou depois. Da pergunta nº 2: como era viver aqui antes da construção da usina? Chegou-se a quatro categorias: Categoria A – uma cidade pacata; Categoria B – era melhor devido a natureza; Categoria C – não houve muita mudança; e Categoria D – a usina como diferencial.

Dos 21 entrevistados que responderam essa questão, 14 (66,67%) relatam que Peixe era uma cidade pacata, 2 (9,52%) declararam que era melhor devido a natureza, outros 2 (9,52%) acreditam que não houve muita mudança e 3 entrevistados (14,29%) definem a usina como um diferencial para o município. A Figura 16 apresenta as respostas por categorias de DSCs.

Figura 16 – Categorias de respostas para a pergunta: Como era viver aqui antes da construção da usina?



Fonte: Resultados da pesquisa.

Percebe-se pelas respostas a este questionamento que a maioria remete ao período prévio à UHE se lembrando do estilo de vida pacata em Peixe. Em suas declarações são enfatizados o modo de vida das pessoas, quando todos se conheciam, não tinha violência, embora num contexto sem desenvolvimento. A seguir é apresentado o DSC – Categoria A – uma cidade pacata:

Era normal, tranquilo como sempre cidade de pequeno porte e poucos habitantes, a cidade toda vida foi uma cidade pacata, aonde as pessoas se conheciam, uma cidade que não tinha violência, as pessoas todo mundo amiga, então era muito bom viver na cidade de Peixe, embora, no que se refere à questão do desenvolvimento, era uma situação bem precária.

A cidade era menor, agente conhecia todo mundo, eu achava melhor na época antes da usina vir pra cá, o Peixe era melhor pra se viver.

Era muito parado, realmente era sem desenvolvimento, era bom pras famílias, pacato.

Era muito bom, você dormia com as portas aberta, não existia esse fluxo que temos hoje de droga, não existia violência, nessa época não tinha nada, só tinha mais gente humilde que era da própria terra.

Era um modo simples, uma cidade pacata, comércio muito fraco, porque nós somos praticamente dependentes de Gurupi pelo fato de Gurupi estar numa BR, em nível de emprego é só Prefeitura e Estado, e alguma coisa de propriedade rural, o cara exerce cargo de vaqueiro, gerente de fazenda, mas isso é muito pouco.

Era uma vidinha muito parada, mas era muito bom, muito alegre, muito divertido.

Era um completo marasmo, era uma cidade tipicamente interiorana, aqui não tinha movimento, não tinha nada.

Na categoria B, os entrevistados enfatizam a preservação da natureza de outrora, como fator relevante para o modo de vida das pessoas, atribuindo à existência da UHE a mudança na dinâmica dos mananciais. O DSC – Categoria B – era melhor devido a natureza foi definido com a seguinte fala: “Antes da usina, a gente tinha um certo privilégio, porque a pesca era melhor, os córregos todos tinham peixe, não secavam tanto, era bom em termos da natureza, mesmo não tendo a facilidade que tem hoje, era melhor por causa da natureza”.

Os DSCs das Categorias A e B traduzem a realidade do município no momento prévio à chegada do empreendimento. O modo de vida tranquilo e o destaque aos recursos naturais disponíveis como a pesca estão coerente com o cenário econômico voltado para a agropecuária, em especial a pecuária de corte, em que os detentores das maiores propriedades rurais residem em outras cidades e um comércio local “fraco” e dependente da cidade vizinha Gurupi demonstram que as instituições, enquanto estrutura de incentivos para a sociedade e a economia (NORTH, 1993) não proporcionavam uma dinâmica de desenvolvimento.

Na categoria C, os entrevistados não acreditam que houve mudança no modo de vida das pessoas antes e depois da construção da UHE, defendendo que a construção do empreendimento não representa evolução na dinâmica socioeconômica do município. O DSC – Categoria C – não houve muita mudança, ficou da seguinte maneira:

Eu entendo que não houve muita mudança com a construção da usina, no nosso comércio que sempre foi um comércio fraco, continua sendo fraco, a pobreza, o nível de vida da nossa população mais carente continua como todo o Tocantins, eu não percebi grandes mudanças na vida do pessoal do Peixe, não mudou muita coisa não.

E por fim, na Categoria D, os entrevistados veem o empreendimento hidrelétrico como um fator diferencial para o modo de vida das pessoas. O DSC – Categoria D – a usina como diferencial é apresentado a seguir:

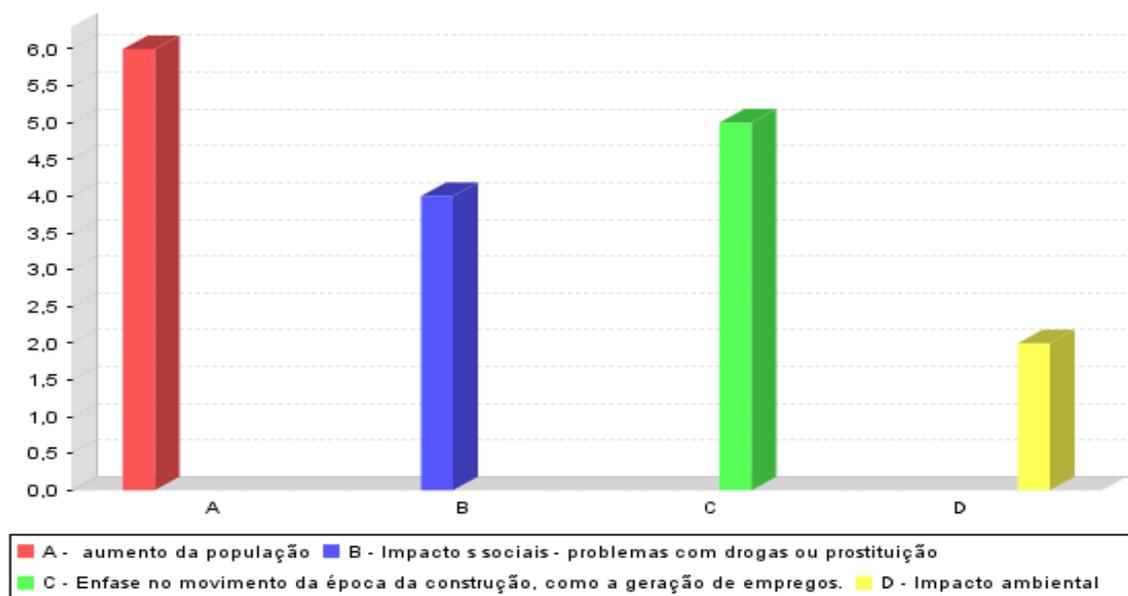
Todo mundo tinha uma expectativa na construção da usina, criou-se uma expectativa que as coisas aqui melhorariam, no tempo que começou a usina, foi aquela muvuca, aquele movimento e teve uma cidade que cresceu desordenada e favelada, teve benefício, mas teve também muitas coisas adversas à realidade que a gente pensava. a usina realmente foi um diferencial muito grande aqui, na nossa cidade, mas financeiramente pro município foi muito bom.

A partir das respostas da pergunta nº 3 - Agora me fale o que mudou? – foi extraído quatro categoria de DSC: Categoria A – aumento da população; Categoria B – impactos sociais, problemas com drogas e prostituição; Categoria C – ênfase no movimento da época da construção, com a geração de empregos; Categoria D – impacto ambiental.

Dos 17 entrevistados que responderam essa questão, 6 (35,29%) compreendem que houve um aumento populacional mesmo após a conclusão das obras, 4 (23,53%) declaram

que ficaram muitos impactos sociais relacionados a problemas com drogas e prostituição, 5 (29,41%) enfatizam o movimento gerado no período da construção com a geração de empregos e 2 (11,76%) fala dos impactos ambientais deixado. A Figura 17 apresenta as categorias de respostas para a pergunta nº 3.

Figura 17 – Categorias de respostas para a pergunta: Agora me fale o que mudou?



Fone: Resultados da pesquisa.

Em concordância com os indicadores demográficos que apontaram um crescimento da população urbana em Peixe, o DSC da Categoria A, extraído das respostas analisadas, declara uma percepção do acréscimo da população, aonde muitas pessoas que chegaram para trabalhar nas obras da usina se estabeleceram em Peixe, constituíram famílias e se tornaram moradores da cidade. Essa percepção está intimamente ligada à resposta predominante da pergunta anterior. Afinal, o Sujeito Coletivo que antes vivia numa comunidade pacata, em que todos se conheciam e era muito tranquilo, agora convive com pessoas desconhecidas, das quais não se sabe suas origens, de quem são filhos, onde foi sua infância, ou seja, alterou as relações sociais preexistentes. A seguir é apresentado o DSC – Categoria A – aumento da população:

Ficou muita gente mesmo daquele tempo da construção da usina, então a cidade deu uma evoluída um pouco também.

O que eu notei aqui que mudou muito foi em questão de hábitos inclusive culturais, foi que uma quantidade muito grande de pessoas que vieram em razão do empreendimento fixaram moradia na cidade. Houve um acréscimo muito grande populacional até por causa dos negócios de varejo que vieram em torno do empreendimento.

Bom, depois da construção da usina, o Peixe mudou, né? Primeiro com muita gente que veio pra trabalhar na obra e ficou aqui, a cidade cresceu bastante, né? A criminalidade aumentou uma coisa assustadora, né? Devido a isso aí. Quase a mesma coisa, aumentou pouco só a população que foi muita gente que veio no tempo da usina e ficou aqui, criou família aqui, hoje mora aqui.

Na categoria B, os respondentes salientam os impactos sociais relacionados a problemas com drogas e prostituição, inclusive atribuindo diretamente à UHE e o fluxo migratório por ela gerado. Essa categoria do DSC possui certa relação com a categoria anterior, porém, com uma conotação mais negativa da concentração de pessoas e a ocupação desordenada do ambiente urbano. O DSC – categoria B foi assim elaborado:

É, após a construção da usina a gente tem alguns problemas com droga, com prostituição. Mudou porque deixou muito impacto social não reparado. A gente costuma falar assim que Peixe não é mais a Peixe que era antes, né? Em virtude de muita droga na cidade, são crianças que são usadas por traficantes pra traficarem, inclusive aos redores das escolas, hoje em dia jovens, adolescentes não querem saber o que vai acontecer amanhã não, e por isso muita prostituição e etc.

Na categoria C, a fala do Sujeito Coletivo dá ênfase na geração de empregos durante as obras da UHE e o fluxo de pessoas no período, ressaltando aquilo que está fixado na memória coletiva, o grande movimento de pessoas e o fluxo de renda como nunca antes numa comunidade tradicionalmente pacata. A seguir, apresenta-se o DSC da Categoria C – ênfase no movimento da época da construção, com a geração de empregos:

Mudou, a usina trouxe 4 mil homens pra cá na época, entendeu? Aqui tinha 4 mil homens trabalhando aqui. na época eu acho que, se não me engano, tinha mais de 40 ônibus aqui fazendo o transporte desse pessoal aqui, mas no período movimentou a cidade, era 4 mil homens aqui, inclusive que recebiam pagamento aqui na cidade. Durante a construção teve algumas alterações, na construção gerou bastante emprego pras pessoas que moravam aqui, trouxe muita riqueza pro comércio, os comércio se expandiram, no urbano teve abertura de vários loteamentos, a gente, né, presenciou aqui uma movimentação bem expressiva da economia local, muita gente empregada inclusive das cidades vizinhas, na época da construção mudou, porque a população quase que dobrou, Mas pra mim, acho que foi muito bom.

E na categoria D, os respondentes salientam os impactos ambientais deixados pelo empreendimento como fator determinante na mudança do modo de viver da comunidade, como o controle da vazão da barragem e, por consequência, do nível do rio. Assim ficou o DSC da Categoria D – impacto ambiental:

Hoje a gente vê uma dificuldade de quando a usina fecha a comporta no verão, o rio seca, a gente atravessa ele sem precisar de canoa, a pé mesmo andando, o pessoal que mora na beira do rio que às vezes necessita daquele rio pra poder sobreviver fica difícil, abalou muito com a nossa natureza.

Embora a questão ambiental não seja o propósito da presente pesquisa, não é possível abordar empreendimentos dessa magnitude sem tratar dos impactos ambientais como abordado no DSC coletado. Uma cidade, criada em função do rio, e nele possui uma fonte de

sustento e lazer, foi irreversivelmente alterado seu modo de vida à medida que a UHE modifica o curso natural e o nível das águas do rio Tocantins.

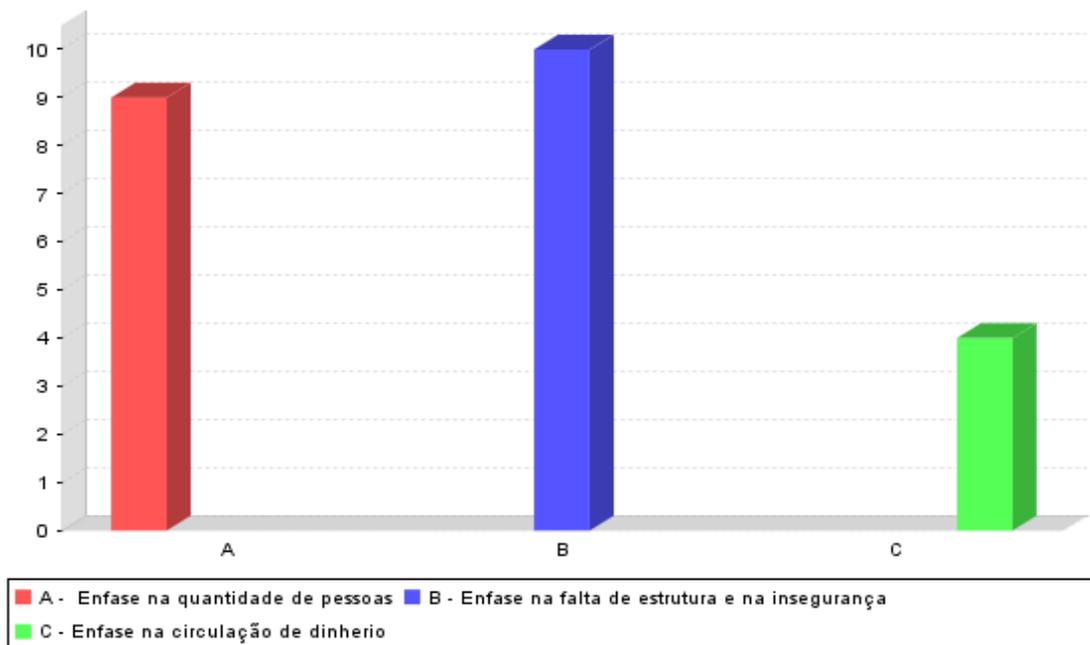
6.2 Análise do discurso do sujeito coletivo – Parte II: sobre a época da construção da usina.

O propósito da Parte II foi captar as percepções dos entrevistados sobre como foi o período que compreende a construção da obra, para tal foi definido as seguintes perguntas: Como era viver aqui durante a construção da usina? Como a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção? A prestação de serviços públicos foi impactada de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

As respostas foram agrupadas em virtude da similaridade de abordagem entre as declarações constituindo uma única contribuição por participante, sintetizada na primeira das três questões: Como era viver aqui durante a construção da usina? A partir das análises, chegou-se a três categorias de respostas: Categoria A – ênfase na quantidade de pessoas; Categoria B – ênfase na falta de estrutura e na insegurança; Categoria C – ênfase na circulação de dinheiro.

Dos 23 entrevistados que responderam aos questionamentos, 9 (39,19%) tiveram suas respostas selecionadas na categoria que deu ênfase na quantidade pessoas, 10 participantes (43,48%) compõem a categoria daqueles que deram ênfase na falta de estrutura e na insegurança e, em menor número, 4 dos 23 (17,39%) enfatizaram a circulação de dinheiro. A Figura 18 apresenta as respostas por categorias de DSCs definidos.

Figura 18 - Categorias de respostas para a pergunta: Como era viver aqui durante a construção da usina?



Fonte: Resultados da pesquisa.

A categoria A – ênfase na quantidade de pessoas, os entrevistados destacam o fluxo migratório que alterou a vida da comunidade no período da construção da usina. Essa percepção, com a ênfase na dinâmica demográfica, está coerente com as respostas que predominaram a primeira parte da entrevista. O DSC extraído nessa categoria exprime a sensação do Sujeito Coletivo, demonstrando surpresa e apreensão frente a realidade vivenciada:

Agente via pessoa de todo quanto é jeito, coisa que nós nunca tinha presenciado aqui o número de pessoa ocupando todos as casas que era baldia, esse tempo tudo foi ocupado, chegou um determinado momento que você alugava um quarto da sua casa, você morava em um quarto da sua casa e alugava o restante pelo tanto de pessoas que vieram. Isso aqui era o formigueiro. Isso aqui era gente 24 horas.

Foi uma sensação de euforia, Porque o município nosso era pacato e de uma hora pra outra começou a ter um movimento quase igual uma cidade de 100 mil habitantes, só de trabalhadores teve o pico mesmo tinha 5.500 trabalhadores na barragem, desses 5.500 apenas 500 era de Peixe. Então, quer dizer, fora os bares, restaurantes e as pessoas que vieram, a gente calcula aí um entorno de 8 a 10 mil pessoas que vieram pra cá. Então foi uma euforia muito grande em relação a tudo, né? Você ia num bar, às vezes você tinha uma, três pessoas passaram a ter 30, 15 a 30, assim, eu mudei pra cá em 97, primeira vez que eu vi um cabaré aqui foi quando o primeiro ano que começou a construção da barragem. Mas pras famílias, eles ficaram até com medo, principalmente as pessoas mais velhas, Porque eles não eram acostumados com esse tipo de coisa, pequenos delitos, vários tipos, nós tivemos de pequenos furtos até assassinatos aqui pra uma cidade que isso é raro acontecer foi algo extraordinário pra cá.

Era muita gente mesmo, cidade muito movimentada. Eu, nesse período mesmo trabalhava em mercado, no supermercado e a gente tinha uma grande movimentação, trabalhava até altas horas da noite pra atender a população,

principalmente época de pagamento de barragem. E assim, era um tempo muito corrido, de muitas pessoas na cidade.

Durante a construção da usina, o município deu um grande movimento de pessoas, pessoas que vieram de fora, né, de todos os estados do Brasil. O movimento aumentou tanto na questão populacional quanto na construção, residências que tiveram que construir pra receber essas pessoas.

A categoria B – ênfase na falta de estrutura e na insegurança, as respostas apresentam certa semelhança com a categoria A, pois destacam também a alta migração ocorrida. Todavia, é pertinente a classificação, porque, aqui os entrevistados enfatizam os transtornos gerados pelo rápido aumento populacional e a carência ou deficiência da estrutura do município para receber aquele acréscimo de contingente e suas demandas. A fala da categoria B do DSC ficou assim definida:

A cidade não estava preparada, você vê que a cidade aumentou, na média, ela cresceu 50%, desordenadamente.

Na verdade, você tinha uma cidade pequena que do dia pra noite recebeu uma média aí de três mil e quinhentos trabalhadores de fora. Então, não tinha a infraestrutura necessária pra receber essas coisas, a gente fala questão de lazer, de moradia, de assistência dos serviços públicos. Então o Peixe não tinha uma estrutura de prestar serviço de saúde, educacional pra absorver isso tudo.

A cidade recebeu muita gente, né? Muito trabalhador, muita gente de fora, você vivia meio que apreensivo, com medo, A gente tinha uma sensação assim de medo, porque na época mesmo aconteceu de uma criança ser violentada, era uma criança que estudava numa das escolas que eu trabalhava. Então assim, na época da construção, do impacto mesmo, o impacto forte foi na época da construção.

Muito complicado, porque Peixe não tava preparado pra receber o fluxo de pessoas que recebeu de uma hora pra outra, Recebeu um fluxo muito grande de pessoas, a escola não tinha estrutura pra receber esse pessoal, aluno tinha que ficar estudando em locais alugado. Aí aos poucos que o consórcio construtor foi construindo e depois foi colocando, agregando essas pessoas, mas já mais pro final da construção.

E na categoria C – ênfase na circulação de dinheiro - estão aquelas respostas que destacam a circulação de renda no município, consequência da oferta de empregos, com certo entusiasmo pela oportunidade do momento. O comércio local viu sua demanda crescer a números inimagináveis para o porte da cidade, a demanda por moradia, serviços e lazer, inclusive com instalações de novos estabelecimentos comerciais. O DSC da categoria C foi definido com a seguinte fala:

Muito bom, Dinheiro, trabalho pra todo mundo, então correu muito dinheiro, e a gente pôde ganhar um pouquinho de dinheiro.

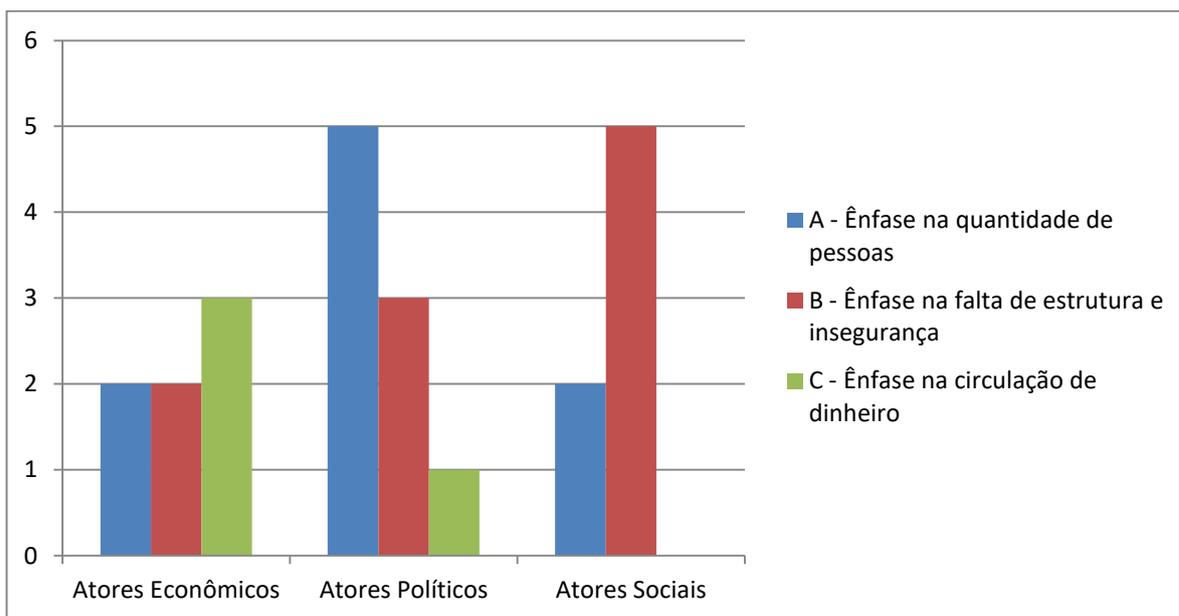
Ótimo. Problema teve porque você sabe que aonde tem muita gente o que tem de vantagem vem os problemas também, nego nunca viu o dinheiro na vida deles como viram no tempo da usina aqui. Isso é mais do que certo, foi um espetáculo porque foi 20 mil pessoas a mais na cidade.

Ah, principalmente na construção da usina foi muito bom, A gente foi muito feliz comercialmente falando também, Então, todo mundo vendia bastante, A construção civil vendia, o supermercado vendia, o açougue vendia, o dinheiro circulava na cidade.

E ao analisarmos as categorias de respostas sobre como era viver durante a construção da usina por grupos de atores entrevistados, econômicos, políticos e sociais. Percebe-se que

dentre os atores econômicos a maioria compõe o DSC da categoria C dando ênfase na circulação de dinheiro, enquanto os atores políticos enfatizam a quantidade de pessoas em sua maioria compondo o DSC da categoria A e os atores sociais enfatizam a falta de estrutura e a insegurança, DSC categoria B. A Figura 19 apresenta as categorias de respostas por grupo de atores.

Figura 19 – Categorias de respostas por grupos de atores entrevistados para a pergunta: como era viver aqui durante a construção da usina?



Fonte: Resultados da pesquisa.

Dessa forma, constata-se que os diferentes grupos de atores possuem percepções diferentes do mesmo cenário. Enquanto os atores econômicos, em boa parte representado por comerciantes, destacam a circulação de dinheiro em sua maioria, traduzindo a perspectiva positiva frente ao crescimento da demanda, os atores sociais, por sua vez, enfocam a falta de estrutura e a segurança e os atores políticos, em relação ao acréscimo populacional.

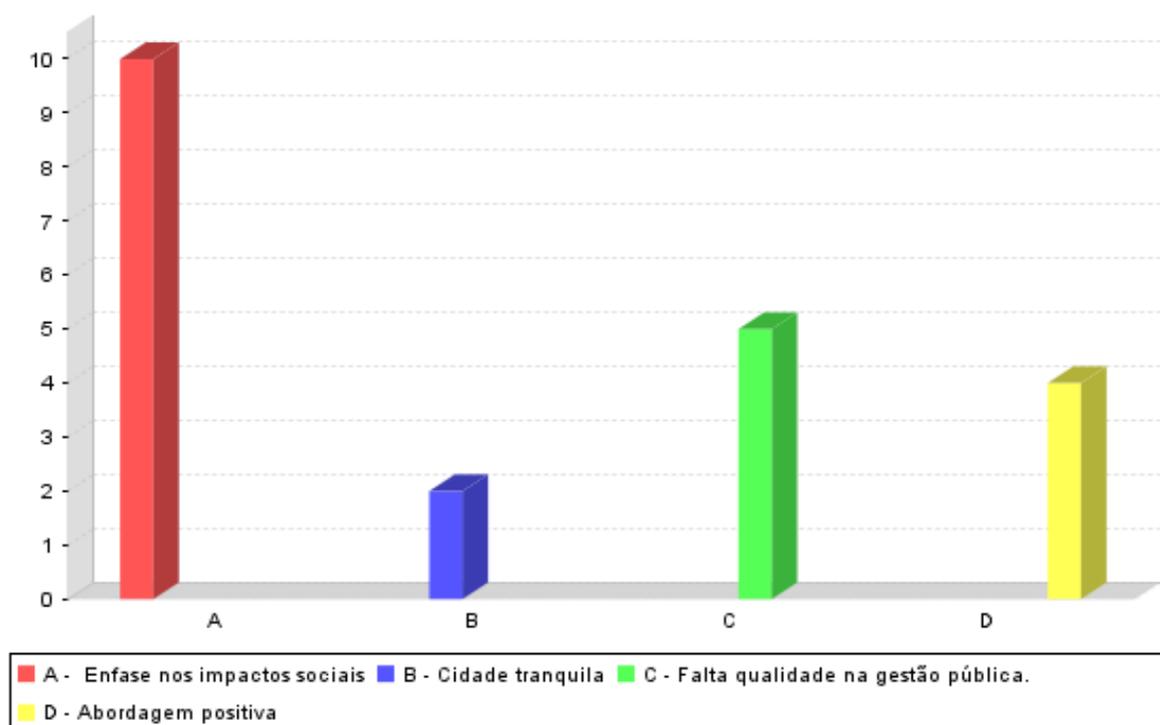
6.3 Análise do discurso do sujeito coletivo – Parte III: o legado da usina para a cidade de Peixe.

A Parte III da entrevista foi elaborada com o intuito de captar a percepção dos entrevistados sobre o legado da UHE para a cidade de Peixe. As perguntas foram assim definidas: Como é viver aqui hoje? Em sua opinião, qual a importância da usina para a cidade de Peixe nos dias de hoje? Ou o(a) senhor(a) entende que a usina não tem muita importância

para a cidade? Em sua opinião, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica? Em sua opinião, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?

Da pergunta 1 – como é viver aqui hoje? – foi extraído quatro categorias de discursos. Categoria A – ênfase nos impactos sociais; Categoria B – cidade tranquila; Categoria C – falta qualidade na gestão pública; Categoria D – abordagem positiva. Dos 21 entrevistados, 10 (47,62%) foi classificado na categoria A, 2 (9,52%) na categoria B, 5 (23,81%) na categoria C e 4 (19,05%) na categoria D. A Figura 20 apresenta as respostas por categorias de DSCs.

Figura 20 – Categorias de respostas para a pergunta: como é viver aqui hoje?



Fonte: Resultados da pesquisa.

Observa-se, a partir da análise das contribuições dos respondentes a essa pergunta, que os entrevistados envolvendo as categorias C não responsabilizam a UHE Peixe Angical por transtornos à qualidade de vida e credita à gestão pública as deficiências estruturais ou falta de articulação para canalizar os recursos advindos do empreendimento e as categorias B e D apresentam uma visão positiva do modo de vida. Essas três categorias somadas representam a maioria dos entrevistados (52,38%). E mesmo a categoria A que enfatiza os transtornos sociais, o DSC coletado reconhece que os problemas de ordem social não estão relacionados

unicamente ao empreendimento hidrelétrico e apresentam uma dinâmica de ordem nacional. O DSC da categoria A é apresentado a seguir:

Eu não sei se é porque pela crise que o Brasil enfrenta, né? É uma crise violenta e a gente vê que as coisas, não é que desandaram, mas parece, parece-me que as coisas hoje se tornam mais difíceis, eu preferia antes da usina, eu particularmente. Hoje tá até melhor. A única coisa que ainda nos atrapalha um pouco aqui ainda na cidade é o legado que deixaram, É muito filho sem pai, e a fome, né? Porque uma mãe sozinha, ela não tem condições de sustentar cinco, seis filhos. O nosso estado precisaria mais de segurança, hoje o nosso país precisa de segurança porque hoje aqui nós conta os empresários, os comerciantes que não foi assaltado no Peixe com uma cidade de 5 mil pessoas, é o cúmulo do absurdo. Hoje não tem aquela calma de antes devido a violência que acarretou no país todo. Hoje nós vivemos com a usina, só que a usina, ela não tem influência nenhuma a não ser pra arrancar dinheiro do município. Os royalties que eles repassam pro município é irrisório diante do impacto pro resto da vida. Hoje, o município de Peixe, ele voltou o que era antes no sentido de cidade pacata, Mas só que ficou os problemas de prostituição, a droga, roubo a residências, são coisas que não acontecia antes da usina.

Na categoria B, os entrevistados declaram que a cidade é tranquila, demonstrando uma posição de indiferença com relação à UHE enquanto fator de causa da alteração do modo de vida. O DSC dessa categoria foi definido com a seguinte fala: “Ah, hoje tá tranquilo, acho que 95% ou mais desse pessoal da barragem foram embora. É muito bom, lugar sossegado, baixo índice de criminalidade”.

Na categoria C do DSC, a fala do Sujeito Coletivo menciona um descontentamento com a situação atual do município em razão de uma expectativa relacionada ao empreendimento, entretanto, não é creditado aos empreendedores ou à existência da UHE Peixe Angical e sim à gestão pública, especialmente a administração municipal na condição de articuladores e responsáveis pela aplicação dos recursos. A fala do DSC da categoria C ficou a seguinte:

O modo de vida das pessoas aqui é sofrido, devido à questão da prestação de serviço público. Eu não culpo a gestão, eu culpo a justiça pela questão de punir quem merece ser punido por não ser... o político tem que aprender que é servidor do povo e não o povo servidor do político, Foi montado um plano de impacto ambiental que previa o auxílio na infraestrutura da cidade pra melhorar as condições de vida, mas que, infelizmente, não teve uma cobrança por parte do poder público para o cumprimento pelo empreendedor. Então na prática hoje nós continuamos tendo um município sem infraestrutura, Eu acho que nós tínhamos que ter tido gestores que tinha que ter tido uma visão alongada do pós-obra, não houve uma preparação, porque o Peixe tinha que ter absorvido melhor depois da construção, o Peixe não absorveu nada. acho que em 2010 foi feito um levantamento aqui, nós tínhamos 140 casas abandonadas aqui, E na questão de infraestrutura, por exemplo, não foi construído nada, o consórcio construtor não fez nada de asfalto na cidade. A hidrelétrica deixou um legado pra nós negativo, fizeram algumas obras aí de compensação ambiental, obras fizeram assim de qualquer jeito, o poder público na época também não investiu, não fiscalizou essas obras, o Peixe cresceu meio que desordenado.

As declarações demonstram desconfiança na capacidade da gestão pública por meio da administração municipal enquanto articuladora junto ao empreendimento em busca de melhorias para o município seja na infraestrutura ou na prestação de serviços públicos. Ou seja, os participantes reconhecem o potencial que circunda a instalação de uma usina hidrelétrica, mas compartilham o sentimento de que faltou por parte da Prefeitura Municipal na cobrança das contrapartidas, na fiscalização das obras e na negociação em prol da sociedade peixense.

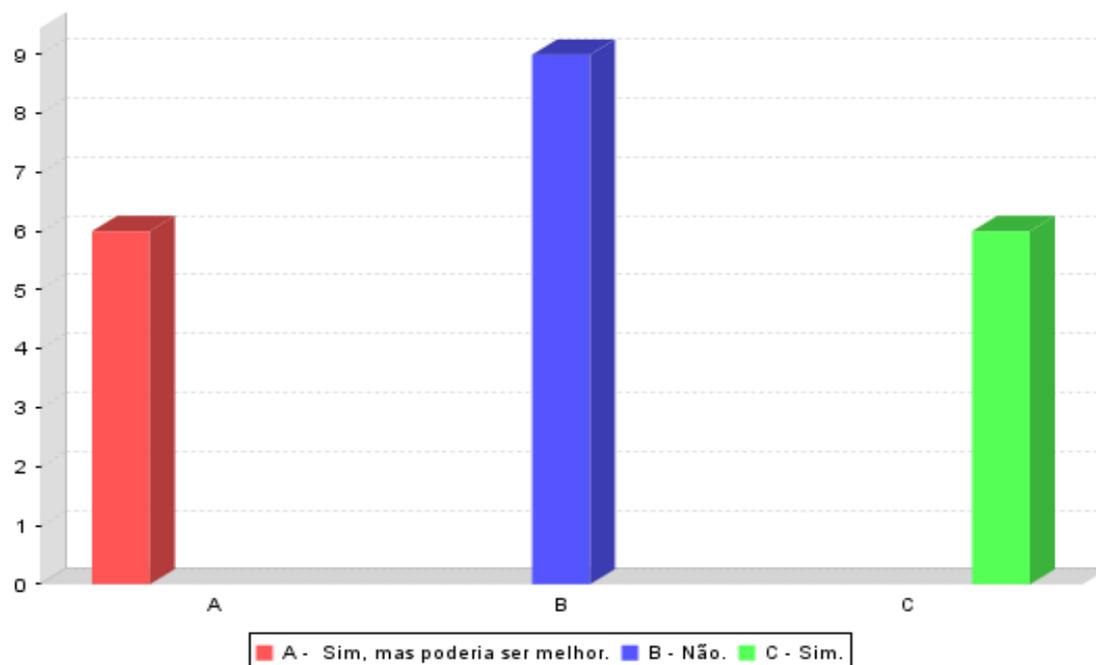
E na categoria D, os respondentes apresentam uma abordagem positiva do modo de vida creditando inclusive ao empreendimento as melhorias no município que estão a disposição da população, foi extraído nessa categoria a seguinte fala:

Peixe melhorou um pouco, a cidade aumentou. O município passou a arrecadar mais recursos, e por conta que arrecada mais recurso, o município consegue dar melhor qualidade de vida pra população, A gente tem mais qualidade no hospital, antigamente não se tinha tanto postinho de saúde, hoje em dia praticamente eu acho que todo povoado, senão todos, a maioria deles tem um postinho de saúde e tem médico atendendo, né? Coisa que não tinha antes.

Ah, bom demais, uma evolução fantástica com relação à arrecadação, Mas a população cresceu, a população cresceu de todas as formas, trouxe ideias novas, tem projetos novos. Então nosso município cresceu bastante com o plantio de soja, hoje nós temos vários pivôs dentro do município, nós temos cultura o ano todo, entendeu? Então melhorou bastante.

Da pergunta 3 - Em sua opinião, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica? – foi extraído três categorias de DSCs. Categoria A – sim, mas poderia ser melhor, com 6 repostas das 21 (28,57%); categoria B – não, com 9 registros (42,86%); e categoria C – sim, também com 6 entrevistados (28,57%) . Verifica-se que duas categorias de DSC, A e C, acredita que houve avanço social, embora a categoria A alega que poderia ser melhor, juntas essas duas categorias representa 57,14% dos entrevistados, compreendendo a maioria dos entrevistados numa perspectiva positiva em relação à UHE. A Figura 21 apresenta as respostas por categorias.

Figura 21 – Categorias de respostas para a pergunta: Em sua opinião, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?



Fonte: Resultados da pesquisa.

Na categoria A, os entrevistados relacionam avanços sociais à estruturas físicas construídas e ações desempenhadas pela UHE, em que pese, as declarações coletadas demonstram que esses fatores estão aquém do cenário de expectativa relacionado ao porte do empreendimento. A fala do DSC da categoria A foi a seguinte:

Houve muita estrutura montada pela usina, mas estão pouco aproveitáveis, o recurso talvez é mal distribuído, eu não sei, ou desviados, mas houve sim, um pouco de avanço.

Muito pouco, a usina através do instituto que eles têm lá. Que em Peixe hoje mesmo a gente pode contar uma escolinha de futebol que atende 180 jovens.

Houve avanços sociais porque teve cursos, de aperfeiçoamento, tanto na questão da educação, na área da saúde. Hoje está meio estagnado. Eu acho que a sociedade tem que cobrar mais, por parte tanto do setor público municipal, quanto da iniciativa privada aí que tem essa grande empresa aí que é a usina hidrelétrica.

As coisas boas que construíram alguns prédios, mas não dá o suporte, não deu o suporte da área social.

A percepção dos atores transmitidos pela fala do Sujeito Coletivo é fruto dos projetos e obras construídas pela UHE, como escola, creche e posto de saúde, além dos projetos desenvolvidos pelo Instituto EDP na área educacional, social ou ambiental. Esse Instituto é do grupo proprietário da Enerpeixe, empresa responsável pela instalação e operação da UHE Peixe Angical, e promove ações junta às comunidades onde suas empresas operam.

Na categoria B, os participantes da pesquisa não acreditam que o município de Peixe apresente avanços sociais em decorrência da UHE. Contando com 42,86% dos respondentes

aponta que, embora esteja em menor número, as percepções estão divididas. As falas demonstram que o Sujeito Coletivo não considera os benefícios válidos em comparações com os danos, assim ficou o DSC da categoria B:

Econômico é por causa dos royalties, mas social que mudou e tal, não vi, sinceramente eu não vi não.

Nenhum avanço social e assim, é uma parte que deixa a desejar. Aqui tem um processo seletivo que eu acho que é mais pra amortização de impostos da usina, eles escolhem dois alunos na condição de menor aprendiz, deveria colocar pelo menos uns dez.

Na questão social eu não vejo muito, eu acho que ainda falta muito de alguns poderes.

Não, em minha opinião nada.

Nenhum. Eu acho que pelo contrário, a cidade tinha uma sociedade carente, com a chegada da usina houve uma queda nesse nível social, porque as pessoas que vieram de fora que continuaram aqui, na maioria delas pessoas carentes, eram pessoas com famílias desestruturadas, hoje Peixe sofre muito e, pode ter sido só coincidência, sobre a traficância e o uso de droga.

E na categoria C estão aqueles que creem nos avanços sociais em decorrência da usina, demonstrando um sentimento de aprovação ao empreendimento. A seguir o DSC da categoria C:

Ela construiu creches, prédios escolares, ela promove alguns eventos também em parceria com a parte da educação.

Nós temos um tributo que a gente recebe mensal que é o ICMS, e ele é alto em razão da nossa contribuição como produtor de energia.

Numas coisas sim porque a cidade de Peixe, ela deixou muita obra e aquelas obra sempre tão sendo usada pela prefeitura. Então tá, tá servindo pra população.

Apresenta sim, porque mudou muito o atendimento. Por exemplo, na saúde mudou, hoje nós temos agente de saúde, naquela época a gente não tinha, hoje nós temos mais umas três UPA aqui dentro da cidade.

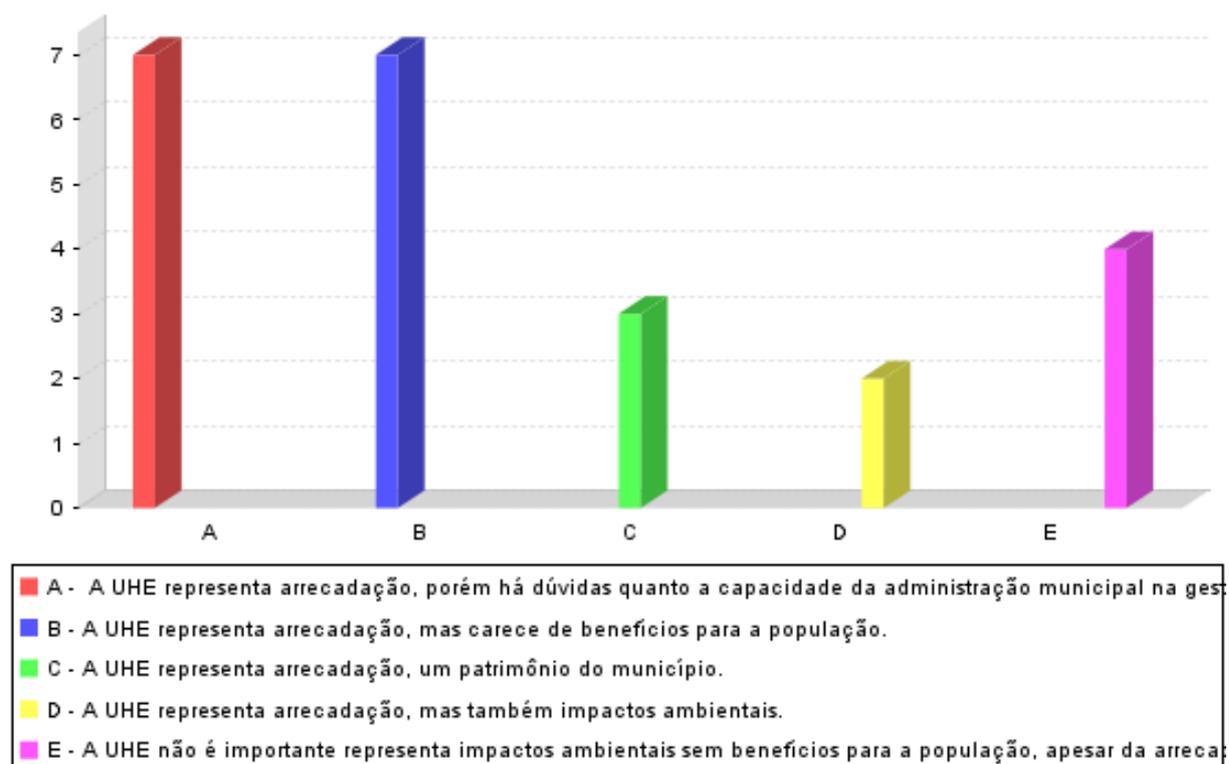
Foi bom demais em todos os termos, em todos os termos, econômico, social, em tudo.

O DSC expressa total aprovação ao que é proporcionado ao município pela UHE, inclusive na arrecadação. Essa percepção, embora não seja maioria, representa um sentimento coletivo de reconhecimento da situação histórica do município de pobreza e recursos limitados e que algumas melhorias na infraestrutura e serviços públicos só foram possíveis após a instalação do empreendimento.

Na última resposta analisada, envolvendo os as perguntas 2 e 4 da Parte III - Em sua opinião, qual a importância da usina para a cidade de Peixe nos dias de hoje? Ou o(a) senhor(a) entende que a usina não tem muita importância para a cidade? Em sua opinião, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente? – foi extraído 5 categorias de DSCs: Categoria A – A UHE representa arrecadação, porém há dúvidas quanto a capacidade da administração municipal na gestão dos recursos; Categoria B – A UHE representa arrecadação, mas carece de benefícios para a população; Categoria C – A UHE

representa arrecadação, um patrimônio do município; Categoria D – A UHE representa arrecadação, mas também impactos ambientais; e Categoria E – A UHE não é importante e representa impactos ambientais sem benefícios para a população, apesar da arrecadação. Dos 23 entrevistados, 7 (30,43%) ficaram na categoria A, outros 7 (30,43%) na categoria B, 3 (13,04%) na categoria C, 2 (8,70%) na categoria D e 4 (17,39%) entrevistados na categoria E. A Figura 22 apresenta as respostas por categorias.

Figura 22 – Categorias de respostas para as perguntas: Em sua opinião, qual a importância da usina para a cidade de Peixe nos dias de hoje? Ou o(a) senhor(a) entende que a usina não tem muita importância para a cidade? Em sua opinião, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?



Fonte: Resultados da pesquisa.

Em todas as categorias de respostas e nos DSCs elaborados a partir da fala dos participantes há a compreensão da importância da arrecadação advinda da UHE Peixe Angical em coerência com os indicadores apresentados no capítulo anterior. Contudo, a cada categoria foi verificada uma abordagem diferente. A categoria A é caracterizada pela descrença na capacidade da gestão municipal, assim definido:

Peixe é um município que tem tudo pra dar certo. Porque nós temos água, nós temos terra, nós temos hoje a usina hidrelétrica que hoje é uma questão fundamental na

vida das pessoas, nós exportamos energia pra fora. Embora eu acredito que os nossos administradores não têm tido inteligência pra retirar disso aí tudo aquilo que poderia transformar a cidade e o município do Peixe talvez na melhor do estado do Tocantins.

Tem a questão do pagamento de impostos, que deixa o município do Peixe numa situação mais privilegiada de que outros municípios, sem se falar da riqueza natural, a coisa mais linda você ir lá, ver e aquilo que mexe com o seu coração e com a sua alma.

Se não fosse a usina aqui, meramente a cidade de Peixe nem era vista, São Valério que não tem uma arrecadação igual tem aqui, né? O que equiparou Peixe à Gurupi, até mesmo à capital, à Paraíso que é uma cidade já antiga e grande, foi a usina. Peixe é um deserto por falta de administração.

A importância é gigantesca em razão dos recursos que a gente tem oriundos do ICMS. Eu não posso falar pra você que a administração soube aproveitar e reverter o uso desses recursos em favor da população de Peixe, mas estrutura e condições tem.

A importância é o próprio empreendimento, em relação à ajuda pro município tem a parte do ICMS hoje que o município hoje recebe na faixa de um milhão e meio de ICMS. O Peixe hoje, em ICMS, ele tá em, se não me engano, em quarto lugar no Tocantins.

A usina foi e é muito importante, porque na época, ela cumpriu com a sua contrapartida com as construções, escolas, creches, Algumas obras que foram feitas, praças públicas, enfim, cumpriu o seu papel social. E hoje tem a geração de impostos, os repasses da usina para o município de Peixe passa de um milhão de reais, não fosse a usina este um milhão e pouco de reais, ele não existiria no nosso município. Então, agora, cabe ao gestor municipal aplicar corretamente com honestidade para que as pessoas possam sentir os reflexos desses impostos na vida de cada um, de cada cidadão.

O Sujeito Coletivo demonstra uma compreensão razoável em relação ao repasse do ICMS para o município de Peixe em virtude da UHE e coerência com os indicadores econômicos. Contudo, a fala persiste na falta de capacidade da gestão municipal para fazer dos recursos uma melhoria significativa da qualidade de vida da população.

Na categoria B, os respondentes, mesmo ressaltando a importância da fonte de renda para o município, reclamam da falta de benefícios para a população peixense como, por exemplo, pagar menos pelo consumo da energia elétrica. A seguir a fala do DSC da categoria B:

Poderia ter um benefício melhor, poderia às vezes até vim descontado em talão, mas eu não tive o conhecimento do acerto do gestor público, que forma esse imposto recolhido.

É claro que pra gente enquanto... a galera reclama muito assim, pra nós enquanto cidadão de Peixe, nós não tivemos melhoria, por exemplo, em baixar nossa energia. Isso não impactou nada, ao contrário, a gente paga cada dia mais caro.

Tem, tem e não tem. Primeiro pelo seguinte, porque ela gera aí pra cidade, pro município esses royalties, do ICMS, aí da geração da energia elétrica, Porém, nós pagamos aqui uma das energias elétrica mais cara do Brasil, e nós temos aqui uma hidrelétrica aqui no nosso quintal.

Os empregos que têm aqui geralmente que os geram hoje lá na hidrelétrica, a maioria dos empregos são gentes de fora, de Gurupi. Daqui de Peixe mesmo é uma minoria que trabalham lá, e os que trabalham, naquele serviço de limpeza.

Olha, ter tem. Por exemplo, se você for olhar a parte de arrecadação de ICMS oriundo da usina, o Peixe hoje tem uma cota, uma receita mais ou menos distinta, né? Mais de um milhão de reais, mas o setor primordial da usina era a energia e a energia hoje nós consumimos num preço muito elevado, mas foi relevante sim.

As declarações reportam a um anseio popular que acompanha as comunidades receptoras de empreendimentos hidrelétricos, a obtenção de benefício na conta de energia por ser região geradora de energia elétrica. No entanto, o gerenciamento unificado da geração e transmissão de energia elétrica no Brasil através do Sistema Interligado Nacional agrega quase a totalidade da geração de energia e sua distribuição não distingue regiões produtoras de não produtoras.

Em relação aos empregos, a percepção dos participantes é que a operação da UHE não oportuniza empregos aos moradores de Peixe, a não ser para funções relacionadas aos serviços gerais como a limpeza, sendo que os cargos de direção e técnicos, os funcionários residem em Gurupi, não agregando renda para a região.

Na terceira categoria do DSC, os entrevistados defendem a importância da UHE como um patrimônio do município ressaltando sua relevância enquanto geradora de energia elétrica e a principal fonte de renda para o município através do ICMS. A seguir o DSC da categoria C:

A usina é muito importante, gera muito emprego, muita renda pro município, É muito boa a usina na cidade de Peixe.

Importância financeira pro município tem um pouco, porque todo mundo sabe que um recurso aqui do ICMS que vale muito e que se não fosse recurso o município aqui tava passando por necessidade. Eu acho.

É o patrimônio que o município tem, é o caixa. A importância da usina hoje para o município do Peixe é o caixa do município, é quem mantém o município. O município do Peixe hoje é um assalariado da usina que sem a usina, ele não sobrevivia não, meu amigo.

Nessa fala, o Sujeito Coletivo apresenta suas considerações com certo entusiasmo em relação à UHE Peixe Angical, colocando inclusive o empreendimento numa condição de fonte mantenedora do município através do repasse do ICMS. Essa fala apresenta coerência com a realidade do município de não possuir diversidade de sua produção econômica e possuir, sem a UHE, uma arrecadação ínfima.

Na categoria D, resposta com menor incidência, os entrevistados enfatizam os impactos ambientais verificados após a instalação da UHE mesmo reconhecendo sua importância enquanto fonte de renda para o município:

Eu acho que a usina trouxe muito pouco benefício pelo impacto ambiental que trouxe pra cidade, ela representa uma fonte de renda, agente vê que deixou transtorno também no sentido do o rio que não tem mais o seu fluxo normal, o sobe e desce da água. Tem também a questão ambiental, né, que a gente vê que, de vez em quando não é divulgado na mídia, mas a gente tem presenciado mortandade de peixe.

A questão ambiental também prevalece no sentimento do Sujeito Coletivo, sendo mais relevante para aqueles que possuem uma relação constante com o rio como os pescadores,

barqueiros ou proprietários rurais. Mesmo não constituindo objetivo do presente estudo, os impactos ambientais constituem uma realidade nos empreendimentos hidrelétricos, como elencado por Bermann (2007), especialmente a alteração do regime hidrológico do rio Tocantins com o qual a população convive estando a jusante da barragem.

E por fim, na categoria E, os participantes, embora compreendendo que a UHE gera arrecadação para o município, não acreditam que ela seja importante:

Pra cidade de Peixe não tem nenhuma importância, tem importância pro consórcio construtor que racha de ganhar dinheiro, nada mais do que captação de impostos, não vai além disso. Não tem nenhum projeto de relevância.

Nessa época o Rio Tocantins era pra tá alagando, alagando as vazantes, trazendo insumo, né? Pras pessoas plantar. Hoje nem isso. Então, eles tiraram até isso da população ribeirinha. Ela representa pra gente um atraso, ela poderia ser um gerador de futuro, pra nós aqui, ela é um atraso, porque a gente não vê a Enerpeixe participando com a nossa sociedade.

Eu entendo que a usina não tem muita importância não, porque ela não gera emprego pra cidade, gera emprego pra cinco, seis pessoas que mora aqui, o resto nem aqui mora, mora lá pra Gurupi, eu acho que não representa nada pra cidade de Peixe, eu não vejo nada que ela faz na cidade de Peixe, não vejo nada, nenhum progresso que ela apresenta aqui como deveria apresentar. Então ela tinha que ter uma contrapartida. A contrapartida que ela tem, por exemplo, hoje ela paga o ICMS, né? Só. É um impacto muito grande que ela teve. Porque o peixe, antigamente nós tínhamos várias espécies, Hoje muitas espécies sumiram.

Eu acho que hoje a Enerpeixe pro Peixe eu acho que ela não cheira e nem fede, porque na verdade, tem uma série de pessoas que trabalham na usina, não tem ninguém do Peixe que trabalha lá, são pessoas tudo de fora, de Gurupi.

Nesse último DSC, há uma compreensão da UHE enquanto fonte de arrecadação para o município. Todavia, a fala é carregada de uma conotação negativa em relação ao empreendimento, inclusive desconsiderando a compensação financeira e as contrapartidas do empreendimento para o município. O Sujeito Coletivo é enfático ao tratar da alteração do rio Tocantins e afluentes e redução da quantidade e diversidade de peixes para a pesca, desconsiderando a importância da geradora de energia elétrica no município.

6.4 As percepções dos atores locais e o institucionalismo

As análises dos indicadores sociais, econômicos e institucionais aliada às percepções dos atores locais expressam, através dos DSCs, a relevância do empreendimento hidrelétrico para o município de Peixe. Assim como as declarações coletadas apresentaram abordagens distintas da mesma situação, o município percebeu um desenvolvimento econômico no período, mas, para alguns participantes, está aquém do potencial que o volume de recursos apontava.

Essa percepção está intimamente ligada com a matriz institucional existente desde antes da chegada do empreendimento. Ao considerarmos as instituições como um conjunto de

incentivos que norteiam e restringem as ações das organizações e que a evolução das instituições é um processo lento e gradual através das interações entre instituições e organizações, dependente do processo histórico, configurando o *path dependence* como definido por North (1990), verifica-se que o município possui um cenário de fragilidade das instituições.

Essa fragilidade é verificada pela deficiência histórica dos indicadores educacionais e de renda, ou seja, um percentual significativo da população está na condição de pobreza e com baixos níveis de instrução, caracterizando um contexto de carência no exercício da cidadania. A administração municipal não possui uma estrutura consolidada de gestão, muito sensível às mudanças de governo como a alteração dos conselhos municipais e predomina uma dependência econômica da administração pública, historicamente o maior empregador do município.

Esse cenário diante do volume de recursos advindo da UHE Peixe Angical, seja durante a construção com o expressivo número de empregos ou após o término com a elevação das receitas municipais, não permitiu uma diversificação das atividades econômicas e ocorreu uma acentuação da dependência econômica da administração pública, por meio da Prefeitura Municipal, aumentando absoluta e relativamente o número de empregos.

O que corrobora com as ideias de North (1990), que os modelos institucionais tendem a auto reforçar-se, mesmo quando possuem deficiências. Os indivíduos de uma determinada sociedade tem mais facilidade de se adaptar às regras existentes do que tentar modifica-las. Quando o desenvolvimento toma certo rumo, a cultura organizacional, os costumes e os modelos mentais reforçam essa trajetória.

E esses modelos mentais ficam evidentes na análise dos DSCs, pois se verifica um total distanciamento entre os atores locais e o centro das decisões. Demonstrando que não houve um envolvimento da população de maneira significativa na condução das negociações e que o processo se deu conforme a ordem de domínio do grupo empreendedor, detentor do poder político e econômico. E fica evidente ainda, na fala do Sujeito Coletivo, que há uma atitude passiva no processo de desenvolvimento, em que se espera do empreendimento hidrelétrico ou da administração pública as ações desencadeadoras de melhorias socioeconômicas.

Para Vignatti (2013), a integração dos empreendimentos hidrelétricos à região se consolidada em quatro fases: Fase I – “expectativa de mudanças”, em que a população tradicionalmente carente anseia pelo desenvolvimento prometido; Fase II – “vivendo a mudança”, ocorre durante a construção; Fase III – “acostumando com a mudança”, em que se

inicia a produção de energia acompanhado da estabilização; e Fase IV – “hidrelétrica torna-se incorporada natural e aceita”, ocorre a integração do empreendimento à paisagem regional.

A particularidade do objeto de estudo da presente pesquisa é que a sede do município está a jusante da barragem, não configurando alterações relevantes em relação à paisagem regional na última fase da integração. Por isso, alguns DSCs apresentam indiferença em relação à UHE. No entanto, a importância do empreendimento como fonte de recursos para o município ficou comprovada tanto nos indicadores como a no discurso dos participantes, bem como alguns investimentos deixados pelo empreendedor e melhorias especialmente no sistema de saúde municipal.

Esse progresso vem a um custo ambiental elevadíssimo e alteração das relações sociais pré-existentes, como expressa os participantes, sendo significativa a desconfiança na administração municipal enquanto responsável pela gestão dos recursos em prol da população. Isso é fruto de uma estrutura de gestão deficiente e que não contempla a participação popular e reforça que o processo de instalação do empreendimento hidrelétrico ocorre num contexto de profunda assimetria de informação entre o grupo empreendedor e a população local, que desconhece todo o contexto socioeconômico e ambiental que envolve a construção de uma UHE.

Essa assimetria é ainda mais relevante quando se trata de um município pequeno do interior tradicionalmente carente. E como ficou claro que a concentração dos recursos não conduz a evolução institucional, apenas o conhecimento, como o propósito da presente pesquisa, pode subsidiar o fomento de boas instituições para aperfeiçoar o desempenho econômico em situações semelhantes.

7 CONCLUSÃO

O objetivo do presente estudo foi analisar as implicações da construção da Usina Hidrelétrica Peixe Angical no processo de desenvolvimento regional em Peixe - Tocantins. Através da análise dos indicadores sociais, econômicos e institucionais e das percepções dos atores locais.

Fundamentado pelo discurso desenvolvimentista mediante um considerável potencial hídrico disponível, os empreendimentos hidrelétricos foram instalados em todo o território nacional. Inicialmente como parte dos planos nacionais de desenvolvimento, a construção de usinas hidrelétricas, como grandes projetos de investimentos, é defendida pelo governo e pelos empreendedores como indutores de desenvolvimento para regiões antes deslocadas da dinâmica de crescimento econômico pela industrialização do país.

A consolidação desses empreendimentos, que se deu inicialmente no sul e sudeste até sua última fronteira, a região norte do país, carrega consigo indesejáveis transtornos ambientais e sociais, constituindo relações conflituosas entre os empreendedores e os atingidos, a população local, além da legislação ambiental que evoluiu muito nas últimas décadas do século XX, exigindo maior regramento na instalação de barragens.

Dessa forma, o município de Peixe, banhado pelo rio Tocantins, torna se sede de um empreendimento hidrelétrico construído entre os anos 2002 e 2006, fazendo com que a cidade pacata e sem atividades econômicas expressivas recebesse um volume considerável de investimentos com geração de milhares de empregos durante as obras, tornando destino para milhares de migrantes, os “barrageiros”, alterando a dinâmica socioeconômica da região. Então, a pesquisa foi norteada pelo seguinte questionamento: quais foram as implicações sociais e econômicas causados à Cidade de Peixe com a construção da Usina hidrelétrica Peixe Angical e qual o legado deixado pelo empreendimento para a comunidade?

Para alcançar os objetivos propostos foi feito a análise de indicadores sociais, econômicos e institucionais através das fontes de dados secundários e foi captada a percepção dos atores locais por meio de entrevistas semiestruturadas. As declarações dos participantes foram processadas através da metodologia Discurso de Sujeito Coletivo, permitindo uma abordagem qualitativa e quantitativa do pensamento coletivo sobre o empreendimento.

Os indicadores sociais apontaram uma evolução no período que compreende a construção da UHE. Contudo, as variáveis seguem a dinâmica estadual não sendo possível creditar ao empreendimento hidrelétrico o desenvolvimento observado. Nos aspectos econômicos ficou evidente o grande número de empregos durante a construção da usina e o

acrécimo significativo em relação às receitas municipais, através da arrecadação com ISS no período das obras e o repasse de ICMS com a produção de energia elétrica após o término das obras e início da operação.

O que foi constatado através dos indicadores apresentou total coerência com as percepções dos atores locais coletada nas entrevistas e expressada através dos DSCs. Além disso, as falas permitiram uma compreensão além do meramente estatístico, captando o sentimento da coletividade. Como em relação ao modo de vida em que a fala predominante declara que Peixe era uma cidade pacata, em que todos se conheciam e não existia violência e após a instalação da UHE Peixe Angical houve aumento da população, fato que alterou as relações sociais pré-existentes.

Ao tratar do período da construção da usina, os participantes baseiam suas falas em três aspectos: no acréscimo da população, o que provocou certa apreensão na população tradicional com a quantidade de pessoas em busca de empregos; na falta de estrutura e na insegurança, destacando que os serviços públicos não estavam preparados para atender todo o quantitativo de pessoas, a sensação era de apreensão na convivência com os “barrageiros” e houve um aumento de drogas, prostituição e violência; e na circulação de dinheiro, o volume de emprego e o fluxo de renda elevaram a demanda do comércio, moradia, serviços diversos e lazer, oportunizando aos comerciantes locais um aumento de seus ganhos financeiros.

Ao tratar do legado do empreendimento deixado ao município, os participantes ficam divididos entre os que destacam os impactos sociais e ambientais e aqueles que ressaltam a importância do empreendimento para o município de Peixe por meio de obras e projetos desenvolvido na cidade. Assim como indica os dados relacionadas às finanças municipais, os participantes reconhecem o acréscimo da receita municipal com o advento da UHE. Contudo, em quantidade significativa, o DSC registrou um contexto de desconfiança da população em relação à capacidade da administração municipal na gestão dos recursos, na articulação junto aos empreendedores e na fiscalização das contrapartidas estabelecidas ao grupo empreendedor.

Para aqueles que se posicionam de modo contrário ao empreendimento sua falas se baseiam nos transtornos sociais como drogas, prostituição e violência, embora alguns reconheçam que são problemas de ordem nacional e não estaria necessariamente ligada à usina. E outros destacam os impactos ambientais como a alteração do regime hidrológico do rio Tocantins, a redução na quantidade e diversidade de peixes, a seca nas vazantes, etc. Os impactos ambientais não configuram dentre os objetivos do presente estudo, mesmo assim,

essa temática é extensamente abordada na literatura em relação aos empreendimentos hidrelétricos e cabe aqui como proposta para outras pesquisas.

O significativo acréscimo das receitas municipais proporcionou melhorias no sistema de saúde, contudo, não foi suficiente para que o município se tornasse um destaque regional em relação à educação e distribuição de renda, além da infraestrutura deficiente conforme as declarações dos atores locais. E também não houve uma diversificação expressiva das atividades econômicas e a administração pública, o maior empregador, apresentou aumento do número de empregos acentuando a relação de dependência econômica do poder público.

Diante da perspectiva institucionalista, foi verificado que o município carece de uma estrutura consolidada de gestão, do envolvimento da população no processo de tomada de decisão e que a dependência da prefeitura municipal como empregador é usada como instrumento para fortalecer a base de apoio político, constituindo instituições ineficientes para que o município apresentasse um melhor desempenho econômico e reduzisse as desigualdades.

Mesmo assim, é inegável a importância do empreendimento hidrelétrico para o município de Peixe em relação às oportunidades de emprego e renda gerados no período da construção e o seu legado principal no acréscimo das receitas municipais. Embora é evidente que o aporte de recursos não proporcionou uma evolução das instituições e sim reforçou a dependência econômica da administração pública.

Quanto aos questionamentos levantados nesta pesquisa, têm-se as seguintes respostas. O município de Peixe apresentou evolução dos indicadores sociais, porém, não é possível associa-los unicamente à existência da UHE. Em relação aos aspectos econômicos, o empreendimento hidrelétrico é responsável pelo considerável aumento das receitas municipais, no entanto, não promoveu diversificação das atividades econômicas e persiste a dependência econômica da administração pública.

Os aspectos institucionais apresentaram deficiências históricas e constituem os motivos da persistência de algumas carências como a infraestrutura municipal, o sistema educacional, a distribuição de renda e a participação popular na gestão municipal. Isso ficou notório tanto nos indicadores analisados como nas declarações expressas nos DSCs.

Diante dessa realidade, faz-se necessário a evolução das instituições locais por meio da apropriação de boas práticas já testadas em outras localidades, iniciando pelos aspectos formais para adaptação ao contexto local. Para isso, é imprescindível a melhoria do sistema educacional local em termos de resultados e, por consequência, desencadeará na melhoria do nível de instrução da população e na distribuição da renda.

Em relação às sugestões para pesquisas futuras com o intuito de aprofundar no tema aqui estudado, vale destacar que estudos específicos dos indicadores como os educacionais, por exemplo, permitirão uma melhor compreensão para permitir a evolução da eficiência da gestão, o estudo dos modelos mentais dos líderes podem elucidar fatores culturais importantes para a compreensão da dinâmica institucional e estudos comparativos com outras regiões sede de UHEs permitem compreender a relação do desempenho econômico com as instituições locais de forma mais evidente.

Dessa forma, a pesquisa, mesmo não esgotando em sua plenitude as implicações socioeconômicas da UHE Peixe Angical em Peixe, apresenta bases fundamentadas no institucionalismo de Douglass North para uma compreensão do processo de desenvolvimento regional do município e se propõe como um marco inicial para os líderes e a sociedade peixense numa profunda reflexão sobre a realidade vivenciada pelos moradores e em perspectivas de desenvolvimento, cabendo ainda como uma fonte útil de informações para regiões submetidas a projetos similares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA. **Atlas de Energia Elétrica do Brasil**. 3ª Edição. Brasília: Ministério de Minas e Energia; Agência Nacional de Energia Elétrica, 2008.

ALMEIDA, C. C. **O campo da ciência da informação: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil**. Florianópolis, 2005. 396f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102010/212813.pdf?sequence=1>>
 Acesso em 05 mai. 2018.

ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J. (orgs.). **Análise regional: metodologias e indicadores**. Curitiba: Camões, 2012.

AMARAL, J. F. John Kenneth Galbraith (1908-2006) uma evocação. **Relações Internacionais**. setembro, 2006. p. 151-161. Disponível em:
 <http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri11/RI11_11JFAmaral.pdf> Acesso em 21 abr 2018.

ARVANITIDIS, P. A. A framework of socio economic organisation: redefining original institutional economics along critical philosophicallines. **Discussion Paper Series**, 12 (6), 2006. p. 101-128. Disponível em:
 <http://www.prd.uth.gr/uploads/discussion_papers/2006/uth-prd-dp-2006-06_en.pdf> Acesso em 21 abr 2018.

ASSO, P. F.; FIORITO, L. **Human Nature and Economic Institutions: Instinct Psychology, Behaviorism, and the Development of American Institutionalism**. *Journal of the History of Economic Thought*, Vol. 26, No. 4, pp. 445-477, 2004. Disponível em: <
<http://www.academia.edu/19834346>> Acesso em 10 ago 2018.

BECKER, B. K. A implantação da rodovia Belém-Brasília e o desenvolvimento regional. Departamento de Geografia CNPq. 1977. Disponível em: <
<http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/issue/view/217>> Acesso em 20 mar 2019.

BERMANN, C. Impasses e controvérsias da hidroeletricidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 59, p. 139-153, jan./abr. 2007. Disponível em:
 <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n59/a10v2159.pdf>> Acesso em 01 dez. 2017.

BORTOLETO, E. M. A implantação de grandes hidrelétricas: desenvolvimento, discurso e impactos. **Geografares**. Vitória, 2001. Disponível em:
 <<http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1140/853>> Acesso em 25 nov. 2017.

BRASIL. Lei nº 9.074, de 07 de julho de 1995. **Estabelece normas para outorga e prorrogações das concessões e permissões de serviços públicos e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9074cons.htm> Acesso 08 dez. 2017.

_____. Lei nº 11.079, de 30 de dezembro de 2004. **Institui normas gerais para licitação e contratação de parceria público-privada no âmbito da administração pública.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/111079.htm> Acesso em 05 dez. 2017.

CARVALHO, L. A. **Utilização de software no construção do discurso social coletivo em pesquisa “qualiquantitativa” sobre formação de professoras.** Formação de professores. n. 08. São Paulo: ISECENZA, 2007.

CAVALCANTE, F. R. C. **Análise da desigualdade regional no Estado de Rondônia à luz da teoria institucionalista de Douglass North.** Tese (Doutorado), Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2011.

CMB – Comissão Mundial de Barragens (WCD-World Commission on Dams). **Barragens e desenvolvimento – uma nova estrutura para a tomada de decisão.** (Dams and Development: a new framework for decision-making). UK/USA: Earthscan, 2000.

COASE, R. The new institucional economics. **The American Economics Review**, Vol 88, nº 2, 1988. p. 72-74. Disponível em: <https://campus.fsu.edu/bbcswebdav/orgs/econ_office_org/Institutions_Reading_List/02._Institutional_Quality_and_Growth/Coase,_R._H.-_The_New_Institutional_Economics> Acesso em 21 abr 2018.

CONCEIÇÃO, O. A. C. Além da transação: uma comparação do pensamento dos institucionalistas com os evolucionários e pós-keynesianos. **Revista Economia**. Set/Dez, 2007. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/revista/vol8/vol8n3p621_642.pdf> Acesso em 21 abr 2018.

COSTA, G. P. C. L.; GARTNER, I. R. **O efeito da função orçamentária alocativa na redução da desigualdade de renda no Brasil: uma análise dos gastos em educação e saúde no período de 1995 a 2012.** Revista de Administração Pública, vol. 51,nº 2, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122017000200264&lang=pt#B28> Acesso em 31 jan 2019.

COSTA NETO, P. L. O. **Estatística.** 2ª Edição. São Paulo: Edgard Blücher, 2002. 266 p. Disponível em: < <http://www.politecnicos.com.br/disciplinas/pro3200-estatistica-poli-usp/pdf/CostaNeto.pdf>> Acesso em 25 abr 2018.

CRESPO, Antônio Pedro, GUROVITZ, Elaine. A Pobreza como um Fenômeno Multidimensional. **RAE-eletrônica**. São Paulo, FGV, vol. 1, n. 2, jul.-dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/raeel/v1n2/v1n2a03.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2018.

CRUZ, F. N.; ALMEIDA, D. R. O discurso do sujeito coletivo como método de investigação e aprendizagem em avaliação do impacto das tecnologias digitais nas políticas públicas educacionais. **IV Encontro Brasileiro de Administração Pública**. João Pessoa, 24 e 25 de maio de 2017. Disponível em: < <http://www.ufpb.br/ebap/contents/documentos/0614-631-o-discurso-do-sujeito-coletivo-como-metodo-de-investigacao-e-aprendizagem-em-avaliacao-do-impacto-das-tecnologias-digitais-nas-politicas-publicas-educacionais.pdf>> Acesso em 05 mai. 2018.

DAGNINO, E.; OLVERA, A. J.; PANFICHI, A. (Orgs.). Para uma outra leitura da disputa pela construção democrática na América Latina. In: **A disputa pela construção democrática na América Latina**. São Paulo; Campinas: Paz e Terra: UNICAMP, 2006.

DATASUS. **Indicadores de mortalidade**. Taxa de mortalidade infantil. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2000/fqc01.htm>> Acesso em 17 nov 2018.

DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. **Metodologia Científica**. – Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

ENERPEIXE. **Dados técnicos**. Disponível em:< <https://enerpeixe.com.br/pt-br>> Acesso em 10 dez 2018.

_____. **Documentos oficiais**. Disponível em:< <https://enerpeixe.com.br/pt-br>> Acesso em 10 dez 2018.

EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA. **Plano Nacional de Expansão de Energia 2011-2020**. Brasília: Ministério de Minas e Energia; Empresa de Pesquisa Energética,2011.

FILHO, F. F.; CONCEIÇÃO, O. A. C. A noção de incerteza nos pós-keynesianos e institucionalistas: uma conciliação possível? **Journal of Economic Literature**, 2001. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200101324.pdf>> Acesso em 22 abr 2018.

FURNAS. **Usina hidrelétrica Peixe Angical**. Sistema Furnas de geração e transmissão. Publicado em 12 mai. 2007. Disponível em: <http://www.furnas.com.br/hotsites/sistemafurnas/usina_hidr_peixe.asp> Acesso em 07 mai. 2018.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, mai-ago, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>> Acesso em 12 jan 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos Demográfico, Econômico e Agropecuário 1995, 2000 e 2010**. Biblioteca digital. Rio de Janeiro. Disponível em: <www.ibge.org.br> Acesso em: 10 dez 2018.

JACOBI, P. R. **Políticas sociais e ampliação da cidadania**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GALA, P. A teoria institucional de Douglass North. **Revista de Economia Política**, vol. 33, nº 2, abril-junho, 2003. p. 89-105. Disponível em:<<http://www.rep.org.br/pdf/90-6.pdf>> Acesso em 22 abr 2018.

GONDIM, S.; FISCHER, T. O discurso, a análise do discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural, **Cadernos Gestão Social**, 2(1), 9-26. 2009.

HODGSON, G. M. *What are Institutions?* **Journal of Economic Issues**, Vol. XL, nº 1, março, 2006. Disponível em:<<http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/whatarestitutions.pdf>> Acesso em 22 abr 2018.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2000, 2010**. Disponível em:<www.ipeadata.gov.br> Acesso em: 15 nov 2018.

KUARK, F.; MANHÃES, F. C. MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático** – Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LEFEVRE, F.; LEFREVE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*. Faculdade de saúde pública da USP. São Paulo. jul/dez 2006. v. 10, n. 20, p. 517-524.

_____. **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. 97p.

LEFEVRE, F.; LEFREVE, A. M. C.; MARQUES, M. C. da C. Discurso de sujeito coletivo, complexidade e auto organização. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública da USP. São Paulo, 2007.

LEFEVRE, F.; LEFREVE, A. M. C.; CARDOZO, M. R. L.; MAZZA, M. M. P. R. Assistência pública à saúde no Brasil. estudo de seis ancoragens. **Saúde e Sociedade**. v. 11, n. 02, 10f. ago-dez/2002.

LOPES, H. C. Instituições e crescimento econômico: os modelos teóricos de Thorstein Veblen e Douglass North. **Revista de Economia Política**, vol. 33, nº 4, p. 619-937, outubro-dezembro, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572013000400004> Acesso em 21 abr 2018.

MAGALHÃES, S. C. G. **Estudos dos impactos sociais e ambientais decorrentes dos projetos hidrelétricos de Jirau e Santo Antônio – Reflexões preliminares**. Artigo (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). UFR. Porto Velho, 2006. Disponível em: <<http://www.gpers.unir.br/docsgpers/Artigo%20Analise%20dos%20Impactos%20sociais%20e%20ambientais%20das%20hidreletricas%20de%20Jirau%20e%20Santo%20Antonio.pdf>> Acesso em 04 set 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MORETTO, E. M. et al. Histórico, tendências e perspectivas no planejamento espacial de usinas hidrelétricas brasileiras: a antiga e a atual fronteira amazônica. **Ambiente & Sociedade**. vol.15 no.3 São Paulo Sept./Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2012000300009&lang=pt> Acesso em: 10 dez. 2017.

MORAIS, J. M. L.; AZEVEDO, J. A. M. . Por uma abordagem institucionalista-evolucionária do desenvolvimento econômico: implicações para uma política industrial moderna. In: X encontro nacional de economia política, **Anais...** Campinas, 2005.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: Investigações em psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 404 p.

MOURÃO, P. R. *El institucionalismo norteamericano: Orígenes y presente*. **Revista de Economía Institucional**, Vol. 9, nº 16, primeiro semestre, 2007. p. 315-325. Disponível em: <<https://www.economiaainstitucional.com/pdf/No16/preis16.pdf>> Acesso em 21 abr 2018.

Movimento dos Atingidos por Barragens. **Histórico do MAB**. Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br>> Acesso 05 dez. 2017.

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais**. Disponível em <<http://portal.mte.gov.br/rais/>>. Acesso em 18 nov 2018.

MYDAL, G. **Contra a corrente**: ensaios críticos em economia. Rio de Janeiro: Campus, 1977.

NORTH, D. C. Desempenho econômico através do tempo. **Lecture to the memory of Alfred Nobel**, dezembro, 1993. Tradução de Antônio José Maristello Porto. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/download/8428/7177> Acesso em 22 abr 2018.

_____. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

_____. *Institutions*. **The Journal of Economic Perspectives**, Vol5, Nº 1, 1991. p. 97-112. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1695541/mod_resource/content/1/North%20%281991%29.pdf> Acesso em 23 abr 2018.

OLIVEIRA, G. B. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 37-48, 2002. Disponível em: <<https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/477/372>> Acesso em 26 abr 2018.

OLIVEIRA, L. C. **Economia, Instituições e Royalties: o caso dos municípios lindeiros ao lago de Itaipu binacional no oeste paranaense**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. UNIOESTE, Toledo, 2008.

OLIVEIRA, N. M. **Desenvolvimento regional do território do Estado do Tocantins: implicações e alternativas**. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo, 2015. 259 p.

OLIVEIRA, N. M.; PIFFER, M. **Conjuntura do desenvolvimento regional dos municípios do Estado do Tocantins**. *Revista Desenvolvimento Regional em debate*, v. 6, n. 3, p. 32-61, nov. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/1023>> Acesso em 14 fev 2019.

PASE, H. L. et al. O conflito sociopolítico em empreendimentos hidrelétricos. **Ambiente & Sociedade**. vol.19 no.2 São Paulo Apr./June. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v19n2/pt_1809-4422-asoc-19-02-00045.pdf> Acesso 10 dez. 2017.

PIFFER, M. **A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do Estado do Paraná no final do século XX**. 167f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, Santa Cruz do Sul, 2009. Disponível em:

<<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/676/1/MoacirPiffer.pdf>> Acesso em 07 mai. 2018.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/ Atlas do Desenvolvimento Humano Brasil, 2013. Disponível em: <www.atlasbrasil.org.br> Acesso em: 25 jan 2019.

QUINTERO, O. L. L. **Comments on the approach of Institutional Economics**. MPRA paper nº 14047. Outubro, 2007. Disponível em: <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/14047/1/MPRA_paper_14047.pdf> Acesso em 21 abr 2018.

REZENDE, L. P. **Dano moral e licenciamento ambiental de barragens hidrelétricas**. Curitiba: Juruá, 2003.

ROCHA, H. J. **O controle do espaço-tempo nos processos de instalação de hidrelétricas**. Tempo soc. vol.26 no.1 São Paulo Jan./June 2014 Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/15.pdf>> Acesso em 30 nov. 2017.

SÁNCHEZ, L. E. **Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos**. 1ª Edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

SANDRONI, P. **Dicionário de economia**. São Paulo: Atlas, 1994.

SANTOS, R. A. T.; PAIXÃO, A. N.; OLIVEIRA, N. M. **A eficiência dos gastos públicos com educação básica municipal: uma análise para séries iniciais do ensino fundamental no estado do Tocantins**. Revistas Travessias, v. 12, n. 2, maio/ago, 2018. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/326980015_A_EFICIENCIA_DOS_GASTOS_PUBLICOS_COM_EDUCACAO_BASICA_MUNICIPAL_UMA_ANALISE_PARA_SERIES_INICIAIS_DO_ENSINO_FUNDAMENTAL_NO_ESTADO_DO_TOCANTINS> Acesso em 31 jan 2019.

SANTOS, R. F. **Planejamento ambiental: teoria e prática**. 1ª Edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2004.

SANTOS, R. L. **O Projeto Grande Carajás- PGC e algumas consequências regionais**. IV Congresso Internacional de História. Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/110.pdf>> Acesso em 17 jan 2019.

SCATOLIN, F. D. **Indicadores de desenvolvimento: um sistema para o Estado do Paraná**. Porto Alegre, 1989. Dissertação (Mestrado em economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução: Laura Teixeira Motta. Revisão técnica: Ricardo Doninelli Mendes. 8ª reimpressão. Companhia das Letras, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/19539/mod_resource/content/2/CHY%20-%20Sen%20-%20Aula%208.pdf> Acesso em 20 mar 2019.

SEPLAN – Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins. **Estudo da dinâmica da cobertura e uso da terra do Estado do Tocantins 1990/2000/2005/2007**. Dinâmica do Tocantins. Volume 1. Palmas, 2012. Disponível em: <http://web.seplan.to.gov.br/Arquivos/download/ZEE/Dinamica_de_Uso_da_Terra_1990-2007/Din_Cob_Uso_Tocantins_vol1.pdf> Acesso em: 07 mai. 2018.

_____. **Potencial Hidrelétrico**. 2015. Disponível em: <
http://web.seplan.to.gov.br/Arquivos/download/ZEE/Estado_do_Tocantins_Mapas_A0_2015/Potencial_Hidreletrico_TO_2015.pdf> Acesso 27 abr. 2018.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

SILVA, J. O. C. **Amartya Sen: “desenvolvimento como liberdade”**. Faculdade de Economia do Porto, 2010. Disponível em:<
https://www.fep.up.pt/docentes/joao/material/desenv_liberdade.pdf> Acesso em 13 fev 2019.

SOARES, V. R. **Impactos sociais causados pela construção de hidrelétricas em populações ribeirinhas na zona da mata mineira**: o caso específico da Usina Hidrelétrica Candonga – Rio Doce/ Santa Cruz Escalvado – Minas Gerais. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). UFJF. Juiz de Fora, 2009. Disponível em:
 <<http://www.ufjf.br/graduacaocienciasociais/files/2010/11/IMPACTOS-SOCIAIS-CAUSADOS-PELA-CONSTRU%C3%87%C3%83O-DE-HIDREL%C3%89TRICAS-EM-POPULA%C3%87%C3%95ES-RIBEIRINHAS-NA-ZONA-DA-MATA-MINEIRA-V%C3%A2nia-Ribeiro-Soares.pdf>> Acesso em 04 set 2016.

SOUZA, M. P. **Instrumentos de gestão ambiental: fundamentos e prática**. São Carlos: Riani Costa, 2000.

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento econômico**. São Paulo: Atlas, 1993.

STANFIED, J. R. (1999). **The scope, method and significance of original institutional economics**. *Journal of Economic Issues*, 33(2):231–255. Disponível em:
 <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00213624.1999.11506154>> Acesso em 13 jul 2018.

STRASSBURG, U. **O biogás no Oeste do Paraná: potencialidade, desafios e perspectivas à luz da Nova Economia Institucional (NEI)**. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo, 2016. 246 f. Disponível em: < <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2228/1/Udo%20Strassburg.pdf>> Acesso em 05 mai. 2018.

TERJESEN, S. A. Sen's 'development as freedom'. *Graduate Journal of Social Science*, vol. 1, 2º edição, 2004. Disponível em:<
https://www.researchgate.net/publication/27466009_Amartya_Sen's_Development_as_Freedom> Acesso em 13 fev 2019.

TOLMASQUIM, M. T.; GUERREIRO, A.; GORINI, R. **Matriz energética brasileira: uma prospectiva. Novos Estudos** – CEBRAP nº 79, São Paulo, 2007. Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000300003&script=sci_arttext> Acesso em 02 nov. 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUNDISI, J. G. et al. **Eutrofização na América do Sul: causas, consequências e tecnologias para gerenciamento e controle**. s. l.: IIE, IIEGA, Eutrosul, 2006.

VAINER, C. B.; ARAUJO, F. G. B. DE. **Grandes projetos hidrelétricos e desenvolvimento regional**. Rio de Janeiro: CEDI, 1992.

VASCONCELOS, M. A.; GARCIA, M. E. **Fundamentos de economia**. São Paulo: Saraiva, 1998.

VEBLÉN, T. **The place of Science in Mordern Civilization**. New York, Huebsch, 1919.

Disponível em:

<http://fax.libs.uga.edu/HB34xV395/1f/place_of_science_in_modern_civilisation.pdf>

Acesso em 21 abr 2018.

VIEIRA, E. F. **Planos nacionais de desenvolvimento**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em:

<<https://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/Euripedes%20Falc%C3%A3o%20Vieira%20-%20Planos%20Nacionais%20de%20Desenvolvimento.pdf>> Acesso em 17 jan 2019.

VIEIRA, R. S.; SILVA, A. M. A.; DUARTE, A. J. M. **Eficiência das câmaras legislativas municipais**. Ipea, Brasília, 2010. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1488.pdf> Acesso em 12 fev 2019.

VIGNATTI, M. A. P. **Modificações territoriais induzidas pelas usinas hidrelétricas do Rio Uruguai, no Oeste catarinense**. 2012. 262f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2013. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107462>> Acesso em 03 fev 2019.

WILLIAMSON, O. E.. The vertical integration of production: Market failure considerations. **American Economic Review**, 61(May):112–123, 1971. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/1816983?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em 21 abr 2018.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

MESTRADO ACADÊMICO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

PARTE I – SOBRE O ENTREVISTADO

- 1) Me fale da sua vida. O(a) senhor(a) sempre morou em Peixe?
- 2) Como era viver aqui antes da construção da usina?
- 3) Agora me fale o que mudou?
- 4) O(a) senhor(a) exerceu algum cargo político, de liderança social ou foi dono ou gerenciou alguma empresa ou comércio?

PARTE II – SOBRE A ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO DA USINA

- 1) Como era viver aqui durante a construção da usina?
- 2) Como a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção?
- 3) A prestação de serviços públicos (como nas áreas de saúde e segurança, por exemplo) foi impactadas de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

PARTE III – O LEGADA DA USINA PARA A CIDADE DE PEIXE

- 1) Como é viver aqui hoje?
- 2) Em sua opinião, qual a importância da usina para a cidade de Peixe nos dias de hoje? Ou o(a) senhor(a) entende que a usina não tem muita importância para a cidade?

- 3) Em sua opinião, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

- 4) Em sua opinião, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa As Implicações Socioeconômicas da Usina Hidrelétrica Peixe Angical em Peixe - Tocantins, sob a responsabilidade do pesquisador Benvindo Filho Pinto de Queiroz, a qual pretende analisar as implicações da construção da Usina Hidrelétrica Peixe Angical no processo de desenvolvimento regional em Peixe-TO.

Sua participação é voluntária e se dará por meio da concessão de uma entrevista ao pesquisador em que será feito o registro de áudio. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão do desenvolvimento da cidade de Peixe perante a construção da Usina Hidrelétrica, bem como, o levantamento de informações aplicáveis às comunidades submetidas a condições semelhantes.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são possíveis constrangimentos ao relembrar situações passadas ou emitir declarações que possa comprometê-lo de alguma forma. No entanto, a entrevista será concedida num ambiente que permita a privacidade e a sua identidade será mantido em sigilo.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá despesa e nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou qualquer dado, material ou registro que indique sua participação no estudo não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável no endereço Quadra 405 Sul, Alameda 17, QI 07, Lote 06, Palmas-TO, ou pelo telefone 63-984274792, email: benvindo193@hotmail.com. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa o(a) Sr (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFT. O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP da Universidade Federal do Tocantins pelo telefone 63 3229 4023, pelo email: cep_uft@uft.edu.br, ou Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio do Almoxarifado, CEP-UFT 77001-090 - Palmas/TO. O (A) Sr. (a) pode

inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. O horário de atendimento do CEP é de segunda e terça das 14 às 17 horas e quarta e quinta das 9 as 12 horas.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo sr. (a), ficando uma via com cada um de nós.

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE C

ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Entrevistado 1

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E1)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC001

Duração: 00:20:09

(Início)

P: Então, estamos aqui começando aqui a gravação, vamos fazer aqui a entrevista com o E1. Vamos seguir aqui as nossas perguntas. Podemos começar?

R: Podemos. Estamos aqui em condições, dentro da medida do possível, (companheiro Bonfim), pra atender as suas demanda aí no que se refere a su... o seu trabalho científico, se assim podemos dizer.

P: Ótimo. Então vamos lá. E1, me fala da vida do senhor. O senhor sempre morou aqui em Peixe?

R: Na realidade, Benvindo, nós... só toda vida vivemos em Peixe porque aqui nós nascemos, aqui nós crescemos e aqui nós demos os nossos primeiros passos para as nossas sobrevivência, né? Bem na verdade a gente teve um tempo que saiu, buscamos atra... corremos atrás dos nossos... dos nossos interesses, e hoje, depois da gente estar aposentado, nós voltamos a residir aqui na cidade de Peixe, a cidade que a gente ama, que a gente gosta de viver, até porque foi o torrão aonde nós nascemos.

P: O senhor tá... a gente colocar aqui dentro do lapso temporal da construção da usina. A usina começou em 2002, terminou em 2006. O senhor podia falar só... basicamente nesse período o senhor morava aqui, trabalhava fora, como é que... como é que era nesse período?

R: Na realidade, nesse período, eu trabalhava na cidade de Gurupi aonde é a sede do Quarto Batalhão da Polícia Militar aonde a gente exercia as nossas atividades como oficial naquela unidade, e morando na cidade de Gurupi, como Peixe fazia parte da... da administração do Quarto Batalhão, a gente também podemos dizer a quais... a todos os momentos a gente estava lidando com as questões de segurança da cidade, na cidade de Peixe.

P: Como era viver aqui em Peixe antes da construção da usina?

R: É claro que antes da construção da usina, a cidade toda vida foi uma cidade pacata, aonde as pessoas se conheciam, né? Uma cidade que não tinha violência, as pessoas todo mundo amiga, até pela quantidade de pessoas traduz isso que eu estou... que eu estou dizendo pra você. Então era muito bom viver na cidade de Peixe antes da construção da usina, embora, no que se refere à questão do desenvolvimento, do emprego, realmente era uma situação bem precária.

P: E o que mudou assim, pra hoje? O que o senhor acha que...

R: Eu poderia... eu deve... eu dividia isso em dois aspectos. Primeiramente, o momento da construção da usina, aonde realmente a cidade foi, vamos dizer assim, invadida, com muita gente, com muitos trabalhadores, o fluxo de veículo, né? De pessoas, né? E aonde surgiu também a oportunidade de trabalho, não só para as pessoas residentes da cidade de Peixe, mas como também praquelas que vieram pra trabalhar na usina. Então, neste período, a cidade teve realmente um fluxo muito grande de pessoas e o movimento, tanto da parte econômica, social, de escola, disso foi muito grande. Então a gente sentiu essa percepção neste momento da construção da usina, tá?

P: Eu vou avançar aqui, pode ser que outra... outra pergunte a gente volte nesse aspecto, mas tá... mas foi válido já a observação. O senhor falou, mas o senhor exerceu algum político, de liderança social ou foi dono ou gerenciou alguma empresa ou comércio durante a... essa...

R: Não, neste período eu simplesmente exercia única e exclusivamente a atividade de policial militar, porque a gente era oficial no Quarto Batalhão aonde a gente tinha a responsabilidade

de gerenciar com o comando da unidade todas as questões relacionada com a segurança pública da...

P: O senhor comandou operações aqui na cidade?

R: É, nós tivemos a oportunidade sim de comandar esporadicamente algumas operações no que se refere à segurança pública, como, por exemplo, blitz, questão de próprio apoio lá na cons... no canteiro de obra da usina que dava muito problema, né? Então a gente teve sim, a oportunidade de exercer essas atividades aqui dentro do Peixe, né?

P: Agora me fale sobre como era viver aqui durante a construção da usina? Nesse... no período, o senhor já falou, mas podia falar um pouco mais sobre...

R: É. Eu poderia dizer o seguinte, como foi viver dentro desse período. Houve sim uma oscilação no que se refere à tranquilidade das pessoas. Por quê? Porque antes da usina a cidade era uma cidade pacata, pouca gente, todo mundo se conhecia umas às outras e, no período da construção, houve um volume muito grande de pessoas desconhecidas na cidade, e isso trouxe, né? Não só no lado positivo, porque melhorou o fluxo da renda, da economia do município, mas trouxe também as questões que prejudicava a cidade, principalmente no que se refere à questão da insegurança, da violência, né? Da prostituição, né? Do furto, do roubo, né? Isso aconteceu muito. Então, nessa parte, realmente a gente que era acostumado com a cidadezinha mais pacata, mais humilde, então isso trouxe uma preocupação muito grande para os seus moradores, certo? Principalmente na questão da insegurança, né? Da violência.

P: Nós temos uma pergunta lá na frente falar dos serviços públicos, mas eu posso adiantar já que o senhor falou isso aí. Então, de certa maneira, os serviços públicos foram demandados de maneira bem ampliada e não... e houve assim, uma preparação pra isso? Eu falo tanto no sentido de... ou talvez (mais no sentido) de polícia, houve uma preparação pra enfrentar esse fluxo de pessoas ou isso era aquém da demanda que se apresentava?

R: Olha, Benvindo, eu posso dizer pra você o seguinte, na realidade, por parte do empreendimento, a gente tomou conhecimento que houve uma... um planejamento pra atender todas essas necessidades, mas o que nós observamos é que parece que o poder público do município não estava preparado. Tanto é que, apesar de todos os projetos que as empresa que tava construindo, a usina tinha, mas isso parece que ficou só no papel. Quando você fala da questão da... da segurança, tinha projeto pra se construir vilas, tinha projeto pra se construir

quarteis, tinha projeto pra se construir cemitério, ampliação de posto de saúde, de escola e, no entanto, o que nós vimos, porque faltou aí uma fiscalização, um interesse do poder público municipal, o pessoal das empresas acho que achou muito mais barato construir prédios nas piores condições de pré-moldado, prédios que... que dentro de poucos tempo já foi... já foi ficando danificado, né? E aí o que que aconteceu? Eu entendo que aí é aonde que entrou o prejuízo pra cidade de Peixe, porque quando eu falei pra você que parece que tinha projeto pra se construir vila, pra receber esse pessoal, e os político da época do Peixe o que que fizeram? Acharam por bem expandir a... aquilo que nós chamamos de favela, né? Começou a distribuir lote sem planejamento, sem isso, aquilo e dando pro povo, foi... o povo foi construindo de tudo quanto foi jeito, né? E aí o que que aconteceu? Quando acabou a usina, o povo foi embora e a cidade ficou favelada. Quer dizer, se tivesse seguido os projetos que foram feitos, hoje talvez a cidade poderia tá mais... mais organizada, né? Então eu vejo essa (dis)...

P: Faltou uma preparação da administração pública de...

R: Da admini... da administração pública.

P: ...de canalizar esse recurso pra poder (melhorar)...

R: Eu acho, é claro que dentro daquilo que nós estamos falando, mas a gente pode dizer, que falta... faltou honestidade, porque aí começou a surgir o dinheiro fácil, entendeu? Então o pessoal achou por bem ir pegando esse dinheiro e ir fazendo periferia, construindo casa, barraco pra colocar o povo e, com certeza, aqui pra nós, dentro daquela conversa inicial, aí faltou dinheiro pra construir as coisas como foi projetado pelas empresa, porque tanto é, - que isso eu tô falando aqui e vai ficar gravado -, que chegou o momento que a empresa não quis mais passar dinheiro pro município, ela se propôs a fazer o serviço, e teve prefeitos que preferia pegar o dinheiro. Tanto é que dentro disso que nós estamos conversando, (foram se ter) na justiça, porque as empresas... a Enerpeixe queria fazer o serviço, a administração pública queria pegar o dinheiro e aí eles (empinaram) a carroça lá, foram pra justiça, esse trem ficou enrolado aí muito tempo, eu não sei nem se esse dinheiro até hoje foi liberado em virtude dessas situações que eu tô te falando, né?

P: Como a economia da cidade Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: É, dentro do período da construção, a questão econômica do... principalmente da cidade, eu não vou falar do município porque o município do Peixe é um dos municípios maiores do estado do Tocantins, mas dentro da cidade realmente a movimentação econômica de supermercado, do comércio realmente foi muito boa.

P: Aluguel de casa.

R: De aluguel de casa e tudo. Mas depois que passou a usina, a cidade virou cemitério, né? O comércio foi lá pra baixo, tanto é que nós estamos vendo aí o comércio fraco, a cidade desorganizada, desarrumada, né? Os prédios que foram construídos tá aí tudo caindo, né? O menino aqui mesmo trabalha ali no colégio lá, sabe do que eu tô falando, né?

P: A prestação de serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

R: Com certeza, né?

P: Aí... aí o senhor me fala mais na hora de talvez da percepção do senhor, a área de saúde, segurança e de educação.

R: Eu vejo... eu vi, por exemplo... eu vi, por exemplo, a questão da área de segurança, né? É claro que na e... na época da construção da usina o policiamento aqui, ele foi... ele foi reforçado, a gente tinha até conhecimento, a gente fala isso com... com conhecimento de causa, a própria Enerpeixe contribuía com combustível, contribuía com veículos, né? Contribuía com alimentação muitas vezes das... do...

P: Dentro dessa área, se o senhor fosse (citar, destacar) alguns fatores, talvez questão de uso de drogas ou prostituição ou a própria violência, o senhor podia relembrar algum...

R: Isso aí realmente foi constatado, né? Tanto é que no que se refere à prostituição quando essa... quando o pessoal da usina foi embora, o quanto de mocinhas ficaram aqui engravidadas, com filhos sem nenhuma estrutura, né? Na... no que se refere à insegurança é aquilo que eu te falei, realmente tinha muita confusão, tinha briga, tinha assassinato, tanto é que a... a delegacia aí vivia cheia de pessoal que... que insistia em ir pro mundo errado no que se refere à segurança pública. Com relação à educação, realmente foi impactado, tanto é que foi construído colégio pela... pela própria Enerpeixe, porque o município não tinha condições, os colégios do Estado aqui também foram ampliados pra receber esse pessoal, contratação de

professores, entendeu? Então nessa questão também foi muito impactado o serviço público, né?

P: E como é viver aqui hoje? O que que... o que que mudou? Qual que é a... o que que...

R: Olha, eu lhe digo o seguinte, tanto é que eu hoje me encontro já na reserva da Polícia Militar e eu poderia estar muito bem morando no Gurupi, morando em Palmas e eu prefiro tá morando na cidade de Peixe. Por quê? É claro que hoje a vida aqui na cidade de Peixe não é como se fosse na época da construção da usina, a cidade voltou àquele patamar de ser considerado uma cidade pacata aonde o desenvolvimento, o emprego, né? A própria educação sofreu um baque, mas é gostoso viver na cidade de Peixe, porque apesar da... da violência que assola o Brasil todo, e o Peixe também está sendo atingido, mas hoje a cidade de Peixe é uma cidade muito boa pra se morar. Embora se você der uma volta na cidade, você vai ver que falta muita coisa pra gente ter uma qualidade de vida, né? Porque a cidade continua na poeira, continua sem asfalto, não tem praças, a iluminação é precária, né? Nós temos a questão da saúde, funciona, tudo bem, mas poderia ser bem melhor, porque o que nós observamos que, depois da construção da usina, é claro que não é como muita gente diz, mas a questão do FPM da cidade, né? A questão do pagamento de imposto, hoje o município do Peixe, ele é considerado um dos... um dos que mais arrecada no estado do Tocantins, né? É evidente que nós também sabemos que o município é um município muito grande, mas é um município que arrecada muito e que hoje é um destaque no... no estado do Tocantins. Embora a gente não vê esse dinheiro sendo transformado em benefício da comunidade, principalmente na questão da estrutura física da cidade, porque a cidade é uma cidade feia, imunda, suja, não tem asfalto, né? Iluminação precária como eu falei, né? A educação, a gente vê os professores berrando aí, falta tudo, né? Então essa é a situação hoje da cidade de Peixe, mas é uma cidade boa pra se viver, eu mesmo gosto muito de morar aqui.

P: Na opinião do senhor, qual a importância da usina para a cidade de peixe no dia de hoje? Ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Eu digo o seguinte, inclusive, nós, nós temos interesse político nessa cidade. Eu já fui candidato a prefeito duas vezes, candidato a vice uma vez e... e o que a gente observa é o seguinte, eu sempre digo das conversas que nós... que nós pregamos para o eleitorado. Peixe é um município que tem tudo pra dar certo. E quando eu falo que dá certo, por quê? Porque nós temos água, nós temos terra, nós temos hoje a usina hidrelétrica que hoje é uma questão

fundamental na vida das pessoas, nós exportamos energia pra fora, né? Nós temos agricultura, nós temos pecuária e nós temos gente, eu não sei por que que o Peixe não vai pra frente. Então a usina, ela tem um grande significado. Outra coisa que eu não falei, Peixe pode ser explorado muito a questão do turismo, e essa usina, além da produção de energia, ela também é uma fonte de abastecimento da questão da... do turismo na cidade de Peixe, um turismo sustentável, um turismo de pesca, um turismo de você ter que navegar nesse lago, nas riquezas naturais que o Rio Tocantins proporciona à Peixe. Então, a usina, ela hoje ela atrai gente do Brasil todo, inclusive do exterior que vem pra conhecer o lago, pra pescar, pra... pra se beneficiar dessa riqueza natural que é o Rio Tocantins. Então ela muito importante na vida do Peixe. Embora eu acredito que os nossos administradores não têm tido inteligência pra... pra retirar disso aí tudo aquilo que poderia transformar a cidade e o município do Peixe talvez num... na melhor cidade do (menor/melhor) município do estado do Tocantins.

P: E na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Aí eu vou dizer pra você que não, (irmão). E não vou culpar o projeto, eu vou culpar a administração pública do município que não teve a capacidade, - não teve e não tá tendo -, capacidade e inteligência pra retrair ou re... retirar, não é retrair não, retirar desse conglomerado que administra e tudo isso, as coisas boas que poderia organizar Peixe. Então, Peixe, depois da usina, nós vimos que voltou pro atraso, né? Porque a gente vê aí, a cidade cresceu, mas ficou favelada, o nosso povo na seca é na poeira, na... na chuva é aí como você tá vendo, o asfaltozinho que constrói, você é testemunha, você tá vendo aí, tudo malfeito, tudo, entendeu? De situação de precariedade, muitas vezes a saúde deixa a desejar porque se o cara corta um dedo aqui tem que correr pra Palmas, né? Longe daqui. Então eu acho que isso deveria... a gente deveria ter inteligência. Os administradores, não a administração da usina, porque eu te garanto que se a gente tivesse um prefeito que soubesse alinhar com esse povo, e lá não só tirar proveito do pessoal, mas pensar no coletivo, na... no público, eu te garanto que poderia ser bem melhor do que é hoje, certo?

P: E pra finalizar aqui. Na opinião do senhor, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?

R: Eu acredito que aí talvez seja o maior empreendimento não só da cidade de Peixe, mas da região, como eu falei anteriormente, porque hoje a usina, ela traz divisa, ela traz

conhecimento, entendeu? Quem tá lá em São Paulo, Brasília, eles inclusive vêm de avião pra Palmas, tem uns guia aqui no Peixe. Inclusive, nesse contexto tem dado até algum emprego pra alguns companheiro nosso, porque o pessoal vem, conhece, gosta. Tem a questão aí da... do pagamento de impostos, né? Que deixa o município do Peixe numa situação... numa situação mais privilegiada de que outros municípios, né? Sem se falar da riqueza natural, a coisa mais linda você ir lá, ver e aquilo que mexe com o seu coração e com a sua alma. Então, a usina hoje, ela não é só empreendimento maior só no município de Peixe não, mas da região... da região toda. É assim que eu vejo a questão da usina hidrelétrica da cidade de Peixe.

P: Aqui, então finalizando aqui nossa... a nossa entrevista, só deixando aqui registrado nossos agradecimentos pela atenção do senhor, estamos finalizando o nosso áudio.

R: Obrigado. Então eu é que me sinto agradecido pela oportunidade que você me deu de eu... que eu pudesse expressar todos os nossos sentimentos relacionado ao seu trabalho, tá? Se não fui bem, desculpa.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 2

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E2)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC002

Duração: 00:11:13

(Início)

P: Então estamos aqui começando a nossa entrevista com o E2. Tudo pronto? Podemos iniciar?

R: (Sim).

P: Então... então vamos lá. E2, me fale como é que é a vida do... com é a vida do senhor e se o senhor sempre morou em Peixe? Aí o senhor pode tá se referindo ao período que compreende a usina, depois, antes.

R: Isso. Eu moro aqui há 15 anos e seis anos aproximadamente, cinco anos foi durante a usina. Nem se comprara o movimento durante a usina e de hoje porque nós teria aí hoje 5 mil pessoas na cidade, o movimento da cidade, sendo que esses 5 mil pessoas dentro do comércio é uns 70% compra em Gurupi porque é pertinho de Gurupi, e no tempo da usina simplesmente aumentou 20 mil pessoas porque seria 6 mil pesso... 6 mil emprego direto e mais as visita que visita e os indireto. Sem dúvida, muito melhor.

P: Então... só assim, me falar mais um pouco. Então o senhor ia... antes do senhor morar aqui o senhor conhecia a cidade?

R: Sem dúvida, eu conhecia já há 20 anos mais ou menos.

P: Visitava com frequência aqui.

R: É.

P: Antes da usina.

R: É. Mas não morei, só visitava.

P: Dentro do que o senhor conhece, como era viver aqui antes da construção da usina? Ou (pode) dizer como era a cidade?

R: Praticamente o que nós tamos passando hoje, com uma diferença pequena porque hoje a usina movimenta, o movimento da usina são bem maior, mais 90% do funcionário da usina mora em Gurupi. Então simplesmente hoje a diferença é milésimo. Você entendeu? Mudou... depois da... da construção da usina não mudou muita coisa não, mudou assim, pra... pra o município, pra arrecadações, mas pro... pro dia a dia de Peixe não mudou muita coisa não.

P: Então nós entramos na terceira pergunta aqui, agora o senhor me falar o que mudou então o senhor fala que não mudou muita coisa?

R: Eu acredito que não mudou, não mudou.

P: Certo.

R: Pra minha opinião não mudou, porque simplesmente os funcionário da usina não dá 3% que mora aqui, todo mundo mora no Gurupi. Então eles só vêm aqui trabalhar e já volta.

P: O senhor exerceu algum cargo político de liderança social ou foi dono ou gerenciou alguma empresa ou comércio?

R: Eu seria... eu fui vendedor, antes da usina eu... eu visitava aqui como vendedor, eu não... eu era... era empregado e depois eu passei ser dono, vendendo de porta em porta.

P: O senhor passou ser dono em... o senhor lembra mais ou menos em que período?

R: Ah, um período aí...

P: Bem depois que acabou a usina ou...

R: Isso. Uns cinco anos atrás depois da usina até o período da usina, eu sempre visitava aqui vendendo, mas não como dono, e antes, desde 85 que eu trabalhei aqui, conhecido, o pessoal me conhece, a cidade inclusive o meu... o meu apelido aqui quem colocou foi o pessoal por causa da empresa, você entendeu?

P: Ah sim.

R: Tá?

P: Agora, como era viver aqui na cidade de Peixe durante a construção da usina?

R: Ótimo. Problema teve porque você sabe que aonde tem muita gente o que não tem de vantagem vem os problemas também, sem dúvida, mas que foi bom demais e não só pra mim, pra população em peso, teve... (nego) nunca... nunca viu o dinheiro na vida deles como eles viram no tempo da usina aqui, muitos comerciantes nunca viu o dinheiro como eles viram no tempo da usina. Isso é mais do que certo, foi um espetáculo porque foi 20 mil pessoa a mais na cidade.

P: Como que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção? O senhor pode relembrar assim alguma...

R: Uai, as obras da... da usi... as obras, pra te falar a verdade, as obra que teve no Peixe durante a usina foi oferecida pela própria usina.

P: Sim.

R: É. Eu não vi ninguém fazendo obra, e eu não acompanhei, não lembro, se teve eu não lembro, a não ser essas do Governo Federal que não tem nada a ver com a usina, mas é... mas no fundo, no fundo as obra feita aqui pela... durante o período da usina foi a usina que fez.

P: E toda circulação de dinheiro que tinha assim, no comércio tudo vem... vem nessa época do movimento da...

R: 90%, 99% pra te falar a verdade foi da usina.

P: Tanto na área de comércio, na área de imóveis, de tudo?

R: De tudo, de patrimônio, inclusive quando foi a saída da usina aqui teve nego que vendeu o trem aí preço de banana.

P: Uhum. A prestação de serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina? Aí nós podemos falar da área de saúde, educação, de segurança pública. Se o senhor puder relembrar.

R: Não, pra te falar a verdade eu acho que sim, eu não senti diferença porque você sabe que hoje Peixe probleminha simples, Peixe resolve, senão ele já passa direto pra Gurupi. Então eu acho que igual tá, igual foi, nunca deixou de tratar, se eu falar pra você que o hospital deixou de tratar eu tô com... mentindo, porque ele sempre atendeu, sempre foi... foi bom, ele sempre quando você precisa, eles tão atendendo. Então no tempo da usina do mesmo jeito, eu... eu acompanhei aqui, porque assim, você não vai acompanhar lá de ponta a ponta porque você não é funcionário da empresa, não vai... mas sempre a gente... quando você vai no hospital você vê que eles tavam atendendo, eles nunca deixou de atender.

P: Mas assim, o senhor acha que o... a quantidade de pessoas na cidade aqui pode ter assim, afetado eu falo assim, a saúde tava preparado praquele tanto de gente? Pra atender aquele tanto de gente?

R: Às vezes sim. Outra coisa, quando a pessoa do médio porte... do médio porte pra cima, ele não procura o hospital público, então... mas aquele que procurou eu acredito que ele foi atendido porque reclamação tem de qualquer lugar que você for atendido, hoje hospital público tudo tem reclamação, tu nunca... pessoal... por que você acha que o cara vai te atender bem como fosse uma clínica particular? Não vai, não tem, isso aí é mais do que certo, qualquer lugar público que você for, você não vai ser bem atendido como no particular que ele tá fazendo de... gratuito pra você, é o direito que você tem que é os imposto que você paga, mas nunca é.

P: E na área da segurança, o senhor acha que teve algum impacto assim na época de violência ou de algum... ou de...

R: Não deixa de ter porque o número de gente cresce, né, (véio)? Aonde tem movimento, você... aonde tem gente o movimento é melhor, é bom, tem as qualidade e tem os problemas, sempre aonde tem 20 mil pessoa o problema é bem mais de que aonde tem 5 mil pessoa. Por quê? Porque o número de gente com aquele estilo, com espírito de... de ruindade, de ser mau tem mais. Então certeza que teve mais problema.

P: Ou alguma... ou algo assim em relação a também ao consumo de drogas ou prosti... prostituição, o senhor...

R: Não tem... não tenho dúvida que aumenta, tudo aumenta, tudo aumenta.

P: Sim.

R: Tudo aumenta. Tudo de bom aumenta e tudo de ruim aumenta, mas isso é claro, tu sabe, tu é formado, tu sabe que é realmente, aonde tem gente número de gente é maior, o problema é a maior e as vantagem também é maior.

P: Sim. Agora, como é viver aqui em Peixe hoje?

R: Normal, muito... muito... uma coisa que hoje não é só Peixe, mas o nosso estado precisaria mais de segurança, hoje o nosso país precisa de segurança porque hoje aqui nós conta os empresários, os comerciantes que não foi assaltado no Peixe com uma cidade de 5 mil pessoa, é um cúmulo do absurdo e você vai ver tudo é pessoa... 90% são da cidade. Então é falta de segurança, mas não é... eu não reclamo da polícia, que a polícia aqui são uns... eles trabalha bem demais, o que eu já precisei deles, eles me atenderam na hora e foi resolvido na hora, se

eu falar pra você que a polícia me atendeu mal eu tô mentindo. Então são um pessoal 10. Tem problema? Tem, porque o... porque o... tem, porque o bandido é difícil pra você agir, tu... sabe? Tu é policial e tu sabe como que é, mas que aqui principalmente hoje, hoje a polícia aqui tá fora de sério, trabalhando bem demais da conta, se eu falar pra você que eles tão trabalhando mal eu tô mentindo que eles são bom, tanto a linha... tanto o Civil como o Militar.

P: Na opinião do senhor, qual a importância da usina para a cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Sem dúvida, tem muita importância, tem muita importância. E hoje a usina... hoje o que segura o Peixe é a usina, se você for ver arrecadação de Peixe antes e vê hoje, se você entra lá no site você vê, a diferença é grande, e hoje a usina às vezes não dá mais, não oferece mais porque o pessoal não oferece, se tivesse... tivesse como eles morar aqui, o número da cidade era outra porque são... nada, nada hoje, vamos supor que a usina trabalha lá com... vamos supor, uns 50, 60 funcionário, que eu nunca olhei, eu não corro atrás disso ai pra mim ver, mas no mínimo aqui se trabalha com 70, 80, 100 funcionário, não da 50% que mora aqui, o resto tudo vai pra Gurupi. E por quê? Porque o cara não procurou oferecer eles morar aqui, oferecer o que... o que tinha que procurar fazer tudo pra eles morar aqui, mas vai fazer o quê? Não teve jeito.

P: Na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Rapaz, pra te falar a verdade assim, numas coisas sim porque a cidade de Peixe, ela deixou muita obra e aquelas obra sempre tão sendo usada pela prefeitura. Então tá, tá servindo pra população. Então eu acredito que sim porque ela deixou muita obra e essas obras que ela construiu e eu acredito que ela não cobrou nada da prefeitura, deu... doou tudo que a prefeitura hoje tá tomando de conta delas.

P: Uhum. Aí pra finalizar, nossa última pergunta aqui. Na opinião do senhor, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?

R: Eu acredito que praticamente 80, 90% da arrecadação do Peixe hoje vem da usina, e hoje se prefeitura, se o político interessasse por mais coisas, chamar mais, procurar mais pra cidade de Peixe, seria melhor ainda porque tinha como, porque nós moramos numa beira de uma natureza que é pouca cidade no Brasil que tem e não... e somos uma cidade que só tem

movimento em julho. Inclusive, nossos patrimônio aqui não tem valor, um lote que você... esses dias nós teve conversando, um lote que você compra em Palma por 50, 100 mil aqui você compra entre 10 e 30 mil, depende da ocasião e do cara, da precisão do cara, da precisão do comprador, porque se eles vê que você tá com o interesse de comprar sim, se não tiver, eles... então é desse jeito.

P: Não. Então muito obrigado, nós estamos finalizando aqui a nossa entrevista.

R: Obrigado você. Bom serviço pra você.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 3

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E3)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC003

Duração: 00:06:04

(Início)

P: Então estamos aqui começando a entrevista com E3. E3, tá pronta pra gente iniciar?

R: Sim.

P: Então vamos lá. Me fale da sua vida. Você sempre morou aqui em Peixe?

R: Sim. Sempre morei em Peixe, desde que eu nasci, estou aqui até os dias atuais, trabalho em Peixe, construí família em Peixe, o meu vínculo empregatício é em Peixe também.

P: Como era viver aqui antes da construção da usina?

R: Muito tranquilo. Peixe sempre foi uma cidade pacata, ribeirinha, mas com... o fluxo de pessoas era muito pequeno.

P: E o que mudou hoje?

R: Mudou porque... após a construção da usina?

P: Sim.

R: Mudou porque deixou muito impacto social não reparado, e coisas que não dá pra reparar ao longo dos anos.

P: E você exercia algum cargo político ou de liderança social ou trabalhou em alguma empresa ou gerenciou ou foi dona? Qual sua atividade funcional aqui? Durante a construção ou depois, (só pra gente ter)...

R: Durante a construção da usina, eu não tive nenhum desses cargos, eu sempre fui funcionária pública, municipal e estadual.

P: Sempre na área da educação?

R: Na área da educação, professora de carreira.

P: Hoje você tá na coordenação?

R: Pedagógica.

P: Ótimo. Vamos lá. Como era viver aqui em Peixe durante a construção da usina?

R: (Ué), muito complicado, porque Peixe não tava preparado pra receber o fluxo de pessoas que recebeu de uma hora pra outra, de um mês pro outro. Recebeu um fluxo muito grande de pessoas, a escola não tinha estrutura pra receber esse pessoal, aluno tinha que ficar estudando em casas... em locais alugado porque tinha que receber os alunos, município e estado tinha

que receber os alunos, mas não tinha infraestrutura. Aí aos poucos que o consórcio construtor foi construindo e depois foi colocando, agregando essas pessoas, mas já mais pro final da construção.

P: E como a economia da cidade de Peixe, ela foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: Durante o período de construção teve a boa influência dentro do comércio, que foi a movimentação de dinheiro dentro do município, coisa antes que a gente não tinha visto numa larga escala, mas depois tudo voltou à calma, após a construção.

P: A prestação de serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

R: Sim. Sim, foi de maneira que não deu pra reparar também. Foi igual a educação, tinha muita gente pra ser atendido por profissional. O consórcio não se preocupou com essa parte que impactava a comunidade e as pessoas que ali estavam a serviço do... dentro da própria barragem.

P: E se fossemos falar assim, de algumas áreas como na área de... você falou da área de educação, teríamos assim, muito aluno e não tava preparado (pra ter).

R: Não tinha espaço, o espaço veio a ser construído depois, no final do... no final da construção da barragem, que veio ser entregue ao município uma única escola.

P: E também na área da saúde...

R: Também foi impactada. A gente não tinha profissionais pra atender aquela... aquele tanto de demanda.

P: E na área de segurança pública?

R: Também. Também.

P: Caso de violência, de prostituição...

R: Também.

P: ...de drogas?

R: Também, também foi impactado. E a questão também, a mais... que eu acho que muito mais grave, além da ambiental, é a questão social, que ficou muitas... muitas pe... muitas mulheres sem os pais dos filhos, muitas meninas grávida e não teve uma... uma coisa social pra isso, o consórcio não se preocupou com isso também.

P: Como é viver aqui no Peixe hoje?

R: Hoje nós vivemos com a usina, só que a usina, ela... pra mim, ela não tem influência nenhuma a não ser pra arrancar dinheiro do município. O royalty, a gente pode falar assim que os royalties que eles repassam pro município é irrisório diante do impacto pro resto da vida.

P: Em sua opinião, qual a importância da usina para a cidade de Peixe nos dias de hoje ou você acha que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Pra cidade de Peixe não tem nenhuma importância, porque... eu vejo que não tem nenhuma importância, tem importância pro consórcio construtor que racha de ganhar dinheiro.

P: Em sua opinião, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Nenhum, nenhum. Nenhum avanço social e assim, é uma parte que deixa a desejar. Aqui mesmo em (Dom Alano) a gente tem um processo seletivo que eu acho que é mais pra amortização de impostos da usina, eles escolhem dois alunos na condição de menor aprendiz, faz uma seletiva, e esse ano até eu acho que... não sei nem como eles fizeram esse processo que escolheu um da comunidade e um da escola, geralmente vai dois alunos do (Dom Alano) e esse ano só foi um. Aí não... mudou as regras de como foi selecionado, não de... deixou muito obscura essa parte porque, ao meu ver, é só pra amortizar os impostos que eles fazem esse projeto. Que ainda é pouco, deveria colocar pelo menos uns 10 jovens aprendiz lá.

P: Em sua opinião, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?

R: Nada mais do que captação de impostos, não vai além disso. Pra mim, não vai além disso. Não tem nenhum projeto de relevância, nenhum projeto da EDP, de escolinha disso e daquilo, mas você vai olhar, não... no papel tem os profissionais, mas você vai buscar se os

profissionais tão lá e não tão trabalhando com as crianças, que é um projeto voltado pra crianças que eles têm, EDP, Energia de Portugal nas escolas.

P: Tá ótimo. Muito obrigado. Finalizando aqui a nossa entrevista.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 4

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E4)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC004

Duração: 00:22:17

(Início)

P: Então estamos começando aqui mais uma entrevista com o E4. E4, podemos começar?

R: Sim, pode... pode fazer as perguntas.

P: Me fale da vida do senhor. O senhor sempre morou aqui na cidade de Peixe?

R: Não, eu... mudei aqui pra cidade no ano de 1997, ou seja, vai pra 22 anos que eu estou morando aqui em Peixe.

P: Então o senhor acompanhou todo o processo da época da usina aqui, da construção, antes, durante e depois?

R: É, na época eu era o coordenador do Naturatins, né? Que era o órgão ambiental e eu participei intensamente desse processo nas reuniões aqui, em Palmas, além das audiências públicas, reuniões entre o meio ambiente e o pessoal da Enerpeixe, né?

P: Como era viver aqui antes da construção da usina?

R: Antes da construção da usina era... todo mundo tinha uma expectativa na construção da usina. Então, a gente... quando falou em construir a Peixe Angical, criou-se uma expectativa que as coisas aqui melhorariam e, no entanto, isso não ocorreu, né? A gente, hoje a gente já tem um prazo da construção e a gente percebe que aquela expectativa, ela foi por água abaixo, acompanhou a água da usina aí.

P: E depois assim, o que que mudou aqui na... no modo de vida das pessoas aqui depois da construção da usina?

R: Praticamente nada. Durante a construção teve... teve sim, teve algumas alterações, eu que conheço o EIA e o Rima, né? Todos os tombos, todos os... os relatórios, e na construção gerou bastante emprego pras pessoas que moravam aqui, trouxe muita riqueza pro comércio, os comércio se expandiram, no urbano teve abertura de vários loteamentos, só que a usina pagou pros loteamento, mas a gestão pública na época não regularizou os loteamento, hoje eles estão todos loteamentos irregulares, você não consegue tirar uma escritura aqui pra financiar casa. Então assim, a gestão pública, ela... eu, na minha opinião, ela foi a principal responsável pelo atraso que a usina trouxe, pra dizer a verdade, nós... quando vem alguém de fora compartilha dos mesmos detalhes que a gente que parece que nós não fomos impactados, não só pela Peixe Angical, mas nós já fomos impactados pela Peixe Angical, pela (de São) Salvador, pela Serra da Mesa e aqui é um município... e era a mesma gestão pública de todas essas aí. É óbvio que era o Castelo numa, depois ficou (Nilo) que era uma só durante esse processo todo. E nós fomos indenizados pelas três, infelizmente nós não temos nada de indenização, hoje a gente pode sair aí não tem nada, né? Aqui em Peixe, em relação a... que aqui nós fomos recompensados com a construção dessas três barragem. Eu vou te dar um exemplo aqui da primeira de Serra da Mesa. Nós ganhamos uma escola técnica, um prédio pra escola técnica, o matadouro público municipal, a praia permanente e a reforma do prédio do Naturatins, infelizmente saiu a reforma do prédio do Naturatins, mas não era interessante politicamente o escritório ficar aqui, o escritório mudou pra Gurupi e ficou abandonado onde antigamente funcionou até depois uma secretaria de meio ambiente. Já de São Salvador eu não participei

do processo e Serra... e Peixe Angical a gente tem aí um colégio que sempre tá precisando, que é o Mestre Chico, sempre fazer reformas sazonais, chuva, calor, etc., a creche do lado ali que é educação infantil hoje também não justifica e uma pra... uma praça que nunca foi inaugurada, né? Assim, uma obra que aproveitou mesmo da barragem de Peixe Angical foi o colégio JK, que mesmo assim também, ele poderia ter expandido, poderia ter sido feito em outro local pra fazer uma coisa bem-feita, mas também a gente nem pode contar como grati... uma gratificação da barragem, né?

P: Sim. Essa pergunta aqui é pra falar sobre a fun... as funções que o senhor exercia, mas eu vou falar de novo, o senhor já falou, mas só pra repetir. Exercia algum cargo político, de liderança social, foi dono ou gerenciou alguma empresa durante... ou comércio durante ou depois (inint 04:23)?

R: Durante a construção da barragem não, eu era... como eu disse, eu era, de certa forma é um cargo político, eu era... era concursado num cargo e ocupei a coordenação do Naturatins, né? Que era um cargo de confiança e... até então eu fiquei, né? Fazia fiscalização ambiental e ambientalmente a gente pode dizer que a Peixe Angical, ela trouxe um prejuízo muito grande, não só pra... pro nosso município como pra região do Tocantins aqui, a região Sul, Sudeste todo, né? Então nós tivemos... essa usina, ela fica a maior parte do ano parada gerando energia, meia turbina, uma turbina só pra consumo interno, e até hoje não sei se é porque é muito caro a energia dela, por isso que ela fica inativa um bom tempo, a gente teve uma parcela muito grande de área alagada pra pouca geração de energia e pouca... socialmente, ela não trouxe benefício nenhum aqui pra região, pra nós de Peixe. Assim, já São Salvador, que tem um distrito do Retiro, foi construído um novo distrito, não sei se você sabe, pra eles, eles foram até muito mais gratificados do que nós aqui de Peixe. Peixe, infelizmente, foi um mal, essa barragem é um mal pra nós hoje, a gente tá aí colhendo frutos de... frutos mal em função da construção da barragem.

P: Você trabalhou na Naturatins antes da construção da usina e durante?

R: Durante e depois também.

P: E aí... aí depois saiu lá e ficou na educação?

R: É eu... é, eu passei no concurso público pra... pra educação, professor... educação básica em 2002, né? Foi quando eu vim aqui pro colégio Dom Alano.

P: Uhum. Como era viver aqui durante a construção da usina, aqui em Peixe?

R: Durante a construção da... da usina, pra mim particularmente, foi uma sensação de euforia, né? Porque o município nosso era pacato e de uma hora pra outra começou a ter um movimento quase igual uma cidade de 100 mil habitantes. Então devem ter vindo pra trabalhadores direto e indiretamente em torno de 10 mil pessoas aqui pra Peixe, porque só de trabalhadores teve o pico mesmo tinha 5.500 trabalhadores na barragem, desses 5.500 apenas 500 era de Peixe. Então, quer dizer, fora os bares, restaurantes e as pessoas que vieram, a gente calcula aí um entorno de 8 a 10 mil pessoas que vieram pra cá. Então foi uma euforia muito grande em relação a tudo, né? Você ia num bar, às vezes você tinha uma, três pessoas passaram a ter 30, 15 a 30, assim, o EIA Rima, ele... ele prevê tudo, né? Então, pra você ter uma ideia, eu mudei pra cá em 97, primeira vez que eu vi um cabaré aqui foi quando o primeiro ano que co... que começou a construção da barragem porque estava no relatório, precisava ter... na verdade, a Enerpeixe eu acho que patrocinou três, né? Três cabarés aqui porque senão corria risco de... das meninas, mulheres aqui serem atacadas. Então assim, pra quem era acostumado com uma cidade pacata e de uma hora pra outra tinha até boate, aí foi um impacto muito grande assim na... pra gente, né? Mas pras famílias, eu tinha muito... muitos amigos aqui, e tenho muitos amigos, eles ficaram até com medo, principalmente as pessoas mais velhas, né? Porque eles não eram acostumados com esse tipo de coisa, pequenos delitos, varia... de vários tipos, nós tivemos de pequenos furtos até assassinatos aqui pra uma cidade que isso é... é raro acontecer foi algo extraordinário pra cá.

P: E como a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: Bem, foi influenciada, praticamente transformou, né? A gente pode chamar uma revolução no comércio aqui de Peixe. Em números, se a pessoa vendia 10 mil reais, ela passou a vender 100 mil reais, todos os comércios. Todos esses comércios eram pequenas salas ou pequenos galpão... galpões, hoje são todos grandes construções, né? A gente pode citar o Zé Martins lá em cima, o Deusdete mais na frente, o Priscila, né? Que teve um... todos eles cresceram e... pra dizer a verdade, o comércio que não deu conta de suprir a necessidade da época da construção da barragem, tiveram que as pessoas, a maioria dividiu compra aqui, em Gurupi, etc., e até mesmo fora da... do nosso estado, né? Goiânia, Anápolis, etc.

P: Aí também tem a questão da construção civil também que avançou um pouco, né?

R: É, a construção civil... então, como eu disse lá no início com relação aos loteamentos que foram abertos, né? Então assim, o Peixe, ele perdeu a oportunidade de ter... de ter virado um município moderno porque aqui era um mato, aquela área... área Sul do... do Peixe, a área nossa Sul onde é o estádio de futebol, Cassimirão, ali era mato, era puro mato, tiveram que abrir de uma hora pra outros vários loteamentos. Então, tinha o dinheiro pra licenciar esses loteamentos, infelizmente, a gestão pública na época não fez isso. Então, por isso que nós temos construções que... sim, teve um grande aumento do... do fluxo do comércio e da construção civil, nós tivemos... hoje nós temos aqui depósito de materiais de construção que nem Gurupi tem, que é o caso da Portal ali e que atende tudo, desde o alicerce até a última parte do acabamento. E temos também outra aqui na... num depósito aqui da... da Rosária, eu não sei o nome lá, do... então assim, foi um... teve oportunidade de crescer muito, só que, por não haver o licenciamento do loteamento e não um acompanhamento tanto da prefeitura como do Crea, hoje a gente tem aqui... Peixe é um laboratório de casas construída... você pode trazer aluno de qualquer universidade de arquitetura do mundo inteiro que vai ter um laboratório a céu aberto de como não fazer uma urbanização. Então, hoje você tem algo assim, que você fica estranha. Nem Palmas que... uma hora em Palmas você tá andando tem uma mansão, um sobradinho você se depara com um castelo, né? Tem o castelinho lá, o hotel. Aqui é o contrário, aqui você depara com uma casa mal construída e a outra logo do lado que já caiu uma parede. Então assim, mas por falha da gestão pública, o que... o que mais pesou nós aqui era a gestão pública na época da construção da barragem que é aquela assim, o mesmo apelido que o Marcelo Malandro teve, os prefeitos da época aqui, o Castelli e (Nilo) também tiveram que é o poço sem fundo, né? O dinheiro vinha e caía no bolso e não tinha fundo. Então nós tivemos... fomos impactados dessa maneira.

P: E a prestação de serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

R: Sim, foram sim. Então, eu não tenho... não sei números exatos porque eu nunca tive acesso a esses números, mas hipoteticamente, a gente pode dizer que de... eram 100 consultas semanais, passaram a ser mais de 5 mil consultas, no caso da saúde. A gente tinha aqui, hoje nós temos que já tá num período de transição, a gente tem três turmas pela manhã, teve época que a gente tinha seis turmas aqui, a nossa capacidade total do colégio Don Alano. Isso em todos os colégios e nos posto... postos de saúde, etc. Então foi totalmente impactado. Eles até minimizaram um pouco esse... esse problema construindo posto de saúde, reforma, reforma do hospital que foi muito malfeita, na verdade, a gente não sabe se foi a falha da Enerpeixe na

reforma do hospital, dos posto de saúde ou se foi da gestão pública que é aquilo, você compra... te dou 100 você compra tal, aí eles pegava os 100 e comprava um de 10. Então a... porque logo em seguida, esse hospital teve que passar por varia... várias outras reformas de lá até aqui. E os colégios foi como eu disse, né? O colégio lá, o Mestre Francisco foi construído também de material de segunda, terceira categoria, que sempre todo ano tem problema na época sazonal, chuva ou seca; e além do JK que, não sei se você conhece o JK.

P: Sim.

R: Até a quadra lá, a quadra é mini quadra, né? Quadra de futebol. Então assim, a gente percebe que a gestão pública, ela não agiu como deveria. Como que é isso? Deveria negociar, acompanhar, fiscalizar. Isso não teve. Então assim, cara, você vai na cidade de Lajeado que foi impactado só pela... Luiz Eduardo Magalhães, você... parece cidade da... da Europa, cidade do interior da Europa, enquanto nós aqui três barragem é como se a gente morasse num lixão pra dizer a verdade em relação à Lajeado e... que é uma barragem só e a gente por três.

P: E assim, na área de segurança pública, tinha muito problema com droga, com prostituição ou com a própria violência? O senhor... o senhor lembra...

R: Sim, cresceu bastante. Não só... porque eu não sei se você sabe, o nosso problema no Brasil a gente tem um uns cinco Brasil dentro do Brasil, né? E assim, pra exemplificar isso. Aqui em Peixe a gente não tinha, até seis meses atrás, nenhuma obra do Minha Casa, Minha Vida. Então assim, enquanto isso é normal em qualquer lugar do Brasil, mais de 20 mil habitantes, aqui não tinha chegado ainda a... a seis... uns quatro meses atrás. Então assim, o nosso povo é muito pobre, e na época da construção da barragem as meninas de 15, 16 anos pobre, foram seduzidas facilmente por... por 50, 100 reais. Então houve um aumento sim da prostituição. Nós temos meninas aqui e rapazes também que não conhecia drogas, hoje, até hoje, eles tão com problema de... do vício, né? De droga, seja ela maconha, crack e cocaína. Então a gente tem um problema sério que foi causado sim pela construção da barragem. Então eu acho que a gente tem que ter medidas mitigadoras até hoje em relação a esse problema. A Enerpeixe tem que assumir essa culpa e ela tem que pagar por isso. Então assim, mas a gente depende muito da gestão pública, né? Com relação à segurança pública mesmo de... na época da construção da barragem, a gente tinha um efetivo aqui razoável, não era bom, mas era razoável, a gente tinha duas viaturas. Hoje eu não sei se você tá a par, a gente tem um problema seríssimo, os nossos amigos aqui da Polícia Militar, parceiros, né? Da educação,

eles passam um problema muito grande, tem dia durante à noite que tem três soldados de plantão, fica dois na viatura, um no destacamento. Esses dias só tinha os dois da viatura. Então quer dizer, eles fazem o que eles... o que tem condição de fazer. Então é preciso que o Governo Estadual... e isso também, a Enerpeixe tem a parcela de culpa disso e eles têm que ajudar. Bom, como que seria e como que a Enerpeixe poderia? Poderia muito bem a criação da guarda metropolitana aqui com a Enerpeixe pagando uma parcela desse salário da guarda metropolitana. É claro que não vai... não vai substituir a Política Militar, mas já vai dar uma mitigada nesse problema. Agora, com relação aos con... ao concurso público que tá parado da Política Militar, eu não sei se é porque o governador tá esperando pra... pra ver quem que vai indicar porque passou da hora cara, ninguém da conta de trabalhar, durante o dia tem três oficiais da PM em serviço numa cidade de... que aqui na sede... que aqui no município nosso a gente deve ter de seis a sete mil e a gente tem oito distrito, tem dia que tem três, quatro soldado, quatro oficiais prestando serviço, então é muito pouco. Mas a grande parcela de culpa que tinha que ter... porque ficou... teve pessoas, barrageiros que escolheram aqui pra morar, nunca mais foram embora, você tá entendendo? E tem... E isso faz com que vem outras pessoas às vezes até essa turma. Então tem pessoas aqui que até hoje a gente não consegue saber qual a índole delas que vieram na época da barragem. Então a Enerpeixe, nós precisamos, o município tem que ter uma conscientização, nós vamos ter que fazer audiência pública e vamos ter que descobrir uma forma da Enerpeixe compensar isso.

P: E como é viver aqui hoje? Atualmente?

R: Peixe hoje é pra quem falta no máximo três anos pra aposentar. Pra outras pessoas, pra adolescente não tem, não tem diversão, a nossa educação não atende essas crianças, os jovens termina o ensino médio tem que ir embora, que não tem... não tem nada, a gestão pública atual, tem também uma boa parcela de culpa. Vou te dar um exemplo. Nós temos aqui o Rio Tocantins, na verdade, o Peixe é uma ilha, né? A gente tem o Rio Santa Tereza e o Rio Tocantins, hoje a gente poderia... aquela beira rio, ela tinha que ser totalmente desapropriada, uma desapropriação e fazer um balneário turístico ali, a gente ia dar emprego direto pelo menos uns 50 na hora que inaugurar. A partir desse balneário ali na beira rio onde é aquela... aquela favela, - ali a gente pode chamar de favela aquilo ali -, campeonatos de boia, descer de boia no (tropeço), nós teríamos turismo o ano inteiro empregando diretamente mais de 50, já são 100, mais de 50 pessoas. Poderíamos formar o bombeiro civil aqui, remunerado ou então bombeiro metro... ligado a guarda metropolitana, um bombeiro militar da guarda metropolitana, uns 10 a 15 pra ajudar nesse processo de turismo. Então a gente tem que

explorar, nossa indústria aqui é o turismo, mas como que a gente faz? Não tem interesse da gestão pública em fazer isso.

P: Na opinião do senhor, qual a importância da usina pra cidade de Peixe no dia e hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: A usina... a Peixe Angical pra nós não tem in... é insignificante a importância dela pro Peixe. Por quê? Eu não sei quanto... a equação lá que divide os royalties é uma equação, área inundada, onde fica casa de máquina, quem que foi... demora mais, já uma equação, e o valor que vem pro Peixe, a cidade não sabe quanto que é, onde ele é gasto, se realmente vem, se não vem, se... o que que vem. Então assim...

R2: Não tem transparência.

R: Uma gestão pública não... na verdade, não tem transparência nenhuma, não é só com relação à Enerpeixe, mas o... não tem nada, a gente... a barragem serve pra quê? Igual você tava... pra nada, pra quem é de Peixe, só pra falar que tem uma barragem aqui, não tem na... não tem sentido nenhum a gente ter perdido... nessa época o Rio Tocantins era pra tá alagando, alagando as vazantes, trazendo insumo, né? Pras pessoas plantar. Hoje nem isso. Então, eles tiraram até isso da população ribeirinha, né? Então é insignificante.

P: Na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Negativo, não tem avanço social nenhum. Nós tivemos foi perda, perda social, porque a partir da barragem, as pessoas passaram a desconfiar de tudo. Hoje você anda na cidade, antigamente a gente via famílias sentado... sentadas na calçada batendo papo, sorrindo, era dia de... do santo tal, reunia, fazia um terço na porta da casa de um, velas acesas, todo mundo... tinha um lanche. Hoje acabou isso. Então a influência que eles tiveram aqui foi negativa pra nossa sociedade.

P: Pra finalizar. Na opinião do senhor, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?

R: Ela representa pra gente um atraso, onde em outros lugares ou a gestão das pessoas, a gestão pública, ela poderia ser um gerador de futuro, pra nós aqui, ela é um atraso, porque a gente não vê a Enerpeixe participando com a nossa sociedade, nós não temos a Enerpeixe

presente aqui em nada. Apesar... vou até dar uma amenizada nisso. A gente tem uma parceira aqui, o colégio que é o “dois menores aprendizes”, mas é muito pouco pra uma cidade de 10, 11 mil habitantes, é muito pouco ter dois menores só aprendizes, poderia ter mais, ela poderia tá incentivando projetos aqui pra... pros adolescentes. Como é isso (E4)? Nós temos um rio, por que que não faz uma piscina igual no Amazonas usando o rio? Criação de... de peixe em tanques como a gente tem no Norte, tanto no rio Tocantins como no Rio Araguaia, vai ter parece no lago de Palmas. Então assim, a Enerpeixe precisa dar a cara a tapa também, né? Não só a gestão pública cobrar, mas a Enerpeixe também precisa ser parceira. Então é isso que eu vejo.

P: Muito obrigado. Finalizando aqui.

R: Beleza.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 5

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E5)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC0005

Duração: 00:07:51

(Início)

P: Então, vamos começar aqui a entrevista com o E5, so... podemos começar?

R: Sim, podemos.

P: Então, vamos lá. Primeira pergunta. Me fala da vida do senhor. O senhor sempre morou aqui em Peixe?

R: Eu cheguei em Peixe em 89, né? Des... desde então eu nunca mudei pra outra cidade. Desde 89 eu moro aqui.

P: Como era viver aqui antes da construção da usina?

R: Essa construção da usina, nossa cidade era uma cidade pacata, né? Era uma cidade humilde, tranquila, sem nenhuma, sem nenhu... nenhuma (outra) ocorrência anormal.

P: E agora assim, o... o que mu... me fala o que mudou agora?

R: É, após a construção da usina a gente tem alguns problemas com... com droga, com prostituição, né? E essas outras coisas a mais que, após a usina, a construção.

P: Sobre a sua atividade profissional, o senhor exerceu algum cargo político de liderança social ou foi dono ou gerenciou alguma empresa ou comércio? Ou... ou pode falar antes, durante ou depois ou... até a sua função hoje.

R: Antes da construção da usina eu trabalhava no... no comércio. Eu trabalhei 8 anos no comércio e após a construção da usina eu estou vereador.

P: Como era viver aqui durante a construção da usina?

R: Durante a construção da usina, o município deu um grande movimento de pessoas, pessoas que vieram de fora, né, de todos os estados do... do Brasil né? O movimento aumentou tanto na questão populacional quanto na questão também de... de fluxo de... de construção, residências que tiveram que construir pra agregar essas pessoas, receber essas pessoas.

P: Como que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período da construção?

R: É, devido as construções, né? Ter... as pessoas que vieram para construir a usina, né? Tiveram muitas... muitas construções, tiveram que alugar casa porque a cidade não suportava a quantidade de pessoa que chegou no município e, na verdade, nós não estávamos preparado, tanto no comércio quanto no... em residência, aí tiveram as construções, né, pra segurar essas

peessoas, né? Vim essas pessoas pra... pra morar. Então com isso aumentou o fluxo, e a renda também aumentou também devido a essas pessoas tanto na moradia, quanto no comércio local também.

P: E com relação à prestação de serviços públicos, o senhor acha que os serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

R: Sim, sim, porque, questão saúde, nós não estávamos preparados, apesar da gente ter uma... uma estrutura muito boa, mas eu creio que as pessoas não estávamos preparado pra receber esse volume de... de gente na questão da saúde, né? Em outras áreas também, como assistência social, na questão da área da segurança pública também, a gente teve que aumentar o contingente aqui na... no nosso município, né? Eu creio que... que teve como... que aumentar mesmo, né, e nós não estávamos preparados para receber essa quantidade de pessoas.

P: Acho que os serviços foram demandados e a... e a est... não tinha estrutura pra atender aquele tanto de gente. E fala assim da segurança, o senhor acha que teve questão de violência, prostituição, droga. Isso teve de a... de alguma forma?

R: Sim, teve. Chegando com as pessoas que vieram, né, vieram também os pós e os contra. E os... os contra a questão é a violência, a prostituição, é droga, né? Que nossa cidade era cidade que não tinham, não tinham esse problema e hoje a gente tá passando por isso, né? Devido a chegada da... das pessoas que vieram, né? E com ela trouxe, né, essas demanda, esses problema pro município.

P: E como é viver aqui hoje?

R: Hoje, o município de Peixe, ele voltou o que era antes no sentido de... a cidade pacata, tranquila, né? Mas só que, com isso, ficou... com a construção da usina ficou os problemas que eu citei na pergunta anterior, né? Que é a prostituição, a droga, né? E... e a questão do... do roubo, né? Das residências que acontece, são coisas que não acontecia antes da usina.

P: Em sua opinião, qual a importância da usina pra cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Tem, tem. A usina hoje, ela tem uma... uma importância muito grande no município, é uma geradora de energia, né? Com isso, com a geração de energia o município arrecada, né, o...

através da geração de energia, mas ficou também os pontos negativos. Eu vejo que hoje a população do município, ela não usufrui do benefício da usina no sentido empregatício, né? Só minoria do... dos nossos moradores que hoje trabalha na usina a não ser serviço braçal, né? Os técnicos mesmo, eles vêm de fora. Inclusive, não reside no nosso município, reside na cidade circunvizinha, né? Que tem uma estrutura maior. Não que nossa cidade não suporte, mas é por opção mesmo do... dos funcionários, né? Que trabalham lá, e reside a 70 quilômetros daqui. Quer dizer, eles não... não deixam nenhum benefício pro nosso município, no sentido de servidores.

P: Em sua opinião, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Muito pouco. Eu vejo que, em questão da usina através do instituto que eles têm lá, né? Que em Peixe hoje mesmo a gente pode contar uma escolinha de futebol que atende cento e... 180 jovens, né, na iniciação esportiva, mas poderia melhorar muito mais, que hoje nós só temos essa instituição que atende esses jovens, né? Poderia abranger pra outras áreas também.

P: Em sua opinião, o que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Ó, eu vejo que a usina tem um papel muito importante no sentido da geração de energia, né? Ele deixa uma parte da sua produção pro município no sentido de... de ICMS, né? Mas, no sentido contrário do... do outro lado, a gente vê que deixa transtorno também no sentido, o rio não tem mais o seu fluxo normal, né? O sobe e desce da água. Tem também a questão ambiental, né, que a gente vê que, de vez em quando não é divulgado na mídia, mas a gente tem presenciado mortandade de peixe, né? No lago da usina e até mesmo no seu interior.

P: Tá ótimo. Finalizando, muito obrigado pela entrevista.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 6

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E6)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC006

Duração: 00:11:16

(Início)

P: Então estamos aqui começando mais uma entrevista, agora entrevistando o E6, ex-prefeito da cidade de Peixe, que aceitou participar aqui da nossa pesquisa. Podemos iniciar?

R: Com certeza.

P: E6, então me fale um pouco da vida do senhor, o senhor morou aqui em Peixe, qual que é a vivência do senhor com a cidade?

R: Eu sou realmente filho natural de Peixe, realmente nasci e vivi até hoje eu moro aqui, nunca saí de Peixe não. E antes eu era... eu tinha um táxi aqui, mexia com táxi e depois entrei no mundo político, fui candidato a vereador, tornei vereador na época e depois lancei de candidato a prefeito e fui prefeito também, hoje vivo no mundo político.

P: E como era viver aqui em Peixe antes da construção da usina? Como era o modo de vida das pessoas aqui na... na cidade?

R: Eu particularmente acho que antes da usina, eu... sei lá, não sei se é porque a cidade era menor e a gente conhecia todo mundo, era... eu achava melhor na época, na época antes da usina vir pra cá o Peixe era melhor pra esse viver. Agora depois da usina muitas coisas... muitas coisas aconteceram, né? Com a chegada da usina pra cá, principalmente na área do social, muitas meninas de menores grávidas e... e a verdade as despesa na época o... o bônus... era só pro município, né? Principalmente na época que eu fui prefeito, mas o... de qualquer forma, depois que a usina começou a funcionar realmente, eu já não era mais prefeito, mas o ICMS que a gente vê falar aí na verdade, é o ICMS muito alto, né? De qualquer forma é muito

importante pra o município e eu acho que Enerpeixe foi uma grande parceira pro município de Peixe.

P: Então o senhor diz que a usina realmente mudou o modo de vida aqui da... da cidade? A cidade mudou o aspecto devido à usina, né? Hoje mudou assim?

R: Não, mudou, depois que... que a usina... que as empresas vieram pra cá já pra fazer a usina, a modificação foi enorme, o fluxo de pessoas aqui de outros estados era grande demais, o movimento triplicou e, na verdade, muita gente estranha, né? Os que era os peões que estavam na fabricação da usina e esse povo tudo se loco... morava aqui dentro da cidade mesmo. Agora, era gente de todo gênero, de... toda liberdade e a gente sabe que... que na verdade, hoje em dia jovens, adolescentes não querem saber o que vai acontecer amanhã não, e por isso muita prostituição e etc.

P: O senhor já falou um pouco a respeito, mas tem uma outra pergunta aqui pra seguir na ordem aqui, que o senhor exerceu um cargo político de liderança social ou trabalhou com alguma empresa, o senhor pode até falar assim qual a função que você exerceu de acordo com o tempo aí, antes ou depois da usina, fala os cargos que você exerceu na cidade.

R: Não, eu antes da usina eu tinha táxi, eu mexia com táxi na época. E aí como te disse antes, eu me lancei candidato a vereador, fui o mais votado na época, fui vereador quatro anos e me lancei prefeito. Perdi... disputei três eleições, perdi as duas primeira e ganhei na terceira. E depois disso (vi)... na verdade, eu sou um representante político, um agente político como se diz, sempre tive uma assessoria do governo que era na verdade o governado Marcelo Miranda e... mas eu, na verdade, era o agente político do governo.

P: O senhor assumiu a... o cargo de prefeito em plena construção da usina ou foi... o senhor se lembra... consegue assim, a usina foi de 2002 a 2006, o senhor mais ou menos o período?

R: O... a verdade eu assumi a prefeitura em 2005.

P: Já no finalzinho.

R: Tava em fase de construção, e em 2007 já estava em final de... da obra, né? Muito pouco, já tinha diminuído bastante a construção, mas na verdade, o imposto que a prefeitura arrecadava naquela época (inint 04:21) que ajudava muito a prefeitura, o ISSQN, né? Imposto sobre... Serviço Sobre Qualquer Natureza. Na verdade, me ajudou muito na época,

principalmente na área do social. Agora, o ICMS, na verdade, começou a partir de primeiro de janeiro de 2009 que foi a outra prefeita Neila que tinha assumido, que foi realmente um montante maior que é o ICMS, quem já foi beneficiário foi a... a prefeita Neila na época.

P: E como que era viver aqui durante a construção da usina?

R: Ah, era um tumulto muito grande, né? Como te falei antes, o fluxo de pessoa muito... de outros estado que ninguém conhecia (ninguém), muita bebedeira, muita prostituição. Na época da usina... e muito ônibus, inclusive na época eu paguei um preço muito caro por isso que era muito ônibus transitando do munic... da cidade de Peixe para a usina levando peões e trazendo peões e acabava com o asfalto e tudo, e na verdade, eu fui até prejudicado na época na prefeitura porque na verdade eu não tinha dinheiro pra recompor o asfalto que tinha acabado, era muito... o trânsito era muito grande de ônibus, era 24 horas ônibus rodando aí e acabando com o asfalto.

P: E como que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção? Em quais aspectos assim que afetou a economia, que se melhorou, se piorou alguma coisa, no período?

R: Não, não, no período da construção foi... foi bom, foi bom, obviamente porque há o ônus e bônus. Então é como te disse, o movimento de peão era muito grande, quer dizer, o dinheiro girou muito na cidade, sabe? Muito mesmo. Agora, depois que foram embora, aí a cidade desandou muito, desandou porque o fluxo de pessoa diminuíram na verdade e o comércio caiu muito, se percebe aberração em geral aqui, mas que na época da construção da usina foi... correu muito dinheiro aqui.

P: A prestação de serviços públicos foram impactado de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina? Aí falando de saúde, educação, segurança pública, assistência social. No contexto geral, foi impactada pelo fluxo de pessoas?

R: Olha, na verdade, na época da construção foi, né? Porque era muita gente, mas na verdade, na minha época já quando eu entrei na prefeitura, a Enerpeixe foi uma grande parceira com a prefeitura, ela sempre fez... fazia contratos conosco, aqui comigo que era prefeito na época e... e ajudou muito, mas muito mesmo aqui nessa parte da área de saúde. Por exemplo, o cemitério novo foi ela que construiu também, praças, alguns quiosques. Ela foi uma grande parceira na época com o município, a Enerpeixe.

P: E falando assim, a ver... os serviços públicos foram desafios, estavam preparados pra atender aquela toda demanda ou realmente aquilo foi... assim, falo escolas ficou cheias, a saúde demandada de forma... talvez não tinha tanta gente pra atender. Teve... teve isso?

R: Não, não, não. É igual eu te falei antes, ela foi uma grande parceira, realmente chegou esse mundo de peão aí, mas sempre era... eles fizeram um convênio conosco na área da saúde, em todas as áreas, eles contribuíram com a prefeitura nessa época.

P: Na segurança pública assim, teve algum caso de droga, de violência, de prostituição, essa... essa situação e a polícia tinha... teve... tinha reforço pra atender essa situação?

R: Não, tinha, tinha. É igual eu te falei, muita prostituição, muita bebedeira, era 24 horas a cidade acesa com esse mundo de gente bebendo cachaça e... mas a segurança sempre também não faltou segurança não, eles sempre deram o apoio total, dava carro pra Polícia Militar, combustível, sempre eles fizeram esse convênio e deram assistência pra gente também, a Enerpeixe.

P: E como é que é viver aqui na cidade de Peixe hoje, no dia de hoje?

R: Olha, eu sou até suspeito falar, sei lá, eu não sei se é porque pela crise que o Brasil enfrenta, né? É uma crise violenta e a gente vê que as coisas, não é que desandaram, mas parece, parece-me que as coisas hoje se tornam mais difíceis, bem mais difíceis, mas talvez seja pela a crise que o país enfrenta, né? E, na verdade, a gente que a arrecadação do município caiu também. Então... mas se percebe que... eu particularmente, eu preferia antes da usina, eu particularmente.

P: E na opinião do senhor, qual a importância da usina para a cidade de Peixe no dia de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade de Peixe?

R: Não, eu... particularmente eu acho o seguinte, eu acho que hoje a Enerpeixe pro Peixe eu acho que ela não cheira e nem fede, porque na verdade, tem uma série de pessoas que trabalham na usina, não tem ninguém do Peixe que trabalha lá, são pessoas tudo de fora, de Gurupi. Quer dizer, pra nós aqui, eu parti... não sei se existe algum convênio da Enerpeixe com a prefe... não sei, não posso informar se tem qualquer ajuda da Enerpeixe, mas eu particularmente como cidadão peixense, vejo muito mais prejudicado porque tão cheio de funcionário trabalhando aí, mas tudo as pessoas de Gurupi, passa todo dia 50, 100 (cara) pra Gurupi todo dia à noite e volta no outro dia cedo pra trabalhar. Agora, filho do Peixe mesmo

não tem ninguém trabalhando lá. Então eu acho que hoje pra energia aqui pra nós é mais cara, nós temos energia dentro do município e é uma das mais cara do país. Então pra mim particularmente, a Enerpeixe hoje não... não faz diferença pro Peixe não.

P: E na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Não, não, não. Não vejo não. Acho que não.

P: Na opinião do senhor, o que a usina representa para a cidade de Peixe atualmente?

R: Eu tô muito alheio a isso porque eu não sei como é que tá, se tem alguma... algum convênio da Enerpeixe com a prefeitura de Peixe ainda, não sei. Na minha época, porque é igual eu tô te falando, tava construindo, aí realmente eles foram um grande parceiro comigo, tinha convênio com todas as áreas, saúde, e... saúde, educação, segurança. Agora, hoje eu não posso te afirmar isso porque eu não sei qual é a... o procedimento da Enerpeixe com o município do Peixe, hoje infelizmente eu não posso te... te adiantar se... se prevalece como uma grande parceira ou não porque eu não sei se há convênios ou não hoje em dia.

P: Então aqui finalizando. Muito obrigado.

R: Nada. À disposição.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 7

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E7)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC007

Duração: 00:12:22

(Início)

P: Então estamos aqui começando mais uma entrevista, entrevistando aqui E7. Podemos iniciar a nossa entrevista?

R: Com certeza.

P: Me fale da vida da senhora, se... se a senhora sempre morou aqui em Peixe?

R: Eu nasci em Peixe pra dizer assim, nasci aqui, fui pra Palmas em 1989, morei lá 17 anos, depois retornei e agora estou aqui em Peixe.

P: Colocando um pouco mais aqui dentro do período que foi a usina. A usina foi construída de 2002 a 2006, nesse período a senhora tava morando em Palmas ou a senhora sempre vinha aqui em Peixe, a senhora acompanhava, a senhora... qual que era... se fosse colocar nesse... nesse período aí. Ou então, assim, no período que precedia, que precedeu que a senhora morava em Palmas, a senhora sempre... sempre manteve o vínculo aqui com a cidade?

R: Vixe, direto. Só assim que no período mesmo da construção da usina em si, eu não estava morando em Peixe, mas acompanhei periodicamente a cada 30 dias eu vinha aqui, 60 dias, mas morava em Palmas.

P: E como é que era a vida, como é que era viver aqui na cidade antes da construção da usina?

R: Bom demais. ((risos)) (Bom), em termos de... de tranquilidade, né? Era segurança, era muito tranquilo, mas em termos de desenvolvimento era pacata, né? Então a vinda da usina, como você... a pergunta é o que era antes?

P: Sim.

R: Era muito parado, realmente era sem desenvolvimento e era... era bom pras famílias, mas para o desenvolvimento da cidade era parado, pacato.

P: E depois assim, o que que mudou na vida das pessoas?

R: Mudou em tudo. Praqueles pessoas que achava que aqui era... eles eram dono do Peixe e poderia morar o resto da vida daquela forma, mudou. A vinda da usina trouxe muita gente de várias partes do Brasil, até de fora do Brasil. Então gerou uma expectativa, né? Não vou dizer das pessoas mais idosas, mas os adultos, nos jovens geraram expectativa. Prova isso hoje que boa parte dos servidores da usina são filho de Peixe. Então, durante a minha gestão que hoje eu so... como ex-prefeita, nós fizemos a parceria Peixe, a usina e o Senai de capacitar algumas pessoas filho de Peixe e eles hoje estão trabalhando na usina.

P: (Temos) aqui a pergunta já tá meio que respondida que é a senhora foi prefeita, mas se a senhora exerceu algum cargo político, de liderança social ou se foi dona ou gerenciou alguma empresa ou comércio, se a senhora puder... além de ser prefeita, a senhora trabalhou com alguma empresa, coisa assim? Qual a função que a senhora exerceu dentro da cidade?

R: Não, eu... eu sou servidora pública estadual, né? Eu passei no con... fui pra pa... pra Miracema, Palmas, passei no concurso, nunca trabalhei em empresa, nunca fui dona de empresa.

P; Então a função aqui em Peixe foi... basicamente foi de prefeita durante dois mandatos, né?

R: E... fui, e sou hoje servidora pública estadual.

P: Ótimo. Agora, do que a senhora tem conhecimento, como era viver aqui durante a construção da usina?

R: Não, essa eu não sei te falar bem, porque eu só cheguei a participar aqui durante o final de semana, né? Mas pelo os... os finais de semana que vim passar aqui na cidade, era bem desenvolvido, bem crescida, acrescida, a população cresceu. Chegou um determinado momento que você alugava um quarto da sua casa, você morava em um quarto da sua casa e alugava o restante pelo tanto de pessoas que vieram, e olha que dividiu Peixe, São Valério e Sucupira. Então, teve uma parte que morou aqui, outra parte em São Valério e a outra parte no acampamento dentro da usina. Gente demais, demais.

P: E como que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: Um impacto assim, assustador, muito bom pras pessoas que tiveram oportunidade de fazer investimento, construíram, né? Alguns comércio desenvolveu bastante, ajudou bastante o

comércio na cidade. Isso falando... isso sem falar os restaurante que vieram, as padarias que vieram, enfim, tudo cresceu na época da construção da usina, foi um impacto maravilhoso.

P: A prestação de serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante o período... durante a construção da usina?

R: Todos, todos. Isso começando de hospital, a começa... cartório eleitoral nem se fala que durante o... foram 4 anos, né? Muita gente transferiram o título pra cá pra votar aqui. Em tudo, tudo, tudo, todo serviço público do... teve um impacto social assustador.

P: A área de... na área de segurança também pode...

R: Essa... essa que foi a mais, né?

P: Com drogas, prostituição, esse tipo de...

R: Bom, a droga em si, graças a Deus, ela não foi... ela... até pra te dizer a verdade, como diz, a população cresceu mais com gravidez do que com a própria droga, entendeu? Em virtude da vinda de muitos homens pra cá e as mulheres muitas... algumas casaram, né? Ou até mesmo ficaram muitas mães solteiras. A droga em si, ela não foi o impacto dentro da nossa cidade, foi mais é... e até hoje tem gente aqui que casaram, foram embora com... como é que fala? Com barrageiro, que na época chamava barrageiro, né?

P: Sim.

R: Então muitas se tornaram barrageiras, e alguns barrageiros ficaram porque casaram aqui e ficaram, né? Mas a droga, graças a Deus... alguns usaram um pouco essa situação, mas não foi tanto assim não.

P: E como é que é viver aqui hoje?

R: Ah, bom demais. ((risos)) Bom, hoje Peixe, como já foi... já está notório, ele já teve uma evolução fantástica com relação à arrecadação, mas caiu bastante, né? E o município é muito grande e dependente do... dessa situação melhorou bastante, não só a cidade, mas melhorou os povoados que desenvolveu um pouco e com essa (migração) das pessoas foi melhorando. Então hoje cada povoado que você tem no Peixe tem um... as pessoas se sobrevivem independente do... da assistência pública, né? Que o município dá assistência, ele não tem obrigação de fazer, ele dá assistência. Mas a população cresceu, a população cresceu de todas

as formas, trouxe ideias novas, tem projetos novos. Então nosso município cresceu bastante com a impla... com... hoje com o plantio de soja, hoje nós temos vários pivôs dentro do município, nós temos cultura o ano todo, entendeu? Então melhorou bastante.

P: E na opinião da senhora, qual a importância da usina pra cidade de Peixe nos dias de hoje ou a senhora entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Claro que tem, não só pra cidade, mas para o Brasil, né? Porque de uma forma diretamente, ela fornece a usina até pra outro estado, não só para ci... na cidade Peixe ou estado Tocantins, na verdade, ela atende a maioria é fora do... da cidade. Então, hoje a importância dela é... o percentual do ICMS que é 1% que fica pro município que, na verdade, a cidade... ou melhor dizendo, não só a cidade, o município cresceu e talvez esse 1% não cubra a dimensão do crescimento, mas é com ele que mantém o município porque o FPM não dá pra pagar nem a folha do... nem o INSS da folha.

P: Na opinião da senhora, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Sim, avanço sim. Foi um avanço... foi bom demais em todos os termos, em todos os termos, econômico, social, em tudo.

P: Na opinião da senhora, o que a usina representa para a cidade de Peixe atualmente? Essa é a nossa última pergunta.

R: É o patrimônio que o município tem, é o caixa. A importância da usina hoje para o município do Peixe é o caixa do município, é quem mantém o município. O município do Peixe hoje é um assalariado da usina que sem a usina, ele não sobrevivia não, meu amigo.

P: Não. Ok. Então finalizei aqui, muito obrigado pela entrevista.

R: E é verdade, se não fosse a usina hoje o município não tinha como sobreviver. De duas uma, tinha que cortar 50% dos servidores, porque hoje só o INSS da folha, ele custa em média de uns 600 (reais) e é essa arrecadação do FPM. Porque o FPM do Peixe em 2010, que eu assumi em 2009, em 2010 nós estávamos ó, 0.6. Aí 2010 eu consegui levar pra 0.8. Sabe como? Com os agentes de saúde, eu fiz uma parceria interna, por debaixo do pano com o IBGE, peguei os agentes de saúde, paguei à parte pra eles não deixar um cidadão fora do (recadastramento). Quando nós fechamos tudo, tudo, tudo aqui os terrestres, faltava 134

peessoas pra que a gente... na verdade, precisava de 60 e poucos, mas só 60 no limite máximo poderia correr o risco de não passar de 0.6 pra 0.8. Sabe o que que eu fiz? Coloquei o povo nessa... ribeirinho aí ó, da divisa de Paraná até na divisa de Gurupi aqui ó.

P: E isso é... isso é por causa da população, é?

R: Da população. Aí quando nós chegamos lá na praia do Croá, lá em baixo, a praia do Croá é município do Peixe. Quantas pessoas não mora lá? Nessas ilhas? Aí esse é que fez com que nós pulássemos de cento... de 0.6 pra 0.8. E você pergunta “qual a diferença, qual a importância desse 0.6 pra 0.8?”.

P: Dessa diferença de 0.2, né?

R: Em 2010 sabe quanto que isso significava? 150 mil reais por mês. Mas agora você pergunta pra mim: qual a importância desse 150 pro município? Grande demais, porque de lá pra cá já vai faze... já vão se fazer quase 10 anos. Agora você pega 150 mil em cima de 10 anos qual a importância dele pro município? (Somou demais). Agora hoje se eles... hoje nós estamos 2018, 19, 20, quem estiver no mandato em 2020, eles podem levar isso aqui ó. Tem que trabalhar porque senão o município... esse... esse... essa importância aqui de 6% na época, pra nós era o quê? Era o equivalente a no máximo, variava, porque ele é variável, né? Ele não é fixo.

P: Sim.

R: Variava de 400 pra baixo. Aí daqui ó, foi pra quanto? 550. Então ele variou de 550 mais ou menos a 650 por mês o FPM (pagado). E esse valor aqui ó, quando chega no final do ano não paga a folha do INSS, o INSS não paga, só o INSS, não é nem a folha não, é a arrecadação.

P: Já acabei captando essa...

R: Essa conversa minha?

P: É. Não, mas tá valendo, tá dentro do nosso propósito aqui.

R: Tá.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 8**Legenda:**

P: Pesquisador

R: Respondente (E8)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC008**Duração: 00:17:10****(Início)**

P: Então estamos aqui começando uma entrevista aqui com o E8. Tudo pronto aqui? Podemos iniciar nossa entrevista? Só (inint).

P: Boa tarde.

P: Então E8, me fala um pouco assim, da vida do senhor, se o senhor sempre morou aqui Peixe, qual que é a vivência do senhor aqui na cidade de Peixe.

R: Eu me formei em 77 em Goiânia e em 78 eu me mudei pra cá, vim pra ficar um pouco de tempo e tô aqui até hoje, 40... 40 anos.

P: A família do senhor, ela é de onde?

R: Minha família é de Goiatuba, Panamá, Itumbiara, Sul de Goiás.

P: Como é que era viver aqui na cidade de Peixe antes da construção da usina?

R: Bem, eu não... entendo que não houve muita mudança com a construção da usina, a não ser em termo de arrecadação nos... aos cofres públicos pelo IN... pelo ICMS, que o ICMS, depois que a usina começou a funcionar, ela... a arrecadação aqui ficou bem melhor do que era antes

o ICMS. Talvez multiplicado por 10 talvez. E aí deu mais chance aos prefeitos, aos administrados pra trazer ma... maiores benefícios à cidade.

P: E assim, então no modo de vida das pessoas, se falar... comparar o antes com o depois, mudou muito assim a vida das pessoas aqui na cidade?

R: Não dá pra notar essa mudança, apesar desse acréscimo de... de receita, não modifica... nós não modificamos muito, eu não vejo assim muita diferença na... no nosso comércio que sempre foi um comércio fraco, continua sendo... sendo fraco, a pobreza, a... o nível de vida da... da nossa população mais carente continua como todo o Tocantins, eu não... não percebemos, eu não percebi assim, mudanças mui... mudanças... grandes mudanças na vida do pessoal do Peixe. Eu acho que não deu muita alteração. Durante a construção, sim, houve... houve muito... a nossa cidade foi... na realidade, foi tumultuada na época da construção, porque na época éramos... éramos uma cidade de 3 ou 4 mil habitantes, não passava de 4 mil, e teve época de ter mais de 3 mil funcionários trabalhando na usina. Houve um crescimento populacional, porque depois da construção muitos ficaram por aí, e nós não tínhamos e não tivemos estrutura para receber essa população. A usina não trabalhou como estava previsto nos... nos planos básicos ambientais. Muita coisa que prometeram, não fizeram, e o que fizeram não foi o suficiente pra mudar o nosso estilo de vida, pra mudar a nossa vida social.

P: E sobre as funções do senhor, que a pergunta é se o senhor exerceu algum cargo político, de liderança social ou foi dono ou gerenciou alguma empresa ou comércio aqui na cidade? (O senhor foi prefeito), pode falar um pouco sobre o seu...

R: É, eu... eu fui prefeito aqui em 89 a 92 quando ainda a usina era só um projeto. Em 2001 eu assumi novamente a prefeitura e justamente na época da construção da usina. Tivemos um acréscimo de... de imposto através do IN... através do ISSQN, mas posso, de camarote, dizer que a usina não fez o que deveria ter feito pelo... pelo nosso município, pelo nosso povo e, por isso, prejudicou a cidade. Prejudicou a cidade assim, eu digo em termos de sociais, como nós não tínhamos escola pra todo mundo, nós não tínhamos casa pra todo mundo, porque, é como eu disse, chegou em certos momentos a dobrar a nossa... a nossa população sem que houvesse essa contrapartida do pessoal que fez esse investimento. Após a construção, aí sim, através do ICMS, nós temos hoje um... uma situação privilegiada em relação aos outros municípios, porque nós recebemos hoje, talvez nós estejamos recebendo o quinto ou o sexto ICMS do estado.

P: E como é que era viver aqui durante a construção da usina?

R: Muito tumultuado, porque como eu disse, o nosso comércio sempre foi um comércio pequeno, atrasado, não tivemos grandes comerciantes aqui que viessem... principalmente na área de... supermercado, na área de lazer, aqui se resumiu tudo na beira rio para receber esse... esse contingente de trabalhadores que vieram, e o comércio nunca foi o suficiente, nunca foi capaz de receber esse pessoal, mesmo porque era muito transitório e não houve investimento nessa área. Então, a nossa... a nossa população sofreu como... como eu diria, uma invasão de... de pessoas, claro, trabalhadores de usina que tinha, claro, tinha gente boa, tinha muita gente boa, mas também tinha muita gente ruim.

P: Uhum. E como é que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: Como eu disse, o município recebeu um aumento no ISSQN, que é o Impostos Sobre o Serviço, e com certeza, mais do que dobrou a arrecadação da época, no que tange à arrecadação local que é o ISSQN, mas nem... nem beirou ser o suficiente para cobrir essa... essa grande leva de gente que mudou pra cá, os que trabalhadores da usina e mais os que vieram. Vieram pequenos comerciantes, vieram gente de toda (estirpe), gente boa, gente ruim, e nós tivemos que conviver com esse pessoal aí durante três anos.

P: E a prestação de serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina? Aí nós falando de saúde, educação, segurança pública.

R: Com certeza, com certeza. O principal que é a área da saúde, a usina fez um investimento pífio, construiu, que eu posso dizer bem que, além de prefeito da época, eu era médico também, e eles construíram um centro cirúrgico novo, sendo que nós já tínhamos um centro cirúrgico, mas foi construído um centro cirúrgico novo, maior, foi construído uma sala de raio-x, também melhor equipada do que a que nós tínhamos. Agora, em termos de manutenção, dinheiro do... para que o hospital, para que o serviço de saúde, dos postos funcionasse, foi muito, muito carente. Na área da educação até que nós não sentimos muito, os órgãos públicos, a administração não sentiu muito porque, felizmente, aqui na cidade nós temos vários colégios e que sempre... não houve falta de vagas pra ninguém estudar. Agora, em termo de pessoal o pessoal de manutenção, o zelador, o porteiro, os professores, tudo isso nós tivemos carência e a administração pública, tanto municipal quanto estadual, teve que

cumprir... cobrir esse déficit por conta própria, porque, como eu disse, a usina ficou muito aquém, o pessoal da usina ficou muito aquém do que era programado.

P: E na are da segurança? Te...

R: Na área da segurança pela mesma forma, que nosso contingente aqui muito pequeno, na época se aumen... aumentou... aumentou um pouco o contingente, mas nem de longe cobria essa... essa gama de... de pessoas que vinham pra cá no final de semana e que iam frequentar os bares e coisa, e os botecos e comércio em geral, bebiam, fazia arruaça e aumentou a criminalidade, embora o policialmente tenha sido aumentado, mas não, claro... como nas outras áreas, não foi o suficiente.

P: Tem... podemos dizer que teve também em questão de aumento de consumo de droga, de prostituição. Teve isso também?

R: Com certeza. Prostituição que praticamente nós não tínhamos aqui na cidade, casas de prostituição nós não tínhamos aqui antes da usina hidrelétrica, rara... eram raras as pessoas que se prostituíam, mas não tínhamos assim, falar “não, ali tem um... um ponto de prostituição, tem uma casa de prostituição”, nós não tínhamos antes, e depois passamos a ter durante a construção, várias delas.

P: E como é que é viver aqui na... na cidade de Peixe aqui hoje? Atualmente?

R: Depois da construção, que a maioria voltou pro... ou acompanhou as usina ou foram pra outros locais procurar serviço, porque na cidade de Peixe a... os... a mão de obra, a criação de... de empregos é muito... muito baixa, muito carente. Aqui a maioria das pessoas que trabalham ou trabalha pro conta própria em pequenos comércios ou... porque, normalmente, são parentes que trabalham, ou na prefeitura que é o grande órgão. Tem também a parte do Estado, principalmente nos colégios, e se resume a isso, é um pequeno comércio, os funcionários da prefeitura e os funcionários do Estado. Então, a cidade sobrevive disso aí, e muita, muita gente tá aí sem... sem poder trabalhar ou sem... sem trabalhar porque... por falta de realmente de... dessa criação de empregos.

P: Na opinião do senhor, qual a importância da usina pra cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Eu entendo que, como eu já disse, a importância que eu dou hoje à usina é só na parte de arrecadação municipal que aumentou bastante, mas dizer que trouxe algum benefício social ou... para a população do Peixe não trouxe não, é o que... ela hoje pra manutenção dela não tem... não tem nem 50 funcionários, quase todos trazidos de fora e pra cidade de Peixe mesmo não tem nenhum benefício, a não ser o aumento da arrecadação do ICMS.

P: O senhor antecipou um pouco aqui a próxima pergunta, mas assim, eu vou só perguntar ao senhor. Na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Não, nenhum, nenhum. Eu acho que pelo contrário, a cidade tinha um... uma sociedade, como eu já disse, carente, sociedade de pessoas que levavam mais ou menos o nível... o nível da cidade e que, com a chegada, da usina houve uma queda nesse nível social, porque as pessoas que vieram de fora que continuaram aqui, na maioria delas erma pessoas carentes, eram pessoas com famílias desestruturadas e que hoje eu não posso dizer que esteja pior do que os outros municípios, mas hoje Peixe sofre muito e, por coincidência, pode ter sido só coincidência que foi depois da usina sobre a traficância e o uso de droga.

P: Então só pra... pra finalizar aqui, na opinião do senhor, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente.

R: Só o recurso financeiro do ICMS, mais nada.

P: Então ok. Muito obrigado.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 9

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E9)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC009

Duração: 00:08:24

(Início)

P: Então estamos aqui com E9, mais conhecido como E9, que é o presidente da Associação de Barqueiros e vamos aqui iniciar a nossa entrevista. E9, me fala um pouco da vida do senhor, se o senhor sempre morou aqui na cidade, qual que é a sua relação aqui com a cidade de Peixe?

R: Sempre morei aqui, sou filho daqui, fui criado aqui e meu afastamento daqui foi um ano só, o restante tudo foi morado aqui.

P: Aí só situando aqui um pouco na nossa... no período de construção da usina, a usina foi construída de 2002 a 2006 aqui em Peixe. Como é... como que era... como que era viver, como que era o modo de vida das pessoas aqui antes da construção da usina?

R: Era normal, tranquilo como sempre cidade de pequeno porte e poucos habitante, era normal, não tinha nada 'inormal' não.

P: E depois assim, com a... a usina, o que que mudou assim no modo de vida das pessoas?

R: Uai, mudou porque o número de pessoas aumentaram muito, sabe? Teve treinamento no colégio, a gente que na época eu estudava e eles sempre informava que... sobre esse número que poderia vim muitas coisas boa e poderia aparecer coisas ruim, o que mudou foi isso.

P: Agora falar um pouco assim da... das funções que o senhor exerceu aqui de... da profissão. O senhor exerceu algum cargo político de liderança social ou foi dono ou gerenciou alguma empresa ou comércio que seja durante ou seja depois da usina?

R: Não, antes eu não... sempre trabalhei no município e me afastei pra trabalhar na barragem, mas não exerci cargo de... nenhum desse citado aí não.

P: Aí o senhor... desde quando o senhor assumiu a presidência da Associação de Barqueiros?

R: Já tem 4 anos. Inclusive, era pra ser só 2 anos, mas por devido não ter parecido alguém interessado no momento, fizemos nova eleição e continuei exercendo o cargo.

P: Só falar um pouco dessa associação assim. Quantas pessoas que tão... que tão presente, ela representa quantos por cento de todos os barqueiros que trabalha aí na... na praia, como é que é o... como é que é a associação e o que que é o propósito dela?

R: A associação hoje é composto de 24 associado. Tem a diretoria montada, completa e o... devido à travessia de praia, como sempre teve aqui, como você sabedor disso, aí surgiram pra criar essa associação pra trabalhar regularizado. Então isso é o nosso fim de trabalho pra trabalhar regularizado a travessia do transporte de pessoas.

P: E como que era viver aqui durante a construção da usina?

R: Era um pouco corrido devido assim, o movimento era menos e depois que a... quando iniciou a barragem o número de pessoa foi muito, como já se foi citado. Então fi... nós... eu acredito que a população em geral de Peixe, como eu também achei, achei muito diferente porque o número de pessoa foi muito, a gente via pessoa de todo quanto é jeito, coisa que nós nunca tinha presenciado aqui o número de pessoa ocupando todos os... casa que era baldia, esse tempo tudo foi ocupado.

P: E como que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção? A economia da cidade?

R: Não, eu... no meu ponto de vista foi bom, porque gerou muito emprego através da barragem, trouxe benfeitoria pra... pra cidade, como também teve os altos e baixos aí que às vezes pode ter prejudicado a cidade, não sei se foi pelo gestor da época, mas pra um lado foi bom e outro foi ruim.

P: E com relação assim às prestações de serviços públicos, né? Falando aí de saúde, educação, de segurança pública. Essa prestação de serviço público elas foram impactadas de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

R: Sim, teve aumento de tudo. Policiamento, por exemplo, teve... o número foi maior devido às pessoas que tava aqui, porque o número de pessoas sendo muito, então o... a segurança

pública não... que tinha na época aqui não era suficiente pra manter o trabalho do social das pessoas. Então foi onde envolveu muito, veio muito... aumentou um mundo de policiamento, inclusive na barragem tinha sede de... da polícia lá que ficava direto lá.

P: Nessa época, o senhor não ta... o senhor não era barqueiro não, né?

R: Não, eu só prestava serviço pra prefeitura, não era associado, não era barqueiro associado da associação não.

P: Mas se lembra assim se o senhor ganhou muito dinheiro na época com o movimento de gente?

R: Não, foi bom, eu prestava só serviço, foi muito bom esse lado. O número maior, né? A gente aumenta mais a... a renda financeira, por causa que tanto o povo daqui como os de fora que vem deu fluxo maior devida à barragem que tinha o número de... na época o povo chamava barrageiro que é o pessoal de fora que vem pra prestar o serviço.

P: E como é vi... como é que é viver aqui hoje?

R: Ah, hoje tá tranquilo, né? Que acho que 95% ou mais desse pessoal da barragem foram embora, hoje o que tem aqui pessoal de fora são poucos, ficou mais tranquilo, né?

P: E na opinião do senhor, qual que é a importância da usina para a cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Não, eu entendo que te... tem o lado da importância porque gera um... como se diz, gera uma renda pro município aí, (acho) no momento fugiu o nome aí. Agora, esse... essa renda vem direto pro município e eu não sei qual é a forma que ele é administrado.

P: E na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Pouco, que assim, no meu ponto de vista assim, deixaram acho que várias coisas aí, acho que desconto de impostos, essas coisas aí, mas tem algo que tá acabando, né? No momento, que não conseguiram manter direitinho, aí queira ou não queira dá pra dá um impacto negativo, né?

P: E na opinião do senhor, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?

R: Uai, é um... eu acho que representa o seguinte, muito um lado, tem um lado positivo e o lado negativo, igual eu terminei de falar, porque hoje eu acredito que o município, não só o município como o estado que tem várias usinas, poderia ter um benefício melhor, poderia às vezes até vim descontado em talão, mas eu não... não tive o conhecimento do acerto do gestor público, que forma foi esse imposto recolhido, né?

P: Uhum. Só... já finalizamos aqui nossa (pergunta), só fazer outra pergunta que não tá aqui no meu es... no meu protocolo, mas só fazer só pra aproveitando que o senhor é barqueiro. Com relação ao rio, o que que o senhor vê, tem alguma diferença assim no rio antes e depois da usina?

R: Não, o rio deu um impacto muito grande, antes da usina, ele não... nunca tinha chegado ficar tão baixo como hoje depois da usina, porque depende muito do... da... da liberação da água. Então devido às chuvas já pouca então ele segura a água lá e o rio bem abaixar muito, pedra que eu desde menino conheço o Tocantins aqui, que eu nunca tinha visto de fora hoje, a gente já se encontra ela de fora, eu acredito que seja pela barragem porque os córrego que tem da barragem até a cidade, são córregozinho pequeno.

P: E isso de alguma forma afeta a... o trabalho dos senhores enquanto renda, enquanto visitação do rio?

R: Um pouco, porque se torna mais perigoso o rio, né? Então aonde você às vezes passava, hoje você não passa mais, devido à evasão da terra que acho que desceu muito, aumentou, não é que a terra aumentou, né? A água que diminuiu.

P: Uhum. Não, beleza, muito obrigado pela entrevista.

Fim da transcrição)

Entrevistado 10

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E10)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC010

Duração: 00:08:06

(Início)

P: Então vamos começar aqui a entrevista aqui com o E10 que foi comandante da polícia aqui na... na época da usina. Podemos iniciar a nossa entrevista?

R: Vamos embora.

P: E10, me fala um pouco da vida do senhor, qual que é a relação do senhor com a cidade, o senhor sempre morou aqui em Peixe?

R: Bem, aqui na cidade eu vim trabalhar aqui a primeira vez em 93, fiquei de 93 até 96. 97 eu fui embora, mudei, fui pra outro destacamento e retornei pra cá na época da construção da usina em 2004, se não me falha a memória. Fiquei no período da construção, depois saí novamente e voltei e fiquei nessa até que fui pra reserva e resolvi morar, ficar por aqui, né?

P: Esse período que o senhor trabalhou inicialmente lá nos anos 90, o senhor trabalhou e morou na cidade também?

R: Trabalhava e morava na cidade.

P: E fala um pouco assim, como é que era o modo de vida, como é que era viver aqui na cidade antes da construção da usina?

R: Era um completo marasmo, né? Era uma cidade tipicamente interiorana, aqui não tinha movimento, não tinha nada, nem com... na época da década de 90 e 93, 94, essa época a

primeira vez que eu trabalhava aqui nem o serviço de RP a gente não tinha, né? A gente só tinha aqui tão somente o... o serviço de expediente no destacamento, quando surgia alguma ocorrência que a gente juntava o pessoal e ia atender.

P: E depois assim, o que que mudou agora? O que que... no modo de vida das pessoas?

R: Bom, depois da construção da usina, da hidrelétrica pra cá, o Peixe mudou, né? Primeiro com muita gente que veio pra trabalhar na obra e ficou aqui, a cidade cresceu bastante, né? E mudou completamente, né? A criminalidade aumentou uma coisa assustadora, né? Devido a isso aí.

P: Agora essa pergunta aqui é sobre se você exerceu algum cargo político de liderança social ou foi dono ou gerenciou alguma empresa. O senhor... a função do senhor foi só na polícia? O senhor teve alguma empresa aqui na cidade?

R: Eu já tive, já tive. Em 2004 se eu não me engano, dois... não, 2007 se não me falha a memória, eu me aventurei a tocar uma pequena empresa aqui, né? Uma distribuidora de bebida. Toquei um determinado tempo, só que como era muito cansativo, eu já tava prestes a ir pra reserva, né? Aí eu falei, “não”, eu saí fora porque é meio complicado, dá um negócio bom, só que muito trabalhoso.

P: E com relação às funções do senhor na PM, o senhor pode falar assim, quais as funções que o senhor aqui na polícia aqui?

R: Aqui eu já comandeí vários destacamentos, já respondi por delegacias de polícia, já fui delegado de polícia em algumas cidades, já comandeí pelotões, companhias destacada, né? Tudo isso.

P: No período da usina, o senhor era comandante da... do destacamento da polícia aqui?

R: Eu era comandante, aqui eu era comandante do destacamento. Então logo começou a usina, né? Que aumentou o fluxo de pessoas, passaram o destacamento a pelotão, né? Eu fui comandante aqui.

P: E como é que era viver aqui durante a construção da usina?

R: Era tumulto, cara, era tumulto porque uma cidade do porte de Peixe de repente receber 8 mil homens assim, de uma vez, foi meio tumultuado, mas em relação ao movimento até que era razoável, só que dava muito trabalho.

P: E como é que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: Bom, na época da... da construção, o dinheiro corria frouxo aqui, né? O dinheiro... corria bastante dinheiro que esse pessoal que trabalhava, né? Gastavam todo dinheiro aqui. Então na época foi uma maravilha a cidade, uma maravilha principalmente pro comércio local.

P: E sobre as prestações de serviços públicos, o senhor pode falar um pouco mais da experiência do senhor enquanto policial, enquanto comandante da... do destaca... do policiamento aqui, se os serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina.

R: Ah, com certeza, com certeza. O serviço de saúde, por exemplo, foi o... foi o mais impactado, né? A saúde, por exemplo, que já não era lá essas coisas e com a chegada da... da usina, da construção da hidrelétrica, esse pessoal que veio de fora aí complicou bastante, bastante mesmo.

P: E na área da segurança pública?

R: Na área da segurança também foi um negócio que pesou, só que na época a gente recebia reforço de fora, né? Que o policiamento vinha gente de fora, como que se diz, (outro) comando viu a situação, né? E determinou a instalação desse pelotão na época e o efetivo aumentou e (não) deu pra gente fazer um serviço assim, 100% maravilhoso, mas foi... mas foi... demo conta do recado.

P: Então a polícia, de certa forma, ela se preparou pra essa situação, ela deu um reforço pra anteder a demanda, né?

R: Exato, exato. Na época da construção, com a chegada dos trabalhadores, né? O comando viu e nós levamos ao conhecimento do comando também que a coisa tinha mudado radicalmente, daí o comando se sensibilizou e mandou reforço pra gente, e muita gente.

P: O que que teve mais assim de aumento assim na... criminalidade, drogas, prostituição, o que que... o que que mais que o senhor pode lembrar assim da época?

R: Droga demais da conta, muita droga, prostituição também numa coisa absurda, que, por exemplo, véspera de pagamento de... dos funcionários, final de mês, começo de mês, vinha ônibus de prostituta, dois, três ônibus de prostitutas que vinham de fora, né? Vindo de Palmas, de Porto Nacional e demais cidades aí, Sul do Maranhão que vinham pra cá, né? Que os cara ficavam e recebiam o pagamento na sexta-feira e era sexta e sábado e domingo aquela muvuca, coisa absurda, coisa absurda.

P: E hoje assim, como é que é viver aqui em Peixe hoje?

R: A hidrelétrica deixou um legado pra nós negativo, né? Porque fizeram algumas obras aí de compensação ambiental, obras fizeram assim de qualquer jeito, né? Poder público na época também não... não investiu, não fiscalizou essas obras, e aquela história, ficou uma cidade por exemplo, a Beira-Rio, por exemplo, que montaram lá tipo uma favela, tá aquele negócio feio lá hoje, e muita gente que ficou por aqui hoje ficamos com esse legado nega... esse legado negativo, né? Mas não deu... o Peixe cresceu, só que cresceu assim, meio que desordenado.

P: Então, na opinião do senhor, qual que é a importância da usina hidrelétrica para a cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Tem, tem e não tem. Primeiro pelo seguinte, porque ela gera... gera aí pra cidade, pro município esses royalties aí da geração da... da energia elétrica, né? Porém, nós pagamos aqui uma das energia elétrica mais cara do Brasil, e nós temos aqui uma hidrelétrica aqui no nosso quintal e não usufruímos dela, né? A vantagem é isso, que pra prefeitura entra uma grana (inint 06:42) aí, né?

P: Então só... chega uma renda pra prefeitura, mas a so... a população, a sociedade não percebe essa... essas vantagens. Seria mais ou menos assim?

R: Não, não, não. Infelizmente, infelizmente a... a população parece que não leva vantagem nenhuma, porque nós não temos asfalto, nós não temos infraestrutura nenhuma na cidade, né? O asfalto que tem é esse aí, quando chove alaga tudo, é todo esburacado, e esses milhões a mais que entra aí não tá fazendo diferença nenhuma.

P: Na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Não, não, na minha opinião nada, nada, nada, nada.

P: Aí pra finalizar. Na opinião do senhor, o que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: É só isso aí, essa geração dos royalties, né? Do ICMS, sei lá, não sei como o nome que se dá a isso, mas só isso aí, só isso aí. Os empregos que têm aqui geralmente que os geram hoje lá na hidrelétrica, a maioria dos empregos são gentes de fora, de Gurupi que vem pra trabalhar aqui, tem um ônibus que traz o pessoal todo dia. Daqui de Peixe mesmo é uma minoria que trabalham lá, e os que trabalham, naquele serviço... o serviço de limpeza, esses tipo de coisa, né?

P: Sim. Então muito obrigado pela par... pela entrevista.

Fim da transcrição)

Entrevistado 11

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E11)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC011

Duração: 00:09:13

(Início)

P: Então estamos aqui começando aqui mais uma entrevista com o E11 aqui que é presidente da colônia de pescadores, né? Podemos iniciar nossa entrevista?

R: Sim, pode.

P: Então vamos lá. E11, primeiro o senhor me fala um pouco da vida do senhor, se o senhor sempre morou em Peixe, qual a relação do senhor aqui com a cidade?

R: Bom, eu tenho 35 anos que moro em Peixe, sou de Minas Gerais, vim pra cá a trabalho, aqui construí família e fiquei, gostei muito da cidade e é um lugar que eu escolhi pra viver.

P: E como é que era viver aqui antes da construção da usina?

R: Era muito bom, você dormia com as portas aberta, não existia esse fluxo que temos hoje de droga, não existia violência, que hoje já se encontra violência na cidade, nessa época não tinha nada, só tinha mais gente humilde que era da própria terra. E olhando assim, no contexto sociais, eu acho que corria mais dinheiro naquela época do que hoje.

P: Então aí você acha que mudou muito assim o estilo de vida? Hoje tá bem diferente?

R: Completamente diferente, mudou muito, mudou muito, muito mesmo.

P: E sobre a... a função que o senhor exerceu aqui, o senhor exerceu algum cargo político, de liderança ou o senhor foi dono de alguma empresa ou gerenciou alguma empresa aqui na cidade ou que seja antes, durante ou depois da usina? O senhor fala um pouco da função do senhor, até que o senhor exerce hoje também, por favor.

R: É, antes da usina eu trabalhava, era funcionário público e tocava um comerciazinho que era uma lanchonetezinha, né? Depois, em dois... em 96 eu deixei pra ser pescador, porque era aquilo que eu queria fazer. Então eu fiz, não me arrependo até hoje, pra mim tá melhor. E (no contexto) só piorou mais depois que a barragem foi construída porque aí o peixe sumiu porque o rio acabou, praticamente acabou que a água não tem o nível certo, sobe, desce, sobe, desce. Então vai 'avasalando' e tá acabando.

P: E como é que era viver aqui durante a construção da usina?

R: Rapaz, na realidade, era um inferno. Isso aqui virou um caos, virou coisa esquisita isso aqui, porque veio gente que você não conhecia, e neguinho passando fome, e era aquela... uma agonia. Ainda bem que apareceu um cidadão na época que forneceu comida pra esse pessoal, mas eu vou te falar pra você, foi um caos, foi uma coisa esquisita.

P: A cidade em si não tava preparada pra aquele tanto de gente?

R: Não, não, não. Não tava... não estava preparada de jeito nenhum. Você vê que a cidade aumentou, na média, ela cresceu 50%, né? (Mesmo) que seja desordenadamente, mas ela cresceu 50%.

P: E como que a economia da cidade foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: Ela cresceu, a economia cresceu. Cresceu porque o fluxo de pessoas era muito grande, né? Então as pessoas... muitos trabalhavam pra mandar o dinheiro pra suas família lá fora, mas muito... um pouco ficava aqui dentro, né? Então, com isso, aumentou o fluxo, também aumentou muita coisa errada, também teve muito comerciante que levou prejuízo porque nego se aproveitou da ocasião, chegava nego comprando dizendo que era pra barragem no final não era. Mas, mesmo assim, eu acho que foi bom pra... muitos comerciantes se aprumou, muitos cresceram, né? Outros caíram. Isso foi o que aconteceu.

P: E com relação aos serviços públicos, aí a gente fala de saúde, educação, segurança pública, o senhor acha que os serviços públicos, a prestação de serviços públicos foram impactado de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

R: Foi, porque a... igual a cidade não tava preparada, a saúde, o... a saúde, a prefeitura não estava preparada pra suportar aquele contingente. Então o que que aconteceu? O hospital não dava conta de atender, não tinha estrutura suficiente pra atender aquele contingente que aumentou mais de 100%, então não tinha como atender, não dava conta.

P: E assim, em relação à segurança, o senhor... teve também questão de criminalidade, prostituição, drogas, teve também na época da construção da usina?

R: Foi o que aconteceu. Infelizmente, nós não tínhamos aqui prostituição, na época da usina se abriu acho que umas cinco ou seis boates, e... e aí com isso... porque o pessoal que trabalha em usina, eles realmente não gosta de sociedade, não gosta de sociedade, porque eu conheço,

que eu já fui também, né? Do ramo, ele não gosta da sociedade, o que ele gosta é de prostituição, cachaça, é droga. É isso. Eles não gosta de sociedade. É tanto que muita coisa da sociedade na época parou, parou porque não tinha como funcionar, não funcionava. Se (fazia), por exemplo, um baile da sociedade não funcionava, porque se funcionasse você tinha certeza que ia terminar em briga, entendeu? Então é isso, ele não aceita a sociedade.

P: E como é que é viver aqui hoje?

R: Hoje tá até melhor. A única coisa que ainda nos atrapalha um pouco aqui ainda na cidade é... o legado que deixaram, né? É muito filho sem pai, muita... aí o que que esse menino que tá aí sem pai faz hoje? Entra na droga porque não tem um aconselhamento, não tem uma pessoa de pulso firme pra tá do lado dele pra falar “não, meu filho, você não pode fazer isso”. E isso foi um legado que nós ficamos com ele, e isso é... isso é igual... toda cidade acontece isso. Ficou também a fome, né? Porque uma mãe sozinha, ela não tem condições de... de sustentar cinco, seis filhos. Esse foi... esse é um legado que nós vamos ter que segurar ele.

P: E na opinião do senhor, qual que é a importância da usina para a cidade de Peixe no dia de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Eu entendo que a usina não tem muita importância não, porque ela não gera emprego pra cidade, ela não gera. Então ela gera emprego pra cinco, seis pessoas que mora aqui, o resto nem aqui mora, mora lá pra Gurupi, pra lá. Então pra cidade de Peixe mesmo, ela não tem muita importância não.

P: E na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Tem, ela apresenta sim, porque mudou muito o atendimento. Por exemplo, na saúde mudou, hoje nós temos agente de saúde, naquela época a gente não tinha, hoje nós temos mais umas três UPA aqui dentro da cidade, não tinha, né? Aumentou. Então quer dizer, a coisa ficou bem melhor.

P: Teve alguns avanços embora tenha... tenha o legado negativo, mas também teve algum avanço social?

R: Teve, teve. Avanço social tem. Tem o lado negativo e tem o lado positivo que é o avanço social, né? Teve.

P: Na opinião do senhor, - pra finalizar aqui a nossa entrevista -, o que a usina hidrelétrica representa para a cidade de Peixe atualmente?

R: Rapaz, eu acho que nada, não representa nada, pra cidade de Peixe não, eu não vejo nada que ela faz na cidade de Peixe, não vejo nada, nenhum progresso que ela... que ela apresenta aqui como deveria apresentar, né? Porque ela é culpada de muitos erros que tem aqui, que acontece aqui. Então ela tinha que ter uma contrapartida. A contrapartida que ela tem, por exemplo, hoje ela paga o ICMS, né? Só. O resto ela não tem, qual... é principalmente o lado social, esse não aparece, que tinha que aparecer o lado social, você não vê nada que ela faça de... com a sociedade. Então tinha que ter. E ela é culpada por muita coisa que acontece na cidade, ela tinha que ter o lado social pra ajudar a compensar os erros que ela deixou, você entendeu?

P: Finalizou aqui, mas só fazer uma pergunta que tá um pouco fora do nosso script, mas só da convivência do senhor com o rio, o senhor é pescador. E qual que é a mudança assim para o rio especialmente?

R: É um impacto muito grande que ela teve. Porque o peixe, antigamente nós tínhamos várias espécies, né? Hoje muitas espécies sumiram. Por exemplo, sumiu... o barbado sumiu, sumiu o filhote, sumiu a dourada de couro, esse peixe sumiu, desapareceu, e fora outros que sumiram que a gente não vê mais. E isso pra nós é uma grande tristeza, que a gente anda o Tocantins todo e vê que o... realmente não tá igual era, porque antigamente você ia aí no rio aí você pegava 50, 100 quilos de peixe era rápido, hoje você tem que passar lá três, quatro dias pra pegar esse peixe. Então quer dizer, o pescado, ele tá sumindo. Por quê? Porque o assoreamento do rio é muito grande, a água vai batendo alta, baixa e a areia vai descendo pro rio, e o rio tá só secando e virando só areia, só praia. Praia se pelo menos tivesse jeito da gente acampar lá e vender o produto, era bom demais, mas não tem jeito, né?

P: Sim. Nós já finalizamos aqui, muito obrigado pela entrevista.

R: De nada.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 12

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E12)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC012**Duração: 00:10:59****(Início)**

P: Então estamos aqui começando mais uma entrevista com a E12 que é diretora aqui da escola Tancredo. Podemos iniciar nossa entrevista?

R: Podemos sim.

P: Me fala um pouco da vida da senhora assim, sobre a relação da senhora com a cidade de Peixe, a senhora sempre morou aqui em Peixe?

R: Eu moro em Peixe eu acho que há 22 anos se não me engano, eu cheguei aqui 90... 95.

P: Então viveu aqui na cidade antes da construção da usina?

R: Sim, vivi.

P: E como é que era viver aqui antes da construção da usina?

R: Olha, Peixe costumeiramente costumava ser bem tranquilo, né? Cidade bem pacata, por ser cidade de interior, né? Então era bem tranquilo, a vida bem... bem normal mesmo de cidade do interior.

P: E depois assim, mudou, agora mudou (a vida) das pessoas?

R: Você fala agora ou com relação...

P: Agora, assim.

R: Agora mudou, agora mudou bastante. A gente costuma falar assim que Peixe não é mais a Peixe que era antes, né? Em virtude de muita droga na cidade, acho que essa grande... o grande calcanhar de Aquiles hoje na nossa cidade é... são crianças que são usada por... por traficantes pra traficarem, inclusive aos redores das escolas, né? E isso é uma... é uma questão que tem acontecido nas escolas que tem preocupado a gente bastante.

P: Falando um pouco sobre a função que a senhora exerceu, a senhora exerceu algum cargo político ou de liderança social, ou se trabalhou, foi dona ou gerenciou alguma empresa. Aí fala um pouco da profissão da senhora, o que que a senhora tem... tanto no período ou depois da usina?

R: Ah, eu sempre trabalhei na educação, né? Desde quando eu vim pra cá eu sempre trabalhei na educação, trabalhei na escola São José e depois eu trabalhei também na época em... acho que exatamente quando estavam fazendo a construção da usina, eu trabalhei como supervisora de ensino na Secretaria Municipal de Educação, a gente tinha oportunidade de andar nas escolas da zona rural, né?

P: Então já tem um tempo que está na parte da gestão da educação?

R: Nessa época eu trabalhei, acho que de 2004 a 2008, eu trabalhei na Secretaria de Educação, né? Aí depois eu passei num concurso do Estado e continuei trabalhando na educação dando aula, depois eu vim pra coordenação e agora eu tô na direção.

P: Agora vamos relembrar um pouco assim sobre o período da construção da usina que foi de 2002 a 2006 sobre como que era viver aqui na cidade durante a construção da usina?

R: Ah, durante a construção da usina era... era loucura. No período de construção da usina, como a cidade recebeu muita gente, né? Muito trabalhador, muita gente de fora, você vivia assim, meio que apreensivo, com medo, né? A gente tinha uma sensação assim de medo, porque na época mesmo aconteceu de uma criança ser violentada, era uma criança que estudava numa das escolas que eu trabalhava. Então assim, na época da construção, do impacto mesmo, o impacto forte foi na época da construção, né? Foi... foi muito grande, assustado pros moradores, né? Eu diria. Teve a parte boa que trouxe muito emprego pra cidade, né? Acabou empregando muita gente daqui, mas, em contrapartida, essa questão de ter muita gente dentro da cidade e a gente ficar assim um pouco sem saber como conviver com

isso, né? Mas eu acho que pro comércio foi muito bom porque daí aumentou não só os comércios da cidade, né? Como também acho que fomentou muito a região de Gurupi, e pra cidade foi construído uma escola muito boa que é uma das escolas que é como se o ensino do município hoje fosse centrado nessa escola, é a maior escola do município aqui.

P: É, então já... já entramos aqui um pouco assim, e como que a economia da cidade foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: No período da construção você fala, né? Eu acho que o comércio, ele foi bem fomentado nessa época da... da construção, até porque advindo dessas pessoas que vieram pra cá, né? Eu acho que o comércio teve uma... mercados cresceram, isso eu posso... eu tô tentando lembrar aqui, na época, Zé Martins quando começou, antes da usina, ele tinha um comércinho lá em baixo, né? Era um comércio pequenininho, bem simplesinho, aí foi exatamente na época da construção que ele cresceu, que veio aqui pra cima, né? E que abriu mais comércio. Então, o comércio deu uma crescida boa na época da usina.

P: Então teve deman...

R: É por advento da usina eu acho que... com certeza o comércio cresceu bastante.

P: É. Também teve demanda com aluguel de casa, né?

R: Sim, com certeza, com aluguel, com abertura do hotel, né? Eu acho que essa parte de... do empreendimento que trouxe pra cá, uma coisa que a gente poderia assim falar que foi fomentado foi o comércio, né? Sem sombra de dúvida, tanto pra aluguel quanto pro comércio em geral foi bem fomentado mesmo.

P: Agora vamos falar com relação à prestação de serviços públicos. A senhora acha que os serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina? Aí nós podemos falar da parte de saúde, educação, segurança pública.

R: Sim, eu acredito que sim. Como eu tinha te falado anteriormente foi construído escola, né? Na época foi... foi exatamente por causa disso, porque como chegou muito, vinha as famílias, não vinha só o trabalhador, muita gente traz a família e acaba que o município começou a receber muito aluno. Então por isso a usina construiu essa escola nova, né? Que é a Mestre Chico Ribeiro, construíram uma creche também que hoje elas continuam sendo utilizadas, né? Então com certeza teve isso.

P: E com relação à segurança, assim, a senhora lembra se teve questão de violência, de droga, de prostituição? Se isso de alguma maneira aumentou na época da construção da usina?

R: Ah, com certeza. Tinha, aqui na época da usina vieram bordéis pra cidade, né? Tinha, tinha prostituição sim. Eu acho que até porque essa questão, como vem muito homem acaba tendo que ter mesmo porque senão começa a atacar a mulherada da cidade, né? Foi exatamente nessa época que eu falei no início que teve uma criança que foi violentada, né? Que a gente ficou sabendo que foi violentada.

P: Agora falando sobre o legado assim da usina, como é viver aqui hoje? Como é que é o modo de vida das pessoas aqui na cidade de Peixe hoje?

R: Olha, quando a gente tá dentro de um processo, a gente não consegue enxergar muito, né? Isso, parando pra refletir assim, eu não... não sei se hoje... é claro que tem, porque assim, foi por conta do empreendimento que... que o município passou a arrecadar mais recursos, né? E por conta que arrecada mais recurso, o município consegue dar melhor qualidade de vida pra população, com certeza, se não fosse o empreendimento eu acredito que hoje talvez a gente não ti... não tenha o que a gente tem hoje aqui, né? A gente tem mais qualidade no hospital, antigamente não se tinha tanto postinho de saúde, hoje em dia praticamente eu acho que todo o povoado, senão todos, a maioria deles tem um postinho de saúde e tem médico atendendo, né? Coisa que não tinha antes, né? Antes tudo era centrado aqui no hospital, se te... alguém adoecia na Vila São Miguel, por exemplo, tinha que vir pra cá, hoje não, hoje tem um postinho de saúde lá que foi feito também na época do empreendimento, e por conta das arrecadações que hoje tem que acaba dando pra sustentar toda essa dinâmica, né?

P: Na opinião da senhora, qual a importância da usina hidre... da usina para a cidade de Peixe nos dias de hoje ou a senhora entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Com certeza importância tem, né? Até porque, a nossa arrecadação como eu falei anteriormente, como a gente não tem empresas grandes aqui, eu acho que a única arrecadação grande do município é da usina, né? Então o município, ele costuma ter as despesas dele é com relação aos recursos que vem da usina, né? Que são oriundos da usina. Eu nem sei como é que taria a cidade hoje se não fosse esse empreendimento, porque sempre que a gente ouve os políticos falando, eles falam no... no (repassa) da usina, tá? Você quer (inint 08:04)?

P: Não (inint).

R: Que eles tão saindo.

P: (inint).

R: Como eu ia falando, assim, toda (vez) que a gente escuta, principalmente na época política, né? Os políticos falando de recurso, como que vão administrar, como que não vão administrar, eles sempre falam num recurso que é oriundo da usina hidrelétrica, entendeu? Aí daí da... o que que você pensa, como cidadão você fala assim “não, se não fosse a usina, como que seria então”, né? Porque tudo que se fala em administração pública, em fazer ou não fazer “não, vamos ver os impostos que são pagos pela usina hidrelétrica”. É claro que pra gente enquanto... a galera reclama muito assim, pra nós enquanto cidadão de Peixe, nós não tivemos melhoria, por exemplo, em baixar nossa energia. Isso não impactou nada, ao contrário, a gente paga cada dia mais caro, né? A gente vê muito reclamando assim, “nós temos o empreendimento aqui, temos a usina aqui que teve, claro, as partes benéficas, mas também a gente sabe do prejuízo ambiental que foi, né? E que ainda é, e a gente não tem isso de volta, digamos assim, nós produzimos e a gente pode pagar uma energia mais barata”, por exemplo, a gente não tem essa... esse benefício, né? Digamos assim.

P: E na opinião da senhora, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Algum avanço social em decorrência da usina hidrelétrica? Olha, eu não sei se é em decorrência da usina hidrelétrica, ((risos)) mas que a gente poderia falar aqui que tem aqui que é muito bacana que o município faz e custeia com recursos do município, é a escolinha de música, fanfarra, coisa assim culturais que o município faz e eu acredito que faz porque tem recurso pra fazer, daí eu não sei se esse recurso vem da usina ou não, mas assim, é que acaba envolvendo muito os jovens nossos, as crianças que gostam que os pais matriculam que tira um pouquinho, digamos assim, da droga, né? Que é uma coisa que afeta bastante hoje nossa população é a droga, e essa parte social que o município faz com escolinha de música, com fanfarra, com aulas de canto e várias outras aulas que eles oferecem lá, eu acho que isso aí ajuda nesse... nessa questão social de tirar a criança da rua, entendeu?

P: Então pra finalizar aqui nossa entrevista, nossa última pergunta. Na opinião da senhora, o que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Atualmente, eu acho que representa recursos, né? Eu acho que representa isso, recurso, mais recurso pro município, né? Pro município conseguir se manter, gerir o que precisa gerir com os recursos que advém da usina.

P: Então tá ótimo. Muito obrigado, finalizando aqui.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 13

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E13)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC013

Duração: 00:12:26

(Início)

P: Estamos aqui iniciando mais uma entrevista com o E13, empresário aqui da cidade de Peixe. Podemos iniciar nossa entrevista?

R: Sim, podemos iniciar sim.

P: E13, então fala um pouco da vida do senhor, qual a relação do senhor com a cidade de Peixe, o senhor sempre morou em Peixe?

R: Então, eu estou em Peixe desde 2001, né? Eu vim em 2001 pra conhecer a cidade e antes eu morava em Miracema, aonde também foi construída a usina hidrelétrica e lá nós tivemos uma oportunidade de conhecer o seu Faustino, que era engenheiro encarregado e responsável pela obra também daquela época e que ele veio pra Peixe, e nos convidou a montar uma empresa no segmento da construção civil em Peixe, porque iniciaria as obras da construção de uma nova hidrelétrica no município. E aí nós viemos conhecer então a cidade de Peixe e vimos que tinha a necessidade... tinha demanda, né? Por uma loja no segmento nosso, que era construção civil. E diante de uma conversa com o seu Faustino, que faríamos uma parceria com a usina hidrelétrica. Então, nós decidimos montar uma unidade, né? Da Portal em Peixe.

P: O senhor atuava nesse segmento já de material de construção?

R: Já, já, atuava já, já atuo já há 20 anos na construção civil. Então a nossa matriz é Miracema e aqui em Peixe nós estamos já há 17 pra... caminhando pra 18 anos.

P: E aí veio pra cá pra montar a loja, o senhor residiu aqui?

R: Então, aí vim pra Peixe, né? Aonde nós construímos aqui o prédio da empresa e começamos uma parceria aqui com a usina hidrelétrica e aí já... muita coisa me aconteceu aqui em Peixe. Inclusive, conheci a minha esposa, me casei aqui em Peixe, constitui família aqui no município de Peixe. E adotei Peixe como a minha cidade, né? Peixe hoje... eu tenho um carinho muito especial por essa cidade aqui.

P: A família do senhor é de onde mesmo?

R: A minha família é de Goiás, do estado de Goiás, né? Santa Teresinha, Pilar, Itapaci, aquela região ali, (Glicério). Mas nós estamos no Tocantins já há 20 anos.

P: Ah sim. Essa pergunta talvez senhor não tem a resposta, né? Como era viver aqui em Peixe antes da usina?

R: Então, eu... assim, segundo as... as informações é que era uma cidade ainda mais pacata, né? Com a vinda da hidrelétrica, da usina pra cá atraiu muita gente, muita mão de obra para o município de Peixe e inflacionou muito a cidade, né? Muitas pessoas vieram montar seu empreendimento, seu comércio, né? E aqui se estabeleceram ao longo da construção da hidrelétrica. Mas eu ouvi dizer que era uma cidade bem pacata antes da usina.

P: E depois, assim o que que mudou?

R: Então, como eu cheguei no início já de 2001, no início da construção da hidrelétrica, a gente, né, presenciou aqui uma movimentação bem expressiva da economia local, né? Muita gente empregada inclusive das cidades vizinhas, de outros estados que vieram trabalhar aqui. Isso fomentou muito a economia do município, né? Gerou muito emprego e renda na cidade, e isso foi muito bom para o crescimento da cidade, que quando aqui cheguei, aqui no setor aeroporto, onde construiu a minha unidade da nossa empresa, eram poucas construções, poucos... poucos... poucos comércios estabelecidos na Avenida Aeroporto, e com a chegada, com a vinda da usina, hoje é uma das avenidas importantes, mais importantes da cidade.

P: Agora, sobre a função que o senhor exercia, o senhor sempre foi empresário, mas exerceu algum cargo político, de liderança social? Ou... ou... ou foi... ou foi só dono da empresa?

R: Então, eu sempre me mantive como empresário aqui na cidade e tive a oportunidade de ocupar o cargo de presidente da Associação Comercial aqui de Peixe aonde fizemos algumas campanhas pra poder incentivar o comércio local.

P: E isso por quanto tempo ou... foi depois da usina? Ou...

R: Foi, foi recente. Eu tive 2014, 2015. É, foi recente.

P: E como que era viver aqui durante a construção da usina?

R: Ah, principalmente na construção da usina foi muito bom, né? A gente foi muito feliz comercialmente falando também, né? Economicamente falando, porque as nossas vendas eram expressivas, né? Pra... pra usina. Não só pra usina, as vendas diretas, mas as indiretas, as pessoas que vieram trabalhar, que foram construir as suas casas, construiu o seu ponto comercial, né? Então, todo mundo vendia bastante, né? A construção civil vendia, o supermercado vendia, o açougue vendia, o dinheiro circulava na cidade. Nessa época nós tínhamos agências bancárias funcionando aqui em Peixe. Hoje, infelizmente, nós não temos. Então, o dinheiro circulava na cidade, né? E os gestores da época tinham... parece que tinham uma atenção melhor com o comércio local. E hoje a gente, infelizmente, a gente não tá sendo bem assistido pela administração municipal.

P: O senhor já entrou um pouco na próxima pergunta, mas a próxima pergunta seria como que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção.

R: Então, ela foi influenciada porque a demanda de maior produtos no mercado.

P: O comércio? Como moradia?

R: O consumo, o consumo foi muito maior, né? As pessoas que vieram trabalhar aqui não tinha nem casa pra alugar, então, tiveram que construir, então o consumo aumentou consideravelmente em todas as áreas, né? E isso foi muito importante e aqui todos os comerciantes estavam supersatisfeito na época, no período de construção de usina. E até pós também, porque depois teve a questão da... continuou algumas empresas fazendo a questão das manutenções por um período aí, até hoje tem, mas diminui muito, consideravelmente, mas realmente foi bem considerável, né? A movimentação que teve, o consumo que teve na época da usina.

P: E com relação aos serviços públicos? A prestação de serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

R: Então, devido ao grande número de pessoas que aqui chegaram na época, o município, ele teve certa dificuldade em atender a necessidade da população que aqui chegou. Por quê? A questão de atendimento médico, né? Com relação à saúde, nas escolas também que... que tiveram muitos alunos, né? As salas superlotadas, mas tudo isso foi adequado. E teve a contrapartida também da usina, que fez sua parte também, na construção de algumas escolas, né? Creches municipal, que tem o colégio Francisco Ribeiro, que foi construído pela (inint 07:23), tem a creche lá (Olavo) também que foi construído. Então, as coisas foram se adequando, né? Lógico que o município teve um... uma certa dificuldade, mas isso foi superado, né? Devido à contrapartida também da usina.

P: O senhor lembra se teve também casos assim, de alguma coisa na segurança pública com violência, drogas ou prostituição?

R: Isso aí é até uma consequência, infelizmente, né? Que quando chega muita gente de várias partes do... do país, que veio de vários estados isso aí realmente aconteceu, né? O aumento da prostituição, das drogas, né? Mas não tivemos nenhum problema sério, agravante não. Teve alguns assaltados e tudo, mas foi controlado por parte da segurança pública.

P: Até falar um pouco da experiência do senhor como empresário. O senhor teve algum problema com violência, assim, (inint 08:18) da empresa ou não?

R: Olha, eu tenho muitos colegas, amigos aqui, empresários que teve problemas, mas, graças a Deus, eu nunca tive não.

P: E hoje o senhor (tá vivendo) em Gurupi, mas como é viver aqui, em Peixe hoje?

R: Hoje eu tenho Peixe como a minha cidade, né? Eu tô aqui há 15 anos, estou em Gurupi mais por um motivo de... da questão de filhos, escola dos filhos, a necessidade hoje, nós não temos em Peixe um curso de inglês, né? A minha esposa é advogada também, ela tem um escritório lá. Então, eu tenho que conciliar o endereço de Gurupi com Peixe. Mas não pretendo me desvincular tão cedo dessa cidade.

P: E, na opinião do senhor, qual a importância da usina pra cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: A usina foi e é muito importante, porque na época, ela cumpriu com o... a sua contrapartida que foi o que eu te disse anteriormente, com as construções, escolas, creches, né? Algumas obras que foram feitas, praças públicas, enfim, cumpriu o seu papel social. E hoje tem a geração de impostos, né? Os repasses da usina para o município de Peixe passa de um milhão de reais, não fosse a usina este um milhão e pouco de reais, ele não existiria no nosso município. Então, esse repasse ajuda e muito. Agora, cabe ao gestor municipal aplicar corretamente com honestidade para que as pessoas possam sentir os reflexos desses impostos na vida de cada um, de cada cidadão.

P: Na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina?

R: Olha, houve... houve avanços sociais na... na... porque teve cursos, né? De aperfeiçoamento, de... de... tanto na questão da educação, na área da saúde né? Então, houve algumas... alguns avanços sim. Agora, a sociedade tem que cobrar mais, porque a gente percebe nos dias de hoje que houve... que... tanto o município, quanto a usina que gera riquezas aqui, ela capta recursos aqui através da geração de energia, ela tem que continuar cumprindo o seu papel social, e eu vejo que há um certo acomodo aí nos dias de hoje. Então, houve avanços inicialmente, mas hoje a gente percebe que tá... que tá meio estagnado, aí...

P: Poderia ser melhor? Os setores...

R: Poderia ser mais contínuo aí. Eu acho que a sociedade tem que cobrar mais, por parte tanto do setor público, municipal, quanto da iniciativa privada aí que tem essa grande empresa aí que é a usina hidrelétrica.

P: Então, pra finalizar nossa entrevista. Na opinião do senhor o que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Ela representa, a meu ver, uma grande riqueza, né? Fonte geradora de energia que está aqui em nosso município e que, por sua vez, repassa como eu disse antes, valores consideráveis que, aplicados corretamente, o cidadão vai sentir os reflexos positivamente, na área da educação, da saúde, do lazer, da infraestrutura, né? Porque vai sentir mais qualidade de vida para o cidadão peixense. Então, ela... a usina, ela é muito importante para o município de Peixe, sem dúvida.

P: Estamos finalizando. Muito obrigado pela entrevista.

R: De nada, eu que agradeço.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 14

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E14)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC014

Duração: 00:11:52

(Início)

P: Então, estamos aqui fazendo a entrevista com o E14 que aceitou participar aqui da nossa pesquisa. Vamos iniciar aqui as perguntas. E14, me fala um pouco da vida do senhor, se o senhor sempre morou aqui na cidade de Peixe, qual que é a relação do senhor com a cidade de Peixe.

R: Olha, eu sou daqui do Peixe, nasci do outro lado do rio, numa fazenda chamada Brejo da Chuva, em 1948, já tem 70 anos. Com um ano de nascido meus pais mudaram aqui pra... bem próximo na fazenda chamada (Mumbuca) e quando tive 8, 9, 10 anos de idade viemos pra aqui pra estudo, nós éramos em 15 irmãos. E aí aqui nós... uns estudaram aqui, outros em outros lugares, mas eu fiquei aqui até o primário. Depois eu... fiz ginásio, iniciei ginásio em Dianópolis. Inclusive, até o governador de Rondônia, Confúcio Aires Moura, é meu conte... meu colega de aula lá de Dianópolis, que ele é de lá de Dianópolis. Fiz ginásio, aí fui pra Goiânia. Lá eu fiz o curso superior de direito e terminei em 79. Voltei pra Peixe, pra fazer a minha carreira profissional e estou até hoje. Portanto, eu já tenho o quê? 37, 38 anos de advocacia aqui no Peixe, que é nossa cidade, a minha, a sua, cidade natal que você também...

P: Sim.

R: ...é o entrevistador é daqui do Peixe, filho... eu fui até colega de aula do tio seu, do Zeca.

P: Sim.

R: O Zeca, que nós chamamos aqui, o Zaca (La Pau), né? Então, nós fomos colega de aula, que nós... eu comecei a estudar lá numa escola, aqui do outro lado de Santa Teresa chamada de São Jacinto, onde seu seu tio o Zeca, Luiz, Joaquim, foram meus colegas de escola. E assim a nossa vida é aqui no Peixe, viu?

P: Maravilha. E assim, agora vamos falar um pouco de como era viver aqui na cidade de Peixe antes da construção da usina? Como que era a cidade, como que era o modo de vida das pessoas aqui?

R: Olha, eu até digo pra você, se fosse hoje, eu, pessoalmente, pra dar um parecer sobre a construção da usina, eu daria contrário à construção da usina e digo por quê. Porque no tempo que começou a usina, foi aquela muvuca, aquele movimento e... teve uma cidade que cresceu desordenada e favelado e enfim. E construiu lago naqueles momentos até da construção da usina gerou um movimento, embora desordenado. E eu não vi nenhuma vantagem em termos de energia pra nós não, a energia cada dia que passa mais caro. Então, eu... houve esse movimento, mas tirou o povo das suas propriedades rurais de uma forma até arbitrária, não pagou o que deveria ser pago, enfim, teve benefício, mas teve também muitos... muitas coisas adversas à realidade que a gente pensava.

P: E afetou muito assim, o modo de vida das pessoas, do que era antes, do que virou depois, assim...

R: Olha, era o seguinte, por causa que a pessoa, o que morava lá os proprietários rurais, eles moravam lá na sua... no seu canto, na sua localidade, onde tinham lugar de plantar roça... as matas e etc. Hoje, eles pegaram esse povo, além de pagar a terra barata, colocou pra fazer... pra eles residir, pra esse povo residir, digamos, numa chapada, onde não tem nenhuma condição ou pouca condição de sobrevivência. Então eu não vi que beneficiou não.

P: Sobre a profissão do senhor, o senhor sempre advogou aqui, mas o senhor exerceu algum outro cargo assim, que seja cargo político de liderança ou trabalhou com alguma empresa, foi dono de alguma empresa aqui em Peixe?

R: Olha, eu cheguei aqui já depois de formado em 81, 82 e sempre convivi no meio político, já fui candidato, a política, ela é o relacionamento social, política é um rela... então a gente sempre conviveu... sou inclusive hoje, eu sou dire... presidente do diretório do PMDB. Então a gente sempre teve essa convivência dentro da política. Assessor jurídico de várias prefeituras, por exemplo, Figueirópolis, Sucupira, aqui no Peixe já por duas vezes. E, enfim, a gente desenvolve um trabalho de advocacia, até muito bom, ter um bom conhecimento, a gente sempre desenvolveu um trabalho com muito critério.

P: Situando aí esse trabalho do senhor de assessoria jurídica, o senhor trabalhou algum período mais próximo da... antes da usina, trabalhou com a gestão municipal, alguma coisa nesse sentido? De assessorar naquela parte que precedia à questão da aprovação do projeto?

R: Olha, eu... nós trabalhamos antes da usina e (inint 05:49) e quando houve a atuação da usina aqui no município do Peixe, nós trabalhamos ao lado dos proprietários daqui do município, no sentido de promover ações contra a usina, pra receber melhor e enfim, nós trabalhamos contra a usina, aqui no Peixe.

P: Assim, defendendo aquelas pessoas que foram afetadas?

R: Exato, exato.

P: E como que era viver aqui durante a construção da usina? Como é que foi?

R: Olha, não... era uma vida normal. Logo teve... com referência à comunidade, houve um fluxo muito grande de gente, aumentou, porque veio... quando é pra construir uma usina dessa, veio gente de todo o lado. E eu saía perguntando às vezes no final de semana tinha muita gente do estado do Piauí, Piripiri, Maranhão, de muitos lugares vinha gente pra cá. Então, aumentou o fluxo, aí teve que aumentar também o trabalho policial, pra que não tivesse tão... tantas desordens, né? Então, foi mais ou menos... e a gente, no contexto profissional, no contexto... a gente sempre ficava mais de retaguarda, não infiltrava muito no meio daquele povo, dos forasteiros que às vezes que bagunçava. Então, a gente tinha uma vida comedida aqui dentro.

P: E como é que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: Houve, houve sim um fluxo, um aumento, por causa que o barrajeiro, ele é danado, ele veio pra cá, uns às vezes até pega seu dinheiro e manda pra sua família que ficou lá nos estado... mas tem uma outra parte que gasta no cabaré, gasta com muiézada, gasta com cachaça. Então, esse dinheiro circulou mais... houve um aumento do dinheiro aqui na cidade, sim.

P: Então teve no comércio, tanto (de moradia).

R: Sim, aumentou, aumentou é...

P: E com relação à prestação de serviços públicos, o senhor acha que a prestação de serviços públicos foram afeta... foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina? Aí nós falamos de saúde, segurança, educação.

R: É, houve, houve, por causa que... na área da educação, claro que aumentou os estudantes, as crianças, a demanda, né? Então teve... e teve também que na área da saúde, o gestor público, ele teve que ter mais cuidado pra que aumentasse mais médico, tivesse mais médico, embora a usina tinha médico também, a usina tinha médico, remédio. Então, houve um... como houve um aumento de pessoas, houve também o aumento na parte da gestão.

P: Na parte da segurança o senhor falasse também dos casos de violência, drogas, prostituição.

R: É, a droga foi uma infestação muito grande, e até hoje no Peixe. Peixe é um bairro de Gurupi. Então, esse povo de lá, eles (qualquer) coisa... eles vêm praqui, que aqui tem menas cobertura policial. Então, o que que acontece, eles vêm praqui, tem uns pontos de venda, tem isso, então aqui tá muito infestado na parte de droga também.

P: E como é que é viver aqui hoje?

R: Olha, é uma cidade interiorana, é uma cidade... porque a gente, eu, por exemplo, que sou advogado aqui há tantos anos eu tenho um... um andar muito extenso, digamos, eu quase toda a semana eu vou em Palmas, eu tenho processos por lá em Gurupi, Figueirópolis, então a gente... e aqui no Peixe também melhorou um pouco também melhorou... a cidade aumentou, até para (inint 09:45) antigamente você queria consertar um carro você tinha que ir em Gurupi, hoje nós temos oficinas boas, tem casa de pesca e etc. Melhorou um pouco sim.

P: E, na opinião do senhor, qual a importância da usina pra cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Olha, ter tem. Por exemplo, se você for olhar a parte de arrecadação de ICMS é... oriundo da usina, o Peixe hoje tem uma cota, uma receita mais ou menos distinta, né? Mais de um milhão de reais. Então, tem renda sim, tem... aumentou a população, paga imposto predial. Então, houve aumento sim. houve.

P: Na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da usina hidrelétrica?

R: Em decorrência... social? Tem, tem, porque veja bem a usina, ela (inint 10:44) veio pra Peixe, ela tem o trabalho dela lá, mas ela tem o cuidado também, ela aqui, ela construiu

creches, ela construiu grupo, prédios escolares, ela promove alguns eventos também em parceria com a parte da educação aqui. Mas tem sim, tem.

P: Pra finalizar, nossa última pergunta aqui. Na opinião do senhor, o que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Não... ela representa. Eu até no início eu disse, se fosse pra construir uma usina hoje, eu daria o meu parecer contrário. É porque o setor primordial da usina era a energia e a energia hoje nós consumimos com mui... num preço muito elevado, mas você olhando em outros setores dá pra... pra... eu não tenho que olhar só o meu caso não, tem que olhar o bem comum, da coletividade. Então é... foi relevante, foi relevante sim.

P: Agradecemos a atenção do senhor.

R: Eu agradeço.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 15

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E15)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC015

Duração: 00:07:22

(Início)

P: Então estamos aqui começando mais uma entrevista com o E15 que aceitou participar da nossa... da nossa pesquisa. E15, me fala da vida do senhor, o senhor sempre morou em Peixe, qual que é a relação do senhor com a cidade de Peixe?

R: Pois não. Eu sou filho daqui, né? Filho de Erotildes Araújo Bispo e Ananias (Poncio) (inint) já falecido, e tem essa praça aí que é em nome dele, né? Antigo mestre Ananias, como era conhecido aqui. Então eu sempre fui... me criei aqui, me estudei aqui, só fiz o... o como é que fala, o...

P: Ensino superior?

R: Ensino...

P: Ensino médio.

R: Ensino médio, ensino médio até o segundo grau. Aí eu resolvi entrar no... resolvi não, consegui um emprego no Banco Bamerindus e estudei aqui até o terceiro ano, aí como não tinha... os estudo era mais difícil, né? Resolvi ficar aqui e continuar no banco e seguir carreira lá, entrei como contínuo e cheguei até a gerência durante sete anos. Fiquei por aqui uns 15 anos aí fui transferido pra outra cidade, (inint 01:12) Tocantins. Aí após 19 anos eu retornei à Peixe e resolvi colocar esse comércio aqui. Hoje eu sou comerciante há 20 anos.

P: Vende produtos da... da área...

R: Eu sou da área agropecuária.

P: Sim. Como que era viver aqui na cidade de Peixe antes da construção da usina?

R: Olha, a usina realmente foi um diferencial muito grande aqui, né? Na nossa cidade, no começo, né? Muito recurso, muito movimento e dinheiro demais, muita gente de fora. E, ao mesmo tempo, muito perigoso, gente de tudo quanto é lado e a gente não... não sabia quem que era... quem que era quem, então... mas financeiramente pro município foi muito bom.

P: Mas... e falando assim um pouco do modo de vida das pessoas, mudou muito do que era antes da usina pra depois? O senhor acha que afetou assim a... o jeito de viver das pessoas? Era uma cidade... como é que era a cidade antes, como é que mu...

R: Não, na época da construção mudou, claro que mudou, porque a população era um tanto, aí quase que dobrou, não sei, não sei explicar bem se foi se dobrou. Então era muito diferente o convívio de... de viver aqui na cidade, né? Mas pra mim, acho que foi muito bom.

P: Sobre... o senhor exerceu algum cargo político, de liderança social ou foi dono de uma empresa? O senhor agora é empresário, o senhor podia falar se... o senhor exerceu algum cargo político de liderança social?

R: Não.

P: E a empresa o senhor colocou desde quando? O senhor... a usina começou em 2002 e terminou em 2006, o senhor sabe...

R: É, foi em 2002, mas houve um período que ela parou, né?

P: Sim.

R: Ela parou aí se não me engano foi uns três, quatro anos, aí parece que retornou em 2007.

P: Sim. E o senhor é empresário desde quando na cidade?

R: Desde 99.

P: Ah 99, até antes da usina?

R: É, bem antes.

P: Como que era viver aqui durante a construção da usina?

R: Pelo lado social um pouco perigoso, mas em termo financeiramente foi muito bom pra cidade e pro município inteiro.

P: E como é que a economia da cidade foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: A economia foi... houve um crescimento muito grande em termos da economia, né? Mas só que foi uma coisa assim, passageiro, né? Todo mundo sabe disso, né?

P: Sim.

R: Então... e quando a usina saiu deu... houve um grande impacto aqui na cidade, né?

P: Circulou dinheiro no comércio na época, tinha uma demanda de... de moradia, de...

R: De moradia e o pessoal morador daqui todo mundo tinha seu emprego, tinha seu salário, né?

P: Sim.

R: Aí quando a usina saiu, aí houve esse problema, teve um reflexo muito grande negativamente.

P: E com relação aos serviços públicos, né? O senhor... a prestação de serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoa durante a construção da usina? Devido... aí eu me refiro à área de saúde, de segurança pública, de educação, se foi... se esses serviços foram... foram impactados assim pelo...

R: Foram sim, que a estrutura municipal não tava... não tava propício a receber tanta gente assim, né?

P: Sim.

R: Então houve do lado escolar, da educação, saúde e outros serviços públicos também eu acho que houve (inint 04:49).

P: Com relação à segurança, o senhor lembra se tinha caso de violência ou de droga, de prostituição?

R: Tinha, tinha bastante, droga, prostituição, isso tudo, até assassinato, (isso também) acho que houve.

P: E como é viver aqui hoje?

R: Hoje tranquilo, parecendo os tempos antigos, só que, porém, todo mundo reconhece que não é só aqui, né? Problema de droga, os que afeta todas cidades do país, mas economicamente parece que... melhorou um pouco, sem dúvida melhorou.

P: Na opinião do senhor, qual a importância da usina hidrelétrica para a cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor acha que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Importância financeira pro município tem um pouco, porque todo mundo sabe que um recurso aqui do ICMS que vale muito e que se não fosse esse... esse recurso dessa usina hoje, esse município aqui tava muito afetado em termos de recurso, até passando por necessidade. Eu acho.

P: E na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Houve... houve muita estrutura montada pela... pela usina, mas então pouco aproveitáveis, o recurso talvez é mal distribuído, eu não sei, ou desviados, mas houve sim, um pouco de avanço.

P: Na opinião do senhor, o que a usina hidrelétrica representa, - essa é a nossa última pergunta -, o que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Pra mim só financeiramente mesmo. Assim, tem o... tem hoje a empresa lá que é... que toma... que administra a usina, né? Que é a Enerpeixe, tem uns empreguinho aqui que ela dá ainda pro pessoal e compra um pouquinho de coisa aqui, mas muito pouquinho coisa. Só isso e os recursos financeiro que é o ICMS, mas houve muito impacto no rio.

P: Então agradeço. Finalizando a nossa entrevista.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 16

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E16)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC016

Duração: 00:05:00

(Início)

P: Então começando aqui mais uma entrevista com a E16 Vamos começar aqui as nossas perguntas. Me fala da vida da senhora, se a senhora sempre morou em Peixe, qual a relação da senhora aqui com a cidade de Peixe?

R: Fui nascida e criada aqui e não pretendo sair. ((risos))

P: Como que era viver aqui na cidade antes da construção da usina?

R: Bom, era... era bom em termos de... da natureza, né? Que a gente foi... teve um abalo muito grande, mas não é... não tinha a facilidade que tem hoje, mas ela era melhor do que... antes era melhor por causa da natureza, que abalou muito com a nossa natureza, mas hoje tá bom também, normal.

P: E o que... e agora assim, mudou muito a vida das pessoas?

R: Um pouco. Um pouco.

P: A senhora tem empresa aqui, mas, além disso, a senhora exerceu algum cargo político?

R: Não.

P: Ou foi líder de algum grupo, liderança social, alguma coisa assim?

R: Não, nunca fui.

P: A senhora é dona de empresa há quanto tempo?

R: Há mais de 33 anos.

P: Sempre no mesmo ramo ou a senhora trabalhou com outros tipo?

R: Trabalhei com outro tipo, mas fechei e continuei no mesmo que eu trabalhava, né? De antes.

P: Sempre foi proprietária de loja?

R: Sim.

P: E como é que era viver aqui na cidade durante a construção da usina? Aí nós estamos falando aqui, a usina foi construída em 2002 pra 2006, como é que... o que que a senhora lembra assim, da época que foi a construção, como é que era viver aqui na cidade nessa época?

R: Muito boa, né? Dinheiro, trabalho pra todo mundo, então correu muito dinheiro, (e a gente) pode ganhar um pouquinho de dinheiro, né? Trabalhando muito, mas muito bom, foi muito bom o período, né?

P: E como é que a economia da cidade foi influenciada pela usina durante o período de construção?

R: Como foi...?

P: Como foi influenciada a economia assim, o que que... gerou mais dinheiro, demanda de moradia, comércio.

R: Gerou mais dinheiro, moradia, comércio melhorou bastante, 100%, né, na época, né? Melhorou... melhorou tudo na época, correu muito dinheiro, então a gente trabalhou bastante e quem trabalhou ganhou dinheiro, né? Então melhorou.

P: E com relação aos serviços públicos, a prestação de serviços foi impactada de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina? Aí eu tô falando de saúde, educação, segurança pública, se teve algum impacto nesse serviço, na prestação de serviço pela quantidade de pessoas que... aqui durante a construção da usina.

R: Sim, teve, mas não muito, né? Porque também veio mais médico, mais coisa, né? Os... mas teve algum impacto, né? Mas não anormal, coisa que... saiu de... da forma que era antes assim.

P: A senhora assim, como empresária, a senhora tem alguma... questão de violência, teve questão de violência? Teve assalto essas coisas ou se tinha... aumentou a criminalidade na cidade?

R: Aumentou um pouco, não muito. Pouco.

P: E com relação a drogas, à prostituição, isso ocorreu também?

R: Sim. A prostituição mais, droga mais também.

P: E como é que é viver aqui hoje em Peixe?

R: Normal, voltou o que era antes, né? Só que não muito normal, porque vem mais malandro pra cá, né? Com a usina, com... (pessoal pensou) que correu muito dinheiro, tinha muito dinheiro e... e mais normal, não tem... não teve mais nada a falar.

P: Na opinião da senhora, qual a importância da usina pra cidade de Peixe nos dias de hoje, ou a senhora entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Ah, tem importância, porque corre dinheiro, né? Acho que... corre um dinheiro pra benefício à cidade, a gente acha que... é importante, correu dinheiro, tem o... acho que tem uma verba que vem pra cidade, que eu também não entendo muito.

P: Sim.

R: Então melhorou... então é bom.

P: Na opinião da senhora, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina?

R: Ah, eu não sei, eu sou por fora disso aí. Não sei te explicar, não sei não.

P: E, na opinião da senhora, o que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Ai, representa... ai, melhorias, né? Acho que sim, melhorias. Não... só isso.

P: Só na parte de arrecadação ou a senhora acha que a população de alguma maneira é beneficiada pelo fato de existir a usina?

R: Arrecadação, né? Arrecadação. Que o serviço dela aí acabou praticamente, né? Tem poucas pessoas daqui que trabalha lá.

P: E a senhora acha que a comunidade em geral tem algum... usufrui assim, tem algum benefício do fato de ter a usina aí ou não? A população em geral.

R: Ah, eu sou por fora disso, não entendo muito não.

P: Então beleza. Então finalizando aqui. Muito obrigado.

R: De nada.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 17

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E17)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC017

Duração: 00:03:43

(Início)

P: Então estamos começando mais uma entrevista aqui com o E17, que aceitou participar aqui da pesquisa conosco aqui. E17, fala um pouco assim da vida do senhor, o senhor sempre morou em Peixe, qual que é a relação do senhor com a cidade de Peixe?

R: Eu tô aqui em Peixe desde que eu tinha uns 10 anos de idade. Fui criado aqui praticamente. Começamos a trabalhar no comércio eu tinha 15 anos de idade e estamos até hoje no comércio aqui em Peixe.

P: O senhor chegou aqui em que ano mais ou menos na cidade?

R: Chegamos aqui em 1978.

P: Desde que chegou sempre trabalhou no comércio? Desde os 15 anos?

R: Não, a gente mexia com fazenda primeiramente. Depois começamos a mexer no comércio.

P: E como é que era viver aqui antes da construção da usina?

R: Era uma vidinha muito parada, né? Mas era muito bom, muito alegre, muito divertido.

P: E agora assim, o que que mudou?

R: Agora mudou bastante. Tem mais movimento, ficou muito legal mesmo, movimento financeiro, tudo.

P: O senhor é empresário aqui, né? Mas o senhor exerceu algum cargo político?

R: Não, nunca exerci não.

P: Alguma liderança de...

R: Não, nunca não.

P: Então sempre trabalhou no comércio, sempre na área de mercado?

R: Só. Só em mercado mesmo.

P: Como é que era viver aqui durante a construção da usina? No período da construção?

R: Era muito perigoso, né? Tinha muita gente estranha, mas era muito bom também.

P: Como é que a economia da cidade de Peixe foi influenciada pela usina durante o período de construção? A economia da cidade?

R: Ah, dobrou o rendimento aqui. Corria muito dinheiro, muito movimento, a vida financeira melhorou 100%.

P: E com relação à prestação de serviços públicos, os serviços públicos foram impactados de alguma forma pelo fluxo de pessoas durante a construção da usina?

R: Foi, foi sim. A limpeza pública ficou muito comprometida, a saúde. Foi tudo muito tumultuado durante a construção da usina, ficou muito tumultuado.

P: Na área da segurança, o senhor lembra se aumentou criminalidade, se teve caso de droga, de prostituição, se teve isso?

R: Teve, teve muitos casos, de droga, prostituição teve muito. A criminalidade até que não aumentou muito não.

P: E como é que é viver aqui hoje?

R: É muito bom, lugar sossegado, baixo índice de criminalidade. Muito sossegado, muito bom graças a Deus. Muito bom.

P: E na opinião do senhor, qual a importância da usina pra cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: A usina é muito importante, gera muito emprego, muita renda pro município, né? Arrecadação muito alta lá dos impostos. É muito boa a usina na cidade de Peixe.

P: E na opinião do senhor, a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina hidrelétrica?

R: Apresenta sim, muito bom aqui.

P: Na opinião do senhor, - pra finalizar aqui nossa entrevista -, o que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Olha, a usina é muito importante devido à arrecadação, né? E o grande... o número de emprego também, emprega muita gente da cidade lá na usina, e é muito bom, é muito importante pra cidade.

P: Tá certo. Então, muito obrigado pela entrevista.

R: Obrigado.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 18

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E18)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC018

Duração: 00:09:23

(Início)

P: Então vamos iniciar aqui mais uma entrevista aqui com E18 que aceitou participar da nossa... da nossa pesquisa, que vai conceder pra nós aqui uma entrevista. Pra iniciar, E18, fala um pouco da vida da senhora, se a senhora sempre morou em Peixe, qual que é a relação da senhora com a cidade de Peixe?

R: A minha relação é profissional praticamente, eu vim aqui em 2002, assumi a titularidade da Comarca de Peixe.

P: Antes disso, a senhora não tem nenhum vínculo assim, familiar, nada com a cidade?

R: Nada, nenhum, nenhum. Nem conhecia a cidade na realidade.

P: Desde então a senhora mantém residência na cidade ou não?

R: Sim, eu tenho residência aqui na beira do rio.

P: Ah, então 2002 iniciava ali a construção, a senhora não tem condições de falar pra gente como é que era a vida aqui antes da construção da usina?

R: Nada, nada, nada, não tinha contato, não conhecia, realmente eu não conhecia a cidade.

P: Sim. A senhora basicamente, como juíza do direito, sempre a... teve aqui à frente do judiciário na cidade, é isso?

R: Sim, sou titular desde então, desde 2002 quando eu assumi. Na realidade, a... eu tomei posse aqui em outubro de 2001, mas vim assumir aqui em fevereiro de 2002 que eu passei a trabalhar aqui.

P: Como é que era a vida aqui durante a construção da usina? Com aquele fluxo de pessoas que teve durante a construção da usina?

R: É, assim, no início em 2002, logo que começaram os trabalhos, né? Lógico, eles já tinham uma programação anterior, mas de repente, né? Aquela cidade que era bem tranquila começou um fluxo muito grande, principalmente de homens, né? A partir... eu lembro assim, a partir do final de 2002, 2003, 2004 um fluxo muito grande. Teve... um ano eu não lembro quando assim, no pico da obra mesmo, se eu não me engano, através do pessoal da usina teve em torno aqui de 4 mil homens a mais dentro dessa cidade. Entendeu? Então foi assim, um movimento extraordinário pra cidade, né?

P: Sim. E como é que a economia da cidade foi influenciada pelo período da construção da usina?

R: Assim, na realidade, eu acredito que foi... nesse período com essa movimentação toda, pra cidade foi ótimo, inclusive tanto na área comercial, na área de habitação, né? Que ficou, as casas não tinham lugar, aqui não tinha lugar pras pessoas alugar, né? Então ficou assim, o movimento econômico, aumentou muito o valor dos alugueis, né? As questões... o fluxo... o

fluxo de compra no comércio tanto de roupa, material de construção, porque as pessoas começaram a construir, supermercados, açougues. Então assim... farmácia. Foi um fluxo muito bom. Eu acredito que a população foi muito beneficiada neste período sim.

P: Agora falando em relação a serviços públicos, a senhora acha que os serviços públicos foram impactados de alguma maneira pelo fluxo de pessoa durante a obra?

R: Foram, principalmente na área da saúde. Eu acredito que na área da saúde foi o... o setor, né? Público mais atingido, acredito foi na área da saúde pública.

P: E também em relação à área da segurança, a senhora... (falo) assim, questão de violência, de drogas ou prostituição também teve aqui na... nesse período?

R: Teve assim, foi até surpreendente, né? Pelo fluxo de pessoas, de homens, né? Mas nós sentimos aqui mesmo foi na área de prostituição, essa área realmente, ela foi muito afetada. Né? Que também o excesso de homens, então isso atraía inclusive prostitutas de outras cidades vieram para se estabelecer aqui em Peixe, isso aí era visível e notável, né? Agora, questão de... aumentou incidência de furtos, crimes contra... violência, né? Violência física e tal, esses tipo de crime aumentou mesmo, mas em decorrência, não tinha jeito, né?

P: E falando especificamente sobre o trabalho da senhora do judiciário, foi demandando de maneira mais nesse período, como é que...

R: Sim, teve um... um fluxo normal, né? Nessa área de... de crimes, de processos referentes a crimes contra o patrimônio, crimes contra integridade física, lesões corporais, ameaças, e também nós tivemos também na área da família em decorrência, né? De muitas depois ações referente à paternidade, alimentos, tudo em decorrência da vinda destes homens, dessas mulheres e depois da retirada deles, né?

P: Aí sobre a percepção da senhora sobre o modo de vida das pessoas depois da usina. Como é que é viver aqui na cidade hoje, o que que a senhora acha que... (não sei), se a usina tem algum fator que influencia a vida das pessoas hoje na cidade?

R: Eu acredito assim, pelo que eu ouço relato, que eu não conheci antes, né? Mas a população sentiu muito por causa do lago. O lago ficou acima, então eu acredito que a vida deles em relação ao rio mudou, né? Porque o rio hoje, ele é comandado, o fluxo do rio é comandado pela usina, então o que era diferente da outra época. Então, nesse ponto as pessoas reclamam

isso, entendeu? Acho que eles sentiram, os moradores, né? Apesar do rio fluir aqui nessa região, mas isso, de qualquer forma, ele é comandado pela usina que o lago fica acima. Então assim, as pessoas ficam falando, comentando que na época do rio sem a usina era o fluxo das águas, o movimento natural, tudo isso impactou. Mas, fora isso, eu acredito que as pessoas, logo depois da saída, a população sentiu, né? Com o encerramento da construção e o início da... dos trabalhos, ela colocada em operação, né? Aqueles operários que vieram, né? Aqueles que eles chamam de barrageiros foram embora e a população sentiu, porque aquele fluxo de pessoas, o comércio sentiu, né? A... os alugueis também, as casas ficaram, né? Desocupadas. Então a população sentiu, neste ponto, sentiu, né?

P: E com relação a... nos dias de hoje, pela opinião da senhora, qual que é a importância da usina pra cidade dos dias de hoje ou a senhora entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Eu acredito principalmente pelo fato gerador que ela tem dos royalties pra cidade, né? Que, se eu não me engano, entre os municípios que foram atingidos é o que receber mais royalty. Então isso, de uma forma ou de outra, favorece a cidade de Peixe, né? Mas eu acredito que poderia favorecer muito mais. Eu acho que a usina, ela trouxe muito pouco benefício pelo... pelo impacto ambiental que trouxe pra cidade, a usina trouxe muito pouco para o município, entendeu? Assim, a contrapartida foi muito pouca, muito, muito pouca, entendeu? Então assim, questão poderiam ter investido nas escolas, na rede hospitalar mesmo, fizeram uma... umas coisinhas, mas o impacto, o volume de... de desgaste que teve, entendeu? Assim, eu acho que a cidade ficou desfavorecida, assim, sofreu, né? Ela poderia ter sido mais beneficiada.

P: A senhora até entrou um pouco na nossa penúltima pergunta aqui que é: na opinião da senhora se a cidade tem... apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina?

R: Eu acredito que não, eu não conheci a cidade antes, né?

P: Sim.

R: Mas eu acho que assim, a usina veio, trouxe aquele movimento, né? Durante os quatro, cinco anos da construção e depois foi embora e o pessoal voltou, né? Com o tempo voltou à sua rotina. Então eu não vejo assim, né? Que por causa da usina a cidade teve favorecimento

social, econômico, entendeu? Assim depois. Econômico é por causa dos royalties, isso não tem jeito, mas social que mudou e tal, não vi, sinceramente eu não vi não.

P: Então só pra finalizar a nossa última pergunta aqui. Na opinião da senhora, o que que usina representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Eu acho que representa uma fonte de re... uma fonte de renda, né? E para as pessoas que ficaram também, a questão ambiental e de turismo, eles tão explorando bem, principalmente as pessoas que ficaram ali em volta do lago, né? Algumas pousadas, alguns investimentos nessa área, entendeu? Mas o máximo que eu acho é econômico mesmo. A usina, ela fica muito distante, a... a diretoria, né? Vamos falar, a diretoria, o pessoal que comanda a usina, eles ficam muito distantes da cidade, entendeu? Então assim, a gente não vê eles investindo, que eles poderiam, né? Uma empresa dessa, desse porte, eles poderiam investir socialmente aqui na cidade, eventos e tal, entendeu? Trazer alguma coisa benéfica pra cidade, e a gente vê que eles só vêm quando realmente eles são convocados e tal, mas assim, de ação por parte deles voluntária é muito pouco, eu não vejo quase nenhuma.

P: Tá ótimo. Então muito obrigado pela entrevista.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 19

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E19)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC019

Duração: 00:08:08

(Início)

P: Estamos começamos aqui mais uma entrevista com o E19. E19 vamos... que aceitou aqui participar da... participar da nossa... da nossa pesquisa. E19, me fala um pouco da vida do senhor, o senhor sempre morou aqui em Peixe, qual que é a relação do senhor aqui com a cidade de Peixe?

R: A minha relação com a cidade de Peixe é boa demais, boa porque muitos anos e tem conhecimento e é uma das cidade melhor que eu já morei é Peixe.

P: O senhor chegou aqui que época mais ou menos?

R: 82. Cheguei aqui em 82 e gostei e não saio mais não.

P: E como... e assim, a usina foi de 2002 a 2006. Se o senhor pudesse falar pra nós assim, como é que era viver aqui na cidade antes da usina, como é que era o estilo de vida aqui, como é que era viver aqui antes da construção da usina?

R: Antes da usina era igual era hoje, né? Pouco movimento, só quase o povo da cidade. Aí com a usina não, aí foi muita gente aí foi correria, quem... quem queria trabalhar trabalhou, ganhou dinheiro.

P: Então assim, comparando assim sem ser o período da época, mas antes da usina e depois, hoje tá quase igual era antigamente?

R: Quase a mesma coisa, aumentou pouco só a população que foi muita gente que veio no tempo da usina e não... e não voltou, ficou aqui, criou família aqui, hoje mora aqui.

P: O trabalho do senhor, sempre o senhor mexeu com a parte de comércio aqui da... de bar, o que que o senhor mexeu mais aqui na cidade?

R: Toda vida. No começo eu trabalhei uns quatro anos na prefeitura, aí sai da prefeitura que achei (que não dava) aí passei a trabalhar com comércio, com barco, minha vida é essa, é com barco e no boteco, saiu do boteco e vai pro barco.

P: Sempre o senhor sendo proprietário? Não... funcionário, de empregado, não?

R: Não, tudo eu... de emprego trabalhava só lá na barragem porque nós foi fazer o serviço lá, mas era com os barco nosso, cada um tinha seu barco pra... pra trabalhar.

P: Agora o senhor me fale, por favor, aqui, como é que era a vida aqui durante a construção da usina, no período que tava aquela construção com o povo aqui, como é que era viver aqui?

R: Isso aqui era o formigueiro, ((riso)) era um formigueiro. Isso aqui era gente 24 horas, você não tinha espaço pra fechar não, você ia fechar deixava outro porque eles não deixava você (abrir) porque era três turno.

P: Mas assim, é... e tinha questão de violência, era perigoso ou como é que era? Ou era tranquilo?

R: Não, até... até hoje os barrageiro que tem ainda que mora aqui hoje que ficou, que vinha acompanhando as barragem falava que era a barragem mais tranquila que teve, sem violência foi a do Peixe, pouco... quase não teve briga essas coisas, que não teve não, foi... foi sossegado, até nós admiramos.

P: Questão de prostituição e droga, o senhor acha que teve muito nessa época ou...

R: Não, tinha, porque a droga nesse tempo aqui já tinha, já existia droga, e com vim esse povão de fora, pra onde esse povo vai a droga vai junto, aí aumentou, né? Aumentou, mas aumentou por causa da população, e aí nego viciou mais, quando foi... foram embora e aí ficou os viciado e aí continua até hoje (inint 03:00).

P: E prostituição?

R: Não, não tinha não, porque tinha cabaré demais, era mu... a muiézada aí que você... nego não vencia não.

P: Mas o senhor acha que ficou assim, na cidade, ficou muito caso aí de filho sem pai que ficou aqui na cidade ou...

R: Ficou um pouco, ficou, ficou...

P: Ou mulher que foi embora com barrageiro?

R: Tem umas que foi, tem... tem ma... tem mulher... tem homem que ficou aqui com muié daqui e largou a dele lá no... lá onde ele morava. Essa coisas acontece tudo, onde tem muita gente...

P: E como é que a economia da cidade foi influenciada pela usina no período de construção? Como é que foi assim a questão da economia, do dinheiro aqui na cidade?

R: Foi bom, foi bom, correu muito dinheiro, aqui eu acho que ninguém tem que reclamar.

P: Quem trabalhou (tava) ganhando dinheiro?

R: Quem trabalhou ga... quem trabalhou ganhou, quem investiu.

P: Isso tanto na moradia como no comércio e tudo tinha...

R: Tudo, era tudo, tudo, aqui não tinha casa, nego fez casa aqui do dia pra noite pra alugar porque as casa foi tudo alugada, né? E onde corre dinheiro todo mundo ganha, o comércio, o mototáxi, é todo mundo mesmo, onde gira dinheiro...

P: Agora se a gente for falar um pouco assim, sobre a prestação de serviços públicos, nós vamos falar agora assim, falar de saúde, educação, segurança, o senhor acha que essa prestação de serviço público pra comunidade, ela foi de alguma maneira impactada pelo fluxo de pessoas aqui na época da construção da usina?

R: Não, já tinha, já foi... foi...

P: Tinha um suporte pra atender esse pessoal?

R: Tinha. Aqui o... que o aumento com a barragem vindo aumentou (pessoal), mas aumentou médico, aumentou tudo.

P: Ah sim.

R: Veio mais gente.

P: Então o senhor crê assim que teve uma certa preparação pra atender aquela demanda de gente?

R: Teve, foi preparado o povo, preparou, o prefeito preparou, o prefeito fez muita casa pra dar, deu muito terreno, ajudou muito. E a saúde naquele tempo aqui era boa, era... achava ela

não tão melhor do que tá hoje com esse prefeito que entrou agora que tá aí, ele investiu muito na saúde, a nossa saúde hoje em cidade pequena tá boa.

P: E agora assim, depois que terminou, que acabou, que todo mundo foi embora, como é que é nosso... o modo de vida aqui hoje? Como é que é viver aqui na cidade hoje?

R: Ah hoje... hoje ficou fraco. Não sei se ficou fraco, é porque entrou... entrou uma crise, que essa crise nossa hoje, ela tá geral.

P: Sim. Que tá fora da realidade do Peixe a crise nacional.

R: É, tá nacional, então mudou muito, né? Mas se fosse... antes da barragem tivesse entrado essa crise, ia ser mais ou menos a mesma coisa.

P: Mas o estilo de vida simples, parado... pacato que era aqui voltou ao normal?

R: Voltou ao normal, ficou normal, mesma coisa.

P: Na opinião do senhor, qual que é a importância da usina pra cidade de Peixe nos dia de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Ela não trouxe muito... muita... hoje... ela trouxe só no tempo, depois que passou a gente não vê porque o povo fala que entra um rio de dinheiro, coisa e tal, mas a gente não vê aparecer esse dinheiro em benfeitoria na cidade, é um dinheiro que entra...

P: Então o senhor acha que... comenta-se que ela dava muito dinheiro pra prefeitura, mas o pessoal não percebe isso em melhoria pro povo?

R: Não, aqui nós... nós assim, pelo menos eu vejo que esse dinheiro tá... tá guardado em outro canto porque pra nós aqui, ele não desenvolveu não.

P: E na opinião do senhor, a cidade de Peixe, ela apresenta assim algum avanço social em decorrência da existência da usina? Por existir a usina, o senhor acha que tem algum avanço social?

R: Não, não tem não, não tempo porque não... já tá com... a usina tá com 10 anos que foi... que foi feita (inint 06:33).

P: E a cidade tá (vivendo)...

R: Continua, não tem expectativa de... de melhoria, que pra melhorar tinham que (vim) empresário, vim uma... uma usina, uma... tinha que vir uma fábrica grande pra cá e não vem.

P: O senhor fala assim, que empregasse mais gente?

R: Que empregasse mais gente, porque o que nós não tem aqui é emprego, emprego da nossa cidade é o Estado e a prefeitura e pronto, acabou.

P: E pra finalizar aqui. Na opinião do senhor, o que que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Pra gente olhar aqui nada, não vejo... eu não vejo... eu não vejo nada assim, porque ela tá lá, você nem entrar lá você não entra, se não for agendado, então você não sabe de... você não sabe de nada, você não vê o dinheiro... o dinheiro que entra você não...

P: Agora só uma pergunta que tá fora aqui da minha relação, mas só pra aproveitar que o senhor tem uma relação mais próxima do rio, o senhor mexe com embarcação e tal. E qual que é a mudança que o senhor percebe assim no rio com relação a... ao fato de ter a usina, depois da usina?

R: Pra nós ficou pior, ficou bem pior porque ela não tem... você... tem dia que eu deixo minha canoa dentro da água, quando no outro dia eu chego, ela tá no seco, outro dia eu deixo ela no seco, quando é no outro dia eu chego lá se não tiver amarrado com... a corrente tiver ficado curta ela tá alagando porque o rio sobre. Então a variação é grande demais. Então pra nós ficou mais ruim.

P: E afeta também a questão de peixe também? Essas coisas?

R: (De peixe). Você não tem... o peixe acabou, né? O pe... a gente pescava o peixe mesmo aqui, depois da usina acabou.

P: Ah, beleza. Então muito obrigado pela entrevista. Finalizando aqui.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 20

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E20)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC020

Duração: 00:06:04

(Início)

P: Então estamos conversando aqui, mais uma entrevista aqui com E20. E20, me fala um pouco aqui da sua vida, se você sempre morou na cidade de Peixe, qual que é a sua relação com a cidade de Peixe. Aí nós vamos colocar um pouco assim, do que é o período da usina de 2002/2006, se você mora aqui desde antes, você sempre morou aqui na cidade?

R: Sim. Morava... moro sempre no município de Peixe, só que antes morei um tempo na fazenda, só que sempre estudando aqui na cidade mesmo. Então vinha todos os dias pra cá e nesse período ainda tava ainda nessa transição, de morar na fazenda e ficar vindo pra cá ainda.

P: Qual que é a sua idade mesmo? Só pra gente poder colocar dentro do lapso temporal aqui.

R: Hoje eu tenho 32.

P: Tá ótimo. E como é que era viver... assim, dentro do seu conhecimento, como que era viver aqui na cidade antes da construção da usina? Como é que era o modo de viver das pessoas aqui?

R: Cara, assim, tranquila. Uma vida tranquila, tudo muito... cidade pacata. E assim, era vida de criança mesmo que era tranquilinho.

P: E depois? Mudou muito o estilo de vida das pessoas? Depois que finalizou a obra.

R: Depois que finalizou deu aquela... o impacto que veio, né? Aquela impactada em questão de usina, ficou muita gente mesmo daquele tempo da construção da usina que ficou, então a cidade deu uma... uma evoluída um pouco também.

P: Com relação às funções que o senhor exerceu, hoje o senhor é presidente da Câmara, é vereador de primeiro mandato?

R: Sim, primeiro mandato.

P: E já exerceu outro cargo assim, de liderança social ou trabalhou em alguma empresa ou foi... gerenciou alguma empresa, foi dono, coisa assim?

R: Não, só trabalhei mesmo, supermercado, posto de combustível, casa lotérica.

P: Agora vamos lembrar um pouco assim de como é que era viver aqui durante o período da construção. O que que o senhor lembra assim, da época que... da época do período da construção, aquela quantidade de gente que veio pra trabalhar na usina?

R: Assim, o período era... que eu me lembre era muita gente mesmo, cidade muito movimentada. Eu, nesse período mesmo trabalhava em mercado, no supermercado e a gente tinha uma grande movimentação, trabalhava até altas horas da noite pra atender a população que era... principalmente época de pagamento de barragem. E assim, era um tempo muito... foi um tempo muito corrido, de muitas pessoas na cidade.

P: E como é que a economia da cidade de Peixe, ela foi influenciada assim, pela usina durante o período de construção? Quais setores (o senhor acha) principal que foi influenciado, a economia, como é que foi a época da construção da usina?

R: Eu acho que no período, no período da construção mesmo foi em... em todos os períodos acho que todos os movimentos, acho que movimentou muito (inint 02:36).

P: Comércio, moradia?

R: Comércio, moradia, em tudo, tudo teve um impacto na economia sim, com certeza.

P: No bar também? Os (inint) gostava de tomar uma cachaça ou não?

R: Nos bares, em festas noturnas aí, tudo tinha movimento.

P: E o senhor acha que a prestação de serviços públicos, aí a gente fala de saúde, educação, segurança pública, de alguma maneira foi impactado pelo fluxo de pessoas aqui durante a construção da usina?

R: Sim, acredito também que foi, porque... na questão de saúde, né? A questão de... das pessoas que vieram de fora, impactou sim. E nesse período mesmo não tinha... até via aquela preocupação muito grande dessa questão de doença, (de homicídio) e tal. Segurança pública também, onde os bares eram lotados o tempo todo e a gente via aglomeração de muitas pessoas.

P: Você acha que aumentou criminalidade, teve caso também de droga, prostituição. Isso aumentou com essa vinda das pessoas?

R: Eu acredito que sim, muito... a gente via muito esses fatos mesmo de droga, de prostituição, de tudo tinha.

P: E agora assim, o que que... como é que é viver aqui na cidade hoje? O que que... como é que é o modo de vida hoje?

R: Hoje não tem aquela calma de antes devido a mesma... à violência que acarretou no país todo, né? Mas... algumas mudanças houve, mas no período depois da usina que passou melhorou bastante também em alguns aspectos, mas até em outros também eu acho que tá tranquilo pra se viver ainda na nossa cidade.

P: E na opinião... na sua opinião, qual que é a importância da sua usina pra cidade de Peixe nos dias de hoje ou o senhor acha que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Tem, tem sim. Hoje só de você falar que na cidade tem usina hidrelétrica, né? Já (eleva) uma importância grande. Assim, de fato, de geração de emprego hoje que nós não temos essa questão hoje, que muitas... até os que trabalham na usina hidrelétrica hoje todos vêm de fora que a maioria é de Gurupi, são mínimos aqui da cidade de Peixe. Então, acho que falta mais o... o que impacta mais é só essa questão de criação de emprego mesmo.

P: Sim. E também representa renda pro município, né?

R: Sim, a questão da renda do município representa também.

P: Na sua opinião, a cidade de Peixe, ela apresenta algum avanço social em decorrência da existência da usina?

R: Na questão social eu não vejo muito, porque eu acho que ainda falta muito de alguns poderes, tipo, até a questão (inint 05:00) também tá mais presente nessa questão social.

P: Então, pra finalizar a nossa entrevista aqui, a nossa última pergunta: na sua opinião, o que que a usina hidrelétrica representa pra cidade de Peixe hoje? Atualmente?

R: Eu acho que mais uma... como eu posso dizer? Um... um marco assim, pra nossa cidade, né? Só a questão de dizer que nós temos hoje uma usina hidrelétrica, é fornecedora de energia aí pro Brasil inteiro, acho que essa é a importância maior aí da (inint 05:30).

P: Mas você acha que não repercute muito assim na qualidade de vida das pessoas? Assim, a pessoa não teria desenvolvimento porque... em decorrência dessa usina?

R: Não, acredito que não.

P: Mesmo sendo renda pro município acha que a qualidade de vida das pessoas realmente não...

R: Não, acho que não... assim, depende também da questão dos ribeirinhas também. Até esqueci de colocar isso que é a questão dos ribeirinhas, questão de pesca também, até influenciou também nessas questão de também, acho que influenciou bastante também.

P: Então beleza. Então finalizando aqui, muito obrigado.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 21

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E21)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC021

Duração: 00:12:00

(Início)

P: Vamos começar aqui mais uma entrevista com o E21 que aceitou participar aqui da nossa pesquisa, vamos começar aqui as perguntas. E21, me fala um pouco aqui da vida do senhor, que se o senhor sempre morou em Peixe, qual que é a relação do senhor com a cidade, qual que é a vivência do senhor aí com a cidade de Peixe?

R: Eu não sempre morei em Peixe, mas frequento a cidade desde 91, 92, principalmente a região da (margem) direita que é conhecido como Vila (Agropic), Vila San Miguel e hoje o assentamento (inint), né? Lagoa do (Romão), essa margem direita eu tenho um conhecimento maior. Aí eu conheço a cidade também bastante já, né? Não só como período de vereador, mas também como cidadão também, eu visitava muito, mas o meu vínculo maior é a margem direita do...

P: Mas aí da margem direita, o senhor morou lá ou o senhor tinha... tem parentes ou desde que ano? Só pra gente se colocar aqui dentro, situar dentro do que foi a usina. A usina começou 2002 terminou 2006, se o senhor pudesse colocar, falar pra gente qual a vivência do senhor com aquela região antes do período ou durante, depois, só pra situar aqui no tempo.

R: É, basicamente morar tem uns cinco a seis anos que eu moro lá.

P: Mas desde quando o senhor frequenta lá mesmo sem morar?

R: Desde doi... de 92.

P: Ah sim.

R: 92 a gente já frequentava, inclusive lá só... não tinha nem a vila direito, só era as casas branca da firma mesmo.

P: E qual que era a relação do senhor com aquela região lá? O senhor tem parente ou o senhor tinha negócio, ou o que que o senhor... o que que senhor... o que que era a relação do senhor com aquela... com a região?

R: É parentesco mesmo, e comecei como parentesco porque meu sogro mora lá, né? E a gente, como foi frequentando muito foi... e também lutando pelo lugar junto com o pessoal, reivindicando e correndo atrás das coisas pra região, pra melhoria do lugar devido o sofrimento que era, né? Então aí a gente acabou pegando amor pelo lugar e virou assento, tanto é que hoje, como vereador e até antes de ser vereador, eu já mudei pra lá porque gosto muito do lugar.

P: E assim, falar um pouco do estilo de vida das pessoas, como é que é viver lá? Como é que era viver antes da construção da usina e como é que é agora? O que que... como é que era e o que que mudou?

R: Antes da usina, a gente tinha um certo privilégio, privilégio porque a pesca era melhor, né? Os córregos todos tinham peixe, não secavam tanto. Então assim, hoje a gente vê uma dificuldade de quando a usina fecha a comporta no verão, o rio chega, a gente atravessa ele sem precisar de canoa, a pé mesmo andando. Então assim, isso pra fauna, pra flora fica difícil, né? E acaba a gente sofrendo também, o beira... o beira rio mesmo, o pessoal que mora na beira do rio que às vezes necessita daquele rio pra poder sobreviver fica difícil.

P: Com relação às funções do senhor, hoje o senhor é vereador de... tá no primeiro mandato, mas o senhor já assim, exerceu algum outro cargo político ou o senhor foi dono de alguma empresa ou coisa assim?

R: Não, não, eu fui servidor público em Palmas há mais de 20 anos, né? Então aí quando eu optei por ser vereador aqui, a gente... a gente acabou pedindo licença e veio trabalhar aqui.

P: Tá ótimo. Agora o senhor lembrar um pouco como é que era a vida durante o período da construção da usina, com aquele... o fluxo de pessoas, de operários, o que que o senhor... o que que o senhor lembra, o que que o senhor viveu na época, qual o conhecimento que o senhor tem da época da... da construção da usina?

R: O que eu lembro é que ficou como se fosse... o que deu pra... pra (inint 03:39) foi a questão da... do socioeconômico aqui da cidade que alavancou muito, o pessoal construiu hotel, construiu... e aquele movimento todo, todo mundo acreditou na cidade, todo mundo veio pra cá, como foi a construção de Palmas em Miracema que todo mundo foi pra lá e acabou, teve que mudar de lugar e acabou perdendo até dinheiro, né? Porque pensou que ia ser uma coisa e foi outra, foi só um período, né?

P: Sim.

R: Então assim, a gente... e hoje a... graças à usina também, a cidade tem uma arrecadação muito boa que fica em quarto ou quinto em arrecadação no estado, e isso proporciona a gente uma vida melhor aqui no Peixe, né? O que falta pra nós aqui mesmo é uma gestão de verdade.

P: Sim. Então, na época da construção, a economia realmente melhorou aqui na cidade?

R: Melhorou muito. Na época da construção melhorou porque os hotel tudo cheio e muita gente de fora, né? Então isso... quando você tem pessoas que gastam na cidade, que o comércio oferece aquilo que ace...que eles procuram, né? É muito bom. Então naquela época foi muito bom pra região sim.

P: E falando um pouco sobre a prestação de serviços públicos, aí falar de saúde, educação, segurança pública, o senhor acha que a prestação de serviço público na época da construção da usina foi impactada de alguma maneira pelo fluxo de pessoas que tinha que... que tinha aqui na cidade?

R: Não entendi a pergunta.

P: Se a prestação de serviços públicos, aí a gente fala de saúde, educação, segurança, aí nós estamos falando assim, a cidade estava preparada praquele fluxo de pessoas? Se houve uma grande demanda nesses serviços e se alguma maneira isso afetou essa prestação de serviço pra comunidade o fato de ter aqui um volume muito grande de gente na cidade?

R: É, quando aumenta pessoas, aumenta o trabalho, né? E a cidade realmente não tava preparada pra receber aquela quantidade de gente, até mesmo porque ela não tem estruturam. Hoje, até hoje se fosse ter aquele movimento que teve não tinha estrutura pra receber aquele pessoal, né? Por mais que melhorou um pouco, mas não tinha, e tanto era que Gurupi era suporte, Gurupi e Palmas. Então assim, a gente foi dividida o povo entre aqui e São Valério,

né? E... mas aqui não tava preparado e acabou prejudicando quem morava aqui em certo... na questão de serviço público, escola, hospitais, atendimento policiais. Então... então isso tem um lado negativo, né?

P: O senhor acha que pode ter aumentado também a questão da criminalidade, de drogas, prostituição, isso também pode ter...?

R: Também aumentou. Aumentou porque os que vem de fora traz hábitos que não é consumado na cidade, né? A cidade, ela... às vezes ela tem uma cultura e vem outras cultura e mistura com aquilo ali e acaba vem gente boas e vem gente ruins pra cidade e a gente acaba sofrendo com isso, né? É como você semear a semente boa e a ruim, acaba deixando um pouco de cada um, né? A gente queria que viesse só boa, mas a gente não seleciona antes de vir.

P: E falar um pouco sobre como é viver aqui hoje, aí o senhor pode falar também um pouco da... da vivência do senhor que é da margem direita lá do rio, mas como é que é o modo de vida das pessoas aqui hoje? Agora estamos falando num período aqui quase 14 anos depois que terminou a construção da usina, como é que é o modo de vida das pessoas?

R: O modo de vida das pessoas aqui, ela ainda é... é sofrida, devido à questão da prestação de serviço público e pela cidade não ter, como eu te falei antes, a questão de gestão. A gestão... eu não culpo a gestão, eu culpo a justiça pela questão de... de punir quem merece ser punido por não ser... o político tem que aprender que é servidor do povo e não o povo servidor do político, né? É a minha concepção de político.

P: Sim.

R: E como pessoas também... e como pessoa também eu acho que a... a cidade tem que cobrar mais, o povo tem que cobrar mais, a vivência aqui do povo é sofrida no Peixe porque Peixe... desculpa, tem uma renda que dava pra dar uma vida melhor pro povo, dava pra dar uma qualidade de vida melhor, emprego melhor. Hoje a cidade não tem banco, a gente tá na luta aí pra que o banco, parece que vai voltar porque sem o comércio forte a cidade fica fraca, a cidade só é forte porque o comércio são forte, né? E a população precisa de emprego, porque o que tá acontecendo em Peixe, na realidade, tanto aqui como do outro lado, é que tá envelhecendo a população porque os jovens, como até na sua situação, sai pra fora pra buscar oportunidade. A gente tem brigado por isso dentro lá no setor e em volta nas periferia da

cidade, como o setor Boa Vista aqui perto da (inint 08:13) aqui, setor Aeroporto e a gente tem visto isso, (inint) dos jovens por falta e oportunidade. Oportunidade qual? O comércio não oferece emprego, o emprego que tem aqui é gestão pública e a gestão pública não comporta esse tanto gente porque tem uma certa quantidade pra colocar e o político maldoso usa isso pra (angariar) voto e não pra... pra ajudar as pessoas de verdade, né? Então isso tudo tá deixando a cidade a desejar, a qualidade de vida em Peixe deveria ser melhor quando o político aprender (que)...

P: Então assim, já entrou na próxima pergunta. Na opinião do senhor, o senhor acha que a cidade apresenta ou não algum avanço social em decorrência da existência da usina?

R: A usina deixou muitas coisas boas, coisas boas e ruins.

P: Sim.

R: As coisas boas que construíram alguns prédios, mas não dá o suporte, não deu o suporte da área social. Área social, eles colocou escola... uma escolinha de futebol aqui que cujo o... o presidente da escolinha de futebol é lá de Palmas, até a gente chama ele de Pezão, é Eduardo, né? O nome dele, a gente chama ele de Pezão. O cara arrecada pra área social, coloca uma mini escolinha aqui e aí pega a arrecadação que era pra... pra área social e aplica em Palmas. Então isso tá deixando também a desejar a usina é a questão que o... (já) o emprego caiu porque terminou a construção, né? E... e ela não tem um período assim que... que fala assim “não, eu vou contribuir com a cidade dando seus empregos que tem lá agora”.

P: Sim. Então, na opinião do senhor, o... qual a importância da usina pra cidade de Peixe no dia de hoje ou o senhor entende que a usina não tem muita importância pra cidade?

R: Não, tem muita importância, tanto é que eu falei em termo de arrecadação.

P: Sim.

R: Né? Se não fosse a usina aqui, meramente a cidade de Peixe nem era vista, ela é vista como uma cidade que... (vamos supor), São Valério que não tem uma arrecadação igual tem aqui, né? O que equiparou Peixe à Gurupi, equiparou Peixe até mesmo à capital, Paraíso que é uma cidade já antiga e grande, foi a usina, porque sem a usina raramente a gente ia... (inint 10:27) essa estrutura que a gente tem aqui, né? Então assim, a usina é de grande valia, é de grande

valia. Prejudica o meio ambiente um pouco? Prejudica, mas sem a usina aqui no Peixe a cidade era uma mera... vou falar uma (inint 10:39).

P: Sim.

R: Porque hoje...

P: Como tem... como tem várias cidades pequenas no Tocantins assim.

R: É (inint 10:44).

P: Que não... que não tem renda pra poder nem manter o básico (inint).

R: (inint) FPM só, né? Então assim, e a arrecadação é muito pouca, né? Hoje eu vejo algumas cidade, igual aqui em Poeirás que eu passo nela direto, é um desertor, Peixe é um deserto por falta de administração.

P: Pra finalizar aqui a nossa última pergunta. Na opinião do senhor, o que a usina representa pra cidade de Peixe atualmente?

R: Ela representa um futuro garantido, ela representa... eu falo 80% até da questão de sobrevivência do município, da questão de... de manter os trabalhos essenciais. Porque eu imagino você, se essa arrecadação toda que está em Peixe e a cidade ainda tá desse jeito, e se não tivesse, como estaria? Né? Então eu... eu até agradeço a Deus por ter essa usina aqui porque se não tivesse, aqui era um deserto e o povo ia sofrer mais ainda, né?

P: Sim.

R: Hoje o que eu falo pra você é que se não fosse a usina nós tava perdido.

P: Não beleza. Então tá. Finalizando, muito obrigado pela atenção do senhor.

(Fim da transcrição)

Entrevistado 22

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E22)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC022

Duração: 00:14:32

(Início)

P: Estamos aqui começando aqui mais uma entrevista aqui com o E22 aqui que foi vereador aqui na cidade de Peixe e também já foi secretário de... secretário...

R: Administração.

P: Depois o senhor vai falar um pouco mais sobre as suas funções, mas eu tô só adiantando alguma coisa aqui. Mas pra começar aqui a nossa entrevista, fala um pouco aqui da vida do senhor, qual que é a relação do senhor com a cidade, qual que é a vivência da cidade, vamos... vamos situar aqui no... dentro do nosso lapso temporal em que a usina foi construída de 2002 a 2006, pro senhor falar assim, o que que é a vivência do senhor na cidade e aonde é que o senhor tava nesse período, antes, durante, pra me situar nessa...

R: E22, residente em Peixe desde 1976, e aqui eu já fui vereador no período de 97 a 2000, fui secretário de... de administração também em 2005, né? Em janeiro de 2005 a fevereiro de 2016... 2006; fui vice-prefeito também de dois mil e... 2009 a 2012. É isso aí a qualificação, né?

P: Sim. E aí então sempre mo... morou bem aqui na cidade, né? E vamos falar um pouco sobre como é que era viver aqui na cidade antes da construção da usina, como é que era o modo de vida das pessoas aqui?

R: Era um modo simples, porque o Peixe toda vida se comportou como uma cidade... uma cidade pacata, pequena, comércio muito fraco, o comércio daqui é muito fraco porque nós somos praticamente dependentes de Gurupi pelo fato de Gurupi estar numa BR, e então o Peixe toda vida foi uma cidade aí, né? Em nível de emprego é só Prefeitura e Estado, né? E alguma coisa de propriedade rural, o cara exerce cargo de vaqueiro, gerente de fazenda, mas isso é muito pouco. O comércio local também muito pouco também. A usina veio incrementar essa... essa economia, né?

P: Sim. E assim, mas depois que terminou tudo, o senhor acha que mudou assim o estilo de vida das pessoas ou tá muito... ou não?

R: Mudou, a usina, ela trouxe... a usina trouxe 4 mil homens pra cá na época, entendeu? Aqui tinha 4 mil homens trabalhando aqui. Aqui, só pra você ter uma ideia, aqui tinha uma empresa de ônibus aqui que fazia o transporte desse pessoal, aqui era o transporte do dia todo, se não... na época eu acho que, se não me engano, tinha mais de 40 ônibus aqui fazendo o transporte desse pessoal aqui. Então a cidade foi pulverizada, né? Ela ficou uma cidade povoada, né? Quando terminou a usina, é claro que tem os resquícios, mas no período movimentou a cidade, era 4 mil homens aqui, inclusive que recebiam pagamento aqui na cidade.

P: E assim, isso afetou a... o modo de vida das pessoas, como é que era viver aqui durante esse período da construção da usina?

R: Afetou, afetou. Afetou na economia local porque as pessoas tinham possibilidade de emprego, né? E... só que nós fomos pego também de surpresa porque, na verdade, a mão de obra aqui não tinha, né? Então essa mão de obra qualificada nós não tínhamos ela, né? Esses armador industrial, esse tipo de coisa nós não tínhamos aqui, então esse pessoal veio todo de fora. Alguns... alguma outra pessoa aqui da cidade ingressou e conseguiu subir de cargo dentro da usina, né? Muitas vezes até atingiu até posições de direção, mas aqui nós não tínhamos essa mão de obra. Então acho que o pecado principal foi o Peixe não ter preparado pra chegada dela, pra esse pessoal absorver os empregos que tinha. Então, na verdade, eram 4 mil homens de fora que tinha aqui, a porcentagem de pessoas do Peixe que trabalhava na usina eu creio que não chegava a mil pessoas pra falar pra você, não chegava a mil pessoas, tinha 4 mil homens de fora e mil não era do Peixe, porque esses empregos, por exemplo, aí, a mão de obra do Peixe não era especializada na época.

P: Ah sim. Então teve muita oportunidade, mas...

R: Mas não tínhamos... não tínhamos como aproveitar porque, na verdade, nós não tínhamos mão de obra especializada pra época porque o Peixe não se preparou...

P: Restava somente ao serviço braçal.

R: O serviço braçal, de... serviço de mão de obra pesado, só mão de obra pesada, cargos de... outros cargos de direções, cargos mais importantes não era absorvido aqui.

P: E isso ainda é um pouco o reflexo do que ainda é hoje a usina, porque se usina hoje emprega 50 pessoas e deve ter talvez o pessoal da limpeza que é do Peixe, né?

R: É, vamos botar aí que a usina hoje deva ter, vamos botar, vamos botar 50, eu não sei quantos são lá, mas vamos botar 50 pessoas, aí você pega lá 15 do Peixe.

P: Que tão na limpeza?

R: É... na limpeza...

P: Na limpeza, (restaurante).

R: E tem alguns outros cargos que exercem função de eletrotécnica hoje, o chefe de eletricidade lá, alguma coisa, né? Mas é... são migrações poucas, lá deve ter sei lá, lá acho que lá não tem nem... nem oito pessoas que trabalham nessas funções.

P: E aí os cargo de chefia, direção?

R: Os cargos de chefia são de fora, são... são de fora.

P: Então, o senhor já adiantou um pouco, mas como é que a economia da cidade foi influenciada na época da construção? Qual os setores que mais foram movimentados e da economia durante esse fluxo de pessoas da construção?

R: Na época foi o comércio, comércio e construção. Porque, na verdade, desse pessoal que veio muitos construíram casas aqui, muitos construíram, inclusive essas casas estão aí até hoje, muitas inclusive abandonadas, né? Você pode ver que ali na beira do rio foi criado praticamente uma favela, né? Ali na beira do rio ali, né? Aqui na outra, nessa outra parte aqui já da praça pra beira do rio nova ali, pra outra... pra essa... onde passa a balsa hoje, também ali praticamente tem um monte de casinha ali que foram construídas por esse pessoal da época.

Então houve um... houve um incremento na economia local na parte de... de comércio, né? Construção e alimentos, né? Foi esses os incremento, o resto não foi.

P: E com relação aos serviços públicos, aí o senhor já tem uma experiência como... na parte da gestão da... da prefeitura, vereador e tudo, o senhor acha que os serviços públicos foram impactados pelo fluxo de pessoas? Aí nós falamos em saúde, educação, segurança pública, se a cidade tava preparada pra receber esse pessoal, se foi...

R: Não, o Peixe não tava preparado, é tanto que nós tivemos um problema aqui de infraestrutura urbana, questão de asfalto, por exemplo, né? Como aqui devia ter mais ou menos 40 ônibus rodando o dia todo, porque você sabe que aquele pessoal trabalha, eles trabalha lá po... tipo assim, como se fosse um...

P: Por turno?

R: É, por turno, por turno, né? Então tem a turma da noite, tem a turma do dia, a turma da tarde. Então aqui era 40 ônibus rodando na cidade, praticamente destruiu o asfalto. Esse asfalto, por exemplo, que foi destruído, ele não era contemplado nos planos básico de... nos PBA's, não era contemplado. Então esse... isso... esse ficou um diven... um dividendo pro município, né? Na segurança pública, eles construíram aqui o quarto BPM ali hoje, né? Ajudou a ampliar e a dar manutenção pra cadeia local da época, né? Foi feito um centro cirúrgico novo, eles construíram um centro cirúrgico novo, construíram uma praça, aquela praça lá que antigamente chamava (inint 06:24) (Queiroz) que é a praça da igreja, eles construíram aquela praça, né? Construíram o posto de saúde na Vila São José na época também. Então ... mas foi só isso aí. E, se não me engano, parece que tinha uma contribuição que era na parte de segurança pública que era petróleo pra abastecer as viaturas, né? E tinha um repasse que era feito mensal pra o... pra o município em relação à saúde, na época parece que circulava em torno de 30 mil reais, né? Essa era a ajuda que a... que o grupo construtor dava pra o município.

P: É (inint 06:55) nos planos, né? E assim, e sobre a segurança? Muito aumento de criminalidade, questão de droga, prostituição, isso aí também te...

R: Não, na e... na época até que foi instalado aqui alguns centros de... eu não falo centro de prostituição porque na... ele tem outro nome, né? Mas onde tem aquelas mulheres que recebe

lá pra oferecer um cafezinho, uma cerveja tal, aqui na época foi aberto mais ou menos uns três órgãos desse tipo aí.

P: Sim.

R: Você entendeu?

P: (Que nem) alegria (fácil). ((risos))

R: É, uma área de lazer pros homens, né? Você entendeu? Tinha mais ou menos uns três aqui, na época tinha (inint 07:09), tinha o Trovão Azul, parece que se não me engano chamava Trovão Azul, era (inint), a Trovão Azul, você entendeu? E tinham outros aí também. Agora, a criminalidade, na verdade, acho que tinha um compromisso dos chefe da usina com o pessoal da segurança aqui do Peixe, porque, na verdade, eles falavam o seguinte, que aquele cara que cometesse qualquer tipo de delito, eles demitiam na mesma... na mesma hora o cara, se fosse uma... então tinha uma parceria entre... entre a parte da segurança pública e o chefe da usina. Então se um cara cometesse algum... algum delito na cidade, ele era exonerado e mandado pra fora... e mandado de volta pra... pra sua cidade de origem. Então, na verdade, criminalidade na época aqui eu acho que não houve um aumento assim...

P: Mas é só a cachaça mesmo e...

R: Agora... mais na época eu acho que era mais a questão do álcool, não era nem a droga mesmo, a droga de substâncias químicas, era mais era só o álcool mesmo.

P: Uhum. E hoje, como é que é viver aqui na cidade hoje? O que que... aí passado quase 14 anos depois que terminou a obra o que que...

R: Ó, na verdade é o seguinte, (inint 08:26), o... depois que terminou... eu acho que o problema maior foi esse, ela tinha que ter feito... na época nós tínhamos que ter tido gestores aqui que tinha que ter tido uma visão alongada do pós... pós-obra, você entendeu? Não houve uma preparação, porque o Peixe tinha que ter absorvido melhor esse... esse... depois da construção, o Peixe não absorveu nada. Nós ficamos aqui praticamente quase... acho que em 2010 foi feito um levantamento aqui, nós tínhamos 140 casas abandonadas aqui, o pessoal veio, construiu, comprou, foi embora, deixou essas casas aí larga aí, abandona, muitas até caíram, você entendeu? Ou foram ocupadas de forma irregular, você entendeu? E na questão de institu... de infraestrutura, por exemplo, não foi construído nada, não teve... por exemplo, o

consórcio construtor que era o HE Peixe Angical, ele não fez nada de asfalto na cidade, você entendeu? Então você vê, tinha 40 ônibus circulando na cidade na época da construção, destruiu praticamente o asfalto que tinha aqui, você entendeu? E depois, ele não deu essa contrapartida que foi construir. Preparar o pessoal, você entendeu? Prepa... porque muitas pessoas ficaram aqui na cidade, né? Desses 4 mil homens eu creio que 500, 600 pessoas ficaram dentro do Peixe, inclusive ficaram com ônus para o município porque aí o município, a assistência social do município muitas vezes teve que arcar com esse custo.

P: O o senhor que foi vice-prefeito, o senhor lembra de ter... de ter participado de alguma mesa de negociação nesse tipo dessa contrapartida com a empresa ou o senhor não participou?

R: Não, na nossa época já não teve, porque as negociações foram tudo antes de 2007 pra trás, né? Todas negociações foi feita nesse período, de 2007 pra trás. Inclusive em do... acho que é... se não me engano, até 2008 o consórcio construtor pagava ISS, né? ISSQN, né? Algum royalty de alguma máquina que chegava, equipamentos, entendeu? Aí de 2009 pra frente já não teve mais porque a obra já tinha parado. Então essas negociações de PBA, de contrapartida, né? De alguma reposição de alguma coisa que o município tava... tava gastando muito, isso foi tudo de 2008 pra trás.

P: Na opinião do senhor, qual que é a importância da usina pra cidade de Peixe no dia de hoje? Ou o senhor acha que ela não tem muita importância na cidade?

R: Não, a importância é o próprio empreendimento, né? Porque a obra lá, se não me engano, é uma obra de... que tem garantia de 100 anos, então o consórcio construtor, na verdade, ele... ele deu... ele deu uma garantia se não me engano uma obra de 100 anos, então ela vai trabalhar durante 100 anos sem nenhum problema. Agora, em relação à ajuda pro município tem a parte do ICMS hoje que o município hoje recebe... eu não tenho o dado atual, mas eu falo pra você que hoje deve tá na faixa de um milhão e meio de ICMS que entra ...

P: Mês?

R: Mês, né? Então é um milhão e meio hoje é da pa... é da usina, né?

P: Isso já... já coloca...

R: (inint 11:09) de energia.

P: Já coloca a cidade de Peixe...

R: Já.

P: ...à frente de muitas...

R: Já coloca a cidade. Já. O Peixe hoje, se não me engano, no geral, em ICMS, ele tá em, se não me engano, em quarto lugar no Tocantins. Então você vê, nós estamos competindo com Palmas, Araguaína, Gurupi e Porto Nacional e Paraíso, nós temos... nós temos competindo com esse pessoal aí em ICMS. Arrecadação total do município acho que nós temos trigésimo quinto, trigésimo quarto, mas ICMS, que é o incremento maior da usina que é vinda de energia, hoje nós somos... hoje nós somos o quarto hoje em função da usina, né?

P: Sim. E, na sua opinião, o que... se a cidade de Peixe apresenta algum avanço social em decorrente da existência da usina? Avanços sociais.

R: Rapaz, olha, a... hoje o grupo que controla a usina, se não me engano, chama EDP, Energias de Portugal, eles têm alguma coisa hoje assim, na parte de educação, né? Parece que tem um programa de educação da EDP. Então todo ano eles distribui material escolar, acho que tem aula de... aulas nos colégio, eles trazem instrutores de fora, fazem gincana. Então tem alguma atividade na parte de educação. Outra coisa não tem, por exemplo, eu acho que já no Peixe deveria ter, por exemplo, um convênio da EDP, do grupo hoje que controla a Enerpeixe com o Sesi, Senai pra dar curso aqui na cidade. Você vê, hoje nós temos aí cursos (inint 12:35) em Gurupi, eu creio que nós deve ter umas 40, 50 pessoas, mas tem que ir de ônibus todo dia pra Gurupi e isso poderia ser feito aqui hoje numa parceria entre a EDP, né? Que é a usina, e o Sesi, Senai hoje, né?

P: Sim. Pra finalizar, o que que a usina representa pra cidade atualmente?

R: Não, a usina representa hoje poder econômico, né? Porque todo mundo fala, eu vou te citar só um caso aqui, por exemplo, aqui. Tinha um carteiro aqui na cidade que ele... quando ele fez o concurso pros Correios, ele escolheu o Peixe. Por quê? Ele procurou no mapa uma cidade que tivesse uma localização mais central perto de Brasília e uma cidade que fosse desenvolvida, aí lá tinha que o Peixe tinha usina, então ele falou “não, eu vou pro Peixe porque o Peixe tem usina, cidade que tem usina é uma cidade desenvolvida”. E ele me falou que depois teve uma frustração, porque ele chegou aqui não era aquilo que representava, né? Uma cidade que não tem infraestrutura urbanística, não tem uma praça bonita, não tem... não

é uma cidade arborizada, bonitinha. Porque normalmente cidade de usina é cidade organizada, bonitinha, infraestrutura, você entendeu? E ele chegou aqui não tinha isso, não tinha isso, e ele sentiu uma frustração. Então eu acho que tem muito a desejar, pra uma cidade que tem uma usina como sede, como sede, o Peixe é sede de uma usina, a distância daqui, por exemplo, daqui da sede lá na usina, se não me engano, são 35 quilômetros, é muito próximo, é muito próximo, né? Você vai de asfalto daqui lá na usina, né? Você vai de asfalto lá, e não tem esse retorno pra cidade, não tem esse retorno, é um empreendimento bilionário, porque eu não sei nem quanto é que vende de energia, né? Mas é um empreendimento bilionário e não tem esse retorno pra cidade em educação, em infraestrutura, em segurança pública. Eu acho que o município devia aproveitar mais isso, porque eu até não sei, talvez seria uma... sentar os gestores atuais com os representantes do empreendimento.

P: Sim. Certo. (A gente) agradece a sua colaboração, muito obrigado.

R: Tá bom.

Fim da transcrição)

Entrevistado 23

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (E23)

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: REC024

Duração: 00:11:55

(Início)

P: Então vamos começar aqui a entrevista com E23 que aceitou participar aqui da nossa pesquisa. E23, primeiro falar um pouco assim, sobre qual que é a relação do senhor com a cidade de Peixe, o senhor sempre morou em Peixe, qual que é a...

R: Eu mudei pra Peixe em 2002, eu constituí família, casei com uma pessoa aqui de Peixe, mudei pra cá. Incialmente montei um escritório de advocacia e comecei a exercer o magistério aqui na rede pública estadual sendo que, posteriormente, eu mudei pra Gurupi, levei o escritório pra Gurupi e passei a dar aula no curso de direito da UnirG, já sou professor lá da UnirG há 13 anos, tive 13 anos de magistério, mas sempre mantive o vínculo, sempre tive propriedade, passei aqui os finais de semana, sempre mantive o vínculo com a cidade.

P: Só colocar aqui no lapso temporal que a usina foi construída de 2002 a 2006. Antes disso, o senhor conhecia a cidade? Já tinha...

R: Eu... eu sou vizinho aqui de São Valério, né? Então desde a minha infância a gente teve um vínculo muito próximo de amizade, paren... parentes aqui, amigos, a gente sempre foi muito próximo.

P: Então falar um pouco como é que era o modo de vida das pessoas aqui antes da usina, pode até falar da experiência do senhor, o que que o senhor conhece assim se antes e depois da usina, o que que... como é que é a vida das pessoas e como é que é atualmente, se...

R: Eu... o que eu notei aqui que mudou muito foi em questão de hábitos inclusive culturais, foi que uma quantidade muito grande de pessoas que vieram em razão do empreendimento fixaram moradia na cidade. Então, naturalmente esse (inint 01:37) trazidos de fora até mesmo por impactar o modo de vida da população peixense. Apesar da grande maioria dos trabalhadores terem ido embora, teve uma... houve um acréscimo muito grande populacional até por causa do... dos negócios de varejo que vieram em torno do empreendimento e a cidade também teve um aumento territorial muito grande, ela...

P: Então essa migração que teve, muitos aqui estabeleceram mesmo depois do... do empreendimento?

R: Ah, com certeza. Tem muitos comerciantes, tem muitos prestadores de serviço que continuam aqui mesmo depois que o empreendimento foi embora.

P: E sobre como é que era o estilo de vi... o modo de vida aqui durante o período da construção, daquele fluxo de pessoas, como é que era viver aqui na cidade na época?

R: Não, na verdade, você tinha uma cidade pequena que do dia pra noite recebeu uma média aí de três mil e quinhentas... três mil e quinhentos trabalhadores de fora. Então, não tinha a infraestrutura necessária pra receber essas coisas, a gente fala questão de... de lazer, de moradia, de assistência dos serviços públicos. Então o Peixe não tinha uma estrutura de... de prestar serviço de saúde, educacional pra absorver isso tudo. Então, aqui as coisas aconteciam mais ou menos de forma, como eu posso explicar? Aconteciam... não era um trabalho ideal, você pegava essas condições e você alterava de forma a atender o mínimo de serviço pra população, mas essa assistência era muito precária.

P: Então esse fluxo de pessoas de certa forma afetou o serviço público? Saúde, educação, segurança, tudo afetou pela... a demanda e não tava... não tinha preparação pra atender aquele tanto de gente. Seria mais ou menos isso?

R: E muito, com certeza. Até porque dentro, por exemplo, dessa média de três mil e quinhentas a quatro pessoas que se estabeleceram em Peixe vem todo tipo de pessoas. Então na época tinha... a quantidade de dinheiro circulando no município era maior. Isso atrai muita questão de criminalidade. Então nós tínhamos um problema muito grande aqui em torno da questão de segurança pública. Da mesma forma, os imóveis aqui sofreram uma supervalorização que não foi sustentável. Então, a gente viveu aqui naquela época uma bolha, inclusive uma bolha imobiliária, no início os valores dos imóveis cresceram muito e depois teve uma defasagem muito grande. Então isso, de certa forma, acabou com aquela... com aquela estrutura econômica e social estável que tinha na cidade e criou... criou algo totalmente conturbado.

P: Com relação à economia assim então, o que que você acha que foi os setores que mais se beneficiaram com o período da construção?

R: Na prática, os prestadores de serviço, as empresas que prestavam serviço aqui, nenhuma era de Peixe, então você não vai encontrar um prestador de serviço. O Peixe... Peixe contribuiu com a construção da usina ao fornecer mão de obra.

P: Sim.

R: E com um detalhe, mão de obra não especializada. Então é aquela mão de obra mais barata. Na verdade, essas pessoas passaram a se especializar no momento da construção da usina em algumas... em algumas profissões técnicas. Na prática aqui quem sofreu um aquecimento maior foi praticamente só o comércio.

P: Só o comércio e a construção civil como o senhor falou que também veio o problema depois que terminou?

R: Exatamente.

P: Falando... e na... questão da segurança, aumentou assim caso de criminalidade, questão de drogas, prostituição, isso também teve aqui no período?

R: É, pra você ter ideia hoje nós... não tem... não existe zona de baixo (inint 05:20) em Peixe, anti... na época tinha, chegou um momento que tinha quatro bordéis aqui na cidade. As apreensões e as prisões ocasionadas em razão de questão de droga era praticamente diária. Então são tre... três mil e quinhentas, quatro mil pessoas de fora que vem pra cidade, então, naturalmente, vem todo tipo de gente, é normal que... os setores mais afetados foi justamente esses aí, a questão da... dá estrutura de educação que não comportava a quantidade de pessoas, a estrutura de saúde que não comportava, não tinha uma estrutura de segurança pública aqui necessária pra atender o mínimo de condições pra manter a harmonia que existia antigamente.

P: E no pós-obra assim, ainda ficou... fica algum impacto na questão de mãe solteira, filho sem pai, essa questão ficou... ficou também...

R: Isso aí é o que mais tem é peixense que... ((risos)) de mãe de Peixe e pai de fora que foi embora e nunca mais apareceu. Então a quantidade de... de filhos sem reconhecimento, sem assistência, principalmente financeira paterna, aqui é muito grande.

P: E... então... já falamos (inint 06:29) como é viver aqui hoje? Então o senhor acha que o depois da usina teve essa questão dos migrantes que isso de certa forma afetou um pouco os costumes no modo (inint)?

R: É, o que que aconteceu aqui? Nós tivemos uma cidade que não estava preparada pra receber, não tinha infraestrutura pra receber isso aí, foi montado um plano de impacto ambiental que previa o auxílio na infraestrutura da cidade pra melhorar as condições de vida, mas que, na verdade, infelizmente, não teve uma cobrança por parte do poder público para o

cumprimento por par... pelo empreendedor. Então na prática hoje nós continuamos tendo um município sem infraestrutura, a infraestrutura hoje, ela tá sendo recuperada com recursos do poder público, praticamente o que a gente tá fazendo hoje aqui é com base nos repasses do Governo Federal e emenda de parlamentares, porque justamente o empreendedor, ele nunca se preocupou, nunca foi cobrado para dar essa contrapartida. Então essa... esse... esse impacto social, ambiental, econômico, ele já tava previsto lá atrás.

P: Nos estudos prévios?

R: Foi montado um plano por parte do... foi montado um plano nas audiências públicas para a elaboração do EIA Rima, justamente para que o empreendedor compensasse o município por esses problemas, mas, infelizmente, o empreendedor... em Peixe especificamente, eu posso te assegurar que o empreender não cumpriu com a parte dele.

P: Não foi totalmente executado ou foi po...

R: É, nós concluímos um estudo agora há pouco tempo, acerca de quatro meses e o que o empreendedor conseguiu cumprir aqui foi 18% do plano ambiental deles, mais de 80% do plano ambiental não foi cumprido.

P: E mais... e assim, sem falar no... questão geral, social, ao... em decorrência da usina, Peixe tem algum avanço social? Podemos ser... que podemos destacar ou...

R: Em razão do empreendimento, da construção do empreendimento, não.

P: Em razão da existência dela (inint 08:36)?

R: Peixe tem em razão da existência. Por quê? Hoje um... nós temos um tributo que a gente recebe mensal que é o ICMS, e ele é alto em razão da nossa contribuição com o produtor de energia. Então, independente das... dos setores econômicos no estado afora, nós somos o município que contribui muito com a formação do (bolo) do ICMS em razão da energia que a gente produz aqui por causa do empreendimento.

P: Então, qual que é a... qual que é a importância da usina pra cidade de Peixe no dia de hoje ou ela não tem muita importância pra cidade?

R: Não, a importância é gigantesca. É gigantesca em razão dessa... desses recursos que a gente tem oriundos do ICMS. Eu não posso falar pra você que a administração soube

aproveitar e reverter o uso desses recursos em favor da população de Peixe, mas estrutura e condições tem.

P: Pra finalizar nossa última pergunta aqui. Na opinião do senhor, aí o senhor me diga como morador da cidade e como... e também como gestor, o que que a usina hidrelétrica representa pra cidade atualmente?

R: A estrutura, a usina hidrelétrica representa um mínimo de condições para trazer essa... essa... essa infraestrutura física, social, econômica para melhorar a qualidade de vida da população, seja através dos recursos oriundos do ICMS que sofreram uma queda muito grande porque a quantidade... o esgotamento da água do rio fez a nossa produção de energia abaixar em... até 2017, mas a produção de 2018 com a volta das chuvas tá muito boa e a partir de 2020 a gente deve ter uma elevação muito alta nesses recurso de ICMS. Como também seja pela cobrança que vai ser feita do empreendedor, o próximo passo desse estudo que a gente fez é justamente entrar com ação judicial pra cobrar do empreendedor que seja cumprido esses 82% do plano ambiental que não foi. E isso vai refe... refletir diretamente na melhoria da qualidade de vida da população.

P: E isso então é capaz de afirmar o senhor se... sem a usina a cidade estaria pior em questão de...

R: A cidade não teria muito dos problemas que ela tem hoje, mas estaria pior. Agora, o maior culpado que eu vejo da... do impacto... do impacto... como que eu posso dizer? Do impacto mínimo favorável à população do empreendimento, eu nem ponho a culpa no empreendedor, eu ponho a culpa mais na administração executiva de Peixe que não soube cobrar devidamente.

P: Os benefícios que era pra ter e quem não... que não... que não...

R: Você tem, por exemplo, hoje cidades que não são atingidas pelo empreendimento que receberam mais benefícios em termo de estrutura e obra física do que Peixe, por exemplo. São Valério é uma cidade vizinha aqui que tem muito mais benefícios e estrutura física construída na cidade do que a própria cidade de Peixe.

P: Beleza. Então muito obrigado, estamos finalizando.

Fim da transcrição)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

Q3i Queiroz, Benvindo Filho Pinto de .
As Implicações Socioeconômicas da Usina Hidrelétrica Peixe Angical EM
Peixe - Tocantins. / Benvindo Filho Pinto de Queiroz. – Palmas, TO, 2019.
243 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em
Desenvolvimento Regional, 2019.

Orientador: Nilton Marques de Oliveira

1. Desenvolvimento Regional. 2. Usina Hidrelétrica. 3. Institucionalismo.
4. Peixe - TO. I. Título

CDD 338.9

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).